

Melanie Klein pode produzir tanto uma reação de encantamento no leitor quanto uma forte repulsa, especialmente se for lida com os olhos fixados na concretude de suas imagens. Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo produzem uma reviravolta em nossa leitura e, rapidamente, desfazem essa impressão negativa, apresentando uma Melanie Klein dizendo coisas que parecem tão razoáveis que já deveríamos até conhecê-las. A impressão de que ela está nos falando de um universo enlouquecido se transforma, na exposição dos autores, numa discussão aprofundada de uma engrenagem extremamente complexa atuando por detrás do mais banal dos gestos. Klein aparece neste texto como uma leitora atenta de Freud, dominada pelo entusiasmo e orientada por uma escuta desprevenida de principiante. Neste aspecto, este livro é precioso para o estudioso da psicanálise. O texto nos ajuda a ler Klein e discriminar o concreto como uma figuração expressiva de mecanismos arcaicos operando no processo de constituição do aparelho mental.

Elias Mallet da Rocha Barros

ELISA MARIA DE ULHOA CINTRA
LUÍS CLAUDIO FIGUEIREDO

MELANIE KLEIN

ESTILO E PENSAMENTO


escuta

© by Editora Escuta para a edição em língua portuguesa
1ª edição: fevereiro de 2004
1ª reimpressão: julho de 2006
2ª edição: outubro de 2010

EDITORA
Maria Cristina Rios Magalhães

CAPA
Kraft Design

PRODUÇÃO EDITORIAL
Araide Sanches

Cintra, Elisa Maria de Ulhoa
Melanie Klein. Estilo e pensamento / Elisa Maria de Ulhoa
Cintra, Luís Claudio Figueiredo. – São Paulo : Escuta, 2010.
212 p. ; 14x21 cm
ISBN 85-7137-226-8

Título 1. Klein, Melanie, 1882-1960 I. Figueiredo, Luís Claudio II.

CDD-616.8917

Para
*Maria Patrícia, Carolina,
Ynaiê e Marina*

Editora Escuta Ltda.
Rua Ministro Gastão Mesquita, 132
05012-010 São Paulo, SP
Telefax: (11) 3865-8950 / 3862-6241 / 3672-8345
e-mail: escuta@uol.com.br
www.editoraescuta.com.br

SUMÁRIO

À guisa de Introdução, Elias Mallet da Rocha Barros	7
O projeto	23

1

Melanie: algumas informações introdutórias	29
---	-----------

2

Melanie Klein, a psicanálise e o movimento psicanalítico internacional: dados histórico	
--	--

3

Apreciação introdutória do estilo de pensamento e de escrita	49
---	-----------

4

Pequena reconstituição da história dos sistemas kleinianos	59
A década de 1920 e as questões do conhecimento e da inibição intelectual	59
O ano de 1932 e a publicação de <i>A psicanálise de crianças</i>	74
Os grandes textos das décadas de 1930, 1940 e 1950 e alguns conceitos fundamentais do pensamento de Melanie Klein	76

A década de 1930 e a posição depressiva	76
A década de 1940 e a posição esquizo-paranóide	102
A década de 1950: Inveja e gratidão	124

5

Considerações gerais sobre alguns aspectos do conjunto do sistema kleiniano	147
---	-----

6

A clínica kleiniana: estilo, técnica e ética	171
--	-----

7

O pensamento kleiniano sobre sociedade e cultura: vida institucional, ética, política e estética	189
--	-----

Referências	209
-------------------	-----

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Elias Mallet da Rocha Barros

Tenho me dedicado nos últimos muitos anos ao estudo do pensamento de Melanie Klein e, por esta razão, lido seus principais comentadores. Neste conjunto, o texto de Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo representa uma agradável surpresa, por sua originalidade numa área já bastante congestionada de idéias, na qual muito já foi escrito e o espaço para coisas novas parecia ser reduzido. Eis que estes autores surgem para inovar, surpreender e encantar com seu estilo elegante que capta a enorme complexidade do texto kleiniano e o apresenta revitalizado numa linguagem atual. Ler Melanie Klein de maneira proveitosa é algo extremamente difícil. Não me refiro ao seu estilo difícil e trabalhoso, mas à complexidade intrínseca de um conjunto de conceitos expostos num texto que se não tomarmos cuidado se presta a interpretações mecanicistas e simplificadoras da vida mental. Esta constatação nos leva a pensar que a retórica utilizada por Klein deva ser revista. É o que este livro pretende.

Melanie Klein é conhecida pelo seu estilo pouco elegante e freqüentemente obscuro. J. Gamil (1985) conta que certa vez na década de 1930, Ernest Jones se ofereceu para reescrever um de seus trabalhos, com o objetivo de torná-lo mais claro. Klein lhe respondeu com humor, dizendo: "Certamente seria mais claro, mas seria menos eu!". Seus conceitos são muitas vezes imprecisos, quando não contraditórios. Sua linguagem descritiva da vida emocional do bebê é impregnada de termos anatômicos e de

referências a funções fisiológicas utilizadas às vezes como analogias, outras como expressão da concretude presente na vida mental arcaica. Esta linguagem é utilizada tanto nas interpretações apresentadas em seus casos clínicos como na descrição dos mecanismos da vida mental do bebê e de crianças pequenas. Já citei, em outro trabalho, um comentário de Fábio Herrmann e Alves Lima (1982) referindo-se, de maneira saborosa, ao choque que o primeiro contato com o texto kleiniano pode produzir:

Para o leigo, assim como para o terapeuta que faz a primeira leitura, o texto kleiniano alça-se da estranheza ao disparate, quando não a uma pornografia cuidadosamente bizarra. Lê-se que excremento é projetado para dentro do corpo materno, ou que pênis e vagina combinam-se de formas unusuais e insólitas, e nos aparece estar penetrando num quadro intrapsíquico feito à maneira de um Bosh. É a primeira impressão, por vezes muito duradoura, definitiva se o leitor desiste cedo.

Melanie Klein pode produzir tanto uma reação de encantamento no leitor quanto uma forte repulsa, especialmente se for lida com os olhos fixados na concretude de suas imagens.

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo produzem uma reviravolta em nossa leitura e, rapidamente, desfazem essa impressão negativa, apresentando uma Melanie Klein dizendo coisas que parecem tão razoáveis que já deveríamos até conhecê-las. A impressão de que ela está nos falando de um universo enlouquecido se transforma, na exposição dos autores, numa discussão aprofundada de uma engrenagem extremamente complexa atuando por detrás do mais banal dos gestos. Klein aparece neste texto como uma leitora atenta de Freud, dominada pelo entusiasmo e orientada por uma *escuta desprevenida de principiante*.

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo contribuem significativamente para uma compreensão aprofundada do pensamento kleiniano ao estudar e destrinchar o estilo e a retórica de M. Klein, enfatizando, por exemplo, seu talento para dar figurabilidade aos mecanismos mentais primitivos, aos modos de expressão do animismo infantil e às suas hipóteses metapsicológicas implícitas em sua clínica. Dizem os autores: "... é inegável seu talento para tornar concretas e visíveis certas hipóteses metapsicológicas...";

e, noutra passagem: "... encontramos a capacidade de tornar concreto o intangível e dar figurabilidade ao invisível, o que seria, na verdade, o próprio modo do funcionamento psíquico que ela está teorizando".

Neste aspecto, este livro é precioso para o estudioso da psicanálise. O texto nos ajuda a ler Klein e discriminar o concreto como uma figuração expressiva de mecanismos arcaicos operando no processo de constituição do aparelho mental.

A psicanálise sugere, como sabemos, que o ser humano, desde o nascimento, está submetido a forças (*Dräng*) que inicialmente não se distinguem de vivências somáticas e que visam tão-somente à descarga, de forma a esvaziar sua fonte de excitação. No processo de desenvolvimento desencadeado pelo nascimento, estas forças internas precisam ser submetidas a algum tipo de trabalho de ligação para que possam se transformar em símbolos, que evitariam o imediatismo da descarga, criando o domínio do psíquico.

Freud (1933) escreveu: "Nós supomos que o id está de alguma forma em contato direto com os processos somáticos, dos quais adquire sua qualidade de necessidade pulsional e dá a esta expressão mental".

A questão de como se constitui a "expressão mental" destas necessidades pulsionais é muito bem descrita pelos autores, sustentada numa pesquisa extensa do texto kleiniano, no qual mostram a preocupação de Klein com a representação e a expressão mentais da vida pré-verbal.

Melanie Klein aprofunda mais do que qualquer outro autor a problemática das condições nas quais nossas ansiedades podem ser (ou impedidas de ser) simbolizadas.

Nesta autora, a fantasia inconsciente surge como parte de um processo natural de transformação de necessidades instintivas em fatos psíquicos. Neste contexto, ela se torna representante mental das pulsões e adquire um caráter de representação, num primeiro estágio, se este movimento tem sucesso, adquirindo o caráter de uma imagem pictográfica inconsciente que se transforma numa primeira forma de fantasia.

Estas concepções também fazem de Klein a precursora de uma problemática tão atual como a questão do irrepresentável e do

inominável da forma como é discutida por autores contemporâneos como André Green.

O aparelho psíquico assenta-se sobre uma malha de representações tomadas como expressões mentais das pulsões, por meio das quais estas circulam e, por fim, constituem a base da memória, uma memória *na forma de sentimentos* (*memory in feelings*) das experiências emocionais vividas como base de uma memória afetiva. Os autores sugerem que essa memória afetiva está intimamente associada a sensações e até propõem que o termo *memória em sentimentos* seja substituído por *memórias em sensações*.

Somente grandes conhecedores da psicanálise, habituados ao pensamento acadêmico voltado para a investigação da relação dos conceitos entre si, e ao mesmo tempo não comprometidos com uma *escola*, sem nenhuma preocupação proselitista e com absoluta liberdade de pensamento, poderiam produzir esta síntese tão original do pensamento kleiniano e de sua retórica.

Para o estudioso interessado em conhecer o pensamento de Melanie Klein existem algumas obras que podemos considerar indispensáveis. De um lado, os livros de Hanna Segal (1964, 1979), introduções fundamentais. Depois temos, na América Latina, W. Baranger (1971) e Elsa Del Valle (1979 e 1986) e, na Europa, principalmente, Jean Michel Pétot (1979, 1982), além da biografia escrita por P. Grosskurth (1986). Recentemente, Julia Kristeva (2000) dedica um dos volumes de sua trilogia sobre o gênio feminino à Melanie Klein. E agora dispomos desse magnífico estudo de Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo sobre o estilo e a retórica de Melanie Klein, destinado a ocupar um lugar de destaque nesse conjunto de estudos, pela originalidade e completude de sua abordagem.

Jean Michel Pétot (1979, 1982) é o primeiro autor a se dedicar ao exame da obra de Klein (mapeando nesta o intrincado processo de constituição de um sistema kleiniano) de um ponto de vista ao mesmo tempo histórico e epistemológico. Sua abordagem é muito distinta (e ao mesmo tempo complementar) das exposições sistemáticas do pensamento de Melanie Klein do tipo realizado na obra seminal de Hanna Segal, em 1964 e 1969.

Segal, Del Valle, Pétot, Grosskurth, Baranger, Kristeva e agora Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo são autores indispensáveis para quem quiser se introduzir no conhecimento da

psicanálise kleiniana. Estas sete abordagens são bastante diferentes. Segal busca mostrar quais são os conceitos centrais do sistema kleiniano, sua inserção no universo psicanalítico, sua inspiração freudiana e descreve em parte sua história, mas sem ter como objetivo mostrar como seu sistema foi construído internamente, nem como este se articulava (seu motor) ou como se desenvolveu respondendo a necessidades conceituais no decorrer de suas diversas reformulações. A ausência de uma perspectiva histórica e epistemológica nesses trabalhos torna mais difícil perceber que o sistema kleiniano, assim como todo sistema de pensamento, é constituído de partes em diferentes estágios de desenvolvimento e contém elementos contraditórios e inconsistentes. Baranger complementa Segal ao discutir em profundidade os conceitos de posição e objeto. Pétot traz concomitantemente uma perspectiva histórica e epistemológica para a abordagem das idéias de Melanie Klein, mostrando como estas vão se constituindo num sistema e tornando-o mais compreensível tanto para os analistas kleinianos quanto para aqueles sem formação kleiniana. Para uma visão mais atual do desenvolvimento do pensamento teórico e clínico na psicanálise kleiniana contamos com os dois volumes de Elizabeth Spillius (1988), que traçam um panorama bastante completo de como foi a evolução dos principais segmentos clínicos e teóricos dessa autora dentre os analistas por ela inspirados na Grã-Bretanha. Já Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo concentram-se na retórica e no estilo de Melanie Klein.

Muitas das resistências às idéias kleinianas provêm de uma leitura marcada por um viés a-histórico, como já sugeri, que cria a impressão no leitor de estar diante de um sistema fechado e contraditório. O leitor, nessas circunstâncias, dificilmente pode se dar conta da existência de um *pensamento em constante evolução*, que resulta em práticas clínicas que também sofreram e sofrem grandes transformações no decorrer do tempo.

Pétot, em seu estudo, se propõe a

... seguir a formação das concepções kleinianas no triplo movimento da construção dos conceitos conforme as necessidades da teoria, da tomada em consideração dos fatos impostos pela clínica e o re-envio permanente de um ao outro.

Grosskurth (1986) supre em parte a lacuna de uma biografia de Melanie Klein em seu livro, que tem um estilo mais jornalístico e é controverso em muitos aspectos. Uma das principais falhas desse relato jornalístico está no fato de que ao terminarmos a leitura de sua biografia ficamos sem saber como a Melanie Reizes se tornou Melanie Klein, a psicanalista, “a refundadora a mais audaciosa da psicanálise moderna!” (Kristeva, 2000, p. 25). Lendo Grosskurth, adquirimos uma grande quantidade de informações fáticas sobre uma moça brilhante, infeliz, curiosa, com uma vida povoada de tragédias pessoais, inquieta e profundamente neurótica, que aqui e ali, nos lugares onde viveu, publicou trabalhos que impressionavam seus colegas, mas ficamos sem saber muito sobre as fontes inspiradoras de suas idéias e sobre sua forma de pensar.

Já Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo suprem esta falha e nos apresentam uma Melanie Klein viva, leitora acurada, entusiástica e corajosa de Freud, possuidora de uma certa ingenuidade de aprendiz, que atuou em seu favor, que aos poucos vai construindo um *estilo* pessoal cheio de defeitos e de virtudes e uma retórica própria. Neste estudo, somos levados pouco a pouco a perceber como a leitura que Klein faz de Freud, associada à sua prodigiosa imaginação clínica e a uma certa retórica dissecada pelos autores, gestaram a principal interpretação pós-freudiana da psicanálise. Assim é na leitura que Klein faz de Freud e nos dilemas que suas observações clínicas propõem em face dessas leituras em que está o motor do desenvolvimento de seu pensamento.

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo não idealizam o texto kleiniano e mostram como Klein, aqui e ali, exibe algumas lacunas de conhecimentos (filosóficas, sobretudo) que criam a virtualidade de uma interpretação rígida, doutrinária de suas idéias. Klein era uma verdadeira *outsider* da vida acadêmica e intelectual em diversas acepções, dentre outras por não possuir nenhum diploma acadêmico e, deste modo, não ter adquirido a disciplina de pensamento própria desse meio.

Os autores desse ensaio preenchem ainda uma outra lacuna, que, a meu ver, destina esta obra a ter o mesmo impacto que a obra de Pétot no mundo psicanalítico. Ao se proporem a analisar *o plano do estilo e das estratégias retóricas de Melanie Klein*, os leitores

poderão melhor captar a fronteira porosa e sutil entre a virtualidade dogmatizadora e a riquíssima potencialidade clínica, com suas implicações metapsicológicas inovadoras, desta autora.

Com base nessa perspectiva, os autores discutem com muita sensibilidade e profundidade, que só são possíveis em virtude da formação sólida de verdadeiros *scholars* que possuem, alguns dos *problemas* e virtudes do texto kleiniano.

Melanie Klein iniciou-se na psicanálise por meio do que considerava serem *observações psicanalíticas*, o que de fato eram do ponto de vista de um linguajar não filosófico. Deriva desta postura inicial, em parte equivocada, tanto sua riqueza imaginativa quanto o potencial para o dogmatismo que contém sua escrita. Klein, detentora de uma excepcional *imaginação clínica*, valorizava enormemente a experiência pessoal e dava, por esta razão, extraordinária importância ao que considerava ser *observação clínica*. Muitas vezes, Klein apresentava como resultante de simples *observações* (???) a descrição de processos psíquicos inconscientes muito complexos e profundos! Isto naturalmente não fazia o menor sentido para mentes mais sofisticadas, do ponto de vista filosófico. Se fossem *observações*, a existência desses processos seria *inquestionável*!

Em paralelo a esta perspectiva ingênua, Klein ambicionava produzir uma obra criativa, que viesse a ser reconhecida por todo o mundo analítico, ao mesmo tempo em que temia ser ignorada. Melanie Klein havia encontrado em sua nova atividade: “... uma demanda reprimida por reconhecimento que encontrava finalmente na psicanálise seu canal de satisfação”. Esta arquitetura afetiva resulta, com alguma frequência, num texto arrogante.

Melanie Klein enfrentava, ao produzir sua obra, o dilema descrito por André Green, quando nos alerta para o fato de que o analista ao escrever confronta-se com um paradoxo, pois pretende ao mesmo tempo comunicar e convencer, refletir e ter razão! Isto significa que o discurso ideológico assombra permanentemente as discussões psicanalíticas. Disto decorre a importância de estudos como este apresentado por Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo, que nos ajudam a mantermos vivas nossas *verdadeiras* controvérsias, como nos aponta Ricardo Bernardi (2002).

Gostaria de citar uma passagem do texto, que vocês encontrarão mais à frente, correndo um certo risco de me adiantar ao leitor,

e assim afetar o sentimento de surpresa que nos é tão agradável quando descobrimos um pensamento novo. Faço-o com o objetivo de acentuar a importância da reflexão de Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo.

Estes dizem:

Esse posicionamento, por assim dizer, epistemológico, de índole fortemente empirista e clínica, expressa-se no estilo predominante de seus textos: a dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, mas mesclada com a dimensão teórica, mais especulativa e mesmo metapsicológica, produzindo, com frequência, uma teorização híbrida, em que a proximidade com a clínica (e, por trás desta, com a experiência pessoal) é usada para dar valor de verdade às teorias. Muitas vezes, Klein faz teoria, e teoria altamente especulativa, sobre processos e mecanismos psíquicos arcaicos e profundos, mas expressa-se como se estivesse apenas descrevendo o que pode captar por meio de observações clínicas a olho nu, pela via da intuição.

Essa mistura traz vantagens e desvantagens. Uma desvantagem é a frequente confusão entre o que veio predominantemente da experiência clínica — sem precisarmos supor que algo venha exclusivamente da clínica e sem a mediação de alguns pressupostos ou vértices teóricos — e o que, definitivamente, é uma construção teórica a ser tomada como uma conjectura, uma hipótese, algo a ser discutido e “testado”. Não se distinguindo um plano do outro, a tendência é a um certo dogmatismo, pois quase tudo o que Melanie Klein afirma aparece como totalmente fundado na observação — e esta seria indiscutível. Ao longo de toda a sua vida, e principalmente na idade mais avançada, todos os que a conheceram se surpreendiam com a sua aparente segurança, que chegava a beirar a arrogância nas situações de disputa teórica. É como se ela não se dispusesse a pôr em questão e não permitisse que se duvidasse daquilo que vinha da experiência e da observação clínica, e que lhe dava as bases para uma convicção inabalável. (p. 53)

Em Klein, a metapsicologia se mescla permanentemente com a clínica. Esta abordagem, de um lado, propicia uma clínica muito expressiva e rica, na qual os mecanismos profundos do inconsciente são expressivamente descritos, de outro geram uma certa confusão

de níveis que fazem com que o leitor se sinta muitas vezes perdido, quando não irritado pelo que lhe parece ser um texto impositivo.

Gostaria de apontar alguns dos pontos, a meu ver, mais significativos deste livro que, entre outras qualidades, possui a de ser escrito numa linguagem coloquial e gostosa de ser lida. Quero enfatizar que um dos grandes méritos deste livro está no estilo em que é apresentado o pensamento de Melanie Klein. Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo, sem perder nada da complexidade e da profundidade de seu pensamento, *atualizam* suas idéias *mediante* o estilo em que são apresentadas, delas retirando aquele ranço autoritário virtualmente presente na confusão entre conjecturas imaginativas propiciadas pela clínica e observações factuais e, deste modo, permitem ao leitor fazer a ponte entre seu pensamento e os grandes temas da psicanálise contemporânea. Esta atualização do texto kleiniano e, conseqüentemente, dos conceitos ali presentes, é muito bem-vinda e torna este livro absolutamente original.

Este estudo é publicado num contexto temporal de uma espécie de *retorno a Klein*, de um *revival* que está ocorrendo atualmente e que começou com a publicação do texto de Pétot na França, depois traduzido para diversas línguas. Como dizem os autores:

... o pensamento kleiniano e o de seus descendentes transformou-se em um interlocutor de peso e indispensável para todo o mundo psicanalítico, converteu-se em uma fonte reconhecida e valorizada de idéias e propostas terapêuticas, de técnica e de estilo para todo o campo da psicanálise contemporânea. (p. 25)

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo traçam a origem e o significado conceitual de algumas das idéias centrais do pensamento de Melanie Klein de forma muito elucidativa. Chegam a sugerir que em alguns momentos Klein pôde ler melhor que seus contemporâneos o próprio Freud. Por exemplo, eles mostram de maneira bastante convincente que as idéias sobre o complexo de Édipo precoce remontam a uma leitura muito cuidadosa da obra “Inibição, sintoma e angústia”, cuja leitura permite, com um certo grau de liberdade, a idéia de uma precocidade do Édipo. Mostram que a dinâmica básica ali presente refere-se a uma estrutura de lugares cambiantes e a uma dinâmica de inclusão-exclusão, presença-ausência que pode

ser derivada deste texto. Esta perspectiva contida no texto kleiniano é posteriormente muito desenvolvida por John Steiner e Ron Britton.

Momento alto do texto é a explicação do que significa a idéia de *penetrar* e assim descobrir o que há de valioso no corpo da mãe atribuída por Klein a bebês de seis meses de idade. Dizem, à guisa de elucidação:

Entretanto, se considerarmos o processo de erotização e pensarmos o corpo do bebê como tendo sido “penetrado” pelo investimento materno – da maneira como Jean Laplanche e Jacques André sugerem que ocorre (teoria da sedução generalizada) –, não ficará tão estranho imaginarmos que, na vida de fantasia, a questão de “penetrar” e “ser penetrado” pode se colocar muito antes de qualquer consciência clara da existência de um órgão genital como o pênis e da diferença entre os sexos, e pode ser remetida à experiência fundamental da erotização materna, uma vez que, do ponto de vista da criança, ela já foi “penetrada”, desde o início da vida, pelas excitações que os cuidados maternos geraram em seu corpo. (p. 69)

Eis Melanie Klein dialogando com Laplanche e dizendo algo muito menos assustador e bizarro do que aparentava numa primeira leitura desavisada, sem o auxílio de nossos autores.

Em muitos momentos, a intuição clínica da dupla dos autores deste ensaio parece remarcável ao interpretar o pensamento de Melanie Klein, indo muito além de vários de seus comentadores prévios. Vejamos como esta fineza clínica opera em algumas passagens.

Ao comentar as condições em que o ego pode se fortalecer pela assimilação dos objetos (internalização), os autores mostram que esta é impossível quando existe um excesso de idealização do outro tanto no mundo externo como interno, ficando nesse caso o ego enfraquecido e subjugado a um objeto interno ou excessivamente dependente de um objeto externo. Ainda comentando a questão da idealização, escrevem: “A harmonia é passageira, pois a origem do objeto ideal, pela negação dos perseguidores, deixa suas marcas: o objeto ideal é só aparentemente algo ‘muito bom’, logo cria uma exigência de excelência tão severa que passa a funcionar, na prática, como objeto mau”.

Noutro ponto, Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo, discutindo a relação da psicose maníaco-depressiva e da esquizofrenia com as posições esquizoparanóide e depressiva, mostram a complexidade da relação dessas duas óticas mentais. Nem um nem outro quadro pode ser associado unicamente a uma das posições. Ambas patologias possuem uma combinação de traços que se originam nas duas posições. Ao fazê-lo, encontrando já no texto de Klein uma advertência sobre a complexidade da relação dialética que rege a interação entre as duas posições básicas por ela definidas, tocam num aspecto do sistema kleiniano que levou anos para ser plenamente compreendido pelos próprios discípulos da autora.

A dinâmica das posições é descrita como momentos de combinação entre dimensões sincrônicas e diacrônicas. Em sua leitura de Klein, captam a combinação e o *modus operandi* de um modelo genético e de outro estrutural.

Como quem está dizendo o óbvio, Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo sugerem que a noção de *self* para Melanie Klein corresponde a um ego/id indiferenciado. Que achado! O texto deles é povoado de imagens muito expressivas e esclarecedoras. Exemplos? Ao se referirem aos movimentos oscilatórios contínuos que permeiam os aspectos esquizóides e paranóides da posição esquizoparanóide, referem-se a um movimento de *sístole e diástole*. Ao descreverem as oscilações ciclotímicas em alguns neuróticos, falam de estados de espírito que existem no *continuum da fossa e da festa*. Noutro momento, comparam a relação entre as duas posições enfatizando sua interdependência aos movimentos de *expiração e inspiração*.

Por momentos, eu me diverti imaginando a reação dos autores ao lerem esta introdução, pois acho que eles não têm idéia de quão original e perspicaz clinicamente é seu ensaio!

Também a tentativa dos autores de caracterizar e definir o que é *constitucional* para Melanie Klein é muito útil, tanto para compreender as perspectivas da autora como importantes para favorecer o diálogo com a psicanálise (e mesmo com as neurociências) contemporânea e ajudar a arrefecer a resistência ao pensamento kleiniano naquilo que é uma de suas pedras de toque.

Escrevem:

Essa afirmação quanto ao caráter constitucional da inveja precisa ser esclarecida. Melanie Klein não acreditava que havia um componente genético diretamente responsável por uma maior tendência à inveja. O que ela observava é que as crianças recém-nascidas são mais ou menos aptas para “usar o objeto bom”, isto é, algumas ficam mais resolvidas em sua satisfação e têm maior tolerância aos períodos de frustração; ora, isso significava, em seu pensamento, que tais crianças tinham maior capacidade para gratificar-se e experimentar gratidão e, portanto, menor tendência à inveja. Esta última tem de ser pensada sempre como o fator que interfere e estraga o processo de gratificação. Isso quer dizer que, embora Klein não desprezasse os fatores ambientais, admitia que havia bebês melhor aparelhados para aproveitar o que o ambiente podia oferecer. O que seria esse “estar melhor aparelhado” pode ser entendido à luz da idéia defendida por Abraham¹ acerca de uma tendência à fixação oral que origina um traço de maior voracidade. Um bebê mais voraz e apressado sente com maior nitidez a insatisfação e fica, portanto, sujeito a usufruir com menos calma daquilo que o seio poderia oferecer. O processo de obtenção do leite fica dificultado se a sucção é muito intensa: os capilares que transportam o leite contraem-se e há diminuição do fluxo de leite. Maior voracidade leva ao acréscimo da margem de insatisfação sempre presente e, disso, ao ressentimento, ao ódio e à vontade de atacar o objeto que o frustrou. O que se pode afirmar com segurança a respeito dessa controvérsia é o seguinte: os aspectos constitucionais são, para Melanie Klein, por exemplo, uma propensão maior para a oralidade, que pode estar fundamentada em aspectos do metabolismo e do equilíbrio hormonal do recém-nascido. Se essa oralidade manifestar-se por uma excessiva voracidade, temos então o terreno favorável ao surgimento da inveja. (p. 127-8)

Em seu ensaio sugerem que teria sido mais aceito se Melanie Klein em vez de falar de agressividade inata, tivesse se referido ao

fato de que alguns bebês toleram melhor a frustração que outros, desde o nascimento e com uma relativa independência de fatores ambientais. Este tipo de leitura interpretativa contribui para retirar do texto de Klein o que numa primeira aproximação pode ter um caráter bizarro.

A seguir, relacionam a inveja ao que caracterizam como dois tipos distintos de prazer e aquela (a inveja) a componentes libidinais que a identificam com a concepção de desejo. Aqui temos uma outra leitura original de Klein e uma nova ponte com o pensamento mais atual. De um lado, há o prazer obtido por meio da situação de amamentação, relacionado ao sentimento de satisfação; de outro, o prazer vivido na “unidade pré-natal” com a mãe: “... este último corresponde a um sentimento de segurança e de *ser indiviso que nenhum cuidado materno pode proporcionar*. É desse *diferencial de prazer* que surge a inevitável margem de insatisfação que acompanha todas as experiências depois do nascimento...” (p. 128)

Esta reflexão é feita para indicar que a inveja está relacionada a uma nostalgia libidinalmente investida em relação a um estado idealizado pleno de satisfação que se teve e que se perdeu, misturado a um enorme ódio gerador de ressentimento. Esse ressentimento tem por base um ódio que parece justificado e alimenta no indivíduo uma condição de vítima privilegiada, que lhe dá o direito de vingança sobre aqueles que perturbaram a ilusão de perfeição infantil.

Na base da inveja, Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo encontram, em sua leitura de Melanie Klein, a própria descontinuidade entre a vida intra e extra-uterina, tomada como aquilo que então seria *constitucional*. Completam dizendo: “Hoje em dia, em vez de nos referirmos ao fato de ser ou não *constitucional*, diríamos que a inveja participa da estrutura do desejo, assinalando o seu aspecto insaciável”. (p. 128-9)

Esse trecho nos remete às concepções posteriores de Herbert Rosenfeld, quando este aponta para a fusão das pulsões, mostrando que componentes libidinais do instinto de vida se mesclam com o instinto de morte. Rosenfeld propõe a existência de um narcisismo destrutivo libidinalmente investido como fruto dessa fusão. Não nos esqueçamos que tanto Rosenfeld quanto Segal viam no narcisismo uma defesa contra a inveja, considerando que ambos constituíam cada uma das faces da mesma moeda.

1. A referência a Abraham encontra-se na primeira página de *Inveja e gratidão* (M. Klein. *Obras completas*, v. III, p. 207).

Os autores descrevem elegantemente, em suas palavras, que para Klein a psicanálise é um processo de superação e libertação da forma infantil de amar. Bela e profunda definição. O amor infantil é exclusivista, possessivo, onipotente e não aceita a autonomia e a independência do objeto num mundo também povoado por outros seres, no qual a elaboração do sentimento de exclusão, por meio do desenvolvimento da capacidade simbólica, é parte do processo de amadurecimento emocional. A personalidade adulta para operar de forma amadurecida não deve estar dominada pelo modo infantil de funcionar, mas deve também conter uma experiência do modo infantil de amar.

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo buscam vacinar o leitor de Klein contra qualquer tentativa de lá encontrar um sistema linear, fechado e reducionista da enorme complexidade mental humana. Dizem:

... nenhum paciente, por exemplo, pode ser reduzido a uma interpretação ou a um ângulo de visão consistente com um único conjunto de interpretações. O analista deve ser capaz de suportar visões complexas, e até contraditórias sobre seus pacientes, sem recorrer às cisões e dissociações. Por outro lado, na posição depressiva bem elaborada, aceita-se que o outro esteja realmente separado, não sendo uma extensão do sujeito. Isso quer dizer também que meu conhecimento do outro é sempre limitado e imperfeito, pelo simples fato dele ser outro e diferente. O analista kleiniano precisa muito da posição depressiva para não confundir o seu paciente com suas próprias idéias sobre ele, mesmo as mais conformes à teoria e mesmo as que lhe parecem intuitas com a maior certeza emocional. (p. 180)

Tenho o hábito de ler textos munido de um marcador amarelo para assinalar as passagens importantes que merecem maiores reflexões. Ao ler este ensaio de Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo tive de abandonar esta prática, para não pintá-lo inteirinho de amarelo. Tudo nele é importante e merece reflexão. Por esta mesma razão decido, neste momento, que devo parar, caso contrário seria levado a citar e a comentar o livro inteiro.

Referências

- BARANGER, W. *Posición y objecto en la obra de Melanie Klein*. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Kargierman, 1971.
- BERNARDI, R. *The need for true controversies in psychoanalysis*. *Int. Journal Psychoanalysis*, v. 83, p. 851-74, 2002.
- FREUD, S. (1933). *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*. London: The Hogarth Press, 1974.
- GAMIL, J. *Mélanie Klein aujourd'hui*. Lyon: Césura Édition, 1985.
- GROSSKURTH, P. *Mélanie Klein: her World and her Work*. London: Hodder & Stoughton, 1986.
- HERRMANN, F. & ALVES LIMA, A. *Melanie Klein: textos escolhidos*. São Paulo: Ática, 1982.
- KRISTEVA, J. *Le génie féminin. Tome II: Mélanie Klein*. Paris: Fayard, 2000.
- PÉTOT, J.-M. *Melanie Klein: premières découvertes et premier système: 1919-1932*. Paris: Bordas, 1979. (Ed. bras.: Pétot, J. M. *Melanie Klein I. Primeiras descobertas, primeiro sistema: 1919-1932*. São Paulo: Perspectiva, 1987.)
- . *Melanie Klein II. Le moi et le bon objet: 1932-1960*. Paris: Bordas, 1982. (Ed. bras.: Pétot, J.-M. *Melanie Klein II. O ego e o bom objeto — 1932-1960*. São Paulo: Perspectiva, 1992.)
- SEGAL, H. *Klein*. London: The Harvester Press, 1979. (Ed. bras.: Segal, H. *As idéias de Melanie Klein*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1983.)
- . *Introduction to the Work of Melanie Klein*. Londres: The Hogarth Press, 1973. (Ed. bras.: Segal, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975)
- SPILLIUS, E. *Melanie Klein Today*. London: Tavistock Publications, 1988. 2v.
- VALLE, ELSA DEL. *La obra de Melanie Klein (1919-1932)*. Buenos Aires: Kargierman, 1979. v. 1.
- . *La obra de Melanie Klein (1933-1952)*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1986. v. 2.

O PROJETO

Na história do pensamento psicanalítico, não se põe mais em dúvida a importância de Melanie Klein. A autora vienense, que fez sua fama internacional a partir do trabalho clínico e da elaboração teórica iniciados em Budapeste, e desenvolvidos em Berlim e principalmente Londres – a ponto de ser considerada um dos maiores nomes da *psicanálise inglesa* –, é vista por quase todos os profissionais da área como representando um momento extraordinário de criação e renovação da psicanálise; um momento polêmico, certamente, mas a partir do qual a psicanálise tomou novos rumos, sem, por isso, romper com sua raiz freudiana. Muita gente ainda hoje não aceita Melanie Klein com facilidade, ou não simpatiza com seu estilo ou suas idéias, mas poucos a desprezam liminarmente ou lhe negam a genialidade. Lacan a chamou de *trapière inspirée*,¹ uma “açougueira” – ou, antes –, uma “tripeira inspirada”, sabendo-se que a “inspiração” tem algo a ver com a grande arte, mas também com uma certa loucura. Quanto ao termo “açougueira”, ou “tripeira”, sem dúvida a referência de Lacan é à crueza, e mesmo à brutalidade, com que os conceitos kleinianos entram em contato com sua matéria, as “vísceras” da vida psíquica dos humanos, e a expõem.

1. J. Lacan. Jeunesse de Gide ou la lettre et le désir. *Critique*, p. 291-315, 1958.

Desconhecer o pensamento kleiniano já não é mais admissível para um psicanalista bem formado, sejam quais forem a sua escolha e a sua filiação no amplo espectro do pensamento psicanalítico atual. É preciso conhecer a obra de Melanie Klein, ainda que seja para a ela se opor em parte ou no todo, mas, evidentemente, sabendo-se que é possível daí tirar algum proveito. Aliás, mesmo para um estudioso da psicanálise como sistema de pensamento e produto cultural, reduzir atualmente seu objeto a “Freud e sua obra”, ignorando a produção dos chamados “pós-freudianos”, é hoje bastante problemático. Entre esses pós-freudianos, Melanie Klein desponta como das mais importantes e, certamente, como a empreendedora da primeira transformação criativa do freudismo, transformação essa que esteve, em alguns momentos críticos, em vias de excomunhão, sob a acusação de se tratar de um “anti-freudismo”. Ao contrário, porém, do que mais tarde aconteceu a Lacan e, antes dele, a autores como Jung e Adler, Melanie Klein e todos os kleinianos se mantiveram na Sociedade Britânica, nas suas sociedades nacionais e na Associação Psicanalítica Internacional (IPA), e sua posição, se não dominante, mas ao menos de grande relevo, está há muito tempo bem assegurada em todos esses espaços.

Isso, porém, não foi sempre assim. Melanie Klein, desde o começo, foi capaz de gerar adesões muito extremadas e, em contrapartida, rejeições igualmente radicais. Além disso, sua obra foi por muito tempo ignorada ou subestimada em algumas regiões nas quais a psicanálise se desenvolvia com vigor. Por exemplo, nos Estados Unidos, e também na França, custou muito para que Klein fosse conhecida e reconhecida. Já na América Latina, incluindo-se aí o Brasil e, em especial, a Argentina, a penetração e mesmo a dominância do pensamento kleiniano ou de alguns de seus discípulos, como é o caso de Bion e sua forte influência na psicanálise de São Paulo, foram relativamente rápidas. O ensino da psicanálise no Brasil, seja nos institutos de formação de psicanalistas, seja nas faculdades de psicologia e medicina, desde as décadas de 1950 e 1960 incluem o pensamento kleiniano como um de seus maiores pilares. Em certos lugares e em certos períodos, o estudo da psicanálise dava-se muito mais pela via

kleiniana que pela freudiana, e ainda há psicanalistas formados nessas épocas que leram muito mais Klein do que Freud, este considerado inclusive, na época, um tanto ou quanto “ultrapassado”. É verdade, por outro lado, que a entrada de Lacan na América Latina e no Brasil, a partir da década de 1980, reduziu um pouco a importância atribuída a Klein, e nas Escolas e cartéis começaram a se formar psicanalistas com poucos estudos kleinianos (e também, diga-se de passagem, com pouca leitura de Freud, naquele momento supostamente “superado” por Lacan!).

No entanto, em termos globais e internacionais, ao longo dessas mesmas décadas e até os dias de hoje, Melanie Klein foi conquistando lugares de relevo nos EUA e na França. Não que aí se tenham formado escolas kleinianas com o peso e a consistência do grupo inglês, do grupo argentino e – com uma produção bem menos expressiva e original – do grupo brasileiro. O que ocorreu é que o pensamento kleiniano e o de seus descendentes transformou-se em um interlocutor de peso e indispensável para todo o mundo psicanalítico, converteu-se em uma fonte reconhecida e valorizada de idéias e propostas terapêuticas, de técnica e de estilo para todo o campo da psicanálise contemporânea. Recentemente, começaram também a aparecer trabalhos mais amplos no campo da teoria da cultura e da ética que tomam a obra kleiniana como um dos grandes interlocutores contemporâneos para os filósofos, cientistas sociais e teóricos das artes e da cultura. Ou seja, é evidente que continuam existindo os kleinianos de estrita observância, ainda que muitos deles dotados de pensamento original, mas o mais importante a destacar é que a influência de Melanie Klein se espalhou e se desdobrou ao entrar em contato com o vasto e variado leque do pensamento psicanalítico, e mesmo, indo além, ao se aproximar de outras áreas do saber. Há inclusive, a nosso ver, uma espécie de *revival* kleiniano atestando a vitalidade e a fecundidade dessa tradição de pensamento e estilo. A propósito, convém esclarecer que é com base nessa posição – a de psicanalistas não alinhados a uma escola kleiniana, mas que reconhecem a contribuição imensa e singular de Melanie Klein para a psicanálise e para a cultura ocidental contemporânea – que estamos redigindo esta introdução ao seu estilo e ao seu pensamento.

Entendemos, assim, que há boas razões para que se estude Melanie Klein: sua importância histórica como uma renovação e ampliação criativa do freudismo, seu impacto na história da psicanálise no Brasil e na formação do pensamento psicanalítico em nosso país e, finalmente, a ampliação do raio de sua incidência na psicanálise atual em todos os continentes. Vale assinalar que a primeira das razões – a do conhecimento da história da psicanálise – nos remete a uma questão de extrema importância: como se dão os “progressos” em psicanálise, como os conceitos e as práticas clínicas psicanalíticas podem se transformar sem se diluir e perverter, mas também sem se estratificarem dogmaticamente? Essa é, por assim dizer, uma questão epistemológica, relativa à produção do conhecimento em psicanálise, derivada da questão historiográfica, concernente aos rumos da psicanálise no processo de sua expansão e de sua difusão.

Contudo, a principal razão para lermos Melanie Klein hoje é a efetiva possibilidade de usarmos suas idéias e seu estilo como ingredientes dinâmicos da nossa capacidade de *psicanalisar*. Poucos autores da psicanálise mexem tanto e tão profundamente com seus leitores, principalmente quando são leitores psicanalistas. Mas também os “pacientes” reais ou potenciais (vale dizer: todos nós) podem sofrer o impacto do pensamento e do estilo kleiniano. Seus textos nos interpelam e perturbam, e fazem contato com algumas camadas muito complexas e obscuras do psiquismo de seus leitores. É difícil e quase impossível permanecermos indiferentes e, haja concórdia ou divergência, ela nos faz pensar; e, antes de pensar, ela nos faz sentir, nos afeta e nos move, nos incomoda com suas ferramentas de *tripiére inspirée*.

Nossa proposta, nesta pequena introdução, concebida tendo em vista os iniciantes no pensamento de Melanie Klein – alunos de graduação em psicologia ou em cursos de especialização em psicanálise e, eventualmente, psicanalistas formados em outras escolas –, não é a de somente apresentar uma *autora* como fonte de idéias e de respostas, mas, principalmente, a de dar a conhecer uma mulher – e isso, como se verá, é muito decisivo – que nos interroga e desassossega, que abre vias e desvios para o contato com o mundo dos afetos e das representações inconscientes e,

também, com a lógica paradoxal, e mesmo demoníaca, que os rege. Conhecer certos grandes autores, e no caso de Melanie Klein isso é particularmente verdadeiro, é sempre mais que expor e dominar suas teses. É preciso deixar-se arrastar pelo movimento de sua produção inquietante. É claro que, no fundo, apenas o corpo-a-corpo com os textos de Melanie Klein será capaz de nos proporcionar essa experiência. No entanto, nossa intenção é a de transmitir algo desse dinamismo para que nosso leitor se sinta encorajado a dar o grande salto para dentro da obra kleiniana por sua própria conta e risco.

Agradecimentos

Este livro nasceu de um convite de Joel Birman para que escrevêssemos um texto sobre vida e obra de Melanie Klein a ser incluído em uma coleção que ele havia projetado. A coleção não pôde ser realizada, mas, graças ao convite, nosso livro ficou pronto. A Joel Birman, portanto, cabem nossos agradecimentos iniciais. Em seguida, a Editora Escuta prontamente interessou-se pela publicação dos originais e, por isso, agradecemos aos amigos e editores Cristina Rios Magalhães e Manoel Berlinck. Queremos, também, agradecer aos colegas do Grupo Clínico *Terceira Margem*, que conosco discutiram partes do trabalho: Alfredo Naffah Neto, Eveline Alperowitch, Marianne Schontag, Mauro Meiches, Nelson Coelho Júnior, Octavio Souza e Olga Maria Pires de Camargo. Agradecemos a Maria Alexandra André Borba pela preparação do texto. Finalmente, agradecemos a Elias Mallet da Rocha Barros, que com imensa boa vontade e inigualável competência dispôs-se a escrever a apresentação.

Elisa Maria de Ulhoa Cintra
Luís Claudio Figueiredo

1 MELANIE: ALGUMAS INFORMAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Sobre a vida de Melanie Klein, temos atualmente duas fontes importantes nas quais o leitor interessado em sua extraordinária trajetória pode obter maiores e muito detalhadas informações. Aqui, daremos apenas alguns breves indicativos para, em seguida, poder situar minimamente a presença pública e profissional de Melanie Klein no contexto de sua vida. Na verdade, no caso dessa autora, a relação entre vida e obra é mais do que pitoresca, tem algo de essencial; mas, sobre isso, como se disse acima, há boas fontes disponíveis. Uma delas é a sua biografia, até o momento considerada “definitiva”, escrita por Phyllis Grosskurth – *Melanie Klein, her World and her Work* – e publicada em 1986;¹ a outra é um misto de biografia e apresentação crítica da obra e de suas conexões com o freudismo, escrita pela psicanalista Julia Kristeva e publicada em 2000, um dos índices do crescente interesse dos franceses sobre essa vertente do pensamento psicanalítico.² São duas mulheres escrevendo com precisão, empenho e originalidade sobre a mulher e a autora que foi Melanie Klein. É interessante sabermos, por exemplo, que o livro de Kristeva faz parte de uma trilogia concebida para

-
1. Ph. Grosskurth. *Melanie Klein, her World and her Work*. London: The Harvard University Press, 1986.
 2. J. Kristeva. *Le génie féminin. Tome II. Melanie Klein*. Paris: Fayard, 2000.

tratar do “*génie féminin*”; ou seja, de uma peculiar qualidade *feminina* na produção e na criação intelectual, trilogia na qual os outros dois volumes são dedicados à filósofa Hannah Arendt e à escritora Colette. Realmente, sua condição de mulher — até hoje é o nome feminino mais importante na história da psicanálise — marcou Melanie Klein para o bem e para o mal. Ela teve e tem, é claro, inúmeros grandes seguidores entre os homens, mas, como se verá, o grupo original de adeptos foi predominantemente feminino; também a grande polêmica em que se viu envolvida na década de 1940 contava com a participação decisiva de muitas mulheres, tanto suas partidárias (Suzan Isaacs, Paula Heimann, Joan Rivière), como suas oponentes. Entre estas, por sinal, sobressaíram Anna Freud, filha de Sigmund, e Melitta Schmideberg, filha da própria Melanie. Mulheres à beira de um ataque de nervos?

Melanie poderia ter sido, como milhares ou milhões de outras de sua época e situação social, uma pobre mulher judia condenada pela sua condição de filha, esposa e mãe a uma vida de profunda infelicidade, submissão, humilhação, ressentimento e fracasso. E, de fato, sua existência parecia transcorrer assim, e assim fadada a permanecer, até os seus trinta e tantos anos. A psicanálise, literalmente, *salvou-a* da depressão, da inveja, da raiva e da mediocridade, *salvou-a* do casamento desastrado. Essa é, aliás, uma diferença marcante entre Freud e muitos dos psicanalistas que vieram depois dele, no que concerne às suas relações com a psicanálise: Freud, apesar da importância da auto-análise como fonte de suas descobertas, parece nunca ter sido “salvo” pela psicanálise, como muitos dos outros que se aproximaram dela principalmente para tratar-se e enfrentar seus sofrimentos. Essa ligação pessoal com a psicanálise foi muito forte no caso de Melanie: a psicanálise *salvou-a* como paciente deprimida, ajudou-a como mãe (pois seus filhos “pré-analíticos”, ao que tudo indica, passaram maus bocados) e abriu para ela um campo imprevisto de realizações profissionais e intelectuais que até então lhe fora vedado, e que ela almejava ardentemente. Ela não teve da psicanálise uma experiência meramente intelectual, profissional e “de superfície”; o seu envolvimento visceral (“inspirada tripeira”) com as idéias e com o processo analítico dá o tom a toda a sua obra e, também, à sua

participação polêmica e combativa no movimento psicanalítico internacional.

Melanie nasceu Reizes, nome de família de seu pai, vindo a se tornar Klein após um infeliz e mal-sucedido casamento com Arthur Klein. Ela veio ao mundo em Viena, no dia 30 de março de 1882, em uma família de origem hebraica bastante humilde e de poucas condições financeiras, embora dotada de um certo nível cultural, sendo a quarta e última filha do casal Moriz (médico e dentista) e Libussa (dona de casa e proprietária de um pequeno comércio). A irmã mais velha, Emilie, era a preferida do pai; a terceira, Sidonie, a predileta da mãe; e Emanuel, o segundo, era o “geninho” da família, vindo a ser o preferido da irmã caçula Melanie. Dois de seus irmãos, aos quais era especialmente ligada, morreram precocemente: sua irmã Sidonie, aos sete anos, quando Melanie contava apenas quatro; e seu querido irmão Emanuel, quando ela chegava aos vinte. Os temas das perdas e da melancolia insinuaram-se bem cedo em sua existência, e marcaram profundamente seu pensamento teórico, como veremos mais adiante.

Melanie parece ter sofrido tremendamente com as mortes de seus irmãos, mas um pouco menos com a morte de seu pai, ocorrida quando ela tinha 18 anos. A morte de Emanuel, em particular, afetou-a bastante, e logo em seguida, aos 21 anos, casou-se ela com um dos amigos do irmão, o engenheiro químico Arthur Klein, de quem estava noiva desde os 17. Ao lado de Emanuel, ou por seu intermédio, Melanie entrara em contato com o mundo cultural, artístico e filosófico de Viena, e desde os 14 anos acalentara o sonho de uma carreira profissional como médica. Tudo isso foi bloqueado com o casamento precipitado e o nascimento dos três filhos: Melitta em 1904, Hans em 1907 (os dois filhos “pré-analíticos” que Melanie Klein teve com pouco mais de 20 anos e muito mal preparada para a maternidade) e, finalmente, Erich em 1914, quando o casamento já ia de mal a pior, mas Melanie começava a abrir novos horizontes.

Na verdade, logo após o casamento, o casal Klein deixara Viena e começara a residir, em função das necessidades de trabalho do marido, em diversas pequenas cidades do Império Austro-Húngaro, até chegar a Budapeste, em 1910. Durante todo esse

tempo, Melanie sofre e deprime-se, revolta-se e entra em profundos episódios de desespero e desânimo, que em muito prejudicavam sua capacidade de cuidar dos filhos mais velhos, Melitta e Hans. Passa, por exemplo, várias temporadas longe da família, em repouso, deixando para a mãe Libussa o cuidado com as crianças.

O ano de 1914 é de graves consequências. No âmbito mundial, estoura a Primeira Grande Guerra, que, entre outras coisas, afasta Arthur Klein da convivência com a família. No plano privado, morre Libussa, a mãe de Melanie, muito amada e muito invejada, extremamente idealizada – e, provavelmente, odiada no plano inconsciente – pela sua força, fosse na sua capacidade de apoio e orientação (quando, por exemplo, tomava conta dos netos durante os afastamentos de Melanie por razões de saúde), fosse também na sua tendência à intrusão na vida das filhas, tanto solteiras quanto casadas. Por fim, em 1914, já com 32 anos, dá-se o encontro de Melanie com a psicanálise: ela lê um texto de Freud sobre os sonhos e, ao que parece, começa sua análise com Ferenczi, com a finalidade de livrar-se de sua grave depressão.³ Logo em seguida, à medida que o filho caçula Erich, a quem sempre esteve muito ligada, começava a apresentar alguns sinais de inibição intelectual e bloqueios de curiosidade, ela dá início, com o beneplácito de seu analista, a uma intervenção doméstica guiada pelas teorias psicanalíticas. Erich é o filho que vem ao mundo não mesmo ano em que nasce a psicanálise na vida de Melanie.

Em 1918, Melanie participou do 5º Congresso Internacional de Psicanálise, sediado em Budapeste, e ouviu Freud lendo um texto sobre os avanços da terapia psicanalítica. Já no ano seguinte, ela escreveu e apresentou seu primeiro texto, baseado no “tratamento” de Erich, cuja identidade, aliás, não é exposta. É aí, então, que Melanie ingressa como membro da Sociedade de Budapeste. O texto foi publicado no ano seguinte, ao mesmo tempo em que prosseguia sua participação em congressos.

Em 1921, Melanie mudou-se para Berlim, já sem a companhia do marido (que partira para um trabalho na Suécia) e sem levar

consigo também, inicialmente, os dois filhos maiores, Melitta e Hans. O casamento com Arthur ainda passará por uma pequena tentativa de reconciliação, mas terminará definitivamente em 1924, advindo o divórcio em 1927.

A ida para a Alemanha é a primeira mudança realizada por iniciativa própria e de acordo com os interesses de Melanie, pois a cidade já disputava com Viena a condição de grande centro de difusão da psicanálise e formação de psicanalistas. Karl Abraham é o mentor desses desenvolvimentos; é por isso, e atrás disso, que ela se desloca. Vai de início acompanhada apenas do filho Erich.

Na Alemanha, em 1922 – com 40 anos, portanto –, Melanie ingressou como membro-associado da Sociedade Psicanalítica de Berlim, o que, a rigor, marcava sua entrada oficial e mais legítima no grande mundo da psicanálise mundial. Em 1924, começou uma segunda análise, com Abraham, e leu seu primeiro trabalho em um Congresso Internacional, além de apresentar outro texto sobre psicanálise de crianças para os colegas de Viena – trabalho para o qual os Freuds já torcem o nariz...

No plano pessoal, além da confirmação de sua separação, a quarentona Melanie Klein aproveita para “pôr as manguinhas de fora”. É um período em que se veste de forma atraente e mesmo extravagante (abusa dos decotes, por exemplo, e dos chapéus escandalosos), entra em uma escola de dança de salão, frequenta bailes e inicia um romance – que nunca pôde ser plenamente realizado – com um homem casado e dez anos mais moço que ela.

Em 1925, foi convidada a dar algumas palestras em Londres, o que será o prenúncio do passo mais decisivo de sua trajetória – a ida definitiva para a Inglaterra, em 1926. Essa mudança tanto respondia aos convites dos analistas ingleses – muito impressionados pelo pensamento ousado e pela singularidade da jovem senhora Klein – como, certamente, foi movida pelo estado de orfandade em que Melanie ficou após a morte de Karl Abraham, no final do ano anterior. Sem seu analista e protetor, ela ficava exposta às críticas de membros mais conservadores da Sociedade local e de Viena às suas idéias atrevidas no atendimento de crianças. Ela era acusada de violentar a inocência das crianças e perturbar as relações destas com seus pais, tema a que retornaremos adiante.

3. Em algumas fontes, o início da análise com Ferenczi é datado de 1913.

Dessa maneira, o convite dos ingleses veio a calhar, e na hora certa. No ano seguinte, ingressou como membro da Sociedade Britânica.

A partir daí, sua ascensão no cenário inglês foi fulminante e, de início, sem maiores empecilhos. No entanto, no âmbito familiar, o início da década de 1930 lhe trouxe dois grandes dissabores. Em primeiro lugar, o filho Hans morre em 1934, ao escalar uma montanha. Esse filho “pré-analítico” lhe dera muitas preocupações, e fora até mesmo, ao que parece, também submetido a uma análise pela mãe, quando já adolescente; tendia à depressão e lhe suspeitavam algumas tendências homossexuais. Melanie claramente sentia-se em falta com o rapaz. Sua morte acidental poderia, eventualmente, ser interpretada como suicídio, embora não houvesse evidência nesse sentido. A mãe ficou paralisada pela notícia, e sequer quis comparecer ao enterro. Contudo, na elaboração dessa perda, Melanie Klein escreveu o seu primeiro texto realmente ousado e inovador, “Uma contribuição para a psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, em que o tema da perda e da melancolia, um velho conhecido seu, ingressava no campo de sua teorização psicanalítica.

De outro lado, após um reencontro feliz com Melitta – que, já casada com um outro psicanalista supervisionando de Freud, Walter Schmideberg, viera morar em Londres em 1928, e em 1933 ingressara na Sociedade Britânica –, as relações da filha (que se formara em medicina, velho sonho materno) com a mãe começaram a azedar. Melitta tornou-se, nos anos seguintes, uma das mais agressivas opositoras de Melanie Klein, exibindo um comportamento que chamava a atenção pelo destempero e pela falta de pudor. Melanie Klein nunca revidou publicamente esses ataques escandalosos, que a visavam como psicanalista e, mais ainda, como mãe. Melitta, mais tarde, foi viver nos EUA e nunca se reconciliou com a mãe. Foram, enfim, dois filhos perdidos para essa psicanalista que se notabilizava pelo trabalho com crianças – e, em especial, crianças pequenas –, mas que, conforme se pode deduzir, foi muito pouco adequada com seus próprios filhos pequenos, ao

dois netos que ele lhe deu, em compensação, sempre foi mantida em muito bom estado.

De qualquer forma, os anos iniciais em Londres foram de uma certa lua-de-mel com a comunidade analítica local. Mais tarde, como veremos adiante, Melanie meteu-se em grandes confusões e esteve a ponto de ser excluída. No entanto, recuperou-se e consolidou seu grupo de adeptos, vindo a gozar, no final da década de 1940 e durante os anos de 1950, de uma posição estável e prestigiada no seio da Sociedade Britânica, que abrira para ela e seus seguidores uma espécie de nicho muito sólido e bem protegido. Ao longo dos anos, sua situação financeira melhorou continuamente, e ela pôde residir em condições cada vez mais confortáveis, e mesmo luxuosas. Melanie Klein veio a morrer em 1960, aos 78 anos de idade, com sua fama consolidada na Sociedade Britânica e em algumas das sociedades mais jovens da América do Sul, como as da Argentina e do Brasil. O reconhecimento nos EUA e na França demorou mais um pouco, e em vida ela nunca esteve no topo da Associação Psicanalítica Internacional.

2 MELANIE KLEIN, A PSICANÁLISE E O MOVIMENTO PSICANALÍTICO INTERNACIONAL: DADOS HISTÓRICOS

Como vimos, foi na década de 1910, em meio aos desgostos de sua vida conjugal e familiar, residindo em Budapeste e deprimida, profundamente insatisfeita e agitada, que Melanie Klein entrou em contato com a psicanálise. Em primeiro lugar, pela leitura de Freud e, logo em seguida, pela experiência de análise como paciente de Sándor Ferenczi. É com o incentivo desse grande desbravador das teorias e técnicas que Melanie começa a atender – em sua casa, naturalmente – o próprio filho Erich, que padecia de algumas inibições de aprendizagem. Com base nessa experiência de mãe-analista, ela elabora sua primeira apresentação – “Der Familienroman in statu nascendi” –, e é aceita como membro da Sociedade de Psicanálise de Budapeste.

A segunda etapa importante de sua trajetória deu-se com sua mudança para Berlim, depois que alguns acontecimentos políticos na Hungria, nos quais Ferenczi esteve envolvido, tornavam menos confortável a permanência de judeus naquele país. Foi então, em 1921, para a capital da Alemanha, onde veio a iniciar, em 1924, uma segunda análise, com Karl Abraham (abortada pela doença e morte de Abraham, em 1925). Melanie começou, desde sua chegada, a analisar alguns filhos dos analistas locais, tornando-se membro da Sociedade de Berlim e elaborando alguns de seus primeiros trabalhos escritos.

notável para quem era ainda, apesar da idade, uma iniciante na psicanálise e uma verdadeira *outsider* em termos de vida acadêmica e intelectual, pois não possuía qualquer título universitário. Naqueles anos, e contando também com o apoio de seu analista Karl Abraham, ela estabelece a análise de crianças como uma área legítima da clínica psicanalítica em bases muito singulares e diferentes de tudo o que já se havia tentado para o atendimento de crianças. Melanie Klein sempre foi muito ciosa dessa sua diferença, ao mesmo tempo em que reivindicava uma total fidelidade ao impulso freudiano na direção das profundezas da alma. O delineamento das bases e dos princípios da análise infantil ocorre por meio de uma comunicação apresentada no Congresso de Salzburgo, em 1924, publicada em 1926 com o título “The psychological principles of early analysis”, em inglês – havendo, no mesmo ano, uma publicação do texto em alemão.

Tanto a morte precoce e súbita de Abraham, como o convite dos analistas ingleses, levam Melanie Klein a se mudar para Londres, depois de uma primeira visita em que suas palestras e sua pessoa e estilo impressionaram deveras a audiência. Em Londres, ela passou a gozar da liberdade de pensamento e do prestígio necessários para desenvolver, com o máximo de desenvoltura, suas propostas clínicas e teóricas. Lá, também, seus primeiros pacientes infantis eram filhos de colegas. A partir de 1931, Melanie Klein começou a funcionar como analista didata e a formar “seus” analistas. A grande procura de análise didática com Melanie e suas seguidoras será, aliás, uma das razões das controvérsias que eclodirão na década de 1940: muitos sentem que o grupo kleiniano (ainda informal na época, mas já se delineando) convertera-se em uma “máquina de guerra” disposta a tomar o poder na Sociedade Britânica, pela via da formação de analistas fiéis às idéias e às pessoas do grupo.

Na verdade, desde o início de seu trabalho em Berlim, fora se manifestando uma intensa rivalidade entre as propostas de trabalho de Melanie Klein e as de Anna Freud, que também se interessava pelas crianças, mas com idéias muito menos arrojadas. As idéias de Anna foram publicamente contestadas por Melanie Klein em 1927,

muito mais radicais de Melanie Klein que às de Anna, e o velho Freud não apreciou nem um pouco tamanha liberdade de espírito, procurando até mesmo reduzir o alcance público das críticas à filha e discípula – mas os ingleses não recuaram. Essa oposição entre as duas “filhas de Freud” – pois Melanie Klein reivindicava ser estritamente fiel ao espírito pioneiro do pai da revolução psicanalítica –, como se verá adiante, foi uma das raízes envenenadas das grandes controvérsias que, na década de 1940, agitaram a Sociedade Britânica, ameaçaram sua integridade e quase resultaram na excomunhão de Melanie Klein e seu grupo.

Na Inglaterra, no ano de 1932 – portanto, aos 50 anos de idade e na condição de analista didata –, Melanie lança seu primeiro livro, que sai simultaneamente em inglês (traduzido) e em alemão, língua em que fora redigido. Mais tarde, Klein tentará escrever diretamente em inglês, mas sempre precisará de um certo auxílio e de muitas revisões para colocar suas idéias no papel nessa segunda língua. O livro de 1932 – *The Psycho-Analysis of Children* – ainda não traz as grandes inovações teóricas que começarão a emergir com maior potência ao longo da década de 1930. No entanto, já constitui uma obra de peso que, segundo a própria autora até o fim de sua vida, lança os fundamentos técnicos da análise de crianças mediante o brincar, apresentados sempre por meio dos muitos casos concretos de análise infantil por ela conduzidos. Trata-se, na verdade, de uma espécie de coletânea, com muitos dos seus textos mais importantes do período que vai de 1924 a 1928, reeditados ou reelaborados para essa publicação, e ainda alguns inéditos. Um resumo, enfim, das idéias e experiências de seus primeiros dez anos de trabalho como analista. A primeira parte apresenta de forma sistemática a técnica da análise infantil, e a segunda trata das ansiedades precoces e de seus efeitos no processo de desenvolvimento.

A reação foi, em geral, muito favorável, salvo por parte dos Freuds, que não engoliam Melanie Klein e viam com muita suspeição sua crescente influência entre os ingleses. Mas essa fase de aceitação e concórdia foi relativamente breve. O livro de 1932 ainda traz um agradecimento à filha Melitta, que desde 1928 estava

Em 1934, ainda sob o impacto da morte do filho Hans e do início de sua briga com a filha Melitta, Klein produz o primeiro de seus textos radicais: "A contribution to the psychogenesis of maniac-depressive states". Com a publicação do texto em 1935, criam-se imediatamente dois partidos: o dos que saúdam a renovação do freudismo; e o dos que condenam as pretensões e os desvios da autora. Sua maior "pretensão" era a de pronunciar-se sobre a psicose obstatante não ser formada em medicina e não ter uma especialização em psiquiatria, e por contar apenas com a experiência do atendimento de crianças — algumas das quais, é certo, bastante perturbadas. Quem essa mulher pensava que era? Aonde queria chegar? No entanto, na Inglaterra estava já bem firmada — e era ciosamente defendida por Ernst Jones — a legitimidade dos analistas leigos, o que correspondia a uma orientação básica do próprio Sigmund Freud. Ainda assim, a autoconfiança de Melanie Klein, que a muitos encantava, a outros começava a preocupar ou a irritar profundamente. Quanto à acusação de desvios, voltaremos ao tema adiante, ao fazer uma contraposição entre as idéias kleinianas e as de Freud.

Na segunda metade da década de 1930, estava bem caracterizada uma divergência entre os freudianos de Viena e Berlim (em situação política cada vez mais precária diante do nazismo) e os psicanalistas ingleses, Melanie Klein à frente. No entanto, a idéia de expurgar a psicanálise inglesa, como antes se fizera com outros dissidentes (Adler, Jung etc.), e como mais tarde se faria com Lacan, era inviável. A situação política colocava na Inglaterra o futuro e a sobrevivência da psicanálise. Uma intervenção de Freud, com a finalidade de eliminar uma dissidência kleiniana na Sociedade Britânica, seria inadmissível e catastrófica. Por outro lado, os ingleses não se sentiam absolutamente infiéis e dissidentes; ao contrário, viam nos novos desenvolvimentos da psicanálise sob a batuta de Melanie Klein autênticos avanços no freudismo, e sustentavam, mesmo os não-kleinianos, que a liberdade de discussão era imprescindível em uma sociedade científica. Era preciso que os opositores se explicassem e se entendessem

iniciativa: ingleses (mais ou menos kleinianos) fariam palestras em Viena, e vienenses (freudianos) profeririam palestras em Londres. Da parte dos ingleses, palestraram em Viena Ernst Jones (que não era um kleiniano em sentido estrito, mas dava suporte e tinha afinidades teóricas com Melanie Klein) e Joan Rivière — esta, uma psicanalista que conhecia bem Freud (pessoalmente e por meio dos seus textos, os quais ela foi das primeiras a traduzir para o inglês), mas estava cada vez mais rendida à produção kleiniana. Robert Waelder, da parte dos vienenses, fez duas palestras em Londres.

A troca de palestrantes não resolveu a questão das divergências, que vieram a se agudizar quando os vienenses foram obrigados a fugir da Áustria e a receber a oferta de refúgio na Inglaterra, feita por Jones. Iniciou-se, então, um período crítico de confrontos, nos quais os vários inimigos de Melanie Klein se juntaram para atacá-la em termos pessoais e teóricos. De um lado, sua filha Melitta e o marido, aliados ao psicanalista inglês Edward Glover (analista de Melitta), que fora um dos mais indignados com a pretensão de Melanie Klein meter-se pelos temas da psicose; de outro, unidos a esses opositores, a turma vienense, sob a liderança de Anna Freud. Nesse ínterim, a morte de Sigmund Freud, em 1939, deixara o ambiente mais tenso, a disputa por sua herança mais encarniçada, os velhos freudianos (exilados e sem seu líder incontestado) mais ameaçados em seu domínio, e os novos kleinianos, mais atrevidos. Entre 1941 e 1945, sob o fragor das bombas que desabavam sobre Londres, em plena Guerra Mundial, dão-se as grandes "Controvérsias" Freud-Klein, nas quais se consolida o grupo kleiniano, formado principalmente por mulheres: Melanie Klein, Suzan Isaacs, Paula Heimann e Joan Rivière. Há homens, também, nesse grupo, como, por exemplo, Donald Winnicott (que se afasta do grupo na década seguinte), mas as estrelas são femininas.

Além das razões pessoais de Melitta e das disputas pelo poder dentro da Sociedade (envolvendo os vienenses, Anna Freud, Glover e mais alguns), havia realmente questões teóricas de peso e de fundo. No entanto, somente depois de apresentarmos as propostas kleinianas será possível comentarmos essas divergências e o

Klein
esta foi uma
apenas
Ernst Jones
mas
Freud
no entanto

organização da Sociedade Britânica: formaram-se três grupos – kleiniano, freudiano e independentes – e dois eixos de formação, podendo o candidato a analista escolher em que eixo se formaria e a que grupo viria a se filiar. O grupo independente, no que vieram a ingressar, por exemplo, Winnicott, Balint, Fairbairn e muitos outros, sempre foi o mais numeroso e mais apto a exercer o poder geral na Inglaterra, até porque era o menos ameaçador e o mais disposto à discussão. O grupo freudiano era importante, com a presença de Anna, herdeira nominal de Freud, e mantinha excelentes relações com a cada vez mais poderosa e prestigiada comunidade psicanalítica americana, cujos principais líderes eram emigrados austríacos e alemães, e se organizavam na chamada “Psicologia do ego”. Isso dava a esse grupo um poder muito grande nas decisões do movimento psicanalítico mundial, ou seja, na Associação Internacional (IPA). Já os kleinianos (ou kleinianas) eram, sem sombra de dúvida, os mais aguerridos, os mais organizados e, teoricamente, os mais coesos dentro da Sociedade Britânica. Tinham seu espaço na Sociedade bem assegurado, mas ficaram muito tempo bastante isolados no plano internacional, sem nenhuma entrada nos Estados Unidos. Salvou-os do total isolamento a boa receptividade às idéias de Melanie Klein nas Sociedades da América Latina, em primeiro lugar na Argentina e, em uma derivação, nas brasileiras do Rio de Janeiro e, principalmente, de São Paulo.

De toda essa época de controvérsias e da solução institucional adotada na Sociedade Britânica de Psicanálise ficou um saldo muito relevante: pela primeira vez, um conflito de opiniões sobre questões teóricas e técnicas não terminava em dissidência e expurgo. Nas décadas seguintes (1950 e 1960), é bem verdade, Lacan e seus seguidores ainda tiveram de enfrentar esse destino. No entanto, ao que tudo indica, Melanie Klein o forçou e os ingleses (Ernst Jones à frente) abriram as portas para a convivência, dentro da comunidade psicanalítica, de posições divergentes que hoje, como se sabe, são muitas. Mesmo os que não seguiram Melanie Klein e abriram suas próprias alternativas (por exemplo, Winnicott, Kohut, intersubjetivistas americanos, franceses pós-lacanianos etc.) devem a ela essa precedência e essa legitimação.

Mas retomemos nossa história. Na segunda metade da década de 1940, Melanie Klein lançou mais um texto impactante, uma nova

radicalização de seu pensamento teórico: “Notes on some schizoid mechanisms”. E, ao final dos anos de 1940, surgiu uma primeira publicação com o conjunto dos seus textos editados até 1945: *Contributions to Psycho-Analysis. 1921-1945*, excluindo-se os que já haviam sido incorporados ao livro de 1932.

Mas será no início da década de 1950, com o grupo bem formado e com as idéias consolidadas, que as kleinianas publicarão uma verdadeira plataforma clínico-teórica de renovação da psicanálise: *Developments in Psycho-Analysis* (1952). Vários textos redigidos para as Controvérsias (entre freudianos e kleinianos no seio da Sociedade Britânica) são aqui publicados em versões mais elaboradas, e estão presentes, além de Melanie Klein, Joan Rivière, Suzan Isaacs e Paula Heimann. A introdução é o antigo texto de Joan Rivière preparado para apresentar as idéias de Klein aos vienenses na década de 1930.

Em 1955 sai outra volumosa coletânea do grupo, *New Directions in Psycho-Analysis*, desta vez com a participação de diversos homens (Bion, Money-Kyrle, Elliot Jacques, H. Rosenfeld etc.), além de algumas das velhas colaboradoras de sempre (Heimann e Rivière) e outras novas, como Marion Milner e Hanna Segal, esta uma das mais lúcidas e equilibradas kleinianas, até hoje em atividade. Essa coletânea, organizada por Melanie Klein, Paula Heimann e Roger Money-Kyrle, é formada por duas partes grandes e densas, uma dedicada à psicanálise clínica e outra à chamada psicanálise aplicada, na qual o pensamento kleiniano é usado como base para a focalização de questões da vida institucional, da ética e da estética. O conjunto revela a força e a abrangência das teorias de Melanie Klein ou de outras nela inspiradas. O grupo se apresenta unido, consistente e altamente preparado para deixar a marca kleiniana no campo da psicanálise contemporânea. Os títulos das duas coletâneas citadas – *Developments* e *New Directions* – não deixam margem a dúvidas: elas se apresentam como inovações substanciais, *progressos* (título da primeira coletânea na tradução brasileira), que marcariam um novo patamar no pensamento psicanalítico. Podemos, enfim, considerar a década de 1950 – mesmo sem contar a produção derradeira de Melanie Klein – como a da instalação definitiva do kleinismo no panorama internacional da psicaná-

lise. Nessa década, porém, Melanie Klein é abandonada por uma de suas mais fiéis escudeiras, Paula Heimann, que se desliga do grupo kleiniano por razões, ao que tudo indica, de ordem pessoal.

Finalmente, em 1957, é publicado o último livro de Melanie, com grandes novidades teóricas: *Envy and Gratitude – Inveja e gratidão*. É um livro relativamente pequeno em tamanho, mas muito denso; ao contrário dos demais, não é uma coletânea de textos já publicados, mas sim formado por uma única peça inteira sobre a inveja e a gratidão como disposições afetivas básicas do ser humano, desde seus primórdios e ao longo de toda a sua existência.

A produção, contudo, não cessa, e ainda serão editados diversos textos curtos, sempre com alguma pequena novidade, até 1960, quando Melanie vem a falecer. Depois de sua morte, será publicado, em 1961, o livro *Narrative of a Child Psycho-Analysis*, no qual ela esteve trabalhando até poucos dias antes de morrer. Trata-se de um volume denso e grande, preparado, ao que parece, entre 1958 e 1960, em que Melanie Klein apresenta passo a passo seu trabalho clínico com um paciente infantil de 10 anos de idade, com graves comprometimentos psíquicos e relacionais e que ela atendera intensivamente durante quatro meses. Todas as sessões haviam sido anotadas e foram meticulosamente discutidas em seus aspectos clínicos e teóricos. Em geral, ela tomava notas de todas as suas sessões com pacientes infantis, mas, no caso específico desse atendimento, o objetivo primeiro do registro do material havia sido, justamente, o de documentar suas formas de pensar e de atender crianças para fazer frente às acusações que lhe eram lançadas no período das Controvérsias. O trabalho com esse menino ocorrera no início da década de 1940, quando a família do garoto e a própria Melanie Klein estavam refugiados em uma pequena cidade inglesa para escapar aos bombardeios sobre Londres. Desde o início, tanto a analista como o paciente sabiam que o trabalho duraria apenas quatro meses, mas, ainda assim, Melanie não modificou sua técnica, razão pela qual o material reflete uma análise-padrão que, em princípio, poderia e deveria estender-se por muito mais tempo. O pensamento clínico da autora no período efetivo em que o processo analítico ocorrera (1941) não incorpora as grandes inovações que viriam na segunda parte da década de 1940 e na década de 1950.

Em contrapartida, a narrativa dessa análise (que já foi comparada ao romance *Guerra e paz*, de Tolstói, pela grandiosidade épica, pela complexidade dos acontecimentos e pela minúcia do relato) coloca sob o microscópio o pensamento clínico da autora como raras vezes se encontra na literatura psicanalítica. Mediante notas adicionais, colocadas ao final de cada uma das 93 sessões, Melanie vai avaliando seu trabalho clínico, realizado em 1941, utilizando-se dos avanços teóricos e do amadurecimento técnico obtidos durante os mais de 15 anos que se intercalaram entre a condução do processo e seu registro e a preparação do livro. É, assim, um exemplo quase inigualável de seriedade e honestidade intelectual, bem como de capacidade de auto-exposição e reflexão, prova indiscutível de respeito para com seus colegas, discípulos e leitores em geral.

Após a morte de Melanie Klein, sua influência não cessou de se estender pela França e pelos EUA, consolidando-se e renovando-se também nos centros que mais rapidamente a haviam acolhido.

Na Inglaterra, Elizabeth Bott Spillius organizou dois importantes volumes intitulados *Melanie Klein Today*, um dedicado a contribuições no plano teórico e outro a contribuições predominantemente clínicas. Todos os grandes autores pós-kleinianos da segunda geração estão presentes nessas coletâneas publicadas em 1988. Poucos anos depois (1992), apareceu uma outra coletânea, organizada por Robin Anderson e prefaciada por Hanna Segal, intitulada *Clinical Lectures on Klein and Bion*, com a publicação de nove artigos importantes da autoria de pós-kleinianos da segunda e da terceira geração, revelando-se, assim, a vitalidade dessa tradição de pensamento, que já incorpora Bion entre seus “clássicos”. Vale assinalar que todos esses livros estão traduzidos para o português e editados no Brasil por um forte grupo kleiniano capitaneado por Elias Mallet da Rocha Barros, também responsável pela nova tradução da *Obra completa* de Melanie Klein, em quatro volumes, segundo os melhores padrões editoriais,¹ e pela organização de uma coletânea com autores kleinianos, em 1989.²

1. Todo este material foi e está sendo publicado pela editora Imago (Rio de Janeiro).
2. E. M. da Rocha Barros. *Melanie Klein: evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.

Com repercussão internacional, mas originalmente lançados na Inglaterra, merecem destaque a grande biografia de Phyllis Grosskurth, de 1986³ – já traduzida para diversas línguas, inclusive o português –, a publicação de *A Dictionary of Kleinian Thought*, de Robert Hinshelwood (1989) – também disponível para o leitor brasileiro⁴ – e, do mesmo autor, o excelente livro *Clinical Klein*, de 1994, infelizmente ainda não traduzido.

Em 1997, um proeminente analista americano de formação não-kleiniana, R. Schafer editou nos EUA a grande coletânea *The Contemporary Kleinians of London*,⁵ uma consistente apresentação do novo pensamento kleiniano ao leitor do outro lado do Atlântico. Trata-se de uma evidência de peso quanto ao interesse que Melanie Klein e seus seguidores despertam em áreas até recentemente muito refratárias à sua obra, propiciando novas leituras para os seus textos. Curiosamente, por exemplo, os kleinianos de Londres são interpretados como kleinianos-freudianos, insistindo na reinserção de Klein no tronco de Freud e diferenciando estes psicanalistas de alguns outros, como os que dominaram a psicanálise latino-americana durante algum tempo.

Em 1998, Adam Phillips e Lindsey Stonebridge editaram a coletânea *Reading Klein*.⁶ Este último material, em particular, revela a importância crescente concedida ao pensamento kleiniano no campo dos estudos literários, da filosofia e das ciências sociais, incluindo um pequeno texto inédito de Melanie Klein sobre a grande obra-prima de Orson Welles, o filme *Citizen Kane*, entre outros escritos. Observa-se nesta coletânea, também, o impacto do kleinismo no movimento feminista, bem como sua vitalidade na clínica psicanalítica.

Em todos esses livros, revela-se uma tradição de pensamento teórico e clínico em plena efervescência, que se irradia para áreas de fronteira na psicoterapia e nos diversos campos da cultura.

3. London: Harvard University Press, 1987.

4. London: Free Association Books, 1989; Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1992.

5. Madison: International University Press, 1997.

6. London: Routledge, 1998.

Em alguns lugares, como o Brasil e a região de Los Angeles, a influência kleiniana deu-se também pela via da difusão da obra de um de seus seguidores, Wilfred Bion,⁷ na verdade um discípulo tão original que criou um pensamento próprio na teoria e na clínica, sem nunca renegar, porém, os fundamentos do kleinismo e do freudismo. No entanto, o pensamento kleiniano, no sentido estrito, continua vivo e criativo, e muitos autores mais jovens e nossos contemporâneos se apresentam como seguidores originais de Melanie Klein, como Elizabeth Bott Spillius, Edna O'Shaughnessy, Betty Joseph, Ronald Britton, John Steiner e ainda muitos outros, entre os quais, fora da Inglaterra, podemos citar Robert Capet, que atua na região da Califórnia. Há, também, um grande interesse em Melanie Klein e nas repercussões criativas da sua obra no pensamento de psicanalistas americanos que não são kleinianos de estrita observância, como Thomas Ogden e James Grotstein, que chegaram a Klein pela via bioniana.

Na França, ao final da década de 1970, a obra de Melanie Klein começou a ser muito estudada com base nos dois volumes (de 1979 e 1982) que Jean-Michel Pétot dedicou a uma sistematização histórica de seu pensamento.⁸ Ainda no ano de 1982, uma reunião das duas sociedades de psicanálise da França foi dedicada à autora, com a participação de Didier Anzieu, André Green, Victor Smirnoff e Jean Bégoin, entre outros. O material foi publicado em 1985.⁹ Finalmente, as análises originais e sugestivas de Julia Kristeva sobre a vida e a obra de Melanie Klein, publicadas em 2000,¹⁰ contribuíram tanto para a renovação dos estudos kleinianos como para o restauro do próprio pensamento psicanalítico francês.

7. Ao Brasil, Bion veio diversas vezes para dar palestras e fazer supervisões, e em Los Angeles viveu os últimos anos de sua carreira como psicanalista.

8. Paris: Bordas, 1979 e 1982; São Paulo: Perspectiva, 1987 e 1988.

9. J. Gammil, et alii. *Mélanie Klein aujourd'hui*. Lyon: Césura Lyon Édition, 1985.

10. Paris: Fayard, 2000.

3 APRECIÇÃO INTRODUTÓRIA DO ESTILO DE PENSAMENTO E DE ESCRITA

A obra de um grande psicanalista deve ser conhecida não só pelas teses, teorias e conceitos que elabora e propõe, e tampouco apenas pelas inovações técnicas que introduz. Em todos esses aspectos, como veremos adiante, Melanie Klein foi extremamente criativa e original. No entanto, há um plano no qual o pensamento psicanalítico de cada um, na sua singularidade, precisa ser captado, se quisermos efetivamente entrar no mundo que é próprio a cada grande autor: o plano do estilo e das estratégias retóricas. Muitas simpatias e antipatias, acolhimentos e rejeições se dão a partir desse nível. Isso procede em relação a todos os grandes autores da psicanálise, mas é particularmente verdadeiro nos casos de Melanie Klein e Lacan, entre alguns outros. Começemos, portanto, procurando uma breve caracterização do estilo de escrita e pensamento kleinianos.

Iniciemos com uma espécie de “confissão”:

Quando, por volta do começo dos anos cinquenta, eu me propus a me familiarizar com a obra de Melanie Klein, (...) chocava-me com um outro obstáculo: para mim, não foi o da língua inglesa, que me é familiar, mas o encontro com um texto que me confrontou com a experiência estranha, insuportável, do mundo fantasmático da violência. Eu abordava terras desconhecidas, o continente kleiniano.

O choque foi rude para alguém que na época havia rompido com o classicismo da saga do Édipo; eu me choquei contra uma

mitologia completamente diferente, bárbara, desmesurada, onde o parcial, o fragmentado e o cindido vinham tomar o lugar das figuras trágicas mas inteiras do mito edipiano.

O mundo do fantasma “kleiniano” era outra coisa. E, assim como eu, a comunidade analítica havia percebido isto. Melanie Klein, maldita, rejeitada, marginalizada, sobretudo “teorizada” até a trama molecular de sua obra, ocupava o lugar de *outsider*. O excesso deste “baile sangrento”, esta carnificina, estas eviscerações só podiam suscitar resistência (Smirnoff, “*Mélanie Klein ou la violence de l'inconscient*”, p. 84-5, grifo do autor).¹

A citação do texto de Victor Smirnoff, escrito para a comemoração na França dos 100 anos do nascimento da autora, em 1982, expressa bem a estranheza e o choque que seu estilo provocou em uma boa parte da comunidade psicanalítica, em especial na americana e na francesa.

Melanie Klein começou sua obra a partir de “observações analíticas” do próprio filho, ou seja, trata-se de uma teorização que, literalmente falando, começou “em casa”, e possuía, desde o início, um caráter menos acadêmico e mais informal. É preciso lembrar que ela não tinha qualquer formação universitária e tampouco treino na escrita científica ou filosófica, o que frequentemente era lembrado pelos seus opositores, mas mesmo por seus amigos e simpatizantes, que reconheciam nela a ausência de traquejo para a comunicação formal e sistemática. Além disso, desde que foi para a Inglaterra, Melanie começou a tentar escrever em inglês, uma língua que lhe era estranha e não familiar, o que contribuía para as dificuldades na sua comunicação. Ao falar o inglês, por exemplo, ela jamais conseguiu se livrar de um carregadíssimo sotaque. Na escrita, dependia de revisores e ajudantes.

Mas Melanie Klein sempre valorizou, acima de tudo, a importância da observação e do contato direto com o paciente, e muitas vezes insistia no fato de estar apenas observando e descrevendo processos psíquicos profundos – o que, naturalmente,

1. In: Gammil et alii. *Mélanie Klein aujourd'hui*. Lyon: Césura Lyon Édition, 1985. p. 83-93.

não faz muito sentido para uma mente um pouco mais sofisticada em termos filosóficos, como, em geral, a dos psicanalistas franceses.² Melanie fala, por exemplo, em “observar a mente de um recém-nascido”, colocando-se, inclusive, em posição superior a Freud, que apenas teria feito interpretações indiretas e inferências. Podemos conjecturar que a sua falta de formação acadêmica obrigou-a a dar valor aos instrumentos de que dispunha para trabalhar: um apaixonado interesse pelas questões psicanalíticas, uma grande capacidade de leitura da obra de Freud, Abraham, Jones e Ferenczi, e um ardente desejo de tentar oferecer a si mesma e aos pacientes algum tipo de compreensão e de *insight* que pudesse diminuir a intensidade do sofrimento psíquico e suas nefastas consequências. Em todas essas atividades, a intuição e o contato direto com os processos e fenômenos levavam a dianteira sobre a capacidade de construção racional e sistemática de conceitos. Mas também devemos supor em Melanie Klein (e por que não?) uma ardente ambição de escrever uma obra criativa e que viesse a ser reconhecida, o que confere, às vezes, um certo tom de arrogância a seus textos. Havia, parece, uma demanda reprimida por reconhecimento, que encontrava finalmente na psicanálise seu canal de satisfação. Não podemos também deixar de incluir, entre os recursos de que dispunha no início de sua carreira, a sua experiência analítica com Ferenczi, acrescida mais tarde da segunda análise com Abraham e de uma sistemática e apaixonada auto-análise. A experiência com Ferenczi, em particular, foi importante para o impulso inicial em uma via inovadora – a da psicanálise de crianças – e corajosa – a psicanálise de seu próprio filho Erich.

2. Na verdade, mesmo entre seus discípulos ingleses da primeira hora, como Suzan Isaacs, observa-se uma preocupação em diferenciar os níveis do conhecimento. As fantasias inconscientes, por exemplo, tema que coube a Isaacs aprofundar, são construções teóricas inferidas e não diretamente observadas, embora ela mantenha que essas fantasias operem na realidade psíquica e deixem à mostra muitos de seus efeitos estruturantes ou patogênicos (cf. *Nature and function of the phantasy*. In: Klein et alii, *Developments of Psycho-Analysis*. London: Hogarth, 1952).

Ferenczi sempre se notabilizou pelo espírito revolucionário e destemido em matéria de inovações técnicas e pela crença de que todos podiam ser ajudados pela psicanálise, contrariando certas reticências do próprio Freud. Klein foi, sem dúvida, no estilo e nas estratégias clínicas e teóricas, como analista de crianças, de psicóticos e de *borderlines*, uma autêntica discípula de Sandor Ferenczi.

A sua carreira acadêmica havia sido impedida pelo casamento e pelo nascimento dos filhos, e sabe-se que o seu interesse pelo estudo e pela pesquisa teve de aguardar muito tempo antes de se realizar. A descoberta tardia de que se precipitara em um casamento infeliz e as tarefas de mãe e dona de casa expuseram-na a um longo período de frustrações e espera, com episódios de depressão, que se transformaram em uma longa crise existencial. Ela buscava dar sentido à sua vida, mas estava fora do ambiente intelectual que tanto amava, e impossibilitada de dedicar-se a um trabalho que realmente a interessasse. Essa longa espera deve ter intensificado muito o desejo de dedicar-se ao estudo e à pesquisa. Melanie foi aceita na Sociedade Psicanalítica de Budapeste logo após a leitura de seu primeiro trabalho clínico, mas a inserção mais profunda em Berlim e Londres, dificultada por preconceitos quanto à sua falta de formação acadêmica, colocou novos obstáculos a serem superados. Esses dados biográficos ajudam a compreender a intensidade passional de seu estilo, que revela um extenuante combate contra tudo que se opusesse ao seu desejo de desenvolver um pensamento e uma obra pessoal e científica.

Seu estilo revela que, desde o princípio, Klein aprendeu a colocar ênfase e valorizar a *experiência pessoal*. Isso pode ter sido uma estratégia para enfrentar o preconceito alheio e a própria sensação de insegurança, mas, efetivamente, tal fato lhe dava uma liberdade diante de seus mestres, inclusive Freud, de que poucos psicanalistas iniciantes dispõem. E ela era uma iniciante, embora tivesse cerca de 40 anos quando começou a exercer a profissão de psicanalista e, ao mesmo tempo, a criar novas idéias e técnicas de trabalho. A sua condição de mãe de vários filhos parece, de alguma maneira, tê-la autorizado a fazer suas primeiras observações analíticas de crianças, tornando-as merecedoras de consideração.

É como se fizesse do que até então fora um impedimento – a maternidade – a própria plataforma para seus novos vãos. Esse posicionamento, por assim dizer, epistemológico, de índole fortemente empirista e clínica, expressa-se no estilo predominante de seus textos: a dimensão fenomenológica e experiencial aparece sempre em evidência, mas mesclada com a dimensão teórica, mais especulativa e mesmo metapsicológica, produzindo, com frequência, uma teorização híbrida, em que a proximidade com a clínica (e, por trás desta, com a experiência pessoal) é usada para dar valor de verdade às teorias. Muitas vezes, Klein faz teoria, e teoria altamente especulativa, sobre processos e mecanismos psíquicos arcaicos e profundos, mas expressa-se como se estivesse apenas descrevendo o que pode captar por meio de observações clínicas a olho nu, pela via da intuição.

Essa mistura traz vantagens e desvantagens. Uma desvantagem é a freqüente confusão entre o que veio predominantemente da experiência clínica – sem precisarmos supor que algo venha exclusivamente da clínica e sem a mediação de alguns pressupostos ou vértices teóricos – e o que, definitivamente, é uma construção teórica a ser tomada como uma conjectura, uma hipótese, algo a ser discutido e “testado”. Não se distinguindo um plano do outro, a tendência é a um certo dogmatismo, pois quase tudo o que Melanie Klein afirma aparece como totalmente fundado na observação – e esta seria indiscutível. Ao longo de toda a sua vida, e principalmente na idade mais avançada, todos os que a conheceram se surpreendiam com a sua aparente segurança, que chegava a beirar a arrogância nas situações de disputa teórica. É como se ela não se dispusesse a pôr em questão e não permitisse que se duvidasse daquilo que vinha da experiência e da observação clínica, e que lhe dava as bases para uma convicção inabalável.

Por outro lado, a mescla de experiência e especulação teórica e metapsicológica faz com que em Melanie Klein nunca a metapsicologia tenda a se tornar autônoma em relação à clínica. Seus textos devem sempre ser lidos como implicados pela e na clínica psicanalítica, e mais, devem sempre ser lidos à luz e sob o pano de fundo da experiência clínica do leitor. Isso, aliás, será uma característica da “psicanálise inglesa”, seguidora mais ou menos

obediente da trilha kleiniana (Bion, Winnicott etc.), em contraposição aos franceses, que muitas vezes se extraviavam em uma certa tendência teorizante que chega às raias das filosofadas e literatices. O último livro de Klein – um imenso volume publicado postumamente e dedicado apenas a um caso clínico, mas no qual estão todas as elaborações teóricas que ela já produzira até a época do atendimento (os achados da década de 1930 e inícios da de 1940), mas revistas à base das suas teorias posteriores nas duas décadas seguintes – dá uma medida do seu apego à experiência psicanalítica em oposição aos vãos demasiadamente livres e abstratos dos psicanalistas que se julgavam intelectuais.

Outro aspecto de seu estilo é a oscilação de enfoques, isto é, ora o olhar se concentra nos processos evolutivos e nas etapas de desenvolvimento, seguindo a linha cronológica do tempo, ora o olhar é captado pelo dinamismo psíquico e pela complexidade deste, em que diferentes aspectos, pertencentes a diversas fases, encontram-se combinados e imbricados. É esse cruzamento do vértice genético com o estrutural e dinâmico que, às vezes, dá a sensação de “enrolamento retórico” ao trabalho de Klein. Diga-se, ainda, que poucos autores da psicanálise foram tão sensíveis à complexidade da vida mental desde seu começo, desde o nascimento. Por isso, embora Melanie Klein procure acompanhar na clínica e na teoria os processos por meio dos quais o psiquismo e a personalidade do indivíduo se *formam* e se *transformam*, e procure identificar as operações de todos os mecanismos responsáveis pelos *processos* de *desenvolvimento* sadios e patológicos, a dimensão histórica nunca se descola da dimensão dinâmica e mesmo estrutural. Muitas vezes, alguns autores como Melanie Klein e Donald Winnicott são apresentados como teóricos de uma certa “psicologia do desenvolvimento”. Nada mais falso: Melanie Klein e, da mesma forma, Winnicott são psicanalistas, e, nessa medida, comprometidos com noções de temporalidade e história muito mais complexas que aquelas implicadas na noção de “desenvolvimento”.

A psicanálise kleiniana, como qualquer outra, mas mais decisivamente do que em muitos outros casos, nos exige fazer a diferença entre a criança e o *infantil*. As teorias de Melanie Klein

procuram ser fiéis, no conteúdo e na forma, nas teses e no estilo, a essa dimensão do *infantil*, e isso corresponde a uma dimensão atemporal – melhor dizendo, a algo *sem tempo*, *zeitlos* – operando em todos os processos psíquicos temporais, inclusive nos de desenvolvimento. A “criança” é uma categoria eminentemente temporal: a criança está no tempo e, por isso, um belo dia a infância já ficou para trás. O “infantil” permanece, embora ele também seja objeto de transformações e elaborações. Como bem observa Juliet Mitchell³ no texto de introdução a uma antologia das obras de Melanie Klein, o infantil a que essa psicanalista tanto se dedica é justamente o que resiste a uma simples historicização, o que resiste às formas mais clássicas e lineares de temporalidade. O estilo de Melanie Klein tenta dar conta das articulações entre o *infantil* e o psiquismo, seja o infantil da criança, seja o do adolescente, seja o do adulto, seja o do ancião, e isso implica transitar, mesmo sem qualquer aparente sofisticação teórica, pelos meandros das questões filosóficas relativas ao tempo, ao além do tempo e ao sem tempo.

E é desse *infantil* que se trata no que mais chama a atenção de todos os leitores de Klein, como foi o caso de Victor Smirnov: a sua fidelidade à violência dos processos – a força da libido, da destrutividade e do superego está na raiz da crueza conceitual e imagética de seus relatos (“*esta carnificina, este baile sangrento*”), o que provoca um contato de início insuportável com as fantasias e os desejos mais arcaicos, gerando uma inevitável onda de resistência. Mas, acreditamos, a resistência à psicanálise não é algo extrínseco à psicanálise, e o grande choque que abalava Smirnov ao ler os textos kleinianos foi para ele, certamente, a evidência de que aquilo que lia era psicanálise – e das melhores.

Depois do grande choque que fora a descoberta freudiana da sexualidade infantil, Melanie Klein introduziu um horror maior ainda, ao descrever o cortejo de corpos despedaçados e outras fantasias sádicas, isto é, a avalanche de imagens do *infantil* que invadiram a cena analítica, colocando-nos em contato com

3. J. Mitchell. Introduction to Melanie Klein. In: J. Phillips and L. Stonebrige (orgs.). *Reading Melanie Klein*. London: Routledge, 1998.

... a criança em sua onipotência, sua raiva, seu desespero, seu desamparo, seu abandono, seu combate com os fantasmas, os bons e os maus objetos introjetados, triturados, destruídos ou hipostasiados. Combate com o anjo, combate com o demônio, combate com as imagens, estas imagens que se constroem, evoluem e não a deixam em paz, que nenhum exorcismo será, jamais, capaz de abolir. (Smirnoff, p. 88)

Smirnoff considera que, depois de Ferenczi, foi Klein quem mais sensibilizou os analistas para a presença da criança no adulto (do infantil no psiquismo, nós diríamos), dando “palavra a esta criança que nós mimamos ou perseguimos” (ibid., p. 89), mas com quem precisamos desesperadamente entrar em contato, não só como reserva vital, mas como fundamento de nosso idioma mais arcaico, precioso recurso contratransferencial que pode ser colocado a serviço dos pacientes.

Sensível à dimensão do excesso e ao caráter insaciável e ingovernável das paixões, Melanie Klein possuía um talento inquestionável para dar corpo, tornando-os visíveis e nomeando-os, aos aspectos mais arcaicos da fantasia. Essa é a sua maior contribuição ao leitor interessado em psicanálise: o entrar em contato com a estranheza das formações do inconsciente, que desafiam todas as medidas de bom senso. Ela ensina a pôr de lado esse bom senso e o comedimento para compreender o caráter autônomo e demoníaco do inconsciente. Seu estilo ajuda a penetrar na alteridade e na desmesura, na onipotência do desejo inconsciente. Um exemplo disso é a sua descrição da voracidade, da afeição com que o bebê deseja o seio materno. Ele quer o seio e também tudo o que há nele e além dele, esse corpo onde às vezes o seio desaparece, e então ele quer também o corpo e tudo o que houver de precioso nele. *Mais*, o querer quer sempre mais. Melanie Klein chamou isso de “sucção vampíresca”: latente no fundo de todo desejar “adulto” como um vórtice insaciável. No adulto, o caráter insaciável do desejo é menos evidente, pois sua expressão foi longamente modificada pelas defesas e pela ampliação das capacidades do ego para a sublimação e para a reparação.

Entretanto, por meio de Melanie Klein aprendemos a reconhecer a mesma incomensuralidade nas potências

destrutivas. Desejo de atacar, destruir, picar, esquartejar, engolir e defecar o objeto como se fosse um simples dejetivo. Essa fantasmagoria que levou Lacan a chamar Melanie Klein de “açougueira inspirada” é o aspecto de sua obra que nos dá acesso à violência e ao grotesco do pulsional “que não tem sossego, nem nunca terá”. Essa autora nos convida a deixar de lado nossos preconceitos estéticos e a necessidade de uma bela teoria, e nos chama a fazer com ela precisamente isso: um movimento de rebaixamento, de degradação do que é abstrato para o plano material e corporal. Para concluir estas considerações sobre o estilo de escrita kleiniano, citamos um texto de Bahktin, em que ele faz o elogio desse movimento em direção ao baixo produtivo, eterno recomeço do pensar:

Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra em um movimento concebido como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente: mata-se e dá-se a vida em seguida, mais e melhor. Degradar significa entrar em comunhão com a vida da parte inferior do corpo, a do ventre e dos órgãos genitais, e portanto com atos como o coito, a concepção, a gravidez, o parto, a absorção de alimentos e a satisfação das necessidades naturais. A degradação cava o túmulo corporal para dar lugar a um novo nascimento. E por isto não tem somente um valor destrutivo, negativo, mas também positivo, regenerador: é ambivalente, ao mesmo tempo negação e afirmação. Precipita-se não apenas para baixo, para o nada, a destruição absoluta, mas também para o baixo produtivo no qual se realizam a concepção e o renascimento e onde tudo cresce profusamente. O realismo grotesco não conhece outro baixo: o baixo é a terra que ‘dá vida’, e o seio corporal: o baixo é sempre o começo.⁴

Se em Freud encontramos um estilo clássico, culto e algo pudico (até mesmo para falar das “baixeiras”), com o uso frequente de expressões latinas para denominar certos aspectos menos nobres

4. M. Bahktin. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais*. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 1987.

da existência humana,⁵ Melanie Klein corresponde ao grotesco e visceral da cultura popular tão bem captado por Bakhtin nos textos medievais e renascentistas. Tanto nas suas comunicações com seus pacientes (mesmo as crianças), como nas suas teorizações, Melanie Klein vai fundo e não teme a realidade dos processos psíquicos mesmo em suas dimensões mais bizarras e menos bem-comportadas. É como se ela estivesse nos ensinando – ou ajudando a rememorar – a linguagem primitiva por intermédio da qual podemos entrar em contato com a realidade mais profunda de um indivíduo e de nós mesmos, em um plano em que mente e corpo formam uma única e complexa unidade.

4 PEQUENA RECONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DOS SISTEMAS KLEINIANOS

A década de 1920 e as questões do conhecimento e da inibição intelectual

Melanie Klein, como se viu, começou a fazer suas observações clínicas e a escrever e apresentar seus trabalhos em congressos no início da década de 1920, e será essa primeira parte de sua obra que iremos agora considerar. Nesse período citado, ainda não existe, naturalmente, um pensamento kleiniano estruturado, mas ela já é capaz de chamar a atenção de seus mestres e colegas pela originalidade de muitas de suas intuições, e pela coragem de suas propostas clínicas e teóricas, apesar de ser uma recém-chegada.

Como vimos no capítulo anterior, a perspectiva e o estilo kleinianos revelam a importância por ela conferida à violência dos instintos, das emoções e dos conflitos mais precoces entre forças antagonicas. Uma intensidade de afetos e impulsos desproporcional à capacidade de contenção e organização do psiquismo infantil. A noção grega de *hybris* como ruptura do *métro*, da “justa medida”, foi por ela invocada em um de seus últimos trabalhos, “Algumas reflexões sobre a Oréstia”, publicado após sua morte, em 1963; porém, a preocupação com o excesso, a desmesura e a insaciabilidade do desejo marcou o seu pensamento desde os primórdios. Em seus primeiros textos, Klein fala dessa *hybris* por excelência que é

5. Lembremo-nos do famoso *coitus a tergum modus ferarum* para descrever uma dada posição sexual em que, Freud supunha, um de seus pacientes flagrara os próprios pais.

a voracidade presente no dinamismo oral, anal e fálico. A voracidade, na sua dimensão propriamente oral, se expressa por meio das fantasias de sucção vampíresca e de incorporação oral do objeto de amor. Em sua manifestação sádico-anal, a voracidade se expressa pelo excesso de possessividade, do desejo de controle e completo domínio muscular sobre o objeto – que leva o dinamismo esfinteriano à fantasia de estreitar e estrangular o objeto. Na sua forma uretral e fálica, trata-se da ambição desmesurada, ou ainda da competição e das fantasias de penetrar, tomar posse e triunfar sobre o objeto. Em seu texto “Tendências criminosas em crianças normais” (1927), por exemplo, ela sugere que o imaginário sádico e idéias semelhantes às que levaram aos piores crimes também estão presentes no desenvolvimento normal dos bebês e das crianças.

Entretanto, indo além da ênfase no excesso e na violência pulsional, uma de suas intuições mais geniais desse período foi a descoberta de que a violência pulsional sofre uma inflexão “sobre a própria pessoa”, originando o que ela veio a chamar de um superego precoce, ou o que poderíamos nomear de “moralidade do Talião”.¹ Esse superego *pulsional* é uma concepção que envolve a noção de que as primeiras formas de contrapor-se a certas moções pulsionais são de natureza também pulsional: são as próprias forças do id que, dispostas umas contra as outras, criam essa primeira forma de “interdição”. A identificação e a interpretação das fantasias sádicas mostram que a intensidade do amor pré-genital e a dificuldade de moderá-lo produzem uma espécie de “infiltração” e um retorno de violência, o que levou Melanie Klein a focalizar cada vez mais seu olhar sobre a agressividade e seus efeitos na estruturação do psiquismo.

Ao começar suas observações analíticas, Melanie Klein fora atraída pelo problema da inibição intelectual, ligada, pelo avesso, à curiosidade e ao desejo de conhecer. Vale recordar que, no pensamento freudiano, esse desejo de conhecer tinha o suporte da

1. No fim de sua obra, Melanie Klein decidiu não mais chamar essa forma arcaica de moralidade de “superego”, designando um setor “à parte” para os piores rigores dessa forma de violência dirigida contra si mesmo.

pulsão de saber (às vezes chamada de pulsão epistemofílica) e estava intimamente ligado à sexualidade. Antes de Freud, a própria linguagem bíblica expressava uma associação entre *conhecer* e *amar sexualmente*, ao usar o verbo “conhecer” para referir-se à relação sexual. Entretanto, além de associar o amor sexual genital ao desejo de conhecer, desde os “Três ensaios...” (1905), Freud havia considerado que grande parte da pulsão de domínio, originalmente uma pulsão do ego, acabava se convertendo em sadismo oral e anal e podia vir a sublimar-se, transformando-se em pulsão de saber. Nessa concepção, todo ato de conhecer pressupõe uma certa cota de “domínio” sobre o objeto a ser conhecido (e talvez um certo sadismo – falamos, por exemplo, em “penetrar a matéria” a ser conhecida), e tanto o dinamismo oral quanto, principalmente, a pulsão sádico-anal, com seus desdobramentos do erotismo muscular, expressam os movimentos pulsionais que dão suporte ao ato de conhecer, pois será preciso segurar, manipular, abrir, dissecar e examinar o objeto a ser conhecido. Há sempre alguma violência no exercício do domínio, o que pode se desdobrar e sublimar na forma de conhecimento. Mesmo sublimada, contudo, há uma violência intrínseca ao ato de conhecer.

A partir desse horizonte teórico e da observação de crianças, Melanie Klein – muito próxima a Freud nesse momento inicial – começou a levantar suas primeiras hipóteses: nas crianças que apresentavam inibição intelectual e falta de curiosidade, o sadismo infantil não havia sido suficientemente tolerado para que pudesse vir a transformar-se, por meio de sublimações, em pulsão de saber. Essas crianças não tinham podido viver com a liberdade necessária a emergência de suas pulsões de domínio, inicialmente pré-sexuais. Depois, quando as pulsões de domínio já estariam ligadas às sexuais, tais crianças não haviam tolerado por tempo suficiente o próprio sadismo, recalando-o prematuramente. Klein chega a falar em uma “corrida contra o tempo” para que houvesse um maior aproveitamento do sadismo a ser transformado em pulsão de saber. Isto é, quando a repressão abatia-se muito cedo sobre o sadismo infantil, essas preciosas energias sexuais já não podiam mais ser aproveitadas pela sublimação de forma a transformar-se em curiosidade e desejo de saber.

Devemos sublinhar que, nos seus primeiros trabalhos, o sadismo e a sexualidade encontram-se ainda bastante entrelaçados, o que se pode verificar até os textos de 1926. Dessa data em diante, é como se Klein fosse ficando cada vez mais impressionada pela importância da destrutividade como força autônoma em relação à libido.

Podemos levantar duas razões para esse movimento de separação das pulsões. A mais óbvia é que ela havia abraçado completamente a idéia da pulsão de morte proposta por Freud em “Além do princípio de prazer” (1920), uma proposta que não fora muito acolhida em diversos círculos freudianos, mas que sempre contou com a aceitação entusiástica de Melanie Klein. Ela não só aceitava a noção de pulsão de morte (nos seus textos em inglês, aparece o termo *death instinct*, “instinto de morte”), como tinha necessidade de separar nitidamente a pulsão de morte das pulsões sexuais, pois precisava metodologicamente do dualismo pulsional, ou seja, de dois princípios claramente opostos para dar fundamento teórico ao dinamismo psíquico, sendo que Klein sempre foi estritamente freudiana no que diz respeito à ênfase na noção de conflito psíquico.

Mas a segunda razão é que ela precisava separar bem duas diferentes dinâmicas psíquicas ou modos do indivíduo relacionar-se aos objetos de amor. Suas observações clínicas a encaminharam a dar uma certa ênfase ao modo de relação das etapas pré-genitais, quando ainda não existe a capacidade de cuidar e preocupar-se com o destino do “outro”, que, aliás, ainda não é sequer reconhecido em sua existência autônoma e separada. Não podendo reconhecer direitos, necessidades ou desejos do objeto, este acaba sendo apenas algo a ser consumido e, portanto, destruído, ou algo a ser controlado e submetido. Nesse caso, vigora ainda uma “lei da selva”, aquela que ordena “pega, mata e come” — dinamismo que é associado por Melanie Klein ao predomínio da pulsão de morte.² Em oposição a essa “lei da selva”, poderá instalar-se, mais tarde, uma “lei da cultura e do social”, momento de reconhecimento do objeto como outro sujeito desejante, em que as pulsões libidinais pre-

2. Esse tipo de relação de consumo e apropriação do objeto será, mais tarde, chamado de “relação de objeto parcial”.

valecerão, e poderá desenvolver-se uma capacidade de reconhecer o outro como autônomo e como sendo um centro de subjetividade, com necessidades e desejos próprios. Podemos afirmar que o modo de relação que então se desenvolve tem como premissa o reconhecimento do outro humano como semelhante, e baseia-se em uma “lei da cultura” ou da sociedade humana. A plenitude dessa nova possibilidade, na qual predomina a pulsão de vida, é uma ocorrência tardia no desenvolvimento, mas os seus momentos iniciais surgem nos primeiros seis meses de vida. Ou seja, embora desde relativamente cedo haja algum entrelaçamento dos dois modos de se relacionar ao objeto, Klein precisava manter nítida a separação entre os dois. O primeiro modo de relacionar-se será, mais tarde, chamado de “relação de objeto parcial” e o segundo de “relação de objeto total”.

Essa dualidade “lei da selva”-“lei da cultura” reaparece sempre que se fala em complexo de Édipo. Há em toda a psicanálise uma constante referência à polaridade natureza/cultura e a consideração de que o complexo de Édipo celebra a passagem da natureza à cultura. Embora esses elementos não estejam nomeados dessa maneira nos escritos kleinianos, cremos poder ser útil pensar que, para essa autora, as etapas pré-genitais da sexualidade são regidas pela “lei da selva”, e o objeto de amor é fundamentalmente um objeto a ser consumido ou submetido. O que vai gradualmente chamando a atenção de Klein é que, mesmo nos primórdios da vida, há momentos fugidios em que a criança parece realizar um primeiro reconhecimento do outro materno como objeto total, e a autora acabará postulando que no desmame, isto é, no momento de perda (embora momentânea) do objeto primário, há uma primeira configuração mais nítida do objeto total, situando isso por volta dos seis meses de idade. É interessante lembrar que, também para Freud, o objeto se totaliza no momento mesmo de sua perda. Assim sendo, podemos, nesses primeiros textos kleinianos, associar a dinâmica pré-genital com a lei da natureza, e, do outro lado, vincular a passagem para a “cultura” (ou o regime social) com a primeira configuração do objeto total, que marca também o início do complexo de Édipo, impondo-se a necessidade de se fazer o luto pelo objeto perdido, para que ele seja então reconhecido como outro

semelhante e para que se venha a sentir culpa e preocupação em relação a ele. Frisamos esse aspecto porque esse raciocínio vai nos ajudar a entender o caminho pelo qual Melanie Klein chegou à hipótese do complexo de Édipo arcaico e à idéia de posição depressiva, o que será melhor explicado adiante.

Vamos sugerir o seguinte esquema, para aqueles que desejarem ler os primeiros escritos de Melanie Klein: suponhamos que a *relação de objeto parcial*, de um lado, e do outro, a *relação de objeto total*, isto é, aquela em que já existe um primeiro reconhecimento do outro como um outro sujeito desejante, sejam as polaridades que estão organizando as observações da autora nesses primeiros escritos. Por falta desses conceitos, ela costumava referir-se às relações de objeto parcial chamando-as de “pré-genitais”, e as relações de objeto total de “tendências genitais”.

Mas retornemos ao tema principal dos primeiros trabalhos de Klein, a inibição intelectual. Suas primeiras teorias sobre a inibição intelectual encontram-se nos seis textos iniciais da sua obra completa,³ mas foram sendo acrescidas de uma interessante teoria sobre o simbolismo, que se desenvolveu mais profundamente nos textos que vão de 1926 até 1931, principalmente em “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”, de 1930, e “Uma contribuição à teoria da inibição intelectual”, de 1931. Um estudo minucioso desse proto-sistema kleiniano pode ser encontrado na obra de Pétot,⁴ não cabendo aqui um aprofundamento maior. Entretanto, é preciso apontar que ela partiu de alguns trabalhos de Ferenczi e Jones, que faziam considerações sobre o interesse primordial pelo próprio corpo e colocavam a origem da capacidade de

fazer símbolos em uma curiosa necessidade de se estabelecer relações entre partes do corpo e aspectos do ambiente. Nessas teorias, sugere-se que, com base no erotismo do próprio corpo, haveria um transbordamento libidinal em direção ao mundo, sendo que a transferência de libido de partes internas a partes externas garantiria o *investimento* do mundo e em seus objetos e o *interesse* por eles. Nas palavras de Klein:

Ferenczi afirma que a base da identificação, um estágio preliminar do simbolismo, é o fato de que numa etapa inicial de seu desenvolvimento, a criança tenta redescobrir os órgãos de seu corpo e suas atividades em todo objeto com que se depara. Ao estabelecer uma comparação semelhante dentro de seu próprio organismo, ela provavelmente encontra na parte superior do corpo um equivalente para cada detalhe da parte inferior imbuído de importância afetiva. (Klein. *Obras completas*, v. I, p. 109)

Melanie argumenta que era o “valor de prazer” de certas partes do corpo da criança que conferia a elas um “significado simbólico-sexual”; este, por sua vez, era atribuído a partes do corpo da mãe, que adquiriam, assim, uma “equivalência simbólica” com o corpo infantil, baseada apenas nesse valor de prazer ou desprazer. Ora, esse já é um trabalho da imaginação: começa, assim, a idéia da construção de um mundo interno, pois é dessa rede de equivalências que surgirão os primeiros elos de ligação simbólica que, por sua vez, vão formar a primeira trama do “tecido” da fantasia. Temos aí, também, o germe do “objeto interno” (conceito essencial ao pensamento kleiniano), por exemplo, quando o prazer oral permite que boca e seio materno sejam equacionados (ou identificados) segundo seu valor de prazer e desprazer: isso cria os objetos internos, “seio bom” ou “seio mau”, representantes da experiência de prazer e desprazer no interior do psiquismo. Vale assinalar que essa ênfase na construção e no dinamismo dos objetos internos foi uma das grandes inovações kleinianas, e durante um certo tempo, já na década de 1930, alguns de seus adeptos se organizaram em um grupo de trabalho e estudos que se autodenominava “grupo dos objetos internos”.

3. O desenvolvimento de uma criança (1921), Inibições e dificuldades na puberdade (1922), O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança (1923), Uma contribuição à psicogênese dos tiques (1925), Princípios psicológicos da análise de crianças pequenas (1926).

4. J. M. Pétot. *Melanie Klein I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1987; ver, também, a dissertação de mestrado de Elisa Maria Ulhoa Cintra, *Ratões do pensamento kleiniano*, defendida no Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

Mas vejamos um pouco mais do proto-sistema kleiniano. Em 1923, em "O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança", ela considera que as sublimações primárias são a *fala* e o *prazer de movimentar-se*, originárias da transformação da pulsão de domínio em suas combinações com as pulsões oral, anal e do erotismo muscular. Depois que os componentes pulsionais transformam-se em prazer de falar e mover-se, poderão dar origem às outras transformações que a escola exige, como o aprendizado da escrita e da aritmética, e o desenvolvimento de coordenações motoras mais sofisticadas. Melanie Klein cria um modelo simples: todas as atividades do ego precisam de motivações sexuais para realizar-se, mas se, de um lado, essa força pulsional é necessária, de outro, o significado sexual atrai a angústia de castração, produzindo um curioso resultado. Imaginemos que a libido infiltrada nos interesses e nas atividades do ego possa ser inteiramente controlada por meio de inibições. A inibição intelectual seria um caminho direto para evitar a angústia de castração e permitiria fazer a economia do sintoma neurótico. O aparelho psíquico ficava estruturalmente alterado, como se tivesse sofrido uma abolição simbólica precoce, o que será mais tarde associado às psicoses. Percebe-se que, desde o início, a autora esteve preocupada em pensar mecanismos de defesa anteriores ou independentes do recalque (ou da "repressão", tal como aparece nos textos de psicanalistas ingleses), que ocasionavam uma espécie de "curto-circuito" nos processos de simbolização.

Mas passemos, agora, a uma das teses mais características do pensamento kleiniano, e que já começa a se formular nessa época. Estamos nos referindo aos estágios iniciais do complexo de Édipo.

O período entre 1926 e 1928 foi bastante fecundo para Melanie Klein: ela dedicou-se a pensar os seus "princípios da análise infantil", e participou de um simpósio sobre o assunto no qual esteve presente Anna Freud, o que permitiu uma série de polêmicas interessantes e a crescente consolidação de sua técnica psicanalítica do brincar, sempre enfatizada a importância de analisar a angústia e a culpa. Sobre seu estilo e seus procedimentos clínicos falaremos mais adiante. Por enquanto, basta-nos a constatação de que Melanie Klein defendeu a tese de que a situação analítica com crianças deve ser equivalente à de análise com adultos, tanto em termos da interpretação dos conflitos, quanto ao fato de crianças também

estabelecerem uma neurose de transferência com seus analistas. Esse período de grande criatividade culmina, em 1928, com a publicação de um de seus textos mais importantes: "Estágios iniciais do complexo edípico".

Já em 1926, Klein afirmara que o superego existia antes mesmo da resolução do conflito edípico, o que contrariava o que havia sido postulado por Freud, para quem o superego é o "herdeiro do complexo de Édipo". Esse superego primitivo, composto de identificações surgidas nas fases oral e sádico-anal, representava um grande peso para a criança, e uma das tarefas da análise de crianças era diminuir seu poder de constrangimento, suavizando-o. Essa seria, por exemplo, a condição para a superação das inibições intelectuais. A hipótese do superego arcaico já havia obrigado Klein a antecipar o início do complexo de Édipo para o começo do segundo ano de vida. Mais tarde, ela acabará por desvincular o surgimento do superego da questão edípica, seguindo algumas intuições ferencianas que postulavam uma "moralidade esfinteriana", anterior ao complexo de Édipo e, de fato, muito precoce.

Entretanto, nesse trabalho de 1928, mais importante que antecipar o início do conflito edípico é a compreensão do complexo de Édipo em seu plano mais metafórico e simbólico, isto é, como uma estrutura de *lugares cambiantes* e uma *dinâmica de inclusão-exclusão, presença-ausência*, o que torna possível constatar o complexo de Édipo desde a época do desmame, por volta dos seis meses de idade. Pensamos que a leitura atenta do texto de Freud "Inibição, sintoma e angústia" permite, com um certo grau de liberdade interpretativa, chegar à hipótese de um Édipo precoce. Levantaremos a hipótese de que as observações clínicas de Melanie Klein e uma cuidadosa leitura desse texto freudiano, além da contribuição das idéias de Ferenczi, abriram acesso a uma nova concepção do complexo de Édipo, que será mais tarde retomada, de modo diferente, por autores não-kleinianos, como Lacan.

A escolha do desmame como momento de surgimento do complexo de Édipo arcaico, momento que se caracteriza tão claramente como o da constituição do objeto como total, remete-nos inevitavelmente à insistência de Freud sobre alguns pontos que devem ter influenciado Klein na formulação de sua nova hipótese.

Mas vejamos um pouco mais do proto-sistema kleiniano. Em 1923, em "O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança", ela considera que as sublimações primárias são a *fala* e o *prazer de movimentar-se*, originárias da transformação da pulsão de domínio em suas combinações com as pulsões oral, anal e do erotismo muscular. Depois que os componentes pulsionais transformam-se em prazer de falar e mover-se, poderão dar origem às outras transformações que a escola exige, como o aprendizado da escrita e da aritmética, e o desenvolvimento de coordenações motoras mais sofisticadas. Melanie Klein cria um modelo simples: todas as atividades do ego precisam de motivações sexuais para realizar-se, mas se, de um lado, essa força pulsional é necessária, de outro, o significado sexual atrai a angústia de castração, produzindo um curioso resultado. Imaginemos que a libido infiltrada nos interesses e nas atividades do ego possa ser inteiramente controlada por meio de inibições. A inibição intelectual seria um caminho direto para evitar a angústia de castração e permitiria fazer a economia do sintoma neurótico. O aparelho psíquico ficava estruturalmente alterado, como se tivesse sofrido uma abolição simbólica precoce, o que será mais tarde associado às psicoses. Percebe-se que, desde o início, a autora esteve preocupada em pensar mecanismos de defesa anteriores ou independentes do recalque (ou da "repressão", tal como aparece nos textos de psicanalistas ingleses), que ocasionavam uma espécie de "curto-circuito" nos processos de simbolização.

Mas passemos, agora, a uma das teses mais características do pensamento kleiniano, e que já começa a se formular nessa época. Estamos nos referindo aos estágios iniciais do complexo de Édipo.

O período entre 1926 e 1928 foi bastante fecundo para Melanie Klein: ela dedicou-se a pensar os seus "princípios da análise infantil", e participou de um simpósio sobre o assunto no qual esteve presente Anna Freud, o que permitiu uma série de polêmicas interessantes e a crescente consolidação de sua técnica psicanalítica do brincar, sempre enfatizada a importância de analisar a angústia e a culpa. Sobre seu estilo e seus procedimentos clínicos falaremos mais adiante. Por enquanto, basta-nos a constatação de que Melanie Klein defendeu a tese de que a situação analítica com crianças deve ser equivalente à de análise com adultos, tanto em termos da interpretação dos conflitos, quanto ao fato de crianças também

estabelecerem uma neurose de transferência com seus analistas. Esse período de grande criatividade culmina, em 1928, com a publicação de um de seus textos mais importantes: "Estágios iniciais do complexo edipiano".

Já em 1926, Klein afirmara que o superego existia antes mesmo da resolução do conflito edípico, o que contrariava o que havia sido postulado por Freud, para quem o superego é o "herdeiro do complexo de Édipo". Esse superego primitivo, composto de identificações surgidas nas fases oral e sádico-anal, representava um grande peso para a criança, e uma das tarefas da análise de crianças era diminuir seu poder de constrangimento, suavizando-o. Essa seria, por exemplo, a condição para a superação das inibições intelectuais. A hipótese do superego arcaico já havia obrigado Klein a antecipar o início do complexo de Édipo para o começo do segundo ano de vida. Mais tarde, ela acabará por desvincular o surgimento do superego da questão edípica, seguindo algumas intuições ferencianas que postulavam uma "moralidade esfínteriana", anterior ao complexo de Édipo e, de fato, muito precoce.

Entretanto, nesse trabalho de 1928, mais importante que antecipar o início do conflito edípico é a compreensão do complexo de Édipo em seu plano mais metafórico e simbólico, isto é, como uma estrutura de *lugares cambiantes* e uma *dinâmica de inclusão-exclusão, presença-ausência*, o que torna possível constatar o complexo de Édipo desde a época do desmame, por volta dos seis meses de idade. Pensamos que a leitura atenta do texto de Freud "Inibição, sintoma e angústia" permite, com um certo grau de liberdade interpretativa, chegar à hipótese de um Édipo precoce. Levantaremos a hipótese de que as observações clínicas de Melanie Klein e uma cuidadosa leitura desse texto freudiano, além da contribuição das idéias de Ferenczi, abriram acesso a uma nova concepção do complexo de Édipo, que será mais tarde retomada, de modo diferente, por autores não-kleinianos, como Lacan.

A escolha do desmame como momento de surgimento do complexo de Édipo arcaico, momento que se caracteriza tão claramente como o da constituição do objeto como total, remete-nos inevitavelmente à insistência de Freud sobre alguns pontos que devem ter influenciado Klein na formulação de sua nova hipótese.

na bissexualidade constitucional, no texto de 1928 ela dirá que o menino “passa a ter o objetivo de penetração associado à posse do pênis” e “no caso da menina, por outro lado, o objetivo receptivo passa da posição oral para a genital”. Essas descrições podem aplicar-se a etapas posteriores do desenvolvimento, embora isso seja o que podemos considerar hoje, discordando de Melanie Klein. Quanto ao complexo de Édipo dos bebês, podemos pensar que todos foram, antes de mais nada, “penetrados” por cuidados maternos, e todos podem desenvolver fantasias ativas e passivas de penetração baseando-se nessas experiências precoces. Mas, de qualquer maneira, Klein captou o essencial, isto é, que a estrutura triangular e a realidade de um “terceiro excluído” iniciam-se muito antes da clássica idade presumida para o complexo de Édipo, aos três ou quatro anos.

A leitura do texto de 1928 revela que o modelo triangular “criança-experiência de satisfação-experiência de frustração” permitia pensar em complexo de Édipo desde a etapa oral. Nesse artigo, Melanie Klein assume a interessante atitude de falar em termos de “posição oral”, ou “anal”, ou “genital”, como se começasse a pensar que, na cena da fantasia, o sujeito ocupa diferentes posições em relação a seu objeto. A noção de “posição” será mais tarde adotada pela autora com um sentido algo distinto, e a ela retornaremos, pois se trata de um dos seus conceitos mais básicos e originais. No momento, ela afirma que, desde a “posição oral”, a criança estabelecia dentro de si a *imagem* devoradora, decorrente do seu próprio desejo de incorporação, voltado contra si mesma. Para Klein, era esse o método de construção do superego: ou seja, a partir de cada uma das “posições”, era o próprio movimento pulsional que, retornando contra si, provocava o depósito de uma primeira “camada” do superego. Ela chamava isso de “primeira camada identificatória” do superego, que seria formado por uma série de camadas, a primeira delas derivada de experiências de “devorar-ser devorado”. Essa primeira dimensão do superego acenava com a ameaça de ser devorado, ao passo que as outras camadas acenavam com o risco de ser paralisado, controlado, queimado, invadido ou penetrado, revelando os demais traços sádico-anais, uretrais e fálicos.

O que vai ficando claro ao longo desse texto de 1928 é que o ódio, a voracidade e a destrutividade dominavam o quadro durante as etapas pré-genitais, e por essa razão as “camadas” de superego que se formavam nas posições oral e sádico-anal resultavam necessariamente em um superego cruel. Fica também implícito que, quanto mais frustrada fosse a criança, mais cruéis seriam seus impulsos contra os objetos primários, resultando em um superego mais severo e cruel.

Se a identificação com a mãe ocorre principalmente em um estágio em que as tendências sádico-orais e sádico-anais estão muito acentuadas, o medo do superego materno primitivo leva à repressão e à fixação desta fase, interferindo no desenvolvimento genital posterior. (Klein. *Obras completas*, v. I, p. 322)

Essa passagem mostra que se, de um lado, o ódio e a destrutividade preponderavam nas etapas pré-genitais, de outro, o amor e a consideração estavam em alta na posição “genital”. Só podemos compreender essa divisão tão radical postulando que a relação de objeto que corresponde às etapas pré-genitais, configurando uma relação parcial, significa incorporação, posse, rivalidade e consumo, ao passo que a percepção do objeto total levaria ao desejo de cuidar dele e à preponderância do amor sobre o ódio. Nesse texto, a existência de alguma forma de *amor* pré-genital é quase indiscernível. Klein sempre fala das tendências orais e sádico-anais como ligadas ao desejo de roubar e destruir a mãe, ao passo que, quando as identificações se dão na posição genital, se assemelham com o que hoje chamamos de identificações secundárias, de caráter simbólico, nas quais predominam os traços maternos do cuidar e proteger — ou seja, parecem mais identificações com a função materna ou paterna.

O que sempre impulsiona a passagem de uma “posição” para a seguinte é a frustração vivida nas posições anteriores, e a busca de novos objetos de satisfação decorre do ódio sentido dos primeiros objetos. Nesse texto, o conflito entre tendências pré-genitais e genitais parece ser um precursor do que mais tarde será a oscilação entre a posição esquizo-paranóide e a depressiva, o que se verá melhor mais adiante.

Outro importante texto desse primeiro período é “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”, de 1930, inclusive porque é o seu primeiro caso clínico envolvendo uma psicose. Melanie Klein faz o relato do tratamento de Dick, uma criança psicótica: essa foi a primeira publicação de um caso *infantil* de psicose.

Nesse momento de sua obra, ela pensa que o excesso de frustração e de privação no início da vida, responsáveis pela intensificação do sadismo “em todas as fontes de prazer libidinal”, obrigavam à criação de mecanismos de defesa radicais, anteriores ao recalque (à repressão), que provocavam uma excessiva expulsão do sadismo. O sadismo expulso não podia ser sublimado sob a forma de desejo de conhecer e explorar o mundo, o que promovia uma paralisação da exploração do mundo e dos processos simbólicos – a chamada inibição intelectual. Ela vai perceber isso por meio do estado de indiferença em que se encontrava Dick, o garoto de quatro anos de idade cujo desenvolvimento afetivo e intelectual estava completamente comprometido quando a ela foi encaminhado.

Ele praticamente não apresentava nenhum sinal de adaptação à realidade, nem de ter estabelecido relações emocionais com o seu ambiente. Esse menino, Dick, não demonstrava muitos afetos e era indiferente à presença ou ausência da mãe ou da babá. Desde o início, ele raramente exibia algum tipo de ansiedade e quando isso ocorria, era numa quantidade excepcionalmente baixa. Não possuía quase nenhum interesse, com uma única exceção, a que voltarei mais tarde; também não brincava e não tinha nenhum contato com o seu ambiente. Na maior parte do tempo, limitava-se a juntar alguns sons de forma desconcatenada e repetia constantemente determinados ruídos. Quando falava, geralmente empregava o seu paupérrimo vocabulário de forma incorreta. Não se tratava apenas de uma incapacidade de se fazer entender: na verdade não tinha a menor vontade de fazer isso. (ibid., v. I, p. 253)

Costuma-se considerar que o mecanismo de defesa usado por Dick, isto é, a excessiva expulsão do sadismo, é um precursor do que futuramente será descrito sob o nome de “identificação projeti-

va”. Segundo esse mecanismo, consegue-se uma diminuição grande, embora momentânea, da ansiedade, fazendo-se com que o mundo pareça ora muito desinteressante, ora muito ameaçador e persecutório, uma vez que anuncia fazer retornar sobre o sujeito a agressividade projetada. O *excesso* de ansiedade ou a *falta* dela levam a um bloqueio do processo de simbolização; para que ele funcione bem, é preciso que haja níveis menores, mas não muito baixos, de ansiedade, e uma capacidade de suportá-la, o que, nos primeiros tempos, envolve a presença de uma mãe capaz de fazer o papel de *ego auxiliar*.

Para Melanie Klein, o primeiro objeto para onde se dirigem o sadismo e o desejo de conhecer é o corpo da mãe e seus conteúdos fantasiados:

As fantasias sádicas dirigidas contra o interior desse corpo constituem a primeira e mais básica relação com o mundo externo e a realidade. O grau de sucesso com que um indivíduo consegue passar por esta fase vai determinar até que ponto ele poderá ter acesso a um mundo externo que corresponde à realidade. (ibid., v. I, p. 252-3)

O corpo da mãe é a metáfora do primeiro ambiente da criança e, no caso de Dick, Melanie Klein pôde constatar que a mãe do garoto, uma pessoa bastante perturbada e incapaz de manter uma relação afetiva estável, havia sido especialmente incapaz de oferecer os cuidados maternos básicos ao menino. Se ainda não há no bebê um ego capaz de tolerar as angústias, nos primeiros tempos de vida a mãe tem de, necessariamente, funcionar como um ego auxiliar; se falhar, a criança fica à mercê de situações avassaladoras de angústia.

Assim o desenvolvimento do ego e a relação com a realidade dependem da capacidade do indivíduo de tolerar a pressão das primeiras situações de ansiedade, já num período muito inicial. (ibid., v. I, p. 253)

No caso dessa criança, em virtude das falhas maternas e das outras pessoas chamadas a substituir a mãe, os danos foram muito profundos e a formação de símbolos foi imobilizada. No fim desse texto, a autora conclui:

A defesa prematura e excessiva do ego contra o sadismo dificulta o estabelecimento da relação com a realidade e o desenvolvimento da vida de fantasia. A apropriação e a investigação sádica do corpo da mãe e do mundo externo (o corpo da mãe num sentido mais amplo) são interrompidas, o que causa a suspensão total ou parcial da relação simbólica com as coisas e objetos que representam o conteúdo do corpo materno e, conseqüentemente, da relação do indivíduo com o seu ambiente e a realidade. Esse retraimento se torna a base da ausência de afeto e da ansiedade, que é um dos sintomas da demência precoce. Nessa doença, portanto, a regressão iria até a fase inicial do desenvolvimento, em que a apropriação sádica e a destruição do interior do corpo materno, imaginadas pelo indivíduo em sua fantasia, são impedidas ou dificultadas por causa da ansiedade, juntamente com o estabelecimento da relação com a realidade. (ibid., v. I, p. 264)

Temos assim, até 1931, a constituição de esboços de um primeiro sistema teórico kleiniano, que permitiu a ela observar e fazer intervenções clínicas bem-sucedidas em crianças com diagnóstico de psicose.

O ano de 1932 e a publicação de *A psicanálise de crianças*

O livro *A psicanálise de crianças* foi muito importante para Melanie Klein, pois, até esse momento, ela havia publicado apenas artigos. O livro é, na verdade, uma coletânea de alguns escritos anteriores, um relato mais sistematizado de várias análises de crianças e, também, uma reunião das primeiras noções teóricas tipicamente kleinianas que começarão, por volta de 1935, a ser transformadas em um “sistema teórico” mais coerente.

Essa obra é dividida em duas partes principais: “A técnica da análise com crianças”, com sete capítulos, e “Situações de ansiedade arcaicas e seus efeitos sobre o desenvolvimento da criança”, com cinco capítulos. Um dos capítulos da primeira parte, “Fundamentos psicológicos da análise de crianças”, é uma versão

aumentada de um artigo publicado em 1926, no qual Melanie Klein discutira os princípios psicológicos da análise infantil, diferenciando sua abordagem daquela de Anna Freud e de outros analistas de crianças, como dr. H. B. Hug-Hellmuth. Um outro capítulo da primeira parte trata do caso de Erna, um relato grave de neurose obsessiva com fortes traços paranóides, que já havia sido discutido em uma conferência de psicanalistas alemães, em 1924. Nos demais capítulos, há um número considerável de relatos de casos clínicos de crianças entre dois anos e meio e 14 anos de idade, com as mais diversas patologias, desde neuroses graves até estados esquizóides, e um caso de esquizofrenia. Entre os 18 pacientes infantis, os casos de Peter, Ruth, Trude, Rita e Erna parecem ter oferecido as principais situações clínicas de onde Melanie Klein derivou suas teorias.

Nessa obra, é nítida a predominância da atenção da autora sobre os aspectos destrutivos e o plano das angústias mais arcaicas que encontram-se no foco de todas as atenções da analista; alguns anos mais tarde (em 1935), já se pode notar um aumento de ênfase sobre as pulsões de vida, e uma maior consideração da presença e dos efeitos do amor. Entretanto, os princípios técnicos da análise infantil estarão sendo definidos com clareza e permanecerão os mesmos ao longo de toda a obra de Klein, assim como o postulado de que toda angústia surge como um efeito da presença da pulsão de morte, o que é enfatizado pelos apresentadores de suas *Obras completas*:

Melanie Klein nunca alterou os princípios técnicos estabelecidos em *A psicanálise de crianças*, que se mantém como o trabalho de fundamentação a respeito da análise de crianças. Por esta época, ela já havia desenvolvido a sua própria concepção geral do funcionamento mental. O ego forma um mundo interno de figuras internalizadas, as quais, pelos processos de projeção e de introjeção, interagem com os objetos reais. Como resultado do sadismo para com seus objetos, o ego sofre de ansiedade, e sua principal tarefa arcaica é elaborar suas ansiedades que são de caráter psicótico e que aos poucos, à medida que o desenvolvimento se dá, se transformam em ansiedades neuróticas. (Klein. *Obras completas*, v. II, Nota Explicativa, p. 301)

Nesse livro – *A psicanálise de crianças* – aparecem as primeiras noções teóricas de maior alcance, como, por exemplo, a discriminação entre angústia persecutória e culpa, e a importância da transformação do superego arcaico em um superego desenvolvido, com sua forma acabada de consciência moral, capaz de experimentar o sentimento de culpa e tendo por pressuposto a capacidade de levar o outro em consideração.

A segunda parte do livro mencionado é uma expansão de sua descoberta dos estágios precoces do complexo de Édipo, e portanto retoma textos anteriores, aprofundando-os. A nota editorial do *Melanie Klein Trust* diz o seguinte:

Neste trabalho, também, pela primeira vez estão os pontos de vista de Melanie Klein sobre o masoquismo feminino, fobias e a culpa e tabus que cercam a masturbação e o incesto, e ela faz uma nova e intrincada exposição do desenvolvimento sexual do menino e da menina. (ibid., v. II, Nota Explicativa, p. 302)

Além disso, a partir desse livro de 1932, pode-se notar que, para Melanie Klein, o conflito entre pulsões de vida e pulsões de morte é o motor de todo acontecer psíquico, estabelecendo-se, assim, a base para o futuro desenvolvimento das idéias de posição esquizo-paranóide e posição depressiva, já que uma das premissas dinâmicas das posições é o conflito entre amor e ódio.

Os grandes textos das décadas de 1930, 1940 e 1950 e alguns conceitos fundamentais do pensamento de Melanie Klein

A década de 1930 e a posição depressiva

Após o livro de 1932, a que Melanie Klein fará referências ao longo de toda a sua obra, sugerindo muitas vezes que “tudo já estivesse ali” (o que não corresponde à verdade), nos anos seguintes, e até 1940, Melanie Klein escreveu dois textos muito

significativos, nos quais trabalhou intensivamente sobre o conceito de “posição depressiva”. Esses textos são “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”, de 1935, e “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”, de 1940. Antes de falar sobre esses dois trabalhos, seria interessante recordar que havia sido com base na análise de crianças pequenas que a autora havia descoberto a presença de sentimentos de culpa muito antes dos três e dos quatro anos. Essas observações analíticas levaram à hipótese de um superego precoce, formado pela introjeção das figuras edipianas arcaicas, atacadas pelo sadismo infantil e tornadas ameaçadoras mediante o retorno do sadismo sobre a própria criança. Até o ano de 1932, a angústia com tonalidade de medo e a angústia com tonalidade de culpa não eram ainda discriminadas entre si.

Desde o livro publicado em 1932, Klein começou a diferenciar, de modo mais nítido, a primeira forma de angústia – ligada ao medo – da segunda forma de aparição da angústia, que possui traços de sentimento de culpa. Entretanto, será apenas em 1935 que ela realizará a separação nítida entre a angústia persecutória e a depressiva.

Nos primeiros textos que postulavam a existência do superego precoce, o caráter sádico deste era explicado como derivação direta do sadismo da criança. Entretanto, apenas em seu trabalho de 1933, “O desenvolvimento inicial da consciência na criança”, ela usou, de maneira explícita, a noção de que a criança *projeta* sua agressividade sobre as figuras parentais e que a característica aterrorizadora do superego decorre de tal *projeção*.

O mecanismo de *projeção* será amplamente usado, a partir desse momento, para expressar essa participação dos afetos da criança em todas as formas de interação com o ambiente. A criança distribui ódio e amor sobre o ambiente e sobre as pessoas que encontra a seu redor. Nos primeiros tempos de vida, predomina o sadismo, e o superego se constrói por *introjeção* dos objetos edipianos impregnados do sadismo infantil, ou seja, pela introjeção dos objetos sobre os quais os afetos tinham sido projetados. Nesse texto de 1933, Klein discorre sobre as vantagens pessoais e sociais decorrentes da transformação do superego aterrorizador em

consciência moral benigna, capaz de limitar a insaciabilidade destrutiva e modificá-la, por meio de mecanismos sublimatórios. Logo fica claro que essa é a questão mais importante para a autora, mas qual é, exatamente, o caminho dessa mudança psíquica? O longo processo de transformação do superego arcaico em consciência moral só será melhor elucidado e aprofundado pela descrição detalhada do processo de assimilação de parte desse superego pelo ego, no qual os aspectos sádicos terão de sofrer uma unificação com as pulsões libidinais, modificando-se o superego arcaico e emergindo uma consciência moral e ética que envolve o reconhecimento do outro, com seus direitos e aspirações, e que permite a entrada nos regulamentos e nas leis impostos por uma comunidade social. Ora, esse processo nada mais é do que o que veio a se chamar depois “elaboração da posição depressiva”, cuja descrição vamos acompanhar por meio do estudo do artigo de 1935.

Passemos agora à apresentação da posição depressiva e sua elaboração no texto de 1935, “Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos”.

Nas *Obras completas* de Melanie Klein, publicadas pela Imago, há antes de cada um dos textos algumas notas explicativas, que podem ser usadas pelo leitor que deseja ser apresentado ao conteúdo geral daquele texto. No caso do texto de 1935, a Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa diz o seguinte: “Este artigo dá início ao período de sua obra em que Melanie Klein montou uma nova estrutura teórica”. A mesma nota oferece o seguinte resumo do artigo:

Resumidamente, a teoria postula que no primeiro ano de vida, em torno dos quatro aos cinco meses, ocorre uma mudança significativa nas relações de objeto do bebê, uma mudança da relação com um objeto parcial para um objeto total. Essa mudança coloca o ego em uma nova posição, onde consegue se identificar com seu objeto; assim, se antes as ansiedades do bebê eram de tipo paranóico e envolviam a preservação de seu ego, ele agora possui um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas sobre a condição de seu objeto. Ele passa a ter medo de perder o objeto amado bom e, além das ansiedades persecutórias, começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por

amor. A isso se relaciona uma mudança em suas defesas: ele passa a mobilizar as defesas maníacas para aniquilar os perseguidores e lidar com a nova experiência de culpa e do desespero. Melanie Klein deu a este grupo específico de relações de objeto, ansiedades e defesas o nome de posição depressiva. (Klein. *Obras completas*, v. I, p. 301-2)

Vamos comentar esta nota voltando a alguns pontos que havíamos começado a elucidar no item “A década de 1920” do presente capítulo. Em primeiro lugar, qual a diferença entre uma relação de objeto parcial e uma relação de objeto total? Nós acompanhamos o percurso de Melanie Klein quando ela postula que, nos primeiros meses de vida, o bebê se relaciona com o objeto de amor como um objeto a ser devorado e consumido: isso define uma relação de objeto parcial, ou seja, o objeto de amor não possui autonomia em relação ao corpo do bebê ou uma integridade própria, sendo visto como parte ou prolongamento daquele e como um pedaço do mundo a ser consumido ou rejeitado na justa medida das necessidades e desejos do bebê. Se estivermos pensando na mãe do bebê, ela não pode ser reconhecida como um sujeito autônomo, íntegro e desejante, configurando apenas “partes recortadas desta totalidade”, de forma a essas partes serem convertidas em objeto de consumo, do qual o bebê apodera-se para seguir vivendo. Por outro lado, na época do desmame, quando a criança tem um primeiro vislumbre da mãe como objeto total, poderá começar a levá-la em consideração, poderá começar a interessar-se pela sua preservação e a temer pelo seu desaparecimento, isto é, surgem os primeiros sinais de preocupação com o outro e de capacidade de cuidar dele.

O que nos diz o texto acima citado? “Essa mudança coloca o ego em uma nova posição, onde consegue se identificar com seu objeto.” Ou seja, o que os editores denominam identificação com o objeto total é o que vínhamos chamando da capacidade de reconhecê-lo como outro sujeito desejante, como ‘alguém a ser preservado e não consumido. Somente quando o bebê consegue identificar-se com o objeto é que surgem os primeiros sentimentos de culpa, pois para sentir culpa é preciso ter assumido, em relação ao objeto, essa nova *posição*. *Posição* é, então, isso mesmo que a

palavra expressa: uma nova colocação perante o objeto. Na posição paranóide, estar diante do objeto indicava o seu consumo e, inversamente, como veremos abaixo, o medo de sua perseguição, pois as partes excluídas ou maltratadas vinham a se tornar uma fonte de ameaças. Na posição depressiva, estar diante do objeto é antes de tudo reconhecê-lo como alguém que desejo preservar e que posso perder. Embora o conceito de fases da libido não tenha sido abandonado por Melanie Klein, a nova teoria que ela está construindo (e teoria, aqui, quer dizer o novo modo de olhar para um fenômeno) exige uma nova *posição* do olhar teórico e a criação de novos termos.

Voltemos ao texto da Nota Explicativa. Em sua nova posição, na qual o ego se identifica com o seu objeto, mudam os tipos de ansiedade que o bebê vai experimentar. Façamos um pequeno parêntese para comentar a tradução de *Angst* por ansiedade. O termo original em alemão, usado por Melanie Klein, é *Angst*, que foi traduzido para o inglês como *anxiety*. A tradução em português da palavra inglesa pode ser angústia ou ansiedade, indiferentemente; porém, nas obras completas pela Imago, a escolha de "ansiedade" respeita a sonoridade da tradução inglesa. Mas retornemos à questão da mudança do tipo de angústia sentida. Durante a vigência de uma relação de objeto parcial, o bebê sente angústia paranóide, que mais tarde será chamada de angústia persecutória: como ele projetou o seu sadismo sobre o objeto (recortando-o e esfaqueando-o, para consumi-lo), tem medo, sente-se perseguido pela ameaça de sofrer, por parte do objeto, os mesmos ataques sádicos que havia imaginado contra ele. Nessa angústia, a maior preocupação é com a preservação do próprio ego, o que pode ser entendido como um medo de aniquilamento. Entretanto, quando se torna capaz de ver o objeto como uma pessoa, começa a sentir angústia depressiva, que é mais complexa que a primeira, pois envolve o medo de ter feito danos ao objeto amado e do qual o bebê depende, e o medo de que ele morra ou desapareça. É uma angústia culpada, na qual se tem medo dos estragos produzidos no objeto de amor. Durante a posição depressiva, a angústia paranóide não desaparece, ou seja, o temor pela preservação do ego se vê acrescido de temores pela integridade do objeto. O texto da Nota Explicativa afirma que o bebê

possui agora "um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas", isto é, se antes predominava o sadismo e o desejo de devorar e incorporar o outro, agora o sadismo encontra-se contrabalançado por sentimentos amorosos e pelo desejo de preservar o objeto vivo. Isso é a *ambivalência*, a mistura de amor e ódio.

Esse é um ponto importante para quem está estudando os textos kleinianos em uma sequência histórica: emerge a percepção de que, nos primeiros 15 anos, a autora colocou uma ênfase muito maior sobre a destrutividade, e que foi a partir da teoria da posição depressiva (1935) que ela introduziu, com mais clareza, o conflito entre amor e ódio, e pulsões de vida e de morte.

Ao entrar na posição depressiva, o bebê "começa a sentir culpa pela sua agressividade contra o objeto, tendo o ímpeto de repará-lo por amor". A reparação é um mecanismo de defesa que Melanie Klein havia observado, nas sessões de análise, sempre que as crianças sentiam culpa pelos ataques imaginários a seus objetos de amor e desejavam devolver a eles a sua integridade ferida. Nesses momentos, é muito freqüente que as crianças façam desenhos, queiram colar e consertar os brinquedos quebrados e expressem com toda a clareza a aspiração ao bem-estar e à saúde das pessoas que amam.

É interessante recordar que há um texto de 1929, "Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criador", no qual Melanie Klein discorre longamente sobre o mecanismo de *reparação* valendo-se da análise de uma ópera de Ravel, cujo libreto, escrito por Colette, conta a estória de um menino que começa a querer destruir tudo o que está ao seu redor e, desde que vive o doloroso isolamento de todos, em um mundo que foi por ele destruído e fragmentado, sente o forte impulso de cuidar da pata ferida de um esquilo, momento em que suas tendências à reparação do objeto atacado revelam a profunda transformação do seu mundo de fantasias. Ainda voltaremos a discorrer com mais vagar a respeito da reparação que começa a ser ativada por meio das defesas maníacas. É uma antecipação de seis anos ao que veio a ser plenamente pensado e exposto por Klein em 1935.

Retornemos, então, a esse texto de 1935 sobre a posição depressiva e sobre a psicose maníaco-depressiva, sendo esta um dos resultados patológicos mais graves da má travessia da experiência organizada em termos da posição depressiva.

Já identificamos o ímpeto de reparar o objeto danificado, mas operações de reparação nem sempre ocorrem na medida necessária. Podem se tornar mais fortes e freqüentes as chamadas defesas maníacas. As defesas maníacas expressam o desejo de anular todos os ataques sádicos realizados na posição paranóide e devolver a vida e a integridade a todos os objetos atacados. Com a anulação mágica dos efeitos dos ataques sádicos, são dissolvidos, igualmente, os perseguidores. Essa é sempre a tese kleiniana, a de que o aparecimento de perseguidores conta com o suporte do próprio sadismo e, assim, se os efeitos dos ataques são revertidos pela defesa maníaca, em consequência o sujeito estaria se livrando da perseguição: as defesas maníacas o libertariam da culpa e do medo de aniquilamento.

Habitualmente, as crianças gostam de assistir a desenhos animados na televisão; neles, muitas vezes os personagens caem de grandes alturas, devoram-se, esfaļam-se e fragmentam-se, voltando, em seguida, rapidamente à sua condição íntegra e à vida. Pode-se dizer que as defesas maníacas têm essa mesma onipotência para desfazer a morte e anular, curando-os, todos os ferimentos. Há, nas defesas maníacas, sempre uma tentativa de negar e anular o desespero e a culpa que advêm da constatação de se ter destruído as coisas valiosas e necessárias para a própria sobrevivência e integridade do indivíduo; além disso, as defesas maníacas conseguiriam também livrar o indivíduo dos ataques vindos de fora, provenientes dos objetos amados danificados pelos seus próprios ataques sádicos, predominantes na posição paranóide.

A onipotência e a negação que estão implícitas nas defesas maníacas são formas de abolir tudo o que causa intenso desprazer. As defesas maníacas servem, então, para se contrapor e negar o mal-estar causado pelo medo dos objetos aterrorizadores (na posição paranóide) e/ou para se contrapor ao pesar, à culpa, ao sentimento doloroso de ter lesado os objetos (na posição depressiva). É a isso que se refere o texto dos editores quando se

fala em “mobilizar as defesas maníacas para aniquilar os perseguidores e lidar com a nova experiência de culpa e do desespero”. As defesas maníacas são, então, reguladoras da intensidade das paixões e emoções, permitindo uma necessária modulação destas. É claro que se na posição depressiva a tentação de acionar defesas maníacas é muito grande, e se devemos mesmo admitir que algumas defesas maníacas são inevitáveis diante de certas situações de muita dor e desespero, por outro lado é necessário que essas defesas maníacas possam ter sua força superada pelas atividades reais de reparação. Nestas, há uma possibilidade de sublimação muito mais desenvolvida: uma coisa é negar magicamente os estragos (em grande parte, fantasiados) no objeto amado, outra coisa é ser capaz de diferenciar a realidade da fantasia, os estragos reais dos imaginários e, efetivamente, aceitar a responsabilidade pelos primeiros, procurando reduzi-los ou remediá-los. Certas pessoas não conseguem alcançar esse nível de funcionamento psíquico, oscilando entre profundas depressões e desesperos, carregados de culpa e medo de aniquilamento e, de outro lado, sofrendo de estados maníacos completamente fora da realidade, negações radicais do mal, do sofrimento e da morte. Oscilam entra a “fossa” e a festa sem abrirem um caminho de contato com a realidade externa e com a realidade psíquica, e sem poderem efetivamente se engajar com responsabilidade em tarefas reparatórias de cunho ético e estético – a produção de obras de arte é um dos mais fortes exemplos da reparação bem-sucedida (o que se verá mais tarde em maior profundidade).

Durante os primeiros cinco anos de desenvolvimento, ocorre uma alternância muito característica entre posições paranóides e depressivas (embora, ao longo de toda a vida, sempre haja uma certa alternância entre as duas posições e isso faça parte da saúde mental). Melanie Klein considera que a elaboração da posição depressiva é o ponto mais importante do desenvolvimento infantil: nos casos mais bem sucedidos, ocorre a predominância da posição depressiva sobre a posição paranóide, o que significa ter havido uma firme introjeção do objeto bom, aspecto esse que será decisivo para determinar a capacidade de amar e de reparar. Sem isso, as defesas maníacas continuarão prevalecendo, e o retorno à posição paranóide será inevitável. Ora, o que significa introjeção do objeto bom?

A introjeção, ao lado da projeção, é um dos mecanismos de defesa mais fundamentais, e ambos são responsáveis pela constituição do aparelho psíquico e dos objetos internos. Introjeção e projeção são também mecanismos reguladores do prazer e desprazer do aparelho psíquico. Para formular esses conceitos, Melanie Klein inspirou-se no texto freudiano “A negação”, de 1925:

A função de julgamento tem de adotar, essencialmente, duas posições. Deve atribuir ou não atribuir uma propriedade a uma coisa e deve admitir ou recusar a existência de uma representação na realidade. A propriedade sobre a qual se decidir pode ter sido originalmente boa ou má, útil ou nociva. Expressa na mais antiga linguagem, isto é, a dos impulsos instintivos orais, a alternativa formula-se assim: “Eu gostaria de comer ou eu gostaria de cuspir aquilo”; e, em uma tradução mais abrangente: “Eu gostaria de introduzir isso em mim ou quero excluir aquilo de mim”. (Freud, 1925)

A introjeção do objeto bom é a colocação, para dentro do aparelho psíquico, de todas as experiências de prazer formando um registro dinâmico bem estabelecido, isto é, uma “reserva” interna de experiências de prazer que pode funcionar como uma garantia de acesso ao prazer e à segurança, aumentando a capacidade de se tolerar estados transitórios de privação ou frustração. Nessa medida, o *bom objeto* é mais que o mero registro das experiências de satisfação, pois tem uma eficácia e um dinamismo próprios. O *objeto bom* é, assim, o nome da experiência de satisfação introjetada e convertida em uma fonte de bem-estar e segurança, é o nome do que resulta da introjeção da experiência de encontro entre a necessidade da criança e o que o ambiente pôde efetivamente proporcionar a ela. Esse objeto bom introjetado será a fonte das pulsões de vida e do amor. Em contraposição, freqüentemente Melanie Klein fala de “objetos externos” para marcar a diferença que existe entre a mãe internalizada e a mãe que, como personagem exterior, continua sendo uma fonte de estímulos de prazer ou desprazer para a criança.

Vejamos agora o que Melanie Klein afirma sobre os objetos maus ou perseguidores internos:

Mas o bebê considera estes objetos “maus” por causa da agressão que projeta sobre eles, e não apenas porque frustram seus desejos: a criança os considera realmente perigosos – perseguidores que irão devorá-la, esvaziar o interior de seu corpo, cortá-la em pedaços, envenená-la – em suma, promover sua destruição de todas as maneiras que o sadismo pode inventar. Essas imagens, que são uma imagem distorcida de forma fantástica dos objetos reais em que estão baseadas, se instalam não só no mundo externo, mas também dentro do ego, através do processo de incorporação. (Klein. *Obras completas*, v. I, p. 304)

Nesse texto, vemos que a autora usa *imagos* como sinônimo de objetos internos, e fala da distorção “fantástica” dessas *imagos* em relação aos objetos reais em que se baseiam. Quando, em psicanálise, falamos de *imagos* ou *objetos internos* maus e bons, estamos em pleno domínio da fantasia.

É preciso, aqui, fazer um pequeno parêntese para tecer algumas considerações sobre a noção de fantasia inconsciente ou realidade psíquica, no pensamento kleiniano. Ela pondera que as fantasias são representantes psíquicas das pulsões libidinais e destrutivas com as quais a criança nasce. Na verdade, todas as pulsões (o termo em inglês por ela usado corresponde a “instintos”) manifestam-se sob a forma de fantasias inconscientes e inatas – ou *phantasias*, escrita de forma diferente para marcar a distinção entre esse nível inconsciente e o fantasiar diurno, os devaneios da vida de vigília e as fantasias que conscientemente reconhecemos. As *phantasias* correspondem e dão uma certa figurabilidade mínima aos objetos das pulsões. Nesse nível, a fantasia (manteremos daqui para a frente essa grafia mais simples) é originária; a criança nasce com a capacidade de criar fantasias que darão expressão a seus impulsos e suas reações instintivas. Para criar essa idéia de fantasia, Klein baseou-se na idéia freudiana de “realização alucinatória de desejo”, mas considerava que a criança já vem ao mundo com a capacidade de alucinar (e, portanto, fantasiar), ao passo que para Freud a alucinação era posterior a uma experiência de satisfação e de perda do objeto. Para Klein, embora a experiência possa enriquecer e tornar a fantasia mais elaborada, esta não depende da experiência para existir. Ao contrário, todas as experiências estão de algum modo predeterminadas pelo campo e pela dinâmica da

fantasia (os afrancesados diriam “pela fantasmática”) que ocorre desde sempre em nível inconsciente. Isso, de fato, não está distante da hipótese freudiana de uma fantasia originária, cuja procedência ele situa na filogênese. Melanie Klein acredita que as fantasias primitivas são experimentadas em sensações e mais tarde assumem a forma de imagens, mas não dependem de palavras, ainda que estas acabem sendo incorporadas aos roteiros e às cenas da fantasia. Cabe assinalar que a polêmica acerca das *phantasias* inconscientes esteve no centro das discussões entre Melanie Klein e os freudianos durante as disputas teóricas do final da década de 1930 e da primeira metade da década de 1940. A isso retornaremos adiante.

Depois desta digressão, voltemos aos perseguidores internos que povoam a vida de fantasia mais arcaica, pois são eles que constituem a *realidade psíquica* dos primeiros tempos de vida.

Melanie Klein considera que um dos métodos mais antigos de defesa contra essa dimensão aterrorizadora da realidade psíquica é a sua negação ou escotomização, o que leva a uma diminuição da interação entre mundo interno e externo, e a um fechamento sobre si mesmo do aparelho psíquico nascente. É isso que ocorre nas psicoses mais graves, como vimos no caso Dick, em cujo desenvolvimento haviam ocorrido várias inibições graves. A negação da realidade psíquica acaba levando a uma negação da realidade externa: essa defesa é um método poderoso para evitar o sofrimento psíquico, mas leva a uma inibição dos processos de introjeção e projeção, isto é, da própria dinâmica interacional que pode resultar no desenvolvimento psíquico. Podemos estabelecer uma comparação aproximada: do ponto de vista orgânico, inspirar e expirar é fundamental para que o primeiro metabolismo de trocas com o ambiente tenha início; ora, interromper ou diminuir o ciclo de introjeção-projeção seria equivalente a diminuir a respiração. A negação da realidade psíquica é uma estratégia de congelamento ou anestesia do funcionamento psíquico, que acaba sendo usada na posição paranóide, e mesmo na depressiva, sempre e quando a criança acha insuportável ser habitada e “mordida” por pulsões, tendências e angústias. Um outro método para defender-se dessa “abominável realidade psíquica” — considerada intrinsecamente “má”, por ser um acréscimo insuportável de estímulos e tensão —

é sumariamente projetá-la, expulsando-a de si próprio. O mecanismo de excisão é precisamente isso: promover uma cisão absoluta entre o bom e o mau e expulsar sumariamente o “mau”, aquilo que provoca incômodo ou exige um trabalho de acomodação. Esses mecanismos de defesa mais radicais (negação, excisão e projeção) produzem um alívio imediato, mas têm sempre a desvantagem de inibir a capacidade de conter e elaborar a realidade psíquica. Associamos a posição depressiva à possibilidade de conter e elaborar a realidade psíquica, por isso essa é uma posição tão importante para o desenvolvimento psíquico e para a criação da capacidade de amar e reparar. Sua dinâmica pode ser comparada a uma gestação: por meio do trabalho de elaboração da realidade psíquica é que se constitui o sujeito psíquico — trabalho, portanto, de gênese. Por outro lado, o que caracteriza a posição paranóide (que, mais tarde, será chamada de esquizo-paranóide) é uma dinâmica evacuativa de negar, projetar e expulsar a realidade psíquica, o que parece oferecer um alívio imediato, mas acaba gerando angústias persecutórias ou paranóides: todo o mal posto do lado de fora vem tornar ameaçador e persecutório o ambiente. Essas ansiedades são muitas vezes perceptíveis nas crianças quando estas manifestam medos diversos, como o medo de mágicos, bruxos, palhaços e bichos selvagens. As angústias paranóides, que, ao lado das angústias depressivas, Melanie Klein chama de angústias psicóticas infantis, podem ser enfrentadas pela criança por meio de mecanismos obsessivos como, por exemplo, o exercício do controle, que é sempre uma estratégia imaginária de imobilizar, prender e dominar a “maldade” que produz ameaça.

Melanie Klein propõe que, na posição paranóide, além de mecanismos obsessivos, defesas mais radicais — como a negação da realidade psíquica ou sua expulsão e projeção — são mobilizadas. Nessa posição, predomina a desconfiança na bondade dos objetos, e a capacidade de identificar-se com os objetos de amor é pequena, uma vez que as defesas estão organizadas para livrar-se rapidamente de perseguidores, que devem ser eliminados como se fossem fezes. Aliás, mesmo os objetos bons, por terem características ideais, são, com frequência, rapidamente transformados em perseguidores, e também precisam ser eliminados como detritos. Na

posição paranóide os objetos são quase sempre parciais e descartáveis, isto é, só interessam enquanto proporcionam satisfação; caso contrário, devem ser eliminados: eis por que são facilmente igualados às fezes. A relação do ego com esses objetos é fundamentalmente uma relação de desconfiança. É freqüente que as crianças apresentem dificuldades com a alimentação que tenham diminuída a sua capacidade de receber e acolher qualquer “oferta” do ambiente quando predomina essa dinâmica de desconfiança. Podemos associar todas as formas mais graves de inibição simbólica e das demais capacidades egóicas ao predomínio da posição paranóide, que está na base das psicoses.

Por outro lado, ao se começar a perceber o objeto como um todo, é possível identificar-se com ele e temer por sua perda, e a seguinte transformação começa a acontecer:

Quando a criança (ou o adulto) se identifica de forma mais completa com um objeto bom, os anseios libidinais aumentam; ela desenvolve amor e desejo vorazes de devorar esse objeto, e o mecanismo de introjeção é reforçado. Além disso, ela se vê impelida a repetir constantemente a incorporação do objeto bom (i.é, a repetição do ato tem o objetivo de testar a realidade dos seus medos e refutá-los), em parte porque teme tê-los perdido por causa de seu canibalismo e também porque tem medo dos perseguidores internalizados, precisando do objeto bom para ajudá-la a combatê-los. Nesse estágio, mais do que nunca, o ego é impelido pelo amor e pela necessidade de introjetar o objeto. (Klein. *Obras completas*, v. I, p. 306)

Nesse caso, predomina uma relação de confiança na bondade dos objetos, e o processo de introjeção do objeto bom converte-se na fonte de segurança e bondade que assegura a intensificação das trocas com o ambiente e o processo de desenvolvimento como um todo. O que torna difícil a instalação da nova dinâmica depressiva é que os processos típicos da posição paranóide continuam existindo; na verdade, como voltaremos a enfatizar mais tarde, as duas posições coexistem durante a vida toda, e essa coexistência é fonte de um perpétuo conflito.

Melanie Klein acredita que o sofrimento ligado à posição depressiva tende a jogar a pessoa de volta para a posição paranóide

pois é no momento em que introjeta o objeto como um todo que se torna capaz de dimensionar melhor o desastre

... criado pelo seu sadismo e principalmente pelo canibalismo. Só então ele sofre por causa disso (...). É preciso uma identificação mais completa com o objeto amado e um reconhecimento mais completo de seu valor para que o ego perceba o estado de desintegração a que o reduziu, e continua a reduzir. O ego então se depara com a realidade psíquica de que seus objetos amorosos estão num estado de dissolução – em pedaços. O desespero, os remorsos e a ansiedade oriundos dessa constatação estão por trás de várias situações de ansiedade. Para citar apenas algumas: há a ansiedade de como juntar os pedaços de maneira correta e na ocasião adequada; de como escolher os pedaços bons e jogar fora os maus; de como dar vida ao objeto depois que este foi montado; de ser perturbado durante essa tarefa por objetos maus e pelo seu próprio ódio etc. (ibid., v. I, p. 311)

No momento em que escreveu esse texto (1935), Melanie Klein postulava a existência de uma posição depressiva, de uma maníaca e de uma obsessiva. Com o passar do tempo, agrupou as três posições sob o nome de posição depressiva, dando-se conta de que, nas três, a angústia era sempre a mesma – angústia de perder o objeto bom introjetado – e que as diversas defesas (maníaca e obsessiva) eram diferentes estratégias para lidar com a mesma angústia, enquanto a capacidade de uma autêntica reparação não estivesse bem instalada.

É o momento de assinalarmos claramente que, a partir daí, sua concepção de “posição” ganha mais complexidade e, ao mesmo tempo, um caráter mais estrutural: cada *posição* abrange um certo tipo de angústia, bem como as diversas defesas mobilizadas para lidar com essa angústia e as relações de objeto que são características daquela posição.

Podemos também afirmar que a cisão entre “figuras excessivamente boas ou más” é o que caracteriza a posição paranóide, ao passo que o desenvolvimento da posição depressiva envolve a unificação e a relativização dessa “bondade” e “maldade”, conduzindo a *imagos* mais moderadas.

Por fim, podemos afirmar que a saúde psíquica e a capacidade de amar e reparar dependerão da elaboração da posição

depressiva, isto é, da maneira de lidar com a ambivalência fundamental, conseguindo-se por fim que prevaleçam os impulsos amorosos sobre o ódio. Entretanto, esse resultado não significa apenas uma vitória do amor sobre o ódio, mas que a introjeção consolidada do objeto bom interno equivale a um aumento de tolerância à frustração, o que quer dizer, ainda, um aumento de tolerância à própria realidade psíquica. Podemos usar a imagem de que, quando bem elaborada, a posição depressiva cria algo como um “espaço psíquico” onde os conflitos poderão ser enfrentados, elaborados (ou perlaborados, como queria Freud, o que significa “ser atravessados”). Pensamos que podemos associar a posição depressiva a uma dinâmica gestacional; à idéia de processo e de temporalização; à idéia de trabalho que leva à moderação e à relativização da intensidade do prazer e do desprazer; e a um aumento de capacidade de considerar a realidade psíquica e a realidade externa. Por outro lado, a posição paranóide fica associada às situações de gratificação e frustração intensas e imediatas, às operações defensivas radicais que envolvem rápidas oscilações entre tudo e nada, e bom e mau absolutos.

Em 1937, Melanie Klein e Joan Rivière, uma de suas mais lúcidas seguidoras, escreveram uma série de palestras sobre a vida emocional de homens e mulheres, que foram publicadas em um volume intitulado *Amor, ódio e reparação*. Joan Rivière falou sobre “Ódio, culpa e agressividade” e Melanie Klein sobre “Amor, culpa e reparação”. O texto kleiniano pode ser lido como uma aplicação menos técnica das idéias a respeito da posição depressiva à vida emocional em geral. O interesse desses textos é que apresentam considerações sobre a situação emocional do bebê, os conflitos com os pais, as escolhas amorosas, as amizades, a conquista da independência dos pais, o relacionamento amoroso feliz, questões ligadas à paternidade e à maternidade e as mais diversas dificuldades nos relacionamentos familiares, a criatividade associada à culpa e ao amor e o relacionamento consigo mesmo. Não há, porém, nesse material, endereçado ao público leigo, a emergência de novos conceitos. Um episódio criativo marcante ocorrerá, contudo, com a publicação, em 1940, de um novo texto, no qual se amplia e aprofunda a compreensão da posição depressiva e das vicissitudes que

podem ocorrer no seu atravessamento. Trata-se do texto “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos” (1940).

O aprofundamento da idéia de uma posição depressiva que abrangia os principais conflitos da vida psíquica infantil levou Melanie Klein a estabelecer relação entre essa posição e os processos de luto normal e anormal e os estados maníaco-depressivos, relações essas que elucidaremos abaixo. A elaboração bem-sucedida da posição depressiva envolve, como vimos, a unificação do amor e do ódio que a criança sente em relação aos pais e às outras pessoas significativas de sua infância, vale dizer, a capacidade de conviver com e — de uma certa forma — “superar a ambivalência” (sem nunca, porém, eliminá-la de todo).

Melanie Klein partia sempre da hipótese de que o início da vida era marcado pela presença de angústias arcaicas, de natureza psicótica. Elaborar angústias psicóticas é o núcleo da posição depressiva: leva a infância inteira, e deixa sempre uma parte da tarefa a ser terminada, para o resto da vida. De qualquer forma, elaborar angústias psicóticas é o que ela veio a chamar de “neurose infantil”, sugerindo uma visão da infância como um período de árduo trabalho psíquico, destinado a salvar a criança da psicose para a qual suas tendências naturais e suas experiências precoces poderiam levá-la:

A posição depressiva arcaica é expressa, trabalhada e gradualmente superada através da neurose infantil, isso é um elemento importante do processo de organização e integração que, juntamente com o desenvolvimento sexual, caracteriza os primeiros anos de vida. Normalmente, a criança passa pela neurose infantil e, entre outras realizações, estabelece gradualmente uma boa relação com as pessoas e a realidade. Afirmo que essa relação satisfatória com os outros depende da vitória contra o caos interior (a posição depressiva) e do firme estabelecimento dos objetos internos “bons”. (ibid., v. I, p. 390)

“Caos interior”. Retenhamos, por enquanto, essa expressiva maneira de falar do que se passa no mundo interno durante a posição depressiva. São descrições como essa que fizeram sucumbir o mito da infância feliz — tarefa, é bem verdade, já iniciada por Freud. Mas as cores que Melanie Klein imprime às suas descrições do *infantil* são muito mais assombrosas.

O texto de 1940 começa falando do luto em geral e citando Freud, lembrando que é preciso *tempo* para que se cumpra o processo de luto e para que a pessoa aceite a perda de alguém, conformando-se, assim, com o veredito da realidade. Aqui devemos sublinhar a questão do *tempo*. É preciso tempo, é preciso dar tempo, o tempo de toda a infância (e ainda é muito pouco), para elaborar o caos de emoções ambivalentes e aceitar, acolhendo-as e harmonizando-as, tanto a realidade psíquica quanto a realidade externa, com suas exigências, com seus inexoráveis vereditos. Transformar em cosmos o caos interior requer tempo, o tormentoso tempo da neurose infantil.

Também durante a infância celebram-se muitos lutos, pois não apenas criam-se vínculos como se inicia um quase interminável processo de separação dos pais, que visa conduzir à vida adulta e autônoma. Além disso, muita coisa precisa desaparecer: os sonhos de perfeição pessoal, a onipotência, os amores ideais, os devaneios em que tudo parece absoluto, grande, grandioso. Os ídolos e os ideais precisam morrer e renascer modificados. E o que dizer dos lutos de milhares de microferimentos ao longo de uma vida inteira, de todas as pequenas desatenções vividas ou imaginadas? Tais lutos terão de ser feitos e refeitos milhares de vezes ao longo da infância, e outras milhares de vezes pela vida (e pela análise), não apenas no momento em que ocorre uma perda por morte ou separação, mas porque a transitoriedade de tudo obriga, constantemente, a fazer o luto do momento presente para obter acesso ao momento seguinte. Sem dúvida, como já foi assinalado por alguns comentadores, Melanie Klein é a teórica das perdas, do luto e da melancolia não só como episódios contingentes e acidentais, mas como partes integrantes e indispensáveis da travessia existencial de cada um de nós. A saúde mental não significa escapar a esse destino, e sim, ao contrário, assumi-lo.

Freud já postulava que o complexo de Édipo era a crise fundamental da infância. Entretanto, atravessar o complexo de Édipo é realizar uma série de lutos e separações: é preciso renunciar à posse absoluta e exclusiva dos objetos de amor, é preciso aceitar substituições e remanejamentos. A intensidade dos afetos sexuais e da destrutividade tem de sofrer uma transformação por meio dos

chamados mecanismos de filiação. Será que a plenitude do amor sexual possessivo e com aspiração à exclusividade absoluta, ao ter de passar à ternura tépida do amor filial, não envolve morte e luto? Por outro lado, será que essas mortes não celebram também a conquista de um lugar no grupo social e na cultura, o acesso ao mundo simbólico e a toda uma série de possibilidades garantidas para o sujeito, inclusive a realização no amor sexual que foi interditado com relação às figuras parentais? O complexo de Édipo e a posição depressiva sempre estiveram associados, no pensamento kleiniano, como duas diferentes maneiras de abordar esse “nó cego” e nuclear da vida, que envolve temporalização e transitoriedade. Além disso, o complexo de Édipo implica sempre o complexo de castração, a passagem dos ideais absolutos para os ideais que podem ser realizados. Passagem do “tudo”, do “máximo”, para “alguma coisa”; do “sempre”, do “já”, do “neste mesmo instante”, para o “daqui a pouco”; do “eterno”, para aquilo que seja bom, que chegue a ser “infinito (mas) ... enquanto dure”. É a descoberta última da verdade amarga que se esconde atrás do complexo de castração: finitude, transitoriedade, morte.

Podemos, então, afirmar que é a inserção de todos os processos psíquicos no tempo e na transitoriedade que fazem da posição depressiva a “posição central do desenvolvimento infantil”, pois é por meio dela que, de certa forma, os bebês entram no rio do tempo e começam a aprender a lidar com esse terrível veredito da realidade que é a transitoriedade de tudo. Em todo processo de luto, há aceitação de uma morte e algum tipo de renascimento. Temporalização e constituição do sujeito. Morte, luto, renascimento: esse movimento cíclico é também a melhor metáfora do processo de constituição do sujeito.

A primeira emergência de uma posição depressiva é ao redor do desmame; ouçamo-lo nas próprias palavras da autora:

Afirmei naquele artigo que o bebê possui sentimentos depressivos que atingem seu clímax pouco antes, durante e depois do desmame. (É a primeira perda grande e significativa, capaz de re-significar a cesura do nascimento.) É esse estado mental do bebê que chamei de “posição depressiva” e sugeri que se tratava de uma melancolia em *statu nascendi*. O objeto que desperta

o luto é o seio da mãe, juntamente com tudo aquilo que o seio e o leite passaram a representar na mente do bebê: o amor, a bondade e a segurança. O bebê sente como se isso tudo estivesse perdido como resultado de suas incontrolláveis fantasias e impulsos destrutivos e vorazes contra os seios da mãe. (ibid., v. I, p. 388)

O que quer dizer “*uma melancolia em statu nascendi*”? Se, ao ser desmamado, o bebê sentir como se tudo estivesse perdido – o amor, a bondade e a segurança –, e que nada disso poderá *jamais* ser recuperado, e, ainda, que no lugar desses tesouros perdidos ficou uma terra desolada, gelada, inóspita e vazia... E se, à medida que a pessoa cresce, em vez dessa sensação ser transitória e passageira, for ela persistindo imutável, retirando-lhe a vontade de viver, instalando a sensação de que nenhuma coisa tem valor, dando início a um interminável desejo de depreciar tudo, de degradar, de ir diminuindo a importância, o valor de cada coisa, aflorando um irresistível desejo de reclamar, falar mal de tudo, achar que nada vale a pena... Não é isso uma melancolia em *statu nascendi*?

Melanie Klein afirmava que as pessoas adoecidas de melancolia ou estados maníaco-depressivos, ou ainda as que atravessam um luto anormal, têm em comum um fracasso na sua capacidade de fazer lutos, isto é:

... têm em comum o fato de não terem conseguido estabelecer seus objetos “bons” internos no início da infância e de não se sentirem seguros no seu mundo interior. Eles nunca chegaram a superar a posição depressiva infantil. (ibid., v. I, p. 412)

Estabelecer seus objetos bons internos é, então, a condição necessária para atravessar com sucesso os primeiros processos de luto que compõem a posição depressiva e – aprendendo bem a lição – conseguir atravessar os outros milhares de lutos que a vida vai exigir que se enfrente. Esse aprendizado começa sempre em casa, isto é, com uma internalização pacífica e harmoniosa dos pais:

O bebê, tendo incorporado *os pais*, sente como se eles fossem pessoas vivas dentro de seu corpo, da mesma maneira concreta que profundas fantasias inconscientes são vividas – na sua mente, eles são objetos “internos”, como passei a chamá-los.

Assim, se constrói um mundo interior na mente inconsciente da criança, mundo que corresponde às suas experiências reais e às impressões que recebe das pessoas e do mundo externo, que no entanto são alteradas pelas suas próprias fantasias e impulsos. Quando se trata de um mundo onde as pessoas estão predominantemente em paz umas com as outras e com o ego, o resultado é a harmonia, a segurança e a integração interna. (ibid., v. I, p. 388, grifos nossos)

Observem aqui a capacidade de Melanie Klein tornar visíveis processos tão intangíveis: “Sentir os pais como se fossem pessoas vivas dentro de seu corpo da mesma maneira concreta que profundas fantasias inconscientes são vividas”. Isto é, se esses pais “internos” se amam, se vivem em harmonia, desse mundo interior brota, de forma viva, um princípio de ordenação que ajuda a transformar o caos interior em cosmos. Por outro lado, se estão em guerra, em litígio, o caos se adensa e se aprofunda. Melanie Klein afirma que toda forma de prazer sentida junto à mãe e ao pai é uma garantia de que o objeto de amor interno

... não está ferido nem se transformou numa pessoa vingativa. O aumento de amor e confiança, acompanhado pela redução do medo através de experiências felizes, ajuda o bebê a vencer gradualmente sua depressão e sentimento de perda (luto). Ele permite que o bebê teste sua realidade interna através da realidade externa. Ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas, sua confiança na bondade dos outros e de si mesmo é fortalecida. Aumenta a esperança de que os objetos “bons” e o seu próprio ego possam ser salvos e preservados, ao mesmo tempo em que a ambivalência e medos agudos da destruição interna diminuem. (ibid., v. I, p. 389-90)

Estas citações permitem deduzir a importância da contribuição do ambiente para a saúde psíquica da criança. No caso – e isso nos ajuda a entender a noção de “bom objeto internalizado” –, o que importa é a relação com o casal parental, ou seja, o que deve ser internalizado como bom objeto é uma dupla fecunda e relativamente harmoniosa. Isso nos remete à questão das relações entre a boa passagem pela posição depressiva e a boa solução da situação edípica, tema a que retornaremos adiante.

Quando lemos Melanie Klein, temos, em alguns momentos, a impressão de que, para ela, tudo o que é essencial brota de dentro da realidade psíquica, de dentro das pulsões ou dos instintos ou das *phantasias* originárias – tudo já estava lá dentro da criança, desde sempre. Essas interpretações estão de acordo com seu jeito inicial de pensar, mas, à medida que esse pensamento foi amadurecendo, Klein foi conferindo mais importância aos ingredientes que vinham do ambiente da criança: “ao ser amado e sentir prazer e conforto junto a outras pessoas”.

Vejamos como a autora descreve a situação de caos interno ampliado:

Na criança pequena, as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente a falta de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança e confirmam as ansiedades a respeito da aniquilação interna e a perseguição externa; além disso, retardam ou interrompem permanentemente os processos benéficos através dos quais se atinge a segurança interna a longo prazo. (ibid., v. I, p. 390)

As experiências de “contato íntimo e feliz” são, portanto, decisivas para equilibrar a tendência mais “paranóide” do psiquismo nascente. Na posição paranóide, trabalha-se em uma dinâmica “pré-conflitual”, isto é, quando os perseguidores aparecem, são acionados mecanismos de defesa radicais e os maus objetos são sumariamente eliminados, abolindo-se o conflito. Talvez resida aí a atração pelos filmes de super-heróis, que com seus superpoderes conseguem executar com exatidão essa dinâmica “evacuativa”. É fácil atacar e matar os inimigos, eliminando todos os objetos perseguidores. Por outro lado, quando emerge a posição depressiva, além da manutenção da guerra “paranóide”, instalam-se a culpa, o medo de destruir, o pesar de já ter destruído e uma interminável lamentação pela perda dos “bons tempos de antanho”, quando a satisfação era mais plena e mais imediata. Nessa posição, começam realmente a ser vividos os conflitos, uma dinâmica na qual de fato tem início o confronto entre amor e ódio. É a posição para onde confluem todos os medos, angústias, sentimentos e defesas: é isso o “caos interior”. É claro que isso não acontece apenas com o bebê

no momento do desmame, mas nas múltiplas situações da vida adulta – quando, por exemplo, alguém está aflito, angustiado com o fato de ter machucado a pessoa que ama, desolado com a perspectiva de “ter estragado tudo”; ou, então, alguém terminou um relacionamento e, passado um tempo, entra em desespero para reconquistar a pessoa abandonada, que já foi embora. É um estado de sofrimento intenso, de desejo que pulsa desassossegado, é um penar. Melanie Klein fala “dos sentimentos de pesar e preocupação pelos objetos amados, o medo de perdê-los e o desejo de recuperá-los”, dando a este último aspecto o nome de “anseio pelo objeto amado”.

Anseio? Sim, é anseio também. O termo em inglês que corresponde a “anseio”, *pining*, pode ser traduzido ainda por “penar”, tradução mais poética e mais exata que “anseio”, pois contém a idéia de um penar, de uma dor aguda entrelaçada a um desejo insatisfeito. Penar é sofrer pelo objeto amado; isso pressupõe que se dê a ele muita importância, muito valor. É por essa razão que as defesas maníacas, existentes para diminuir esse penar (anseio), envolvem sempre algo como deprecição, retirada de valor e de importância, diminuição de valor do objeto desejado. São estratégias de menosprezo que visam exercer controle sobre a excessiva importância e os sentimentos de pesar, penar e preocupação pelo objeto amado.

Na posição depressiva, as defesas maníacas muitas vezes manifestam sua onipotência por intermédio da micromania – isto é, da estratégia de diminuir a importância e o valor dos objetos amados (como a raposa diante das uvas inacessíveis) – e, outras vezes, da megalomania, ampliando ao máximo e de forma mágica a capacidade de restaurar, reparar e consertar todos os estragos feitos pelo sadismo. É preciso negar de maneira onipotente a força da destrutividade e ao mesmo tempo engrandecer e idealizar os poderes de reparação: as defesas maníacas realizam esse trabalho de negação da própria destrutividade e, ao mesmo tempo, enfraquecem os laços de dependência em relação ao objeto amado, conquistando uma certa autonomia para o ego, que também é um ingrediente necessário ao desenvolvimento. A lição que se pode tirar daí é que tanto a ligação afetiva com um objeto amado, quanto a autonomia

do indivíduo e uma certa capacidade para estar só são critérios de saúde psíquica. Então, esse eterno temperar e modular das ligações e das separações, toda a capacidade de estabelecer e desfazer vínculos do sujeito está sendo forjada ao longo da posição depressiva e da neurose infantil, e continua a ser elaborada pelo resto da vida.

Aliás, o melhor exemplo de que a elaboração da posição depressiva infantil tem de ser reiniciada, sobretudo em momentos de perda significativa, é trazido nesse texto de 1940 – “O luto...” –, por meio do caso da sra. A – que, desconfiamos, seria a própria Melanie Klein, chorando a morte do filho mais velho, vitimado por um acidente nas montanhas. É tocante vê-la relatando as várias etapas desse processo de luto. Ela afirma que a dor pela perda da pessoa amada é aumentada pelo temor de se perder as reservas internas, os objetos internos bons. O processo do luto é um esforço de reinstalar, sob a forma de um bom objeto, a pessoa que se perdeu – o que é difícil no início, pois a perda provoca um aumento da persecutoriedade, do sentimento de estar sendo roubado, lesado e abandonado. Ao entrar no processo de luto, a pessoa produz uma reedição de todos os processos de luto da vida, principalmente aqueles relativos às primeiras separações dos pais.

A meu ver, porém, o indivíduo não só joga para dentro de si (reincorpora) a pessoa que acaba de perder, como também reinstala os objetos bons internalizados (em última análise, os pais amados), que se tornaram parte de seu mundo interno desde as etapas mais arcaicas de seu desenvolvimento. Tem-se a impressão de que estes também foram destruídos sempre que se passa pela morte de uma pessoa querida. Como consequência, a posição depressiva arcaica é reativada, juntamente com as ansiedades, a culpa e os sentimentos de perda derivados da situação da amamentação, da situação edipiana e de todas as outras fontes. No meio de todas essas emoções, o medo de ser roubado e punido por ambos os pais temidos – ou seja, a sensação de perseguição – também volta a ganhar força nas camadas profundas da mente. (ibid., v. I, p. 396)

A pessoa enlutada sente que o mundo interno, no que tem de mais sólido e assegurador, está em perigo de desmoronar:

Assim como a criança pequena que passa pela posição depressiva está lutando, na sua mente inconsciente, para estabelecer e integrar seu mundo interno, a pessoa de luto também sofre a dor de restabelecê-lo e reintegrá-lo. (ibid., v. I, p. 397)

Ou seja, no luto normal as angústias psicóticas são reativadas e a pessoa vive um estado maníaco-depressivo transitório, que pode ser superado repetindo-se o mesmo processo que a criança viveu ao atravessar a posição depressiva.

No processo de luto normal, há momentos em que a pessoa nega a importância e a dor da perda, e outros em que pode dar livre curso à sua dor e chorar aquela perda. Diminuir a dor é o resultado das defesas maníacas, e quando estas estão agindo produzem um sentimento de *triunfo* sobre o objeto, o que significa a celebração de um sentimento de superioridade sobre o outro; ou seja, no caso de perda por morte, um contentamento de que tenha sido o outro, e não a própria pessoa, a ter morrido. O triunfo acontece mesmo quando o objeto é muito amado, ou até por ser muito amado, pois, em um primeiro momento, é preciso negar o impacto e o significado da perda. Se persiste o sentimento de triunfo, isso quer dizer que predominam o ódio à pessoa que partiu e o sentimento infantil de ter sido por ela abandonado. Esse complexo de ressentimento e raiva vai retardar o processo do luto, originando sentimentos de perseguição e o medo de que a pessoa que partiu esteja desejando a morte de quem ficou. Isso impede que aconteça a idealização de quem morreu, processo necessário para diminuir ou anular a sua periculosidade. É justamente por isso que os mortos, em um primeiro momento, costumam ser “santificados”. Por outro lado, a idealização de quem morreu, e o consequente aumento dos sentimentos positivos em relação a essa pessoa, permitem que o luto prossiga novamente, no sentido de aceitação da perda e instalação do objeto perdido no ego, única saída para superar a dor da perda.

Como já sabemos, o indivíduo de luto obtém um grande alívio ao recordar a bondade e as boas qualidades da pessoa que acaba de perder. Isso se deve em parte ao conforto que sente ao manter seu objeto amado temporariamente idealizado. (ibid., v. I, p. 398)

Quando os sentimentos de persecutoriedade diminuem e a pessoa pode chorar a sua perda, resgata ela também o sentimento de amor em relação à pessoa perdida, e é esse sentimento de ser capaz de amar quem se foi o que vai ampliar a segurança sentida com relação a seu mundo interno, momento em que “os sentimentos e os objetos internos voltam a ganhar vida, os processos de criação têm início e a esperança surge novamente” (ibid., v. I, p. 402). É muito comum que a volta à vida dos objetos internos corresponda a uma intensificação do desejo de criar, escrever, pintar.

Há uma estória contada por Isabel Allende, no seu livro *Afrodite*, que exemplifica a chegada a bom termo de um doloroso processo de luto. Depois da perda da filha, Paula, Isabel Allende entrara em um luto que já durava três anos, tendo perdido o interesse e o apetite pela vida. Em determinado momento, no entanto, teve um sonho no qual mergulhava em uma piscina de arroz-doce, uma de suas sobremesas preferidas desde a infância. Esse sonho marca o reaparecimento de uma lembrança forte de sabor, que pontuou o renascimento de seu interesse pela vida. A partir desse momento, Isabel Allende começou a pesquisar a respeito de alimentos, perfumes e substâncias afrodisíacas, e um novo livro principiou a tomar forma, por meio do qual celebrava o seu retorno à vida.

Quando o sofrimento é vivido ao máximo e o desespero atinge seu auge, o indivíduo de luto vê brotar novamente seu amor pelo objeto. Ele sente com mais força que a vida continuará por dentro e por fora, e que o objeto amado perdido pode ser preservado em seu interior. Nesse estágio do luto, o sofrimento pode se tornar produtivo. Sabemos que experiências dolorosas de todos os tipos às vezes estimulam as sublimações, ou até despertam novas habilidades nas pessoas, que começam a pintar, escrever ou iniciam outras atividades produtivas sob a pressão das frustrações e adversidades. Outras se tornam mais produtivas de uma maneira diferente: mais capazes de apreciar as coisas e as pessoas, mais tolerantes na sua relação com os outros, elas se tornam mais sábias. Em meu ponto de vista, obtém-se esse enriquecimento através de processos semelhantes às etapas do luto que acabamos de estudar. Isto é, qualquer dor trazida por experiências infelizes, qualquer que seja sua natureza, tem algo em comum com o luto. Ela reativa a posição depressiva infantil; a

superação de qualquer tipo de adversidade envolve um trabalho mental semelhante ao do luto. (ibid., v. I, p. 403)

A reconstrução do mundo interior e da capacidade de interessar-se novamente pelas pessoas e pelo mundo é a marca do luto bem-sucedido, e muitas vezes envolve a criação de uma obra artística, científica ou literária. Há vários relatos desse remanejamento do amor que antes era dirigido à pessoa que partiu. O próprio Freud relata ter se dedicado à elaboração de *A interpretação dos sonhos* depois da morte de seu pai.

Melanie Klein mostra, dessa maneira, que o luto é um processo de aprofundamento da relação do sujeito com seus objetos internos. Se, no início, a impressão é de caos absoluto, de que o mundo interno se despedaçou e destruiu, há depois uma intensa alegria e uma esperança vitalizante, quando os objetos internos bons são recuperados e reinstalados no mundo interno, que parece então renascer das cinzas. A reinstalação dos bons objetos internos — não apenas a pessoa que acabou de partir, mas todos os objetos bons desde a infância — produz um sentimento de renovação que está associado à recuperação da capacidade de amar, interessar-se e investir no mundo depois da longa hibernação do luto.

É isso, fundamentalmente, o que o melancólico e o deprimido não conseguem fazer.

Para encerrar esta exposição do texto de 1940, podemos dizer, antecipando o que será mais desenvolvido quando falarmos da clínica kleiniana, *que a análise é um dispositivo construído para reativar e favorecer os processos de luto*. O constante trabalho de perlaboração do ressentimento e das mágoas vividas na infância, e depois dela, permite que o paciente vá resgatando as boas experiências que ficaram soterradas pelo pesar, o sofrimento, a culpa e a desconfiança oriundas da posição paranóide e da posição depressiva. Com frequência, é somente depois da revisão repetida às inúmeras mágoas e aos ressentimentos que são conquistados novos *insights* e assumidas novas *posições* com relação às catástrofes infantis. A companhia silenciosa do analista, alguém que percorreu antes seus próprios caminhos de luto e atravessou suas próprias catástrofes, lembra a importância do mundo exterior e seus aportes para encaminhar o luto a seu termo.

Como já indiquei, a maior confiança da Sra. A nas coisas e nas pessoas reais, assim como a ajuda que recebeu do mundo externo, contribuíram para o relaxamento do controle maníaco sobre o mundo interno... As lágrimas que agora chorava eram até certo ponto as lágrimas que seus pais internos derramavam, e ela queria recomfortá-los da mesma maneira que eles — em sua fantasia — também a recomfortavam. (ibid., v. I, p. 402)

A década de 1940 e a posição esquizo-paranóide

Em 1946 virá à público um dos mais importantes trabalhos de Melanie Klein, um texto que significou um efetivo aprofundamento de sua compreensão dos momentos mais iniciais da vida de um recém-nascido, se acentuarmos o viés histórico e a dimensão do desenvolvimento. Como se verá a seguir, contudo, não se trata apenas de compreender melhor os estágios mais precoces da constituição do psiquismo, suas angústias e seus mecanismos e estruturas, suas defesas e sua dinâmica. Na verdade, esta “camada” do nosso funcionamento mental nunca é totalmente superada, embora venha a perder com o tempo, se os processos psíquicos e as interações com o ambiente se dão de forma saudável, a sua predominância. Mas eles sempre corresponderão a uma das matrizes das experiências de um indivíduo, mesmo adulto e relativamente “normal”. Estamos nos referindo à posição esquizo-paranóide que vem a ser, junto com a posição depressiva analisada nos textos de 1935 e 1940, uma das dimensões do *infantil* na sua permanência e irredutibilidade e que opera na mente do homem independentemente de sua idade. Poderíamos mesmo dizer que a posição esquizo-paranóide é a dimensão do *infantil* no que tem de mais arcaico e menos elaborado, algo que já fora intuído desde os primeiros trabalhos na década de 1920, mas só agora é objeto de uma teorização rigorosa.

O texto a que nos referimos é “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” (1946).

Até 1946 Melanie Klein havia estabelecido duas posições fundamentais que ocorriam durante o curso do desenvolvimento: a posição paranóide e a depressiva. Na posição paranóide, a angústia

predominante é o medo de ser aniquilado ou devorado e a preocupação dominante é com a preservação do ego. Esta posição seria aquela que caracterizaria os primeiros meses de vida, momento em que predominam o sadismo e os ataques sádicos contra o corpo da mãe, a dimensão destrutiva da voracidade. Os mecanismos de defesa usados são a cisão, a projeção e a negação da realidade psíquica. A violenta expulsão do sadismo havia sido chamada de excisão e é considerada uma primeira formulação do que veio a ser considerado em 1946 como o mecanismo de identificação projetiva.

Na edição das *Obras completas*, vamos ler um trecho da Nota Explicativa da Comissão Editorial Inglesa:

... em “The importance of Symbol Formation in the Development of the Ego”, levou essa idéia muito adiante e, sem usar as palavras “cisão” ou “projeção”, descreveu a expulsão de partes do *self*. Sugeriu que a primeira defesa do ego contra a ansiedade não é a repressão, que vem mais tarde, e sim a expulsão — uma expulsão violenta do sadismo tanto para aliviar o ego como para atacar os objetos persecutórios. Todas essas idéias mais antigas fazem parte do conceito mais amplo de *identificação projetiva* que Melanie Klein introduz no presente artigo. *Identificação projetiva* é um nome genérico para um número de processos distintos e ainda assim relacionados, ligados à cisão e à projeção. Melanie Klein mostra que a principal defesa na posição esquizo-paranóide é a identificação projetiva e além disto que a identificação projetiva constrói as relações de objeto narcisistas características desse período, onde objetos são equacionados com partes excindidas e projetadas do *self*. (Klein, *Obras completas*, v. III, p. 18)

Melanie Klein preocupava-se em estudar e descrever os mecanismos de defesa que antecederiam o recalque (a repressão). O movimento de “expulsar de si o sadismo para aliviar o ego” presente na identificação projetiva parece conter um “grito de socorro” do ego imaturo endereçado ao seu ambiente. Sendo ainda tão precário e vendo-se assaltado por pulsões tão violentas, o ego arcaico não encontra outro caminho senão enviar “partes do seu *self*” (aqui “*self*” abrange um conglomerado primitivo “ego-id”) ao ambiente, para que este ambiente providencie algum tipo de processamento destes seus aspectos “insuportáveis”. Aqui percebe-se também a

concepção, diferente da de Freud, de que não há projeção apenas de pulsões, mas toda projeção envolve alguma "perda" do ego que viaja junto com as pulsões para fora. Esta dimensão do ego que viaja para fora junto com as pulsões é o conjunto de identificações ligadas ao desejo de destruir, é o ego violento, destruidor que é assim eliminado. Isto levará Melanie Klein a falar de um empobrecimento do ego quando ocorre um uso exagerado da identificação projetiva.

Podemos afirmar que os aspectos mais patológicos deste tipo de estratégia evacuativa derivam de seu uso excessivo, pois é inquestionável a necessidade de um certo *quantum* de identificação projetiva por parte do ego arcaico.⁶ Outro aspecto doentio que podemos associar à posição esquizo-paranóide é a criação de um estado muito persistente de isolamento e retraimento em relação ao ambiente, isto é, um fechamento narcísico excessivo. Entretanto, será apenas na época de elaboração do texto *Inveja e gratidão* (1957) que Melanie Klein poderá diferenciar com maior precisão os aspectos mais normais e os mais patológicos da posição esquizo-paranóide.

Um ponto importante é que o mecanismo de identificação projetiva, inicialmente descrito como o protótipo de uma relação de objeto agressiva, será, com o tempo, desdobrado em uma série de mecanismos diferentes, nos quais há sempre participação de cisão e projeção, mas que terão diferentes funções; e, além disto, serão diferenciados em formas mais "normais" ("estruturantes") ou "anormais" ("desestruturantes"). A identificação projetiva moderada participa da gênese, por exemplo, da empatia, mas pode também ser usada para alcançar uma pseudo-identidade, como é postulado no texto *Sobre a identificação*, de 1955. O que podemos afirmar, parafraseando Melanie Klein que afirma que "a identificação projetiva é o protótipo de uma relação de objeto agressiva", é que "a identificação projetiva é o protótipo de uma relação de objeto narcisista em

6. A importância de uma identificação projetiva normal para os processos de desenvolvimento psíquico e para a comunicação precoce do bebê com o ambiente foi ressaltada por um discípulo de Klein, Wilfred Bion.

que há uma profunda indiferenciação entre eu-outro". Os seguidores de Melanie Klein irão desenvolver várias novas teorias a partir desta primeira descrição da identificação projetiva efetuada em 1946.

No texto sobre os mecanismos esquizóides, a preocupação maior de Melanie Klein será desvendar melhor o funcionamento da posição paranóide, que passa então a ser chamada de posição esquizo-paranóide.

Se, por um lado, suas observações anteriores são mantidas e complementadas, a mudança de nome da posição significa que Melanie Klein teve sua atenção chamada para os "estados esquizóides" de maneira muito mais intensa do que nas primeiras descrições da posição paranóide. Ela dará o nome de mecanismos esquizóides a todas as defesas típicas desta posição; entretanto, tentaremos mostrar que é útil perceber que há defesas que têm um cunho mais paranóide e outras um traço mais esquizóide. Vamos considerar que os mecanismos esquizóides são aqueles que possuem a propriedade de isolar o ego do ambiente e partes do ego entre si, produzindo estados de incomunicabilidade e solidão que costumamos chamar de "estados esquizóides". Estes mecanismos operam por meio de cisões que levam a um rígido fechamento do aparelho psíquico sobre si mesmo, visando à auto-suficiência, e, neste sentido, negando a importância da relação de objeto e da dependência em relação aos outros.

Por outro lado, o que estamos aqui chamando de "mecanismos paranóides" são os que criam um estado de indiferenciação entre o ego e os objetos externos, como no caso da identificação projetiva; o efeito disto é a instalação de um estado de fusão, de caráter narcísico, entre o ego e o seus objetos. Voltaremos ainda a esta diferença entre o "esquizóide" e o "paranóide".

De qualquer forma, é interessante considerar que Melanie Klein adota o termo *splitting off* - traduzido por *excisão* - para se referir aos dois movimentos em seu conjunto dinâmico que é o característico da posição esquizo-paranóide: não se trata apenas de uma cisão (embora elas sejam severas e radicais), nem apenas de uma projeção para fora, de uma evacuação, mas de uma cisão de partes de si que são imediatamente expulsas e colocadas em alguma parte do ambiente. Os termos *splitting off* ou *ex-cisão* procuram expor estes dois aspectos do mesmo mecanismo.

A maior preocupação de Melanie Klein ao escrever este artigo foi, portanto, compreender o modo de funcionamento do ego arcaico e seu estado de não-integração. Este estado é o que favorece a desintegração, fragmentação e despersonalização, freqüentes nas psicoses. Embora ela já tivesse dado início a uma reflexão sobre estes assuntos, desde a época em que falava da posição paranóide, no texto de 1946, a própria mudança de nome para *esquizo-paranóide* revela que ela tinha percebido uma oscilação entre dois pólos por parte do ego arcaico. Este oscila entre momentos de profundo isolamento, como se entrasse em um estado quase autista, alternando-se com o mergulho em estados de fusão (e confusão) com o objeto odiado e amado, como se evidencia no caso da identificação projetiva. Por um lado, excesso de diferenciação rígida e incomunicável – estado esquizóide –, por outro lado, momentos fusionais de absoluta indiferenciação – estado paranóide. Devemos, contudo, advertir o leitor de que esta diferença entre momentos mais esquizóides e momentos mais paranóides não foi nitidamente feita por Melanie Klein, sendo no entanto uma possibilidade de leitura bastante plausível e apta a esclarecer certos desenvolvimentos psicopatológicos.

Embora muito permaneça ainda por ser desvendado no campo das psicoses, as novas teorias e idéias kleinianas contidas neste texto abrirão novos horizontes e ajudarão a elucidar muitos fenômenos da esquizofrenia, da paranóia, dos estados de despersonalização e fragmentação do ego e farão contribuições importantes para o estudo de todas as psicoses. Vamos, agora, ao texto propriamente dito.

No começo do texto de 1946, Melanie Klein recorda que a cisão entre um objeto bom e outro mau já havia sido detectada desde os seus primeiros textos e esta separação tem um efeito organizador importante, permitindo que a “mãe boa” mantenha-se como tal, enquanto a “mãe má” seja eliminada transitoriamente mediante a projeção. A “boa” é aquela cuja presença corresponde às necessidades e anseios do bebê; a “má” é a que não corresponde e, principalmente, a ausente. Como se irá esclarecer na obra de um de seus seguidores mais originais – Wilfred Bion –, neste nível de funcionamento não há uma experiência de ausência ou

de falta, pois o objeto ausente é tornado presente na forma de um mau objeto. Não há vazios, há um plenamente bom e um plenamente mau.

Melanie Klein afirma o seguinte:

Os medos persecutórios decorrentes dos impulsos sádico-orais do bebê, de assaltar o corpo materno e retirar os conteúdos bons, bem como dos impulsos sádico-anais de pôr dentro da mãe os próprios excrementos (incluindo o desejo de introduzir-se em seu corpo, para de dentro controlá-la) são de grande importância para o desenvolvimento da paranóia e da esquizofrenia. (ibid., v. III, p. 21)

Estas fantasias primitivas expressas assim em uma “linguagem de órgãos” constituem um dos aspectos da obra kleiniana que desperta as maiores resistências em seus leitores. Acharmos que a melhor maneira de ampliar a compreensão para esta “fantasmagoria louca” é a leitura sistemática e cuidadosa de alguns relatos clínicos (de psicoses), como, por exemplo, o caso Schreber, estudado por Freud e publicado em 1911. O constante medo, expresso por Schreber, de ter o seu corpo invadido e de ter seus órgãos roubados, além dos inúmeros episódios hipocondríacos agudos – nos quais o paciente ficava em um estado de quase estupor e imóvel enquanto sentia dores que estavam no limite do suportável –, demonstra que as fantasias de “corpo invadido” são comuns em casos de paranóia e de esquizofrenia, ou em situações, como o do presidente Schreber, em que há momentos, como aquele do início de sua internação, em que comportava-se como se fosse um esquizofrênico e outros momentos, como aquele em que começou a construir o delírio, em que se comportava mais como um paranóico. No fim deste texto kleiniano que estamos analisando, ela redige um *post scriptum* de três páginas, chamando a atenção do leitor para uma releitura do caso Schreber, à luz de suas considerações neste artigo. A própria oscilação que o caso deste paciente apresenta entre os dois diagnósticos, de esquizofrenia (logo no início de sua segunda internação) e de paranóia (a partir da instalação do delírio), servem ao propósito kleiniano de exemplificar, utilizando-se de um caso, o dinamismo primitivo que é ao mesmo tempo esquizóide e paranóide.

Uma outra sugestão para diminuir um pouco a estranheza produzida pela descrição kleiniana das fantasias sádico-orais e sádico-anais é a observação do comportamento de criminosos. É comum que os ladrões que assaltam uma casa, não apenas tentem apoderar-se de tudo que tem algum valor, mas tentem sujar e destruir o interior da casa e façam suas necessidades dentro de salas e quartos,⁷ o que pode ser considerado como uma forma primitiva de agressão, neste caso, uma verdadeira atuação, calcada nestes primitivos roteiros fantasísticos.

Voltemos ao texto de 1946. Neste, Melanie Klein recorda o leitor a respeito das defesas típicas da posição esquizo-paranóide: “os mecanismos de cisão de objetos e de impulsos, idealização, negação da realidade interna e externa e abafamento das emoções” (ibid., v. III, p. 21).

A cisão dos objetos é a responsável pela criação de objetos bons e maus, a cisão dos impulsos é a que separa o amor do ódio. A idealização, na posição esquizo-paranóide, é muito intensa, não apenas porque amor e ódio permanecem amplamente cindidos, mas porque a construção de um objeto muito bom (idealizado) é necessária para combater a periculosidade extrema dos objetos persecutórios. Outras razões para a idealização do bom objeto podem ser atribuídas, do lado da pulsão de vida, à insaciabilidade da demanda de amor, já que as pulsões de vida “aspiram a uma gratificação ilimitada”, levando à construção “de um seio inexaurível e sempre generoso – um seio ideal” (ibid., v. III, p. 26).

Mas a idealização provoca uma superintensificação dos aspectos gratificantes da realidade (idealização), com o objetivo de anular a percepção de tudo aquilo que provoca desprazer e desconforto, e estas intensidade exageradas podem vir a ser em si mesmas fontes de muito desconforto e perturbação.

É aí que se aciona um outro mecanismo; a “negação da realidade interna” consiste em negar os aspectos da realidade psíquica que provocam um aumento muito grande de excitações, ou seja

7. O comportamento de defecar dentro da casa é tão típico que recebeu denominação em latim, por parte dos estudiosos de direito criminal.

tanto o ódio quanto o amor intensos. Quando este mecanismo é usado para modular ou relativizar a excessiva intensidade das emoções, funciona como um importante recurso de regulação do prazer. O problema surge quando a negação maciça da realidade psíquica produz um estado “anestesiado”. Muitas pessoas relatam que, antes de começar um trabalho de análise, não conseguiam estabelecer contato com as próprias emoções, nem nomeá-las para si mesmas, principalmente no que tange às emoções derivadas da dinâmica do ódio, como ressentimento, inveja, ciúme, rivalidade. É um estado de profunda indiferença ainda mais básico e radical que o de uma depressão melancólica.

Um dos casos mais extremos da negação da realidade psíquica é o “abafamento das emoções”, uma estratégia radical de tornar-se insensível que aconteceu no caso clínico de Dick, o menino psicótico tratado por Melanie Klein, em 1930, e que parecia ter-se tornado indiferente a tudo e completamente desinteressado no mundo.

Quando os medos persecutórios são muito intensos, não é possível passar da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva e todo o desenvolvimento da capacidade afetiva fica interrompido. Uma observação interessante feita por Melanie Klein é a de que a inibição da vida afetiva provoca também um estancamento da curiosidade e da capacidade intelectual, de maneira que muitos casos de deficiência mental podem ter, em sua origem, problemas afetivos graves (psicóticos), que alteraram radicalmente a aceitação da realidade psíquica e da realidade externa e inibiram capacidade simbólica. Com isto, ela pode retornar com mais recursos teóricos ao seu velho interesse pela inibição intelectual e pelas dificuldades de aprendizagem.

Melanie Klein faz a seguinte descrição do ego arcaico, um ego que, de forma embrionária, já está em ação desde o começo da vida psíquica, desde o nascimento e, quem sabe, mesmo antes, exercendo funções defensivas e organizadoras da vida mental:

Eu diria que falta, em grande medida, coesão ao ego arcaico e que uma tendência à integração se alterna com uma tendência à desintegração, a um despedaçamento. Acredito que essas flutuações são características dos primeiros meses de vida. (ibid., v. III, p. 23)

A maneira pela qual o ego manifesta a sua incapacidade para realizar suas funções de organização e defesa do psiquismo é o seu despedaçamento, situação que a autora associa com os estados de desintegração nos esquizofrênicos. Todo ego em seu estado inicial sofre estados transitórios de despedaçamento; entretanto, quando estes se ampliam, predominam e persistem, provavelmente estamos diante de um caso de esquizofrenia.

Segundo Klein, a principal fonte de angústia da posição esquizo-paranóide e o principal desafio à capacidade defensiva e integradora do ego inicial é a simples presença da pulsão de morte que ameaça o organismo de ser aniquilado. A angústia de ser aniquilado, morto, despedaçado é, portanto, a angústia mais fundamental e ela nasce pura e simplesmente a partir da presença de uma tendência à desintegração que opera no recém-nascido e se chama pulsão de morte. É fácil, com base nisto, pensar que para Melanie Klein a pulsão de morte seria uma força meramente biológica já existente no organismo. Entretanto, ela própria e todos os seus seguidores constantemente nos lembram que esta *não* é a sua concepção; a pulsão de morte é, para ela, a *matriz* do ódio, algo que é de natureza *psíquica* e, portanto, no máximo, algo que está em situação limítrofe entre o somático e o mental. O ponto sobre o qual estamos insistindo é que, em sua concepção, a pulsão de morte pode estar presente no organismo desde o nascimento, mas não é de natureza biológica, uma vez que ela pressupõe um psiquismo rudimentar desde o mais remoto princípio da vida. Do outro lado, a pulsão de vida corresponde, em seu pensamento, a um princípio de integração, matriz do amor e seus derivados. Em seu pensamento, ambos os princípios operam no organismo desde os primórdios da vida *psíquica*.

A pulsão de morte seria, então, uma *ameaça de aniquilação* em abstrato, embora logo se objetualize, isto é, passe a manifestar-se em conexão com os objetos primários, vindo a tornar-se então *angústia persecutória*: a aniquilação deixa de ser um perigo e uma ameaça abstrata e transforma-se no medo de ser aniquilado por *perseguidores* concretos que provocam terror. Vale observar que quando fala da pulsão de morte (ibid., v. III, p. 24), em menos de dez linhas de texto, Melanie Klein faz duas passagens súbitas do

plano metapsicológico ao fenomenológico e vice-versa. A primeira, é quando fala da pulsão de morte como origem da ameaça de “aniquilação” (plano metapsicológico) e dela faz surgir, bem concretamente, o personagem do “aniquilador” primordial, que se fenomenaliza na vida de fantasia. A segunda passagem, algumas linhas abaixo, consiste em falar do “aniquilador” como um princípio primordial que dá origem ao “impulso destrutivo”, novamente, este último, um pouco mais “abstrato” do que seria a figura pessoal de um “atacante”. Esta é a sua maneira “sem-cerimônia” de lidar com a metapsicologia, puxando-a bruscamente para o plano fenomenológico e trazendo-a de volta a um plano mais abstrato, o que deixa às vezes um pouco confuso o leitor desavisado. Não há dúvida de que ela pode ser criticada por estas passagens bruscas de um plano a outro, porém, apesar de tudo, é inegável o seu talento para tornar concretas e visíveis certas hipóteses metapsicológicas; foi o mesmo talento que lhe permitiu situar-se tão próxima do animismo infantil. Talvez, em seu caso, o esforço de teorizar tenha se submetido à mesma exigência do animismo infantil, como se o mimetizasse e com ele pudesse se identificar. Disso emerge uma profunda identidade entre seus conceitos e seu modo de teorizar e os próprios objetos de sua teorização, o mundo das pulsões e das fantasias inconscientes. Na teoria kleiniana, principalmente quando trata destes momentos mais precoces e arcaicos, encontramos a capacidade de tornar concreto o intangível e dar figurabilidade ao invisível, o que seria, na verdade, o próprio modo do funcionamento psíquico que ela está teorizando.

Melanie Klein ainda indica duas fontes subsidiárias para a angústia arcaica: o trauma do nascimento e a frustração das necessidades corporais. Podemos, então, pensar que a separação introduzida pelo nascimento e todo tipo de demora no atendimento das necessidades produzam quebras de homeostase, que funcionam como ameaças e, portanto, indiretamente, evocam a angústia. Provavelmente, o que se passa é que há nestas situações uma produção de frustração e desconforto, fatores geradores de raiva e esta, uma manifestação direta da pulsão de morte, faz a balança pender para o lado da desintegração, o que, por sua vez, evoca a angústia. Nestes dois casos, explica ela, também ocorre uma

personificação das ameaças, que objetalizam-se, pois, para esta autora, todo acontecimento psíquico envolve uma transformação em *imagem*, uma corporificação, que é o modo de poder entrar no mundo da fantasia. É isto que chamamos, ao discutir seu estilo, sua capacidade de tornar visível o funcionamento do inconsciente. Dar corpo a tendências abstratas é uma tendência constante no mundo infantil e no mundo da fantasia; cremos que esta tendência ao animismo em sua escrita revela uma compreensão sensível do mundo infantil e uma capacidade de estabelecer uma comunicação primitiva com este mundo.

Bem, voltemos ao ego que se despedaça. Diz ela:

De qualquer modo, o resultado da cisão é uma dispersão do impulso destrutivo sentido como fonte de perigo. Sugiro que a ansiedade primária de ser aniquilado por uma força destrutiva interna, com a resposta específica do ego de despedaçar-se ou cindir-se, pode ser extremamente importante em todos os processos esquizofrênicos. (ibid., v. III, p. 24)

Isto nos leva a pensar que alguma cisão é importante, é estruturante, e permite que se lide com o impulso destrutivo, separando-o e isolando-o. É claro que quando ocorre um uso abusivo da cisão, isto conduz ao despedaçamento esquizofrênico, mas é necessário ver nas defesas primitivas, como a cisão e a excisão, modos eficazes de organizar e dar sentido à experiência quando o ego arcaico ainda é muito limitado e frágil. Mais tarde, como vimos ao tratar da posição depressiva, será possível, embora sempre complicado, aceitar a complexidade e a ambivalência dos afetos, amor e ódio, mas por enquanto a única forma de sobreviver é fazendo separações e isolando as potências destrutivas e desintegradoras.

É claro que desde o começo da vida também há forças construtivas e de integração e elas serão decisivas para o desenvolvimento do ego e de suas capacidades defensivas e organizadoras. Melanie Klein acredita que o amor, mediante a sucção amorosa, leva à introjeção de um objeto bom e inteiro, que funciona como um princípio de integração, ou o que ela chama de “um ponto focal no ego. Ele contrabalança os processos de cisão e dispersão, é responsável pela coesão e integração e é instrumental

na construção do ego” (ibid., v. III, p. 25). O que ocorre é que estas forças e partes boas introjetadas ainda são muito vulneráveis e só podem sobreviver e ser protegidas se as forças e partes más estiverem mantidas a uma certa distância e em lugar mais seguro.

Na verdade, ao mesmo tempo que há uma introjeção amorosa, há uma introjeção sádica do objeto, vítima da voracidade mais primitiva e ilimitada, o que conduz à fragmentação do objeto mau e do ego. Na verdade, há uma reverberação constante entre o que acontece com o objeto e o que acontece com o ego, isto é, havendo cisão do objeto necessariamente ocorre cisão do ego. Isto tudo se passa no domínio da fantasia, lembra-nos sensatamente a autora, mas os efeitos de tudo isto são bem reais. Um dos pensadores que melhor aproveitou esta lição foi Bion. Ele dedicou-se a estudar os efeitos, sobre o pensamento, dos processos de cisão e fragmentação, efeitos bem reais, infelizmente, que comprometem toda a qualidade da experiência de si e do mundo.

Recordando a descrição freudiana da alucinação do seio à qual recorre a criança faminta, Melanie Klein afirma o seguinte:

Portanto, na gratificação alucinatória ocorrem dois processos inter-relacionados: a invocação onipotente do objeto e da situação ideais e a igualmente onipotente aniquilação do objeto mau persecutório e da situação de dor. Esses processos se baseiam na cisão tanto do objeto como do ego. (ibid., v. III, p. 26)

Negar a dor e a frustração é querer “formatar” de modo onipotente a realidade. No exemplo da gratificação alucinatória, é fácil perceber como negação e idealização andam sempre de mãos dadas, tendo em comum a maneira onipotente de “formatar” a realidade e como pressuposto a cisão, que é o mecanismo que permite isolar, como duas qualidades purificadas, o “bom” e o “mau”, que na experiência real estão sempre intimamente entrelaçados. Negar os maus sentimentos e a dor é, para ela, negar a realidade psíquica, o que se torna possível pela alucinação, típica do modo de pensar arcaico. Freud mesmo havia chamado a atenção para o fato de que o pensamento é, na sua origem, um tipo de pensamento alucinatório, mágico, que “formata” a realidade de acordo com o desejo; pensamento de desejo, *wishful thinking*.

Negar a realidade psíquica envolve uma tripla operação para a qual Klein chama a nossa atenção: não é apenas negar os maus sentimentos e o *objeto mau*, mas aniquila-se também a parte do ego que corresponde aos sentimentos de ódio. Qual é o resultado desta tripla operação? Temos, de um lado, os bons sentimentos extremos e o objeto ideal, que se fazem sempre acompanhar de um ego insuflado pela megalomania e, do outro lado, sentimentos, objeto e ego diminuídos, depreciados, aniquilados, um quadro que lembra a micromania ou o delírio de inferioridade. Delírio de grandeza, de um lado, delírio de inferioridade, do outro – e temos aí os dois pólos radicais que reaparecem nas descrições de casos de paranóia e esquizofrenia. Em toda descrição da posição esquizo-paranóide, somos remetidos a este “bem ideal”, um ideal do narcisismo fálico, absoluto e, do outro lado, um “mau total”, um delírio também absoluto de autodiminuição, de fecalização do objeto e do eu.

Outra inovação do texto de 1946, que na verdade dava consistência e nome a um processo já observado por Melanie Klein, é o conceito de identificação projetiva como protótipo de uma relação de objeto narcisista. Diz ela:

A outra linha de ataque deriva dos impulsos anais e uretrais e implica a expulsão de substâncias perigosas (excrementos) do *self* para dentro da mãe. Junto com os excrementos nocivos, expelidos com ódio, partes excindidas do ego são também projetadas na mãe ou, como prefiro dizer, para dentro da mãe. Esses excrementos e essas partes más do *self* são usados não apenas para danificar, mas também para controlar e tomar posse do objeto. Na medida em que a mãe passa a conter as partes más do *self*, ela não é sentida como um indivíduo separado, e sim como sendo o *self* mau. Muito do ódio contra partes do *self* é agora dirigido contra a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Sugiro o termo “identificação projetiva” para esses processos. (ibid., v. III, p. 27)88

Esta primeira descrição da identificação projetiva nasce da consideração de uma relação de objeto agressiva, pois parte da fantasia de expelir para dentro do corpo da mãe todo o ódio e as

partes do ego correspondentes a este ódio, isto é, o “ego que odeia” todo fragmentado em pequenas partes que foram excindidas. O objetivo disto é danificar, destruir, mas também controlar e tomar posse da mãe, isto é, transformá-la em um boneco vazio habitado pelos próprios impulsos. Além disso, esta evacuação para dentro do outro é a maneira mais eficaz de colocar as forças e partes más do *self* longe das partes boas que precisam ser resguardadas. O trabalho da fantasia envolve sempre esta onipotência que permite atribuir ao outro e nele depositar aspectos da própria realidade psíquica e, por isso, chamamo-la de protótipo de uma relação narcisista, embora o indivíduo deposite no outro justamente as partes que ele não suporta ou não pode conter. Assim sendo, ele não se reconhece conscientemente neste outro que recebeu as projeções, embora no plano inconsciente se mantenha uma estreita ligação. Poderíamos nos perguntar: uma relação narcisista é ainda uma relação de *objeto*, ou o objeto foi convertido em parte de mim mesmo, mas de uma forma em que me aparece como um outro intolerável e com o qual não tenho nada em comum? Em um plano, a identificação é tal que não há espaço para a separação e a alteridade; em outro, a suposição de diferença é tamanha e tão radical que não há espaço para uma alteridade reconhecível e aceitável para a convivência. Talvez seja este o problema de toda relação narcisista, de uma forma ou de outra o objeto não pode ser levado em consideração, ele é um mero suporte para que eu tenha um endereço para onde enviar minhas projeções e que eu possa descartar. Mas, embora esta defesa seja bastante eficaz em termos imediatos, ela dá lugar, logo a seguir, a grandes tormentos.

Ao projetar sobre o outro a fúria de meu ódio, eu crio o pior tipo de perseguidor, pois a fúria que passa então a vir “dele” me parece particularmente real e convincente. É como se eu dissesse: “não consigo me lembrar bem, mas conheço esta fúria de algum lugar, sei que ela é real, que é verdadeira e que exige que eu odeie de volta com todas as forças de que for capaz”. É o que a leva a dizer: “Nos distúrbios psicóticos, essa identificação de um objeto com as partes odiadas do *self* contribui para a intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas” (ibid., v. III, p. 27). Estabelece-se uma estranha relação entre esta porção de ódio que foi projetada e

separada de mim: isto age como um pedaço afastado de mim que de certa maneira preciso muito recuperar, ao mesmo tempo morro de medo de fazê-lo, de receber de volta a violência daquele ódio projetado e expulso.

Lembramo-nos de um poeta inglês dizendo “I fear the wind of my fury” e talvez possamos pensar que o medo e a rejeição do próprio ódio colaborem muito para aumentar a potência dos perseguidores externos.

Livrar-se, porém, de todo o ódio e da agressividade leva também a um excessivo enfraquecimento do ego, segundo Melanie Klein. O sentimento de força, potência e capacidade de conhecer estão todos alicerçados na pulsão de domínio e na descoberta do prazer de ser forte e poderoso, do ter domínio sobre si mesmo, a natureza e os outros. A pulsão de domínio é a forma pré-sexual da pulsão sádico-anal: costuma-se situar na fase sádico-anal a descoberta da força muscular e da força do intelecto e os prazeres daí derivados, como o prazer de dominar a musculatura, de lutar, de vencer o outro pela força ou pela astúcia. Nas fases sádico-anal e fálica, as brincadeiras infantis giram ao redor da rivalidade, dos ideais de poder, velocidade, astúcia e potência, todos eles ligados inconscientemente à agressividade em estado bruto ou sublimado. Sentir muito medo da própria violência, expulsá-la por intermédio de uma excessiva identificação projetiva, leva, portanto, a sentir-se esvaziado da força e da potência.

Se a identificação projetiva é apresentada, em primeiro lugar, como uma relação agressiva, como pode ocorrer a projeção do amor?

O leitor que vem acompanhando a lógica “agressiva” deste mecanismo surpreende-se ao encontrar a descrição de que aspectos amorosos são também expelidos e projetados e, neste caso, os excrementos, que antes eram usados como armas, ganham o significado de presentes. Melanie Klein afirma que é preciso projetar o seu amor para

... habilitar o bebê a desenvolver boas relações de objeto e para integrar o seu ego. Contudo, se esse processo projetivo é empregado de modo excessivo, partes boas da personalidade são sentidas como perdidas, e dessa maneira a mãe se torna o ideal do

ego e o processo resulta também em enfraquecimento e empobrecimento do ego. (ibid., v. III, p. 28)

A contradição entre esta forma de identificação projetiva e a anterior não é explicada neste trabalho de 1946. Ficamos com a sensação de que há sempre violência neste processo de “usar o outro como depositário de sua vida pulsional”, mas ficará para a posteridade de Klein a explicação de que há muitos tipos diferentes de identificação projetiva, algumas nas quais uma função comunicativa primitiva é predominante e outras em que o objetivo é o de guardar em alguém confiável as partes boas que estão em perigo dentro do *self* quando este é tomado pela destrutividade. Mesmo nestes casos, contudo, há uma penetração violenta do psiquismo alheio e uma incorporação do outro como espaço de uso e abuso em função das necessidades do indivíduo. No entanto, quando esta dimensão da violência abranda, o que se dá quando a posição depressiva pode ser vivida e atravessada, a identificação projetiva não cessa, mas se aproxima do processo de empatia, este sentir-se dentro e em comunhão com o outro, tal como já foi assinalado por alguns autores.⁸ Na posição esquizo-paranóide, contudo, quaisquer que sejam os aspectos projetados e os motivos da projeção, a intensidade da fantasia e a violência predominam.

Outra coisa que se pode depreender do que foi dito é que um bom equilíbrio entre processos introjetivos e projetivos e uma certa dose de identificação projetiva, envolvendo tantos aspectos odiados quanto amados, é necessária para que haja integração do ego e o objeto possa ser reconhecido e amado empaticamente. Porém, se houver uma grande idealização do outro interno e externo, não ocorrerá o processo de assimilação dos objetos no ego: este se enfraquece, fica subjugado a um objeto interno ou excessivamente dependente de um objeto externo.

Os casos patológicos devem-se a um desequilíbrio entre introjeção e projeção, como no caso de uma paciente esquizofrênica que sentia que o mundo era um cemitério, isto é, havia desvitalizado e assassinado o mundo mediante a projeção de seu ódio. E, por ou-

8: Cf. Hinshelwood, R. *Clinical Klein*. New York: Basic Books, 1994.

tro lado, esta paciente achava que a única pessoa que valia a pena e tinha vida era Greta Garbo, que ela mais tarde revelou ser ela própria, ou seja, havia construído um objeto bom excessivamente idealizado e entrara em um estado de megalomania intenso. No caso do presidente Schreber, analisado por Freud, há esta mesma referência ao desaparecimento dos “verdadeiros” homens e à impressão de que estas pessoas que estão andando por aí não têm consistência nenhuma, foram “feitos de última hora”, são uma improvisação.

Um dos traços que caracteriza o funcionamento mais primitivo do psiquismo é a intensidade das emoções, o que leva à constituição de objetos extremamente bons ou maus. Construir um objeto idealizado é sempre uma estratégia para fugir da dor e do medo dos perseguidores por intermédio da fascinação com a excelência absoluta do objeto ideal. O problema de construir um objeto sumamente bom é que alguém tem de ocupar a posição oposta. O mais comum é que, paralelamente à criação do objeto ideal capaz de reter em si todas as qualidades, o ego passe a ser visto como não tendo valor, como sendo um mero dejetivo. É frequente observarmos o trabalho de autodepreciação das melancolias, sem que se possa detectar com clareza que o ego denegrado e diminuído está sendo inconscientemente comparado com um objeto idealizado.

As várias formas de cisão do ego e dos objetos internos têm por resultado o sentimento de que o ego está despedaçado. Este sentimento corresponde a um estado de desintegração. No desenvolvimento normal, os estados de desintegração vividos pelo bebê são transitórios. A gratificação por parte do objeto bom externo, entre outros fatores, ajuda reiteradamente a transpor esses estados esquizóides. (ibid., v. III, p. 29)

A concepção kleiniana prevê, portanto, estados de despedaçamento transitórios fazendo parte do desenvolvimento normal e, por outro lado, os fenômenos de despersonalização e de dissociação esquizofrênica, que são a consequência de uma regressão persistente a estados infantis de desintegração.

Achamos que além da questão quantitativa, isto é, de um valor ótimo no equilíbrio entre introjeção, projeção e identificação projetiva, a saúde psíquica pode ser garantida pela ocorrência de

processos de assimilação mais eficazes, isto é, quando os objetos introjetados podem fundir-se ao ego de maneira mais completa. Pois o problema do objeto ideal perfeito ou do perseguidor terrível é que eles permanecem como objetos cindidos do ego — uma forma de enclave superegótico — e as energias pulsionais que produzem não ficam à disposição do ego. É fácil imaginar que se houvesse uma assimilação mais profunda destes objetos ao ego, este sairia fortalecido. Outro critério de saúde psíquica é que haja maior integração entre os objetos bons e maus e entre o “ego bom” e o “ego mau”. O enfraquecimento do ego causado por uma identificação projetiva excessiva torna-o menos capacitado a assimilar os objetos internos. Um dos trabalhos da análise é criar condições favoráveis para que a assimilação dos objetos mais arcaicos possa ocorrer. A criação de um relacionamento de confiança ajuda a diminuir os medos persecutórios, pois quando estes são muito intensos acabam impedindo a integração do ego, do amor e do ódio e criam um sentimento de aprisionamento para o paciente paranóico, por exemplo, que se sente pressionado por situações persecutórias internas e externas.

Uma das primeiras coisas que Melanie Klein afirma é que as relações de objeto esquizóides são narcisistas, envolvendo um estado de indiferenciação entre o *self*⁹ e o objeto. Se o objeto é tomado como suporte da projeção das partes destrutivas e odiadas do *self*, estabelece-se um sentimento de culpa inconsciente com relação à pessoa do outro, como se houvesse um sentimento obscuro de responsabilidade dirigida àquele que recebeu as projeções da destrutividade. Isto dá origem a um vínculo que tem fortes traços obsessivo-compulsivos, ou seja, quem projetou sente-se compelido a permanecer vinculado e dependente do depositário de suas projeções, como se precisasse resgatar alguma coisa importante que foi perdida.

Um dos primeiros “sinais” do caráter narcísico deste tipo de relação é o desejo de controlar a outra pessoa: isto corresponde à

9. A noção de *self* corresponde, no pensamento kleiniano, à presença de um “ego-id” indiferenciado.

necessidade de ter algum controle sobre as partes amadas e odiadas do *self* que foram nela projetadas. Este tipo de ligação obsessiva envolve a ameaça de "intrusão", ou seja, de invadir ou ser invadido pelo outro. O medo de ser invadido lança uma suspeita com relação à possibilidade de ligar-se a um outro e costuma alternar-se, por defesa, com a tendência a isolar-se e ficar retraído que caracteriza os estados esquizóides. É este movimento oscilante entre um excesso de "fusão" e um retraimento exagerado que seria a "sístole e diástole" do batimento esquizo-paranóide. Nas pessoas saudáveis, podem ocorrer traços esquizóides que se manifestam ora por timidez, retraimento e falta de espontaneidade, ora por um interesse exagerado por pessoas, sua idealização e a construção de roteiros da imaginação em que são encenados, com ajuda de personagens idealizados, os diferentes dramas da fantasia.

Outra característica das relações de objeto esquizóides é uma artificialidade e falta de espontaneidade acentuadas. Paralelamente a isso, ocorre uma perturbação grave do sentimento do *self* ou, como eu diria, da relação com o *self*. Também essa relação parece ser artificial. Em outras palavras, estão igualmente perturbadas a realidade psíquica e a relação com a realidade [externa]. (ibid., v. III, p. 32)

Quando a agressividade, ao invés de ser projetada, é integrada ao ego, esta assimilação confere um traço de autenticidade, ao passo que o trabalho de manter a agressividade excindida provoca a sensação de perda de espontaneidade e de artificialidade. É como se uma das dimensões da personalidade sadia estivesse escondida e produzindo a sensação do que Winnicott veio a chamar de falso *self*. Melanie Klein se refere também à perturbação do sentimento do *self*, que é um sentimento de estranheza quanto à sensação mais fundamental de existir e ser alguém real, o que nos casos mais graves de psicose chama-se "despersonalização". A falta de autenticidade e a despersonalização decorrem das cisões profundas e irrecuperáveis de aspectos do *self*.

O ego enfraquecido e destituído de alguns aspectos pulsionais cria o terreno favorável para que haja muito medo de solidão e de separar-se das pessoas. Uma parte vital do ego tendo sido transferida para outras pessoas gera um sentimento agudo de

dependência, desamparo e de que não é possível sustentar-se sozinho. A solidão é então vivida como desesperadora.

Melanie Klein encerra estas considerações afirmando que as defesas esquizo-paranóides não afetam apenas as relações de objeto, mas o pensar. Este é o aspecto que Bion vai desenvolver, buscando compreender de que maneira a cisão produz um comprometimento do pensamento, na medida em que grupos de pensamentos e afetos permanecem completamente dissociados uns dos outros.

O processo de integração entre amor e ódio, objetos bons e maus e metades dissociadas do ego, que começa a ocorrer na posição depressiva contribui para o aumento das ansiedades e aumenta a complexidade dos conflitos e das questões a serem elaboradas. Aumenta o sentimento de culpa e o medo de destruir e perder o objeto, com o aumento correlato dos impulsos para reparar o objeto amado que foi ferido. Durante a posição depressiva:

... os mecanismos esquizóides permanecem ativos, embora de forma modificada e em menor grau, e as situações de ansiedade arcaica são reiteradamente vivenciadas no processo de modificação. A elaboração das posições depressiva e persecutória estende-se pelos primeiros anos da infância e desempenha um papel essencial na neurose infantil. No decurso desse processo, as ansiedades vão perdendo força; os objetos tornam-se ao mesmo tempo menos idealizados e menos aterrorizantes, e o ego torna-se mais unificado. (ibid., v. III, p. 34)

Este é um ponto importante no pensamento kleiniano e que será mais desenvolvido nos anos seguintes: o fato de que as duas posições encontram-se entrelaçadas e mesmo quando começa a predominar a dinâmica depressiva, continuam a funcionar os mecanismos esquizóides. Este é o primeiro momento no qual a autora discorre sobre a "recaída" na posição esquizo-paranóide, ou seja, quando os conflitos aumentados da posição depressiva se instalam, especialmente uma culpa avassaladora de ter ferido e destruído o objeto bom, encontra um ego despreparado para elaborar tudo isto, recorre-se novamente de maneira intensa aos mecanismos de cisão que, a curto prazo, simplificam muito a resolução dos problemas. O objeto completamente mau é eliminado

sem culpa e o objeto bom sofre um reforço tornando-se novamente idealizado; ocorre negação dos aspectos destrutivos e ameaçadores e, com isto, recupera-se uma certa harmonia psíquica passageira. A harmonia é passageira, pois a origem do objeto ideal, por meio de negação dos perseguidores, deixa suas marcas: o objeto ideal é só aparentemente algo "muito bom", logo cria uma exigência de excelência tão severa que passa a funcionar, na prática, como objeto mau.

Melanie Klein conta o caso de uma paciente maníaco-depressiva com tendências suicidas que passou por um período extremamente produtivo na análise: ela vinha às sessões, livre associava com fluência, trazia sonhos e parecia estar muito engajada no processo. "Não havia, entretanto, resposta emocional às minhas interpretações, e sim bastante desprezo por elas" (ibid., v. III, p. 36). Estas observações demonstram que a paciente estava inacessível a um verdadeiro contato com a analista: isto pode ser considerado evidência da entrada em um estado esquizóide. Tanto é que, em alguns momentos, sentia-se especialmente deprimida e em estado de desespero, chorava e expressava muitas auto-recriminações, mas quando a analista interpretava estas emoções, a paciente respondia como se ignorasse o que estava sentindo, o que corresponde a um estado de cisão profunda. "Em tais sessões, havia também fuga de idéias, os pensamentos pareciam estar fragmentados e a expressão deles era desconexa" (ibid., v. III, p. 37). A fuga de idéias sugere um momento mais maníaco e os pensamentos fragmentados são o resultado do estado cindido do ego, estado esquizóide.

O que Melanie Klein pretende mostrar aqui é que nem a psicose maníaco-depressiva pode ser considerada uma patologia exclusivamente da posição depressiva, nem, por outro lado, a esquizofrenia pode ser associada unicamente a um distúrbio da posição esquizo-paranóide, mas em ambas há uma combinação de traços doentios que se originaram nas duas posições.

Este texto se encerra com alguns comentários muito interessantes sobre as defesas esquizóides, que são responsáveis por um dos piores efeitos de alienação: o abafamento ou a anestesia das emoções, o que leva o paciente a sentir-se incapaz de ter

verdadeiros sentimentos e traz consigo um grande vazio e uma sensação de irrealidade, além de uma sensação de que nada tem peso nem valor, fica tudo revestido de tédio e de um sentimento de futilidade. Vejamos isto nas próprias palavras de Melanie Klein:

Há, em geral, consenso em que os pacientes esquizóides são mais difíceis de analisar do que os maníaco-depressivos. Sua atitude retraída e não emocional, os elementos narcísicos nas suas relações de objeto (aos quais me referi anteriormente), certa hostilidade distanciada que permeia toda a relação com o analista criam um tipo de resistência muito difícil. Acredito que, em grande parte, sejam os processos de cisão os responsáveis pelo fracasso do paciente em entrar em contato com o analista e pela sua falta de resposta às interpretações. O paciente se sente alheado e distante, e esse sentimento corresponde à impressão do analista de que partes consideráveis da personalidade do paciente e de suas emoções não estão sendo acessíveis. Pacientes com traços esquizóides podem dizer: "Eu estou ouvindo o que diz. Talvez tenha razão, mas não faz nenhum sentido para mim". Ou dizem ainda que sentem como se não estivessem presentes ali. Em tais casos, a expressão "não faz sentido" não implica uma rejeição ativa da interpretação, mas sugere que partes da personalidade e das emoções estão excindidas. Assim sendo, esses pacientes não sabem o que fazer com a interpretação; eles não podem nem aceitá-la nem rejeitá-la. (ibid., v. III, p. 37-8)

No caso clínico que ela relata a seguir, o paciente entra em um estado de frieza e alheamento muito profundos no momento em que, para livrar-se de seus impulsos destrutivos e invejosos contra a analista, faz uma violenta excisão de seu *self* invejoso para conseguir o efeito de anestesiá-las suas emoções. Com esta operação radical, ele sente-se imediatamente distante, nada mais tem importância e não vale a pena preocupar-se com mais nada. As interpretações da analista colocam-no em contato com a violência de seu ataque a partes do próprio *self*: neste momento ele consegue voltar a emocionar-se, sente vontade de chorar, fica deprimido, mas sente-se mais integrado e aparece uma sensação de fome, que na compreensão de Melanie Klein é sinal de que ele voltou a ter algum contato com a analista em sua versão de "bom objeto".

Outro aspecto que dificulta o tratamento de pacientes esquizóides é a falta de angústia, que se encontra em um estado de dispersão e anestesia. Melanie Klein afirma que a angústia, que é o suporte para que a análise possa acontecer, está em um estado de latência nos esquizóides, apesar de parecer ausente. A presença de tal angústia pode ser inferida com base em alguns sinais:

O sentimento de estar desintegrado, de ser incapaz de vivenciar emoções, de perder seus objetos, é na realidade o equivalente da ansiedade. O grande alívio que um paciente então experimenta provém do fato de um sentimento de que seus mundos interno e externo não só se reaproximaram como também voltaram à vida. Nesses momentos parece, em retrospecto, que quando as emoções estavam faltando, as relações eram vagas e incertas, e que partes da personalidade eram sentidas como perdidas e tudo parecia estar morto. Tudo isto é o equivalente a uma ansiedade de natureza muito grave. Essa ansiedade, mantida latente pela dispersão é experimentada, em alguma medida, o tempo todo, mas sua forma difere da ansiedade latente que podemos reconhecer em outros tipos de casos. (ibid., v. III, p. 40)

Quando o paciente, por meio da interpretação e do acolhimento do analista é levado a readmitir as emoções e as partes do *self* que foram excindidas, sente um grande alívio por sair de um estado semi-amortecido.

A década de 1950: Inveja e gratidão

Há muitos anos venho me interessando pelas fontes mais arcaicas de duas atitudes que sempre nos foram familiares: a inveja e a gratidão. Cheguei à conclusão de que a inveja é um fator muito poderoso no solapamento das raízes dos sentimentos de amor e de gratidão, pois ela afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe. (Klein. *Obras completas*, v. III, p. 207)

Essas palavras dão início a um dos textos mais significativos de Melanie Klein: é o último dos trabalhos teóricos de maior importância, um texto dividido em sete capítulos, que foi publicado em 1957 na forma de livro. Esse trabalho é o aprofundamento dos

11 anos de observações clínicas e teorizações que se tornaram possíveis desde a elaboração do texto “Alguns mecanismos esquizóides”, em 1946, e, como tudo que ela produziu, *Inveja e gratidão* foi objeto de intensa polêmica.¹⁰ Aliás, o tema da elaboração como tarefa fundamental da análise é uma das conclusões a que chega a autora, ao fim desse livro. É interessante citar o parágrafo acima, pois ele reafirma a importância da persistência do trabalho analítico para permitir que o paciente tenha acesso a seus sentimentos de inveja mais obscuros e recônditos, que remontam à vivência materna primária e que se recusam a vir à luz.

“Com relação à técnica, procurei mostrar que um progresso na integração pode ser conseguido analisando-se repetidas vezes as ansiedades e defesas vinculadas à inveja e aos impulsos destrutivos” (ibid., v. III, p. 264). Este trecho revela que o estudo da inveja insere-se no campo maior da destrutividade, em continuidade com a ênfase que Klein sempre colocou nos efeitos da pulsão de morte, que é, para ela, um sinônimo de pulsão destrutiva. A inveja é, pois, uma das manifestações dos impulsos destrutivos, de fato a mais radical de todas, pois leva a atacar e destruir o objeto bom, aquele cuja introjeção é a base da saúde psíquica. A inveja é sempre, e na sua maior profundidade, inveja das fontes de vida e, em última análise, inveja da vida. Continuando a mesma citação acima:

Sempre estive convencida da importância da descoberta de Freud de que a “elaboração” é uma das tarefas principais do procedimento analítico, e minha experiência em lidar com os processos de cisão e em fazê-los remontar à sua origem tornou essa convicção ainda mais forte. Quanto mais profundas e mais complexas forem as dificuldades que estivermos analisando, maior será a resistência que teremos probabilidade de encontrar, e isso tem relação com a necessidade de dar uma importância adequada à elaboração. Essa necessidade surge particularmente

10. Por exemplo, D. Winnicott, bem próximo a Klein nas décadas anteriores, como já estivesse bem afastado do grupo kleiniano, tomou as posições sobre a inveja como ponto de partida para uma discordância profunda e muito explícita.

com relação à inveja do objeto primário. Os pacientes podem reconhecer sua inveja, ciúme e atitudes competitivas em relação a outras pessoas e até mesmo o desejo de danificar suas faculdades, mas o que pode conduzir à diminuição da cisão dentro do *self* é somente a perseverança do analista em analisar esses sentimentos hostis na transferência, possibilitando desse modo ao paciente revivê-los em sua relação mais arcaica. (ibid., v. III, p. 264)

Admitir uma inveja, por exemplo, de pares e irmãos, pelo que têm e obtiveram em contraposição às minhas privações, pode ser difícil, mas não é o mais difícil nem o mais necessário. Difícil e necessário, requerendo uma elaboração profunda da experiência na relação com o analista — que repita a relação com o objeto primário — é admitir a inveja da força, da fecundidade e mesmo da generosidade de uma fonte de vida da qual proviemos e da qual dependemos. Pois é esse afeto inconsciente que impede a introjeção do bom objeto e, portanto, os processos de integração psíquica que, de um lado, requerem um ego mais capacitado e, de outro, permitem avanços nesse processo de integração.

O trecho de Melanie Klein acima transcrito revela toda a importância da primeira relação com a mãe, matriz de todas as experiências afetivas futuras. Pode-se admitir que, apesar dos esforços de Freud e seus seguidores (inclusive Melanie Klein), os mistérios e a importância esmagadora da mãe na constituição do sujeito não tinham sido ainda suficientemente avaliados e desvendados nos primeiros cinquenta anos de psicanálise, quando vem à luz *Inveja e gratidão*. Uma de suas teses básicas é a de que é preciso que o paciente possa reviver, junto ao analista, todo o espectro de seus mais amargos ressentimentos oriundos dos primeiros tempos de vida, para que possa diminuir a cisão dentro do *self*.

Logo no início do texto, é esse o ponto de partida para o raciocínio kleiniano: a primeira relação de objeto tem uma importância absoluta, pois é ela que pode levar à introjeção do bom objeto, e isso equivale à constituição de um núcleo gerador de pulsões de vida. No caso desse processo falhar, toda a sequência do desenvolvimento ficará comprometida. O seio, fonte de nutrição, é, além disso e “num sentido mais profundo [vivido como sendo a fonte] da própria vida” (ibid., v. III, p. 210).

Diz a autora: “... cheguei à conclusão de que se esse objeto originário, que é introjetado, fica enraizado no ego em relativa segurança, está assentada a base para um desenvolvimento satisfatório” (ibid., v. III, p. 209-10). Durante toda a argumentação do texto, ela falará da introjeção do bom objeto completo e íntegro, e de seu “enraizamento” no ego como o fundamento da saúde e único meio de prevenção contra a potência destruidora da inveja.

Por outro lado, “... a inveja é uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos, em atividade desde o começo da vida, e que tem base constitucional” (ibid., v. III, p. 207).

Essa afirmação quanto ao caráter *constitucional* da inveja precisa ser esclarecida. Melanie Klein não acreditava que havia um componente genético *diretamente* responsável por uma maior tendência à inveja. O que ela observava é que as crianças recém-nascidas são *mais* ou *menos* aptas para “usar o objeto bom”, isto é, algumas ficam mais resolvidas em sua satisfação e têm maior tolerância aos períodos de frustração; ora, isso significava, em seu pensamento, que tais crianças tinham maior capacidade para gratificar-se e experimentar gratidão e, portanto, menor tendência à inveja. Esta última tem de ser pensada sempre como o fator que interfere e estraga o processo de gratificação. Isso quer dizer que, embora Klein não desprezasse os fatores ambientais, admitia que havia bebês melhor aparelhados para aproveitar o que o ambiente podia oferecer. O que seria esse “estar melhor aparelhado” pode ser entendido à luz da idéia defendida por Abraham¹¹ acerca de uma tendência à fixação oral que origina um traço de maior voracidade. Um bebê mais voraz e apressado sente com maior nitidez a insatisfação e fica, portanto, sujeito a usufruir com menos calma daquilo que o seio poderia oferecer. O processo de obtenção do leite fica dificultado se a sucção é muito intensa: os capilares que transportam o leite contraem-se e há diminuição do fluxo de leite. Maior voracidade leva ao acréscimo da margem de insatisfação sempre presente e, disso, ao ressentimen-

¹¹ A referência a Abraham encontra-se na primeira página de *Inveja e gratidão* (loc. cit., v. III, p. 207).

to, ao ódio e à vontade de atacar o objeto que o frustrou. O que se pode afirmar com segurança a respeito dessa controvérsia é o seguinte: os aspectos constitucionais são, para Melanie Klein, por exemplo, uma propensão maior para a oralidade, que pode estar fundamentada em aspectos do metabolismo e do equilíbrio hormonal do recém-nascido. Se essa oralidade manifestar-se por uma excessiva voracidade, temos então o terreno favorável ao surgimento da inveja.

Melanie Klein introduz o tema da inveja associando-o a um diferencial de prazer intransponível: trata-se da diferença entre o prazer obtido pela situação de amamentação e aquele vivido na “unidade pré-natal com a mãe”; ora, este último corresponde a um sentimento de segurança e de “ser indiviso” que nenhum cuidado materno pode proporcionar. É desse “diferencial de prazer” que surge a inevitável margem de insatisfação que acompanha todas as experiências depois do nascimento, além das falhas maternas que contribuem para aumentá-la. Além disto, Klein recorda que o nascimento provoca fortes angústias persecutórias e, para combatê-las, a fantasia providencia a criação do objeto idealizado, correspondente à plenitude da vida intra-uterina e paradigma da satisfação absoluta. A necessidade de idealizar, derivada do “anseio universal pelo estado pré-natal”, surge, portanto, da exigência de *diminuir* a angústia persecutória. “Isso porque seus desejos implicam querer que o seio, e em seguida a mãe, fizessem desaparecer esses impulsos destrutivos e a dor da ansiedade persecutória” (ibid., v. III, p. 211).

Ao falar do objeto idealizado, Klein está preparando o raciocínio a respeito da inveja. Existe, na inveja, um componente libidinal, uma forte nostalgia por um estado pleno de satisfação que se teve e se perdeu, mesclada com ódio, ressentimento e a sensação de algo que tornou-se, para sempre, inalcançável. Se o seio real não fornece aquele nível de prazer proporcionado pelo seio ideal, vem a sensação de se estar sendo lesado e o desejo de destruir o seio real. Se pensarmos agora que o seio real não conseguirá nunca atingir a plenitude *imaginária* da vida intra-uterina, haverá sempre espaço para o surgimento da inveja. Essa seria uma outra maneira de entender por que a inveja pode ser considerada “cons-

titucional”, pois, em princípio, a própria descontinuidade entre vida intra e extra-uterina é o elemento “constitucional” (ou, melhor dizendo, estrutural) que torna possível a inveja. Hoje em dia, em vez de nos referirmos ao fato de ser ou não “constitucional”, diríamos que a inveja participa da estrutura do desejo, assinalando o seu aspecto insaciável. A palavra em francês, *envie*, significa simultaneamente *desejo* e *inveja*: essa etimologia sugere uma forte presença *libidinal* na inveja, presença esta que não era tão enfatizada por Melanie Klein, ao considerar a inveja como a manifestação por excelência da pulsão de morte. No entanto, mesmo quando encarada a inveja como expressão da pulsão de morte, no pensamento de Klein ela esteve sempre intimamente associada à voracidade, de maneira que, ao falar em inveja, a autora se refere ao aspecto desmedido, à insaciabilidade do desejar *humano*. É esse o ponto mais interessante: que Klein possa dar tanta importância a um modo de *desejar* dominado pela dinâmica da pulsão de morte. Esse aspecto “desmesurado” da vida pulsional foi considerado por Jean Laplanche como a manifestação do que ele chamou de “pulsão *sexual* de morte”, o que mostra que, para esse autor, a pulsão de morte nunca deixa de ser “sexual”. No pensamento kleiniano, as duas pulsões foram nitidamente separadas e tratadas como entidades opostas, mas a reflexão sobre a inveja obrigou-a a reaproximar as duas pulsões. Percebe-se que há uma distinção não plenamente formulada entre um aspecto mais benigno e um mais maligno da inveja: a voracidade, na condição de pura ânsia pelo absoluto, é a forma desmesurada da pulsão de vida, ao passo que o desejo de destruir, como manifestação da pulsão de morte, decorre do sentimento de se ter sido lesado em termos de satisfação, sem que o sujeito se dê conta de que uma parte da frustração é continuamente criada por sua própria voracidade. Entretanto, os dois aspectos sempre se acham entrelaçados.

O que estamos mostrando é que, embora a autora coloque a inveja como a expressão prototípica da pulsão de morte e de seu poder de dissolução, ela é obrigada a admitir, por outro lado, que toda inveja está endereçada para Eros: essa inveja é a força dirigida a desfazer o nó originário entre pulsões de vida e de morte, e seu objetivo é realizar um silencioso e sinistro trabalho de dissolução dos

vínculos eróticos, pois o que precisa ser destruído pelo impulso invejoso é a própria dependência em relação às fontes de vida e de prazer e plenitude. O intolerável não é apenas não ter, mas depender de quem – o objeto idealizado –, tendo tanto, não o dá. E além dessa dissolução da relação erótica e de dependência para com o bom objeto (principalmente em sua forma idealizada), Melanie Klein mostrará que a inveja excessiva impede a formação de elos associativos necessários à construção do pensar. É isso que torna a reflexão sobre a inveja tão interessante: o fato de que, sendo a manifestação por excelência da pulsão de morte, ela surja do próprio “ninho” de onde brota a pulsão de vida, com o objetivo de destruir Eros, a capacidade de associar e a de pensar.

“O alvo da inveja é o seio bom”, mas o que isso quer dizer? Melanie Klein apressa-se a recordar que o seio é recoberto pelas fantasias infantis, tornando-se o paradigma de toda a “bondade”:

Vemos na análise de nossos pacientes que o seio em seu aspecto bom é o protótipo da “bondade” materna, de paciência e generosidade inexauríveis, bem como da *criatividade*. São essas fantasias e necessidades pulsionais que de tal modo enriquecem o objeto originário que ele permanece como a base da esperança, da confiança e da crença no bom. (ibid., v. III, p. 211; grifo nosso).

Isso quer dizer que o objeto por excelência da inveja é a criatividade da mãe, em todos os seus planos e manifestações, desde a capacidade de procriar, do ponto de vista biológico, até a criação de uma atmosfera de confiança e a capacidade de prestar cuidados e atender necessidades. Melanie Klein usou muito a metáfora do “fluxo de leite”, que jorra sem interrupção, para falar, de modo sintético, de tudo o que a mãe proporciona: a capacidade materna de oferecer-se como presença que faz companhia, toca, estimula, escuta, alimenta, presta atenção e produz uma troca significativa de olhares e palavras. Por que tudo isso vira objeto de inveja? Ora, esse acontecimento está ligado à descoberta de se ter de depender da mãe, e ficar sujeito às oscilações que caracterizam a vida emocional arcaica, oscilações essas entre *ter* e *perder* o contato com essa fonte vital, que parece possuir tudo de que se precisa. A presença e a ausência maternas marcam a oscilação entre o excesso e a falta de estímulos; isso sem contar que, muitas vezes,

faltam “meias medidas”. Explica-se: em certos momentos, a intensidade da presença materna tem uma incomensurabilidade que a torna difícil pelo excesso, isto é, há uma superabundância de estímulos e excitações difíceis de serem metabolizadas. Por outro lado, quando ausente a mãe, a sua falta é cruelmente vivida, originando fantasias de que essa mãe guarda para si a gratificação que é negada, ou pior, de que a mãe gratifica outra pessoa, deixando o sujeito como o terceiro excluído. Estamos no centro de uma discussão interessante sobre as dádivas de uma mãe, sua distribuição e as fantasias acerca de um hipotético terceiro elemento que viria interditá-la para a criança, origem do ciúme. O ciúme nasce de uma prerrogativa de posse exclusiva, e a descoberta de que a mãe tem outros amores e interesses (inclusive o amor por si mesma e o interesse na própria vida) é sempre excessivamente dolorosa. Para a nossa autora, o ciúme é sempre um derivado da inveja, pois, por trás da aspiração à posse exclusiva do objeto de amor, encontra-se o ódio de ter de depender dele e a inveja daquilo que ele pode oferecer.

Segundo Melanie Klein, a *impermanência* do objeto e sua incapacidade de atender plenamente a *insaciabilidade* do desejo dão origem ao ódio e ao ressentimento que englobamos sob o nome de “inveja”. Klein diferencia a voracidade da inveja, mostrando que a primeira é “... uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e o que o objeto é capaz e está disposto a dar. (...) e visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio; ou seja, o seu objetivo é a introjeção destrutiva” (ibid., v. III, p. 212); (ao passo que a inveja) “... procura não apenas despojar dessa maneira, mas também depositar maldade, primordialmente excrementos maus e partes más do *self*, dentro da mãe, acima de tudo dentro do seu seio, a fim de estragá-la e destruí-la. No sentido mais profundo, isto significa destruir a criatividade da mãe” (ibid., v. III, p. 212).

A descrição pode chocar pela linguagem, que associa destrutividade à expulsão e à intrusão de “excrementos maus” dentro do corpo materno. No entanto, isso visa exprimir com maior vivacidade a violência das fantasias destrutivas que invadem a criança nos momentos em que sente ser habitada por uma necessidade grande

demais desse ser todo-poderoso, que age, afinal de contas, sempre de forma um pouco arbitrária. Por meio de sua ausência, ou de sua às vezes excessiva, às vezes insuficiente presença, a mãe leva à sensação de ser um “seio mesquinho e malevolente”, que guarda para si ou dá aos outros a preciosa dádiva da vida. Inveja é, então, um modo de diminuir o valor da dádiva materna, e uma estratégia para ela se tornar menos *desejante*: é, portanto, um ataque ao *desejar* com seu cortejo de tormentos. Atacar invejosamente as boas qualidades do outro é, assim, atacar nossa dependência em relação a ele e, no fundo, atacar nosso desejo, pois é dele que se sente derivar o maior sofrimento.

Pode-se pensar o seguinte: a insaciabilidade do desejo exige a incorporação total do seio materno, o que implica dissolver diferenças e separações entre o bebê e a mãe. Uma vez que a realização desse *absoluto* do desejo é impossível, torna-se forte a exigência de destruir o seio “tão somente bom”, que se apresenta como mesquinho e deve ser depreciado. Se, no plano mais profundo da fantasia inconsciente, as agressões podem ser encenadas mediante o depósito de excrementos “maus”, por outro lado, na relação entre paciente e analista, muitas vezes a inveja manifesta-se por meio de críticas destrutivas e um contínuo trabalho de depreciação de tudo o que o analista pode oferecer com suas interpretações; são pacientes incapazes de expressar gratidão por uma dádiva recebida.

“Quem desdenha quer comprar”, diz o ditado: a inveja é quase sempre detectável na vida cotidiana por esse trabalho de desvalorização do outro, o que também foi narrado pela fábula da raposa e das uvas. Impossibilitada de ter acesso às uvas, a raposa começou a tecer considerações sobre a falta de valor dos frutos, o fato de estarem verdes... A inveja dirigiu-se aos frutos, isto é, à criatividade da árvore, àquilo que ela pode oferecer e criar. A idéia de “frutos” permite que se lembre a inveja da obra do outro,¹² de

12. Lembremos a célebre inveja que Salieri sentia em relação à obra musical de Mozart, à beleza e à facilidade com que Mozart era capaz de compor como num “fluxo contínuo”.

suas idéias, de seu trabalho e de sua capacidade de criar obras de arte ou científicas. Entretanto, a inveja vai mais longe: além de depreciar os frutos, ela tenta diminuir o prazer da própria situação de gratificação, como na expressão popular “não dar o braço a torcer”. Receber algo bom vindo de fora é vivido como “dar o braço a torcer”, admitir o poder do outro. Nesse sentido, Melanie Klein lembra o tão freqüente ressentimento que surge dos desencontros entre demanda e oferta. Um bebê, por exemplo, que se ressent do leite que chega rápido demais ou muito devagar, “ou que não lhe tenham dado o seio quando mais ansiava por ele e, assim, quando lhe é oferecido, não o quer mais. Volta-lhe as costas e, em vez dele, chupa seus próprios dedos” (ibid., v. III, p. 216). Esse “virar as costas ao objeto”, já que ele demorou demais, é um típico desencontro em todos os relacionamentos, e revela em que medida a capacidade de fruição fica inibida pela ação da inveja. A tese de Melanie Klein é que, independentemente das frustrações por motivos externos, isto é, provenientes do ambiente, a inveja que estraga a fruição do seio bom impede que haja uma compensação da dor em termos de prazer, quando ocorre o que poderia ser um feliz reencontro do objeto.

A inveja origina um ciclo vicioso muito persistente, pois estraga a fruição e impede o surgimento da gratidão que acompanha a plena capacidade de saborear:

Pois é a fruição e a gratidão que ela suscita que mitigam os impulsos destrutivos, a inveja e a voracidade. Considerando de um outro ângulo: a voracidade, a inveja e a ansiedade persecutória, que são interligadas, intensificam-se inevitavelmente umas às outras. O sentimento de dano causado pela inveja, a grande ansiedade que disso se origina e a incerteza resultante quanto à “bondade” do objeto têm o efeito de aumentar a voracidade e os impulsos destrutivos. (ibid., v. III, p. 218)

Porém, se a inveja estraga a capacidade de saborear, a gratidão, ao contrário, é “... o fundamento da apreciação do que há de bom nos outros e em si mesmo. A gratidão tem suas raízes nas emoções e atitudes que surgem do estágio mais inicial da infância, quando para o bebê a mãe é o único e exclusivo objeto” (ibid., v. III, p. 219).

Só é possível obter satisfação se houver capacidade de fruir o bom objeto, e isso depende da gratidão e daquela “capacidade inata para o amor”,¹³ que já discutimos acima. Melanie Klein enraíza a gratidão tanto na capacidade inata para o amor quanto nos aspectos maternos que ajudam a criar uma boa relação com a criança e afloram o êxtase da amamentação – ligado a um sentimento de pertencer, de poder unir-se com outra pessoa e estar feliz.

Essa soma de experiências felizes com o seio bom permite a boa introjeção desse objeto que funciona como um núcleo de amor e proteção, e que será, para sempre, a fonte última de toda a pulsão de vida do sujeito. A gratidão aprofunda a capacidade de “usar o seio bom”, e este se torna cada vez melhor quanto mais gratidão houver, o que dá início a um ciclo benigno. “Por meio da riqueza interna e sua reintrojeção, há um enriquecimento e aprofundamento do ego... A gratidão está intimamente ligada à generosidade” (ibid., v. III, p. 220).

Ademais, esse núcleo de amor e proteção decorrente da introjeção do bom objeto é também o centro de todos os valores éticos do sujeito. Isso leva Melanie Klein a tecer considerações sobre “alterações do caráter” ligadas à falta de uma firme introjeção do objeto bom. Este último não é apenas o fundamento da confiança que o sujeito tem no mundo, mas de sua própria “confiabilidade”,¹⁴ isto é, sua capacidade de comprometer-se com valores e práticas e, além disso, a capacidade de manter o compromisso ao longo do tempo. As pessoas com alterações de caráter sofrem de “... ânsia por poder e prestígio, ou a necessidade de apaziguar perseguidores a qualquer custo; [estes] estão entre os aspectos de mudança de caráter que tenho em mente” (ibid., v. III, p. 221). Klein explica que as pessoas que não estabeleceram o bom objeto interno, ao se sentirem ameaçadas e perseguidas, perdem completamente o contato com essa reserva interna de confiabilidade, e são levadas a agir de

qualquer maneira (é o “vale tudo”), pois consideram que “não têm nada a perder”. Uma pessoa excessivamente ambiciosa, que procura obter prestígio a qualquer custo, revela que está em busca de uma garantia de ser amada, sentindo que, para isso, precisa ter poder, não importando o custo ou as transgressões necessários para chegar a esse objetivo. Aqui há uma grande variedade de patologias possíveis: de um lado, as alterações de caráter que conduzem às diversas formas de “atuação” e transgressão de leis, levando dos menores aos maiores delitos; de outro lado, certas alterações de caráter que não envolvem a questão ética, mas são significativas mudanças no comportamento social – tal como a hoje diagnosticada “síndrome do pânico” – em que há uma gradual perda de contato com o objeto interno bom e um sentimento agudo de desamparo, que levam aos “refúgios autistas”, às inibições e às fobias de contato.

O contato com a “reserva interna de confiabilidade” é, pois, equivalente à capacidade de tolerar frustrações, sendo aquilo que permite experimentar a gratidão. Além disso, a firme introjeção do objeto bom protege contra as alterações de caráter que derivam de traços orais e anais, ou seja, ambição desmesurada, rivalidade, desejo de controle e possessividade.

Considere-se, ainda, que mesmo as tendências mais vorazes da sexualidade infantil podem ser integradas ao ego, enriquecendo-o; os problemas surgem justamente quando tal integração não foi possível por um emprego excessivo do mecanismo de cisão.

Melanie Klein dedica-se a refletir sobre os vários tipos de cisão, estabelecendo uma diferenciação entre os diversos tipos de cisão que ocorrem no ego arcaico. Em primeiro lugar, há uma cisão primordial: uma cisão entre bom e mau objeto, com a concomitante divisão do ego; ela é necessária ao desenvolvimento, pois garante que o bom objeto seja preservado dos ataques dirigidos ao mau objeto. Essa é a “boa cisão”, tão necessária nos primórdios da vida quanto a tendência à integração; ela garante alguma estabilidade, já que o bom objeto preservado continua sendo a fonte das pulsões de vida necessárias para contrabalançar tendências contrárias. A “malignidade” da inveja decorre de endereçar-se justamente ao bom objeto – o bom objeto invejado, em vez de ser preservado dos

13. Voltamos a esclarecer que a “capacidade inata para o amor” não precisa ser entendida no plano puramente genético, mas decorre de certas características inatas, sobretudo a maior capacidade de tolerar frustrações.

14. Em inglês, temos a expressão *reliability*.

ataques e constituir a base de um ego saudável e integrado, torna-se alvo desses ataques, o que leva, mais tarde, a um estado confusional (incapacidade de discernir entre *bom* e *mau*) que se encontra com frequência, por exemplo, nas esquizofrenias. Melanie Klein remete a origem de estados confusionais a essas primitivas dificuldades de separar e discriminar o “bom” do “mau” objeto, dificuldades criadas pela inveja, que, de uma certa forma, confunde o bom com o mau, uma vez que ataca e solapa o poder do bom, do que satisfaz, do que dá segurança e vida.

A cisão “exagerada” é a divisão responsável pelo aparecimento de um objeto bom *idealizado* e um objeto *extremamente mau*. Klein acredita que as angústias persecutórias e as ameaças de aniquilamento são responsáveis pela criação desse tipo de cisão, sendo que a idealização tem sempre a função de combater medo e angústia. Quando a inveja é muito intensa, ocorre também tendência a idealizar o objeto bom para tentar protegê-lo, mas a medida é ineficaz, pois cria, ao mesmo tempo, o objeto extremamente mau que aumenta a persecutoriedade e estimula cada vez mais a idealização; e porque não há compatibilização possível entre os objetos excessivamente bons e maus, em vez de mistura e relativização, dão eles origem a mais dissociação e incompatibilidade. Além disso, somente os objetos “relativamente” bons e maus podem ser assimilados ao ego – os extremos não o são. Essa questão da assimilação ao ego é importante, pois define o momento em que as dádivas parentais podem ser de fato apropriadas e usadas pelo ego. Vê-se portanto que, para que se chegue a esse ponto do desenvolvimento, é necessário que haja uma discriminação precoce entre uma experiência boa e outra má, acompanhada de diversos processos de síntese e integração entre ambas, e com a assimilação dessas experiências ao ego, que se apropria, então, de sua herança parental, e pode tornar-se relativamente autônomo.

Nos casos mais desfavoráveis, a presença de modelos internos muito idealizados permanece dissociada do ego; são vozes internas que ficam na órbita do ego, mas não se transformam nele e a pessoa não consegue pensar e agir por conta própria, sentindo-se sempre submetida a mandados e injunções desses outros fantasmagóricos.

O excesso de idealização pode ser considerado um esforço para eliminar aspectos frustrantes do objeto, porém o amor só pode estabilizar-se, e durar, se houver tolerância para com as imperfeições do objeto.

Enquanto aquelas pessoas que puderam estabelecer com relativa segurança o objeto originário são capazes de conservar amor por ele apesar de imperfeições, outras têm como características a idealização de suas relações amorosas e amizades. Essa idealização tende a desmoronar, e, então, um objeto amado tem que ser constantemente trocado por outro, pois nenhum pode preencher integralmente as expectativas. (Klein. *Obras completas*, v. III, p. 225)

Se a primeira relação com a mãe foi muito perturbada pela inveja, o registro de fruição do seio bom é pequeno, e dá margem às primeiras fantasias de ciúme, cujo enredo baseia-se na suposição de que uma parte significativa do prazer que a mãe poderia oferecer foi entregue a uma outra pessoa. Sempre que os mecanismos paranóides e esquizóides predominam, nem a inveja nem o ciúme podem ser aliviados, ao passo que, quando a paranóia e a esquizoidia dão lugar à posição depressiva, e a criança pode aceitar a perda da condição de posse absoluta da mãe, torna-se mais fácil partilhá-la com o pai e os irmãos, que, menos hostilizados, podem tornar-se amados, desviando-se a relação de completa dependência da mãe. Entretanto, a persistência do desejo de posse absoluta e exclusiva da mãe transforma a interrupção dessa situação imaginária em algo indesejável e terrível: esse sentimento absoluto de exclusão e abandono é o que está na origem da “figura dos pais combinados”.

Essa é uma fantasia típica ligada à inveja e ao ciúme mais arcaicos, e pertencente ao quadro do complexo de Édipo precoce. Ela não passa de uma figuração extrema da situação do “terceiro excluído”, ou seja, a criança imagina que a mãe ausente gratifica o pai por todos os meios que o amor pode imaginar, formando com ele uma figura combinada e fazendo uma aliança de poder contra a criança, que sente então, com maior nitidez e amargura, o seu abandono e o seu desamparo. Torna-se difícil diferenciar o pai da mãe, e obter o alívio de preservar um deles como o “bom objeto”

enquanto se pode dirigir ao outro a destrutividade: combinados, eles parecem formar uma dupla inabalável e terrível.

A influência da figura dos pais combinados na capacidade do bebê de diferenciar o pai da mãe, e de estabelecer relações boas com cada um deles, é afetada pela força de sua inveja e pela intensidade de seu ciúme edipiano. Isto porque a suspeita de que os pais estejam sempre obtendo gratificação sexual um do outro reforça a fantasia – derivada de várias fontes – de que eles estão sempre combinados... Em pessoas muito doentes, a incapacidade de desemaranhar a relação com o pai da relação com a mãe – por se acharem inextricavelmente interligados na mente do paciente – desempenha um papel importante nos estados graves de confusão. (ibid., v. III, p. 229-30)

É fácil perceber o caráter persecutório e paranóide dessa fantasia, que pode ser considerada a matriz de todas as fantasias paranóides: alguém isolado está sendo perseguido por pessoas que, em alianças indestrutíveis, formam *complots* contra ele.

O ciúme, na medida em que introduz um terceiro elemento, pode ser considerado como uma das estratégias experimentadas no sentido de elaborar a inveja. O ciúme é o movimento de deixar-se atrair pelos rivais: isso representa uma tentativa de sair do aprisionamento narcísico em direção ao mundo maior; envolve ser arrancado da fascinação dual pela mãe, pois a hostilidade inicial contra os rivais pode transformar-se em amor e proporcionar um meio de sair da célula narcísica.

A inveja vivida na relação primária com a mãe dá lugar a outras formas de inveja, que surgem ao longo do desenvolvimento. Freud havia mencionado a inveja do pênis, mas, por meio de sua reflexão sobre a inveja primária, Melanie Klein vai discernindo a lógica que preside toda forma de inveja. O invejoso, em busca da auto-suficiência, e recusando a dependência, gostaria de possuir em si mesmo a fonte de todo o seu prazer, de maneira que invejará o seio ou o pênis como órgãos que proporcionam prazer e são doadores de vida. Entretanto, seio e pênis devem ser lidos como metáforas de todas as manifestações de algo desejável: capacidade de oferecer prazer, dar vida, alimento, energia, amor, dinheiro, talento ou compreensão.

Melanie Klein acredita que a inveja do seio da mãe é a raiz da posterior inveja do pênis que Freud descreveu nas mulheres, sendo que a inveja do pênis já seria um deslocamento da inveja primária do seio. Formar-se-ia a equação seio-pênis, uma vez que ambos os órgãos são símbolos de vida e potência – o “leite” que deles emana é uma fonte de vida ou está a serviço de sua manutenção. Nesse sentido, muitos problemas de frigidez nas mulheres originam-se da incapacidade de obter gratificação oral plena e do ressentimento que, transferido ao homem, transforma-se em incapacidade para o orgasmo genital.

Ambos os órgãos (seio e pênis) são símbolos da criatividade, considerada por Melanie Klein como o objeto por excelência da inveja. Ela acredita que todas as aspirações humanas, mesmo a ambição por poder e prestígio, têm, na sua origem, a aspiração mais profunda de alcançar a criatividade e a capacidade de gerar, isto é, alguma forma de *autoria* ou *paternidade* simbolizada por esses órgãos:

Se a identificação com um objeto internalizado bom e propiciador de vida puder ser mantida, ela se torna uma força propulsora para a criatividade. Embora superficialmente isso possa manifestar-se como cobiça por prestígio, riqueza e poder que outros tenham alcançado, seu objetivo real é a criatividade. A capacidade de dar e preservar a vida é sentida como o Dom máximo e, portanto, a criatividade torna-se a causa mais profunda de inveja. (ibid., v. III, p. 233-4)

A condição humana fundamental é o desamparo e a dependência de suas fontes de prazer, e isso envolve o fato de se estar sujeito ao risco de perder o acesso a essas fontes. O invejoso precisa negar a sua dependência e defender-se contra a importância dos outros e de seus “frutos”, isto é, daquilo que eles podem oferecer.

Tratemos agora das defesas contra a inveja.

Algumas das defesas mais primitivas, já muitas vezes descritas, tais como a onipotência, a negação e a cisão, são reforçadas pela inveja. Em um capítulo anterior sugeri que a idealização serve não apenas como uma defesa contra a perseguição mas também contra a inveja. (ibid., v. III, p. 248)

Há duas maneiras contraditórias de defender-se da inveja: ou pela depreciação extrema ou pela excessiva exaltação do objeto e seus dons; ora, esses são exatamente os dois procedimentos combinados que levam à constituição de um objeto onipotentemente idealizado (um deus) ou muito mau (um demônio). Essa divisão entre qualidades extremas de bom e mau ocorre quando não é possível realizar uma discriminação e uma integração entre formas mais relativizadas de amor e ódio. Isso, por sua vez, leva aos estados confusionais e à dificuldade de pensar com clareza. A separação entre o bom e o mau relativos corresponde ao trabalho de ponderação e comparação que leva ao pensamento claro, ao passo que as formas exaltadas de cindir o objeto são consideradas delirantes. A realidade constantemente demonstra que não existem, a não ser na imaginação, formas puras de bem ou mal absolutos; além disso, o objeto ideal rapidamente transforma-se em perseguidor, pois é fonte de exigências muito elevadas. Não é difícil discernir que toda forma de idealização abriga em seu avesso uma inveja negada e uma destrutividade que não foi neutralizada — mas encontra-se disfarçada — e, nessa condição, está pronta a explodir sob a forma de ódio e desejo de destruir. Com a divisão entre qualidades extremas de bom e mau, não há estabilização dos afetos, nem uma transformação do ódio pelo amor — a dinâmica do “muito bom” e do “muito mau” é movida pela lógica da pulsão de morte que conduz sempre a uma abolição do conflito entre os opostos, mediante a eliminação sumária de um dos seus termos. Os assassinatos passionais são um exemplo de que a superexaltação do objeto de amor não conduz à sua preservação, mas à sua aniquilação.

Mas, talvez, a mais freqüente defesa contra a inveja seja a desvalorização do objeto:

Eu tenho sugerido que o estragar e o desvalorizar são inerentes à inveja. O objeto que foi desvalorizado não precisa mais ser invejado. Isso logo se estende ao objeto idealizado, que é desvalorizado e, desse modo, não mais idealizado. O quanto rapidamente essa idealização desmorona vai depender da força da inveja. Mas, em todos os níveis de desenvolvimento recorre-se à desvalorização e à ingratidão como defesas contra a inveja e

em algumas pessoas, elas permanecem como características de suas relações de objeto. (ibid., v. III, p. 249)

Nos casos de depressão e melancolia, esse tipo de desvalorização do objeto e do mundo externo costuma alternar-se com movimentos de desvalorização da própria pessoa, de seus dons e de suas capacidades de realização. Tudo fica destituído de valor e importância, e até mesmo a perspectiva de curar-se e sair dessa dinâmica mortífera acaba sendo denegrida como algo que “não vale a pena”. O sentimento de impotência que os pacientes deprimidos costumam inocular nos analistas e nas pessoas com quem se relacionam testemunha a favor de um trabalho da inveja direcionado a destruir toda forma de potência,¹⁵ zerando-a.

Vê-se, pela descrição das defesas, que todas elas ficam contaminadas pela dinâmica da pulsão de morte, e, na tentativa de combater o próprio “agulhão” da inveja, conduzem a formas de existência cada vez mais desvitalizadas e ausentes de desejo, entusiasmo, interesse e paixão. Um dos mecanismos de defesa mais radicais contra a inveja é o abafamento dos sentimentos de amor, uma vez que, se o paciente consegue se convencer de que a pessoa invejada é completamente destituída de valor e de importância afetiva, ele logra reduzir a culpa de destruir alguém significativo. Essa defesa conduz a um estado de indiferença e leva ao retraimento da convivência com os outros, com a construção de ideais de autonomia e auto-suficiência que, no fundo, são estratégias para evitar o sentimento de depender, de gratidão e de culpa pelos ataques invejosos.

Um dos pontos mais importantes ressaltados por Melanie Klein é o papel desempenhado pela inveja na reação terapêutica negativa: a inveja é capaz de destruir e minar todo o trabalho do analista, transformando-o em algo completamente destituído de valor e significado. É claro que, também, a gratidão e o desejo de fazer reparações podem contrabalançar a inveja, mobilizando as pulsões de vida. Melanie Klein descreve o processo terapêutico como uma

15. Aqui podemos lembrar algumas descrições de Nietzsche a respeito do “trabalho da inveja”, quando se refere ao ressentimento.

longa série de oscilações entre momentos de uma inveja mais intensa e momentos nos quais pode predominar a gratidão:

Sempre que um paciente faz progressos na integração, isto é, quando a parte invejosa da personalidade, que odeia e é odiada, aproxima-se mais das outras partes do *self*, devemos estar preparados para verificar que ansiedades intensas podem vir para primeiro plano e aumentar a desconfiança que ele tem de seus impulsos amorosos. O abafamento do amor, que descrevi como uma defesa maníaca durante a posição depressiva, tem suas raízes no perigo que advém da ameaça dos impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória. Num adulto, depender de uma pessoa amada revive o desamparo do bebê e é sentido como humilhante. (ibid., v. III, p. 255)

Os processos arcaicos de cisão, ligados a traços esquizóides e paranóides, caracterizam os pacientes mais psicóticos, ao passo que os mais neuróticos lidam com a destrutividade *reprimindo-a*, em vez de lidar com ela por meio da dissociação e das projeções maciças. Da mesma maneira, podemos afirmar que há momentos mais psicóticos e outros mais neuróticos, em todo processo de análise, que parecem corresponder a uma predominância da dinâmica esquizo-paranóide, por um lado, ou da dinâmica depressiva, por outro. Em momentos mais psicóticos, quando os impulsos de amor e ódio ficam muito dissociados do ego, o paciente pode recorrer ao mecanismo de encobrir o ódio e a inveja que sente por meio de uma idealização excessiva do analista, evitando assim entrar em contato com os seus aspectos mais destrutivos. Ou, então, pode ingressar em fantasias onipotentes de que todos os ganhos da análise foram unicamente um mérito próprio: sente-se mais poderoso que o analista e triunfa sobre ele, anulando a relação de dependência.

“Voltando à situação arcaica: quando bebê, o paciente pode ter tido fantasias de ser mais poderoso do que seus pais e mesmo de ter, por assim dizer, criado a mãe, ou tê-la parido, e de que o seio materno lhe pertencia” (ibid., v. III, p. 256). Essa aspiração a ser criador de si mesmo e do seio materno e a rejeição da condição de ter sido engendrado são o ápice da onipotência e da negação da dependência; significa negar a própria filiação e pertinência a uma linhagem que o antecedeu. São essas atitudes excessivamente

onipotentes e invejosas que estão na base das psicoses. Se, por um lado, uma certa rebeldia com relação ao instituído constitui um ingrediente importante em toda ação criativa e original e com poder transformador, de outro lado, o que se observa nas psicoses é uma recusa maciça da filiação e do mundo criado pelos antepassados, e o aparecimento da fantasia de uma neo-realidade, com a completa abolição e o não-reconhecimento da realidade existente. A reflexão a respeito da distância a tomar com relação à tradição, e as conseqüências da atitude de negar ou reconhecê-la, aceitá-la e/ou transformá-la, levam a um debate interessante, no qual se pode traçar a linha sempre tênue que separa o talento criativo da loucura. Pensamos que o posterior interesse de Bion por estabelecer diferenças entre partes ou “personalidades” psicóticas e não-psicóticas dentro de cada psiquismo inspirou-se nessas considerações kleinianas.

Nesse ponto, o pensamento kleiniano é sumamente interessante: ela supõe que, em todos os pacientes, mesmo os meramente neuróticos, há setores do psiquismo que funcionam como “personalidades psicóticas” e precisam ser pacientemente tratados. A sua proposta terapêutica é não apressar a integração dos aspectos mais dissociados:

Em análise devemos caminhar lenta e gradativamente em direção ao doloroso *insight* referente às divisões do *self* do paciente. Isso significa que os lados destrutivos são repetidamente excindidos e recuperados, até que se efetive uma maior integração. Como resultado, o sentimento de responsabilidade torna-se mais forte, e a culpa e a depressão são mais plenamente vivenciadas. Quando isso acontece, o ego é fortalecido, a onipotência dos impulsos destrutivos fica diminuída juntamente com a inveja, e é liberada a capacidade de amor e gratidão que estivera abafada no decurso dos processos de cisão. (ibid., v. III, p. 257)

A questão do “fortalecimento do ego” em Melanie Klein (que tem sobre isso uma perspectiva bem diferente da que é sustentada pelos adeptos da *Ego Psychology*) é uma idéia que, de uma certa forma, já estava formulada por Freud: trata-se de assimilar e integrar os impulsos do id ao ego, pois este é enfraquecido quando a vida pulsional encontra-se dele dissociada. Não se trata, portanto, de

submeter o id à força adaptativa do ego, mas de enriquecer o ego integrando nele a pulsionalidade do id, o que resultará em uma libertação das potências afetivas, com a ampliação da capacidade de amar, reparar, agradecer. Mas, para isso, é imprescindível fazer contato e recuperar – assumindo-as – as potências destrutivas, em especial as da inveja, que tanto atacam as possibilidades de boas experiências, experiências de satisfação.

A análise deve proporcionar um ambiente de máxima tolerância para com a vida pulsional, que favoreça sua integração ao ego:

O *insight* ganho no processo de integração torna possível ao paciente, no decurso da análise, reconhecer que existem partes de seu *self* potencialmente perigosas. Mas quando o amor pode ser suficientemente reunido ao ódio e à inveja que estavam excindidos, essas emoções tornam-se toleráveis e diminuem porque são mitigadas pelo amor. (ibid., v. III, p. 265)

Para concluir esta exposição sobre o livro *Inveja e gratidão*, podemos dizer que, sempre que houver perturbações na capacidade de viver o prazer e na capacidade de trabalhar e criar, é possível levantar a hipótese de algum estrago provocado pelo – às vezes bastante silencioso – trabalho da inveja. É um dos maiores problemas dos indivíduos movidos (e paralisados) pela inveja inconsciente é a existência de um superego invejoso que ataca e destrói todas as tentativas de fazer reparações e criar. Esses pacientes contam com uma voz interior que insinua a inutilidade de todos os esforços – como o conhecido mote “não vale a pena”, repetido à exaustão pelos deprimidos –, de maneira que acabam condenando ao fracasso os movimentos de interesse e realização no mundo. O sentimento de culpa e exigências exorbitantes de consertar os estragos promovidos pela inveja ganham um caráter persecutório. Em vez da culpa tornar-se uma força propulsora de reparações, em razão de ter-se tornado muito persecutória, transforma-se em necessidade de punição e esta, por sua vez, passa a alimentar o circuito de desvalorização de si. Como reverter esse ciclo vicioso originado pela diminuição de si?

Melanie Klein compara o desenvolvimento nos primeiros anos de vida ao que ocorre em uma análise:

Assim como as repetidas experiências felizes de ser nutrido e amado são instrumentais, na infância, para o estabelecimento seguro do objeto bom, também durante uma análise experiências repetidas da eficácia e verdade das interpretações dadas levam a que o analista – e retrospectivamente o objeto originário – sejam erigidos como figuras boas. (ibid., v. III, p. 265)

Ela considera que o profundo sentimento de segurança passível de ser obtido por meio do contato com a mãe, ou mediante uma análise, decorre de repetidas introyecções de um objeto inteiro e não danificado, e isso é possível quando os processos arcaicos de cisão possibilitam uma boa discriminação entre o objeto bom e o mau. Quando há predomínio da inveja, o ataque ao objeto bom conduz a estados de confusão entre bom e mau, e os processos de cisão levam a estados de maior fragmentação. Para trabalhar em análise esses estados de fragmentação, é preciso deixar emergir as “memórias em sentimento” – isto é, as memórias mais antigas, anteriores à verbalização –, e poder criar uma nova atitude com relação às mais antigas frustrações. Vejamos como ela descreve esse processo:

Para expressar de outro modo, a ansiedade persecutória e os mecanismos esquizóides diminuem, e o paciente pode elaborar a posição depressiva. Quando ele supera, até certo ponto, sua incapacidade inicial de estabelecer um bom objeto, a inveja diminui e sua capacidade de fruição e gratidão aumenta passo a passo. Essas mudanças estendem-se a muitos aspectos da personalidade do paciente e vão desde a vida emocional mais arcaica até as experiências e relações adultas. (ibid., v. III, p. 267)

Creemos que o ponto principal disto é a criação de uma capacidade de fruição do objeto, pois em grande medida a inveja predomina quando de alguma maneira a criança torna-se incapaz de usar o objeto como sua fonte de prazer.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE ALGUNS ASPECTOS DO CONJUNTO DO SISTEMA KLEINIANO

O sistema kleiniano maduro encontra-se bem delineado, por exemplo, no texto "Sobre a observação do comportamento de bebês", de 1952, embora nessa ocasião ainda não tivesse ocorrido a grande reflexão sobre a inveja. Em virtude da importância da inveja para aprofundar a lógica da posição esquizo-paranóide, resolvemos basear-nos, para tecer algumas considerações sobre o conjunto do sistema kleiniano, em um texto escrito para divulgação ao grande público, "Nosso mundo adulto e suas raízes na infância", de 1959, no qual a autora articula o tema da inveja à teoria das posições esquizo-paranóide e depressiva. A vantagem dos textos escritos para o grande público é a utilização parcimoniosa de termos técnicos e a exigência de tornar compreensíveis a leigos as articulações do pensamento, o que obriga a autora a um grande esforço de síntese e clareza.

Embora Melanie Klein esteja sempre pensando em termos de desenvolvimento emocional e, portanto, a linha cronológica do tempo seja um de seus referenciais, podemos afirmar que, diferentemente dos seus mestres Freud e Karl Abraham, a sequência de fases libidinais e a perspectiva diacrônica se articulam, em seu pensamento, à dimensão sincrônica. Ela, como vimos, volta a sua atenção para as *posições* esquizo-paranóide e depressiva, que são configurações daquilo que está sempre sincronicamente em jogo no funcionamento psíquico em um dado instante, ainda que a dominância possa estar em um ou outro dos dois pólos. Embora

muitas vezes as noções de “posições” e “fases” se confundam, abre-se a possibilidade, com a noção de “posição”, para um pensamento tão “estrutural” como “genético”. Com isso, fica mais em evidência o que resiste ao tempo e à história, o que insiste como atemporal, fora do tempo ou sem-tempo, o infantil, em suas articulações com o que se torna de fato parte de uma história e de um desenvolvimento. Em vez de falar em “fases do desenvolvimento da libido”, Klein passa a se referir às diferentes posições do sujeito que deseja, teme, odeia ou idealiza o seu objeto, lidando, enfim, com seus objetos internos e externos mediante estratégias e mecanismos peculiares a cada uma das posições. Cada posição comporta uma combinação estruturada de afetos (em especial, angústias), defesas e modos de relação com objetos internos e externos, implicando uma grande variedade de elementos corporais e mentais. As fantasias inconscientes funcionam como expressões diretas e mesmo a substância desses arranjos.

As posições esquizo-paranóide e depressiva podem ser compreendidas como descrições de cenários da fantasia que se organizam de modo diverso, produzindo efeitos diferentes no acontecer psíquico e na constituição do sujeito e de seus objetos, influenciando, portanto, na qualidade de sua experiência de si e do mundo. Há, é verdade, uma certa precedência cronológica da posição esquizo-paranóide em relação à posição depressiva, mas o aspecto mais importante a ser ressaltado é que, durante a vida toda, mas especialmente nos cinco primeiros anos de vida, época de elaboração da neurose infantil, ocorre uma oscilação entre as duas posições, que faz parte do ciclo de elaborações necessárias à saúde psíquica. A dinâmica da *posição esquizo-paranóide*, com os mecanismos de cisão e projeção, envolve o movimento predominante de livrar-se do acréscimo de estímulos por caminhos mais rápidos e violentos, que levam à descarga e ao esvaziamento de excitações, necessários à homeostase e à estabilização entrópica do aparelho psíquico. Por outro lado, a *posição depressiva*, com sua dinâmica conflitual entre amor e ódio, exige o movimento contrário: aumento da tolerância ao “tumulto interno” e ao acréscimo da “temperatura” psíquica. É uma dinâmica de inclusão, de integração entre opostos e de relativização das intensidades pulsionais, não pela

eliminação dos aspectos intoleráveis, mas por sua dolorosa e paciente elaboração. Isso nos levou, no capítulo precedente, a considerar essa dinâmica como gestacional, criadora de uma nova qualidade de prazer e desprazer que resulta da mútua combinação do amor e do ódio e de sua recíproca moderação. A pulsação entre as duas dinâmicas é necessária à regulação energética e ao processamento da neurose infantil, que é o trabalho *princeps* do psiquismo nos cinco primeiros anos de vida e envolve a modulação e a transformação das angústias psicóticas. O mais significativo, porém, com relação às duas posições, não é a precedência cronológica ou a “superioridade” de uma sobre a outra; é preciso que se atente para a contínua oscilação entre elas, aspecto que foi desenvolvido e comentado por Bion, um dos seguidores mais originais de Melanie Klein, e retomado por diversos discípulos posteriores, como John Steiner, que se refere a um equilíbrio entre as duas posições.¹

Embora Melanie Klein desse máxima importância à dualidade pulsional e aos conflitos e embates entre a pulsão de vida e de morte, ela postulava que, somente por meio da fantasia (fantasia inconsciente, grafada com “ph”), havia expressão (direta) da vida pulsional. Assim sendo, centralizou seu enfoque teórico nos cenários da fantasia e afirmava que a importância da fantasia inconsciente para a vida cotidiana, a arte e a produção científica nunca seria “exageradamente estimada”:

Fantasias inconscientes não são o mesmo que devaneios (embora estejam ligados a eles), mas sim uma atividade da mente que ocorre em níveis inconscientes profundos e que acompanha todo impulso vivenciado pelo bebê. Assim, por exemplo, um bebê faminto pode lidar temporariamente com sua fome alucinando a satisfação de lhe ser dado o seio, com todos os prazeres que normalmente obtém dele, tais como o gosto do leite, o calor do seio e ser segurado e amado pela mãe. Mas a fantasia inconsciente

Cf. J. Steiner. The equilibrium between the paranoid-schizoid and the depressive position. In: R. Anderson (org.). *Clinical Lectures on Klein and Bion*. London: Routledge, 1992.

também toma a forma oposta de sentir-se privado e perseguido pelo seio que recusa a dar essa satisfação. As fantasias — ao se tornarem mais elaboradas e referirem-se a uma variedade mais ampla de objetos e situações — continuam através de todo o desenvolvimento e acompanham todas as atividades. Elas nunca deixam de desempenhar um papel importante na vida mental. A influência da fantasia inconsciente na arte, no trabalho científico e nas atividades da vida cotidiana nunca será exageradamente estimada. (Klein, *Obras completas*, v. III, p. 285)

Podemos, então, guardar a idéia de que, no pensamento de Klein, a infra-estrutura pulsional do psiquismo — isto é, tudo que o movimenta como “necessidades... desejos, medos, ansiedades, triunfos, amor ou tristeza” (ibid., v. III, p. 285) — transforma-se em fantasias inconscientes. Da mesma forma, tanto as defesas, quanto as formas de visar objetos, e eles mesmos tal como representados em imagens, são articulados no plano das fantasias inconscientes. Também os mecanismos (por exemplo, introjeção e projeção) se articulam às fantasias inconscientes e são por elas expressos e acionados. “Tudo é fantasia”, diria a autora, referindo-se, é claro, à vida psíquica. Além disso, é importante lembrar que a vida de fantasia não se reduz, para ela, à vida da imaginação e dos devaneios diurnos, mas corresponde à forma pela qual as mais arcaicas experiências de prazer e desprazer são configuradas e registradas, o que corresponde à idéia de que a fantasia inconsciente tece a estrutura subjacente de todo fenômeno psíquico nas crianças e nos adultos, nos neuróticos, nos psicóticos e nos “normais”.

Essa concepção da fantasia como estruturante difere da idéia freudiana da fantasia como estágio regredido do funcionamento psíquico — que precisa ser superado —, embora exista, também em Freud, um núcleo psíquico último e irredutível que é o desejo inconsciente. A idéia freudiana da fantasia como via de regressão, que necessita ser substituída para dar lugar à percepção e ao princípio de realidade, revela um tom depreciativo associado à fantasia. Em Melanie Klein, esse tom desaparece para dar lugar à dimensão estruturante da fantasia, fundamento do solo psíquico. Em ambos os autores, tanto o desejo como a fantasia inconsciente nunca poderão ser completamente substituídos ou superados, e são

eles que constituem o núcleo duro e indestrutível da realidade psíquica.

No pensamento kleiniano, as sensações corporais são muito importantes na formação do tecido da fantasia: ela é a configuração psíquica das mais arcaicas sensações e sentimentos, é o lugar no qual se constitui a mais profunda imagem inconsciente do corpo. A fantasia é o lugar de registro daquilo que Melanie Klein chamou de “memórias em sentimento” (*memory in feelings*), mas que poderíamos chamar, de maneira mais exata, de “memórias em sensações”. Também as imagens em seus estágios pré-verbais são elementos importantes na composição das fantasias inconscientes. Estas, como nos lembra Julia Kristeva, foram um tecido composto de heterogêneos — sensações, imagens, mecanismos, pulsões, defesas, objetos etc. —, mas constituindo uma organização da experiência que já comporta um *sentido*. A esses elementos, pode vir a se juntar a linguagem, seja para formular as fantasias, trazendo-as ao plano consciente, seja para modificá-las, o que será essencial no trabalho clínico. As fantasias são estruturantes na justa medida em que organizam e, de uma certa maneira, “traduzem” todos esses elementos na constituição da vida psíquica. De passagem, vale assinalar que Melanie Klein pode ser considerada como uma das pioneiras na descoberta de que, durante uma análise, são decisivas a emergência e a elaboração do mundo de sensações, sentimentos e imagens da época pré-verbal, aspecto que tornou-se hoje objeto de muitos estudos em que se acentua a importância das dimensões do irrepresentável e do inominável no psiquismo.

Para Freud, a realização alucinatória do desejo ocorre no momento de ausência do seio, quando é preciso regredir aos traços da experiência de satisfação, criando a ilusão de sua presença. Em Melanie Klein, embora sem negar a importância do “seio bom alucinado”, a ênfase recai sobre a fantasia do “seio mau” que acompanha a experiência da ausência materna. Klein é muito sensível à dimensão de *desamparo* do recém-nascido, que, afastado da mãe, vê-se entregue à sua própria violência pulsional. Consideremos que a partir do texto “Além do princípio do prazer”, de 1920, Freud começara a falar de modo mais insistente a respeito da condição de desamparo do neonato. Ora, todo o pensar

psicanalítico de Melanie Klein começou por volta de 1919 e, com o entusiasmo e a escuta desprevenida de principiante, ela pôde beber e aproveitar das sugestões freudianas dessa época de um modo muito especial, em comparação com outros psicanalistas. Ela “entrou” no pensamento freudiano ao mesmo tempo em que Freud fazia um grande giro metapsicológico, indo da ênfase na sexualidade infantil em direção a outros aspectos da dinâmica psíquica, e, sem abandonar suas hipóteses originais, introduzindo a perturbadora pulsão de morte e sua dinâmica dissolutiva. Melanie Klein sensibilizou-se logo para a ênfase no desamparo do neonato: abandonado à pulsação de seu desejo, sem poder contar com as potências benevolentes que deveriam vir em seu auxílio, sente-se devorado pela força de sua própria demanda e pela raiva que decorre de sua frustração. A situação de estar sendo devorado por sua própria fúria pulsional é o que, mais tarde, Melanie Klein veio a chamar de fantasia do “seio mau”, e ela vai centralizar nisso sua teorização: em vez de experimentar uma ausência, o psiquismo imaturo vivencia uma presença nefasta. São essas angústias persecutórias arcaicas as responsáveis pela criação dos mecanismos de defesa primitivos e pela colocação em funcionamento do aparelho psíquico. Se Freud prioriza a sexualidade como força que coloca em movimento o funcionamento psíquico, Melanie Klein dará uma ênfase maior à pulsão de morte, geradora das mais arcaicas angústias, que exigem um aparelho psíquico capaz de processá-las.

Outro ponto importante do pensamento kleiniano é a relação entre o aspecto *constitucional* e o fator *ambiental*. Não resta dúvida de que ela pode ser criticada por ter colocado muita ênfase no aspecto constitucional, embora reconheça, até certo ponto, a importância do fator ambiental. Ela fala, por exemplo, de “agressividade inata” ao longo de toda a sua obra, o que encontramos neste texto de 1959: “A agressividade inata está destinada a ser incrementada por circunstâncias externas desfavoráveis e, de modo inverso, é mitigada pelo amor e pela compreensão que a criança pequena recebe” (ibid., v. III, p. 283). Embora a grande maioria dos psicanalistas, hoje, não aceite teorias que defendam a herança de aspectos psíquicos, é preciso fazer um esforço para compreendê-la em que sentido Melanie Klein entendia a herança, por exemplo, de

agressividade. Algumas linhas abaixo da citação acima, ela diz o seguinte:

Alguns bebês vivenciam um intenso ressentimento frente a qualquer frustração e o demonstram sendo incapazes de aceitar gratificação quando esta se segue à privação. Eu sugeriria que tais crianças têm uma agressividade inata e uma voracidade mais fortes do que aqueles bebês cujas explosões ocasionais de raiva logo cessam. Se um bebê mostra que é capaz de aceitar alimento e amor, isto significa que ele pode, relativamente rápido, superar o ressentimento em relação à frustração e, quando a gratificação é novamente proporcionada, recuperar seus sentimentos de amor. (ibid., v. III, p. 283)

A passagem demonstra que o aspecto constitucional seria melhor apreciado se, em vez de chamá-lo *agressividade inata*, Melanie Klein falasse de uma *tolerância à frustração* que parece ser menor em algumas crianças do que em outras, desde o nascimento, e com uma relativa independência do fator ambiental. Isso sugere que ela poderia ter postulado com mais exatidão a herança de uma *capacidade maior ou menor para tolerar frustrações*, o que seria muito mais aceitável, embora seja algo diferente da hipótese de uma herança direta de agressividade e de inveja.

Partindo do binômio *constitucional-ambiental*, podemos deixar de lado a questão de uma herança genética, e substituir o “constitucional” por “mundo interno” para examinar o *binômio mundo interno-ambiente*. Constatamos, então, que a ênfase sobre o fator *mundo interno* e o objetivo de desvendar o cenário de fantasia da criança ou do paciente dominaram o pensamento da autora. Nas duplas mãe-criança e analista-paciente, Melanie Klein focalizou sua atenção de tal modo sobre o poder de transformação da fantasia da criança ou do paciente que pareceu ignorar estarem a mãe ou o analista sujeitos ao mesmo poder de refração do imaginário, por melhor que tenham se analisado. O que se passa no nível mais profundo com o analista, quando está exercendo sua atividade, não foi objeto de estudo para Klein – discípulos, como Winnicott e Bion, encarregaram-se de desenvolver tais dimensões. Podemos dizer que os aspectos continentais (*holding*) ou as falhas do analista ou da mãe, assim como a capacidade para a *rêverie* ou

a falta de *rêverie* – isto é, a incapacidade, por parte da mãe ou do analista, de desenvolver um devaneio criativo que possa envolver o paciente ou o filho –, não eram preocupações de Melanie Klein. De uma forma bastante compreensível, o *holding* e a *rêverie* da mãe ou do analista acabaram sendo teorizados, respectivamente, por Winnicott e Bion. Há em Melanie Klein (e também em Freud) uma tendência ao solipsismo, isto é, a considerar o psiquismo em si mesmo como uma mônada fechada, fonte de todo o acontecer psíquico, e uma tendência a interessar-se menos por desvendar o que acontece no plano da intersubjetividade. Isso não quer dizer, contudo, que ela não tenha postulado, em termos amplos e gerais, a relação viva entre o mundo interno e o externo, explicando a construção interdependente de ambos por meio da introjeção e da projeção. É o que a faz, inclusive, um marco na origem das chamadas “teorias das relações objetais”. Ainda que os “objetos” sejam em grande medida “objetos internos”, a ênfase nos processos de projeção e introjeção aponta para a contínua interação entre o psiquismo e seu ambiente. A partir daí, inclusive, não é difícil – ao contrário, é mesmo indispensável – considerar os processos intersubjetivos como implicando relações entre dois ou mais “mundos internos”, cada um deles em processo relacional permanente, continuamente exercitando “projeções e introjeções recíprocas.

Na verdade, um dos pontos mais significativos do pensamento kleiniano foi ter justamente colocado uma grande ênfase sobre os processos de introjeção e projeção, tornando-os responsáveis pela constituição tanto do mundo externo quanto do mundo interno de cada indivíduo. Diz ela:

A introjeção e a projeção funcionam desde o início da vida pós-natal... Considerada a partir deste ângulo, a introjeção significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que o bebê atravessa e os objetos que ele encontra não são vivenciados apenas como externos, mas são levados para dentro do *self*, vindo a fazer parte da sua vida interior. Essa vida interior, mesmo no adulto, não pode ser avaliada sem esses acréscimos à personalidade derivados da introjeção contínua. A projeção, que ocorre simultaneamente, implica que há uma capacidade na criança

de atribuir a outras pessoas a sua volta sentimentos de diversos tipos, predominantemente o amor e o ódio. (ibid., v. III, p. 284)

Retomemos, então, os pontos que já ressaltamos até aqui. Para Melanie Klein, se tivermos de construir uma imagem (mítica) das origens, é como se “tudo fosse fantasia” e “tudo viesse de dentro”, isto é, toda a persecutoriedade, todo o medo, e também, logicamente, o pânico, assim como a capacidade de amar, admirar, sentir gratidão, é como se tudo isso nascesse do interior, do mundo interno e da predominância do amor ou do ódio que habita em cada pessoa. O mundo interno seria, então, nesse ponto original, o tumulto infernal de pulsões opostas e forças que se somam, intensificam-se ou anulam-se, produzindo o sentimento de ser habitado por uma guerra e, ao mesmo tempo, habitar no centro de um conflito entre vida e morte, repleto de um sentimento agônico. Mas, se o aparelho psíquico apenas acumulasse excitações e mais excitações dessa ordem acima mencionada, chegaria a um ponto de implosão. Para tornar esse aparelho psíquico viável, Melanie Klein terá de pensar em uma combinação de mecanismos de defesa que sirva fundamentalmente para diminuir a turbulência interna. Trata-se do mecanismo de *cisão*, associado à *projeção*, sendo ambos os mecanismos capazes de anular e separar as forças combatentes, criando uma aparente calma utilizando-se de um processo radical de livrar-se de estímulos. Mais radical que o recalçamento e anterior a ele, a descrição desse mecanismo de defesa – a *cisão* primordial, a *ex-cisão* – tornou-se marca registrada de Melanie Klein, e segundo ela, embora esteja sendo mais intensamente usado nos primeiros tempos de vida, voltará a ser empregado ao longo de toda a existência:

O processo de *cisão* muda em forma e conteúdo à medida que prossegue o desenvolvimento, mas de algum modo nunca é inteiramente abandonado. A meu ver, os impulsos destrutivos onipotentes, a ansiedade persecutória e a *cisão* predominam nos primeiros três ou quatro meses de vida. Descreverei essa combinação de mecanismos e ansiedades como sendo a posição esquizo-paranóide, que em casos extremos torna-se a base da paranóia e da doença esquizofrênica. Os correlatos dos sentimentos destrutivos são de grande importância nesse estágio inicial. Destacarei a voracidade e a inveja como fatores muito

perturbadores, primeiramente na relação com a mãe e mais tarde com outros membros da família, e na realidade, através de toda a vida. (ibid., v. III, p. 287-8)

No pensamento de Klein, as tendências que mais contribuem para o acréscimo de energia do aparelho psíquico são, de um lado, os *impulsos destrutivos onipotentes* e, de outro, a *angústia persecutória*. Esses impulsos destrutivos arcaicos são onipotentes, pois operam em uma dinâmica de tudo ou nada, e o que os torna tão ameaçadores é a sua intensidade. A angústia persecutória, característica da posição esquizo-paranóide, é a manifestação psicológica mais direta de tais impulsos. No pensamento de Melanie Klein, impulsos destrutivos opõem-se radicalmente a impulsos amorosos. Entretanto, quando ela destaca a voracidade e a inveja como fatores muito perturbadores (e fazendo parte do grupo de impulsos destrutivos), podemos ver que *impulsos destrutivos* são também a sua forma de falar a respeito da violência do desejo sexual, uma vez que a voracidade é a intensificação do desejo sexual pela mãe vivido em sua máxima amplitude, o que o torna destrutivo. A questão da conversão da sexualidade em força destruidora está ligada à intensidade e à falta de modulação do desejo. É esse, fundamentalmente, o problema da voracidade e da inveja, ou seja, a transformação de *Eros* em *Tanatos*. A consequência disso é a predominância cada vez maior da destrutividade e de um estado de fragmentação. Por isso, a inveja tornou-se um aspecto importante da posição esquizo-paranóide: responsável pela destruição dos aspectos benevolentes do objeto, ela deixa a criança à mercê da força de sua própria destrutividade. A gratidão é necessária para que se desenvolva a capacidade de receber algo do ambiente; quando está ausente, torna difícil o proveito até mesmo dos aspectos mais nutrientes que vêm do ambiente externo.

Na citação acima, fica também muito evidente a necessidade da figura materna – e, mais tarde, de outras pessoas – como receptora e depositária dos *impulsos destrutivos onipotentes*. Por meio da operação de acolher a destrutividade, a mãe fica toda impregnada e infiltrada com a agressividade da criança; além disso, colocar para dentro da mãe a própria destrutividade é fazer uma identificação projetiva com ela.

A identificação projetiva foi uma das mais importantes invenções de Melanie Klein, inicialmente pensada como uma relação de objeto agressiva e depois considerada, em sua forma mitigada e menos violenta, a base da relação de empatia:

Através da projeção de si mesmo ou de parte dos próprios impulsos e sentimentos para dentro de outra pessoa, ocorre uma identificação com esta, embora diferente da identificação advinda da introjeção. Pois, se um objeto é tomado para dentro do *self* (introjetado), a ênfase recai sobre a aquisição de algumas das características desse objeto e em ser influenciado por elas. Por outro lado, quando se coloca parte de si mesmo dentro de outra pessoa (projetar), a identificação se baseia na atribuição a essa outra pessoa de algumas das próprias qualidades. A projeção tem muitas repercussões. Somos inclinados a atribuir a outras pessoas – e em certo sentido colocar dentro delas – algumas de nossas próprias emoções e pensamentos, e é óbvio que a natureza amistosa ou hostil dessa projeção dependerá de quão equilibrados ou perseguidos estejamos. Através da atribuição de partes de nossos sentimentos a outra pessoa, compreendemos seus sentimentos, suas necessidades e satisfações. Em outras palavras, estamos nos colocando em sua pele. (ibid., v. III, p. 286-7)

Esse “colocar-se dentro da pele do outro” é um desejo fundamental que já foi tematizado pela literatura² e pelo cinema, e mostra a profunda conexão entre as pulsões de vida e de morte nessa interpenetração de corpos: de um lado, o desejo de sondar, conhecer e ser o outro, e, ao mesmo tempo, o desejo de destruí-lo e a necessidade de livrar-se de aspectos indesejáveis de si, em um ato de descarga. Nessa pauta, a relação é muito simbiótica e o destino é sempre funesto: ou a dependência máxima e a fusão com o outro impedem o nascimento da individualidade, ou o outro é

O romance *Se eu fosse você*, de Julien Green, e as histórias de “vender a alma ao diabo”, ou os mitos que falam da conquista da capacidade de tornar-se invisível, são alguns exemplos na literatura, bem como o filme *Quero ser John Malcovitch*, no cinema.

simplesmente ignorado e destruído; por isso, um excesso de identificação projetiva fica sempre associado às psicoses.

De outro lado, as identificações introjetivas favorecem o desenvolvimento criando um núcleo organizador e formador do ego. Essas identificações com a mãe e o pai, em seus aspectos prestativos e capazes de cuidar, envolvem elementos parentais que são introjetados e assimilados ao ego, criando neste as funções originalmente desempenhadas pelos pais.

Se a mãe é assimilada ao mundo interno da criança como um objeto bom do qual esta pode depender, um elemento de força é agregado ao ego. Pois eu suponho que o ego em grande parte desenvolve-se em torno desse objeto bom e que a identificação com as características boas da mãe torna-se a base para identificações benéficas posteriores. A identificação com o objeto bom aparece exteriormente no bebezinho que copia as atividades e atitudes da mãe, o que pode ser visto em seu brincar e freqüentemente também em seu comportamento em relação a crianças menores. (ibid., v. III, p. 285)

O próprio desenvolvimento da capacidade de brincar e as características dessa atividade lúdica servem de base para as observações analíticas de Melanie Klein, que pode ir discernindo, então, de forma indireta, o tipo de identificação predominante em uma certa criança. A capacidade de cuidar e manter íntegros os seus brinquedos seria um primeiro sinal de que predominam objetos e sentimentos bons no mundo interno.

Tudo isso contribui para uma personalidade estável e torna possível estender compreensão e sentimentos amistosos a outras pessoas. Fica claro que uma relação dos pais entre si e com a criança e uma atmosfera feliz em casa desempenham um papel vital no êxito desse processo. (ibid., v. III, p. 285-6)

O tema de uma atmosfera feliz em casa e de uma boa relação do casal parental remete-nos ao complexo de Édipo. Uma das mais interessantes invenções de Melanie Klein, o complexo de Édipo precoce, é um dos pontos que permanece vivo em seu pensamento do começo ao fim da obra. Pode-se afirmar que uma boa resolução do complexo de Édipo envolve a construção interna do pai e da

mãe em suas funções de cuidar e proteger e mantendo uma relação amistosa entre si. É importante ressaltar que a qualidade do objeto bom resultante dessa construção é diferente do objeto bom da posição esquizo-paranóide. Nesta última, o objeto bom tende a ser sempre idealizado e serve para contrapor-se ao objeto mau, sendo assim muito instável, e havendo sempre a possibilidade de que o objeto bom ideal converta-se em persecutório. Na posição esquizo-paranóide, as relações são predominantemente duais, pois a relação com o objeto ideal exige a abolição completa da relação com o objeto mau. A descoberta do triângulo que coloca a criança diante de duas possibilidades de relacionamento, com o objeto bom e com o objeto mau, é o acontecimento que precipita a entrada tanto na posição depressiva quanto no complexo de Édipo precoce.

Complexo de Édipo e posição depressiva ficaram sempre associados no pensamento kleiniano,³ como já vimos em páginas anteriores. Não é suficiente entrar na posição depressiva, o mais difícil é, na verdade, a sua elaboração mais intensiva, processo que nos casos mais saudáveis ocupa os cinco primeiros anos de vida – o chamado período de elaboração da neurose infantil – e depois disso terá de ser sempre retomado. O processamento da posição depressiva e do complexo de Édipo são, fundamentalmente, processos de luto. Celebra-se o fim das ilusões onipotentes e do narcisismo fálico da primeira infância e abre-se espaço para os ideais mais secundários, para a possibilidade de assumir um destino sexuado que implica não poder ser ao mesmo tempo homem e mulher, mas, principalmente, que envolve a difícil passagem da aspiração a ser tudo para alguém para uma etapa em que se consinta manter um relacionamento no qual os parceiros podem ter vidas e prazeres independentes um do outro. Celebra-se, portanto, o luto da relação diádica, a mútua contemplação fascinada que

3. Consultar, também, o trabalho de Ronald Britton, "O elo perdido: a sexualidade parental no complexo de Édipo", que foi publicado em D. Breen. *O enigma dos sexos. Perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade*. Trad. Fernando Náufel, Maria da Penha Ferreira e Tânia Penido. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

encerra os dois protagonistas em uma célula narcísica. O aprisionamento no complexo de Édipo e a dificuldade de separar-se dos pais podem assumir a forma de uma nostalgia da díade mãe-bebê, revivida em outras relações, ou da impossibilidade de sair da tríade narcísica — na qual a criança tem de ocupar para sempre o lugar de criança maravilhosa, e os pais, dissociados da sexualidade genital, mantêm entre si uma relação sublime e assexuada.

Outro aspecto do luto que caracteriza a posição depressiva e o complexo de Édipo é o reconhecimento da filiação (isto é, não houve auto-engendramento, do que decorre uma dívida para com os pais) e, ao mesmo tempo, a difícil separação da dependência afetiva para com os pais, abrindo-se espaço para a troca afetiva fora da díade e da tríade parentais. É preciso deixar de querer ser tudo para tornar-se alguma coisa; e, somente quando os ferimentos narcísicos da infância foram em grande medida superados, abre-se espaço para investir o mundo extrafamiliar e fazer uma inserção nele. Encontrar um companheiro sexual e viver a própria experiência da sexualidade, por um lado, e, por outro, tornar-se independente dos suprimentos parentais, batalhar a própria sobrevivência e automanter-se mediante o próprio trabalho são objetivos que ocupam grande parte do tempo das pessoas que procuram sair da infância psíquica. A descrição desse processo de elaboração coincide com a dissolução do complexo de Édipo, no pensamento de Freud, incluindo-se o detalhe de que, embora possa ser dissolvido e superado, esse complexo deixa sempre um resto de trabalho a ser feito, que exige constantes reelaborações. A maioria das pessoas não terminou de celebrar seu nascimento psíquico, dizia Freud. O processo analítico, tanto para Freud quanto para Melanie Klein, é um dispositivo especialmente endereçado a favorecer esse nascimento e, nesse sentido, o analista seria o parteiro da alma. A análise cria uma atmosfera que favorece poderem ser os milhares de lutos da infância levados a termo, o que às vezes exige muito tempo. Não é nada simples conseguir a libertação dos tormentos envolvidos na forma infantil de amar, com suas aspirações absolutas e sua exigência de exclusividade que encerram os personagens em uma célula narcísica e no obstáculo que impede os atos de conhecer, trabalhar e amar.

Querer ser tudo para alguém, possuir e controlar o objeto amado são aspirações que estão no âmago da forma infantil de amar. Essas características ligam-se às relações duais ou às tríades narcísicas que caracterizam a relação com os pais da primeira infância. Há um caráter absoluto na expectativa amorosa entre a mãe e o bebê, por exemplo, que querem ser tudo um para o outro; a forma primitiva de amar exige um nível de exclusividade que impede a existência de quaisquer outros relacionamentos. O maior trauma da entrada no Édipo ou na posição depressiva é a descoberta de um terceiro, que vem quebrar a aspiração a ser tudo para alguém. E é, fundamentalmente, esse trauma que estará sendo elaborado e reelaborado ao longo de todas as análises. Uma canção de Chico Buarque, chamada “Você, você, uma canção edipiana”, fala poeticamente da primeira emergência dessa terrível descoberta, o fato de que a mãe leva uma vida independente e tem outros interesses além do bebê.

Melanie Klein relata uma fantasia típica infantil, a figura dos pais combinados, que envolve a idéia de um casal parental continuamente gratificando-se sexualmente e excluindo de forma violenta e cruel a criança. Essa fantasia lembra a descrição do “coito sádico”, considerada por Freud uma das fantasias originárias. Em ambas as fantasias, a figura dos pais encontra-se infiltrada de muita violência e sadismo, combinando prazer sexual com um poder muito grande de excluir e voltar-se contra a criança. Melanie Klein descobriu o grande medo infantil de que as duas pessoas de quem um bebê depende integralmente voltem-se em unísono contra ele, ameaçando-o, e colocando-o em uma situação de máximo desamparo. Podemos considerar que essa tríade violenta é muito primitiva e, como as figuras do pai e da mãe acham-se aí tão integralmente combinadas, interpenetradas e mesmo confundidas, a “tríade” tende a formar em unísono um único pólo, fazendo regredir a relação ao esquema dual, em que se confrontam, de um lado, a criança, como pólo de máximo desamparo, e, de outro, a figura combinada dos pais, como pólo de máxima onipotência e horror. A figura monstruosa dos pais combinados pode ser associada com a Esfinge de Tebas e com todas as figurações de seres desse tipo. Digamos que essa falsa triangulação primitiva desencoraja o acesso à triangula-

ção e à descoberta dos outros relacionamentos que a mãe possa porventura manter, excluindo a criança.

Por que a triangulação é tão importante para a saúde psíquica? Há muitas maneiras de responder à questão. A primeira resposta está ligada à fantasia dos pais combinados, tão aterrorizadora, pois faz convergir todo o poder, de vida e de morte, em uma única figura que se confronta diretamente com a criança. De outro lado, uma criança que consegue manter um relacionamento diferenciado com o pai e com a mãe serve-se disso para quebrar um pouco a hegemonia do poder parental. Um poder paterno que vem moderar o poder materno, compatibilizando-se com ele, isto é, sem desautorizá-lo, conduz a um sistema de mediações que é o próprio princípio democrático de constituir diversos poderes para se evitar a concentração excessiva do poder em uma única instância, o que favorece o abuso, a arbitrariedade e o despotismo. Entretanto, só há triangulação se as figuras paterna e materna se mantiverem discriminadas e estabelecerem um relacionamento de amor entre si. Ora, reconhecer que os pais se amam e vivem essa misteriosa dimensão de sua existência longe do seu olhar é o aspecto de mais difícil aceitação por parte da criança, que mantém a exigência de um amor exclusivo e absoluto dos pais. Na verdade, uma boa resolução do complexo de Édipo envolve a construção interna do pai e da mãe em suas funções de cuidar e proteger e mantendo uma relação de amor que necessariamente implica exclusão da criança. Suportar estar excluído de aspectos da vida dos pais é também separar-se deles e conquistar para si o direito de ter suas próprias experiências, excluindo por sua vez os pais.

Donald Meltzer, um dos seguidores de Melanie Klein, já havia compreendido a importância de poder reconhecer o amor entre os pais e a função estruturante que emana disso. Ele considera a aquisição dessa capacidade não apenas um sinal de boa elaboração do complexo de Édipo e da posição depressiva, mas também um critério de fim de análise. Um outro autor, Britton, afirma que a superação do Édipo envolve reconhecer a diferença entre a relação dos pais entre si e a relação pais e filhos: "... a dos pais é genital e procriadora; a relação pai-filho, não. Esse reconhecimento produz um sentimento de perda e inveja, que, se não tolerado, pode-se

tornar um sentimento de ressentimento e autodenegrimiento".⁴ Além disso, reconhecer a sexualidade parental e fechar o triângulo edípico abre, para a criança, a possibilidade de ser a observadora da relação entre duas pessoas e, ao mesmo tempo, participar de uma relação que é observada por uma terceira pessoa. Isso facilita a criação de um espaço fora do *self* que pode ser observado e pensado e, se houver o reconhecimento da relação parental como harmoniosa, isso será a base da idéia de que pode haver um lugar seguro e confiável no mundo.

Entretanto, se predominar a inveja da relação entre os pais e de quaisquer outras relações que os pais mantenham – com os outros irmãos, por exemplo –, o ressentimento irá denegrir o valor da dádiva parental, e aquela reserva interior de um lugar seguro e confiável deixa de existir, aumentando o sentimento de desamparo. A saúde psíquica está sempre baseada em uma capacidade de manter o valor dos objetos e neles sustentar um investimento libidinal, o que permite a abertura ao mundo. Se a criança não suporta o próprio desejo, com seus tormentos e frustrações, irá retirar o valor das pessoas e considerar que "não vale a pena" sustentar o seu desejo, sucumbindo, então, à dinâmica da inveja. A inveja é, fundamentalmente, uma estratégia de desinvestimento libidinal, para diminuir a intensidade da cobiça pelo objeto de amor e eliminar a sensação de depender e ter de esperar pela dádiva parental, correndo, assim, o risco de frustrar-se. Por outro lado, a gratidão – o sentimento de reconhecimento da dádiva parental e de seu valor – é o que permite sustentar o investimento nos "pais bons", por meio de todas as frustrações, proporcionando que se tire o maior proveito possível das situações de satisfação que o ambiente oferece. Costuma-se dizer que somente as pessoas que sentem gratidão podem desfrutar do que lhes é oferecido, pois a atitude grata mantém o valor da dádiva, ao passo que a inveja a deprecia. As pessoas que desenvolvem uma atitude de gratidão conseguem manter apreço e interesse por pessoas de sua convivência, que, apesar de suas falhas, continuam a ser amadas.

4. R. Britton. Op. cit., p. 90 (cf. nota anterior).

Melanie Klein postula que a relação com a realidade externa será influenciada pela presença predominante de inveja ou gratidão. Muitas frustrações terão de ser enfrentadas no relacionamento com a realidade externa, e se houver predomínio da inveja, o valor e o significado da realidade externa vão sendo diminuídos, provocando um decréscimo do investimento no mundo, o que torna impossível interessar-se e tirar prazer dessa relação, diminuindo, assim, a eficiência e a possibilidade de lidar com a realidade.

A análise seria um dispositivo que ajuda a elaborar as frustrações e aumentar a capacidade de sustentar os investimentos no mundo e nas pessoas, corrigindo o trabalho destruidor da inveja:

Freud postulou o processo de elaboração como parte essencial do procedimento psicanalítico. Resumidamente isso significa capacitar o paciente a vivenciar reiteradamente suas emoções, ansiedades e situações passadas, tanto na relação com o analista quanto com diferentes pessoas e situações na vida presente e passada do paciente. Entretanto, um trabalho de elaboração ocorre em alguma medida no desenvolvimento individual normal. A adaptação à realidade externa aumenta, e com isso o bebê adquire uma imagem menos fantasiosa do mundo ao seu redor. (ibid., v. III, p. 289-90)

A imagem muito fantasiada do mundo, que o tornava temível e assustador, e as reações intensas de medo e de culpa em crianças muito pequenas levaram Melanie Klein, como já vimos, à hipótese de que o superego não se formava apenas no fim do complexo de Édipo, mas desde o seu princípio, que ela datava da época do desmame. Esse é um ponto decisivo do pensamento kleiniano, elaborado desde 1926, e que permaneceu em toda a sua obra: o surgimento do superego por volta dos cinco ou seis meses de vida, em vez dos cinco anos de idade, como sugere Freud, ao fim do complexo de Édipo.

É minha hipótese que, no quinto ou sexto mês de vida, o bebê começa a temer pelo estrago que seus impulsos destrutivos e sua voracidade podem causar, ou podem ter causado, aos seus objetos amados. Isso porque ele não pode ainda distinguir entre seus desejos e impulsos e os efeitos reais deles. Ele vivencia sentimentos de culpa e a necessidade presente de preservar esses objetos e de repará-los pelo dano feito. (ibid., v. III, p. 289)

Os aspectos mais aterrorizantes do mundo da fantasia devem-se à presença de um superego arcaico, cuja influência difere muito do superego edípico, organizador e instaurador da lei. Esse superego arcaico pulsional e desmedido produz ordens e contra-ordens incompatíveis e de uma severidade extrema, conduzindo a toda a série de enclaves e duplo-vínculos que caracterizam alguns estados psicóticos e neuroses obsessivas graves. No caso clínico “O homem dos ratos”, e também no “Caso Schreber”, Freud já havia discernido os tormentos que podem derivar da presença de um superego primitivo, mas não havia teorizado mais amplamente sobre o assunto. Melanie Klein foi a primeira psicanalista a deter-se sobre essa questão, e construiu um modelo de análise destinado a trabalhar, suavizar e integrar o superego primitivo ao ego. Ao longo desse esforço, foi obrigada a constatar, inúmeras vezes, a dificuldade de realizar a *dissolução* do superego primitivo e sua completa integração ao ego. Voltaremos a isso. Não é difícil estimar o papel de vilão desse superego precoce para todo o campo da psicopatologia: ele está envolvido em todas as formas de adoecimento psíquico, sobretudo nas mais sérias e comprometedoras, como psicoses e neuroses graves. É responsável, também, pelas inibições intelectuais, e explica a crueldade dos criminosos. A diminuição do caráter aterrorizador e da severidade de suas injunções, ordens e contra-ordens é a única maneira de recuperar a saúde psíquica, embora a sua dissolução e integração ao ego nem sempre sejam completas, permanecendo alguns resíduos inassimiláveis.

Além disso, a transformação dos aspectos aterrorizadores do superego precoce em uma consciência moral capaz de organizar o caos da fantasia, impondo a separação dos sexos e das gerações – uma das funções do superego mais evoluído –, vai tornar-se um dos principais objetivos da análise kleiniana. Em outras palavras, pode-se afirmar que o aspecto mais nevrálgico da análise kleiniana é a transformação do superego primitivo em sua forma edípica, capaz de instaurar o pacto social.

Em uma de suas obras publicada postumamente, “Algumas reflexões sobre a Oréstia” (1963), Melanie Klein inspira-se nas divindades gregas Erínias e Eumênides para falar dessa transformação

do superego arcaico em consciência moral benigna. As Erínias são divindades vingadoras que perseguem Orestes depois que este assassinou a mãe. Elas produzem um tormento indescritível, e podem ser comparadas a uma culpa corrosiva, que consome o assassino como se tivesse ele mil insetos devoradores dentro de sua cabeça, sem trégua e sem descanso. Melanie Klein mostra que a aparição da culpa nos estágios mais primitivos do desenvolvimento faz com que ela seja infiltrada na violência pulsional, tornando-se tão intensa que rapidamente se transforma em um movimento de perseguição. A crueldade do superego precoce deriva dos impulsos sádicos da criança projetados sobre os pais que, novamente introjetados, tornam-se, assim, figuras persecutórias e vingadoras. A lógica kleiniana mostra que é o próprio sadismo da criança a força responsável pela criação dos aspectos descontrolados e severos de seu superego primitivo, que funcionam como as Erínias, obedecendo à lei cega do retorno – o assassinato da mãe retorna sobre Orestes com violência, ameaçando-o e perseguindo-o. O funcionamento do superego arcaico responde sempre à lei da vingança: por causa dela, Orestes paga com a morte da mãe o assassinato do pai – Agamenon –, quando o pai havia sido morto por Clitemnestra, que vingava Ifigênia. O ciclo da violência e da *vendetta* se instala, o que corresponde a um estágio primitivo de desenvolvimento da consciência e de práticas anti-sociais. Esses são os efeitos do funcionamento do superego arcaico; podemos, por exemplo, associá-los aos resultados de todas as formas de fundamentalismo religioso que existem no mundo de hoje com seu rastro de morte e que também operam por meio dessa mesma lógica selvagem “olho por olho, dente por dente”, instalando-se um ciclo de ajuste de contas interminável e criando-se sempre um acréscimo de violência.

Na tragédia grega, anos depois de seu crime, Orestes, exausto da perseguição das Erínias, pede clemência a Apolo e chega a Delfos, onde espera ser julgado e perdoado. Vejamos o relato de Melanie Klein:

Ele tenta chegar a Delfos, onde espera ser perdoado. Apolo aconselha-o a apelar para Atena, que representa a justiça e a sabedoria. Atena organiza um tribunal ao qual chama os homens

mais sábios de Atenas, e diante do qual Apolo, Orestes e as Erínias depõem. Os votos dados a favor e contra Orestes são iguais e Atena, que tem o voto decisivo, favorece o perdão para Orestes. No decurso do processo as Erínias sustentam teimosamente que Orestes deve ser punido e que elas não vão desistir de sua presa. Entretanto, Atena promete-lhe repartir com elas seu poder sobre a cidade de Atenas e também que elas permanecerão as guardiãs da lei e da ordem para sempre, e como tal serão honradas e amadas. Suas promessas e argumentos produzem uma mudança nas Erínias, que se tornam Eumênides, as “bondosas”. Elas concordam que Orestes seja perdoado, e ele retorna à sua cidade natal para tornar-se o sucessor de seu pai. (ibid., v. III, p. 315)

As Erínias, divindades sedentas de vingança, transformam-se em Eumênides, capazes de perdoar, mediante um longo processo de julgamento, e da promessa de se tornarem “guardiãs da lei e da ordem para sempre”, dividindo com Atena o poder sobre a cidade de Atenas. Se considerarmos que as Erínias eram representantes de um poder matriarcal que havia sido deposto e aviltado, a reintegração das Erínias ao poder, ao lado de Atena, representa a reparação necessária à sua transformação. Durante o complexo de Édipo, o poder materno precisa ser relativizado e modificado pelo poder paterno (Orestes, em defesa de Agamenon), mas o poder paterno precisa compatibilizar-se com o poder materno sem destruí-lo, criando condições para uma integração. Isso é o que podemos considerar uma boa resolução do Édipo, essa mútua relativização dos poderes materno e paterno. Ora, essa é a proposta de transformação psíquica por meio da análise, ainda que Melanie Klein fale mais em elaboração da posição depressiva e não tanto em complexo de Édipo.

Embora o objetivo do desenvolvimento e também da análise seja “a assimilação crescente do superego pelo ego e a passagem do medo para a culpa”, em nenhum momento essa passagem poderá ser completa. Essa conclusão a respeito do inacabamento desses processos, da impossibilidade de assimilar ao ego algumas figuras aterrorizantes do superego primordial, levou Melanie Klein, poucos anos antes de sua morte, a dizer que algumas das figuras mais extremas e polarizadas que antes compunham o superego

arcaico persistem polarizadas e separadas do resto do aparelho psíquico, não pertencendo mais, no entanto, ao superego arcaico. A separação visa distinguir os aspectos arcaicos do superego que são passíveis de transformação e assimilação ao ego daqueles que permanecem indestrutíveis e inassimiláveis, como o desejo inconsciente. Conforme nos diz a Comissão Editorial Inglesa nas *Obras completas*:

Seus pensamentos finais a respeito do superego podem ser encontrados em “Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental” (1958). Melanie Klein se afasta de repente do princípio que defendia há quarenta anos, segundo o qual a base do superego é formada pelas figuras mais aterrorizantes e severas. Afirma ao invés disso que as figuras mais severas não fazem parte do superego, ocupando uma região que lhes é própria, separada do resto da mente. (ibid., v. I, p. 285)

A persistência desses resíduos irreduzíveis incessantemente exige a renovação do trabalho de análise – que, na verdade, é interminável – e faz com que o risco de sucumbir a um funcionamento mais psicótico, dependendo de novos equilíbrios de forças, permaneça como uma ameaça possível. Essa mudança ao fim da obra de Klein não altera fundamentalmente tudo o que havia sido proposto até então, inclusive o objetivo de modificar o superego arcaico, transformando-o em uma consciência desenvolvida que permita o aparecimento do sentimento de culpa e dos valores morais.

Um dos aspectos importantes no processo de transformação do superego arcaico para a consciência moral e um dos principais recursos para conseguir atravessar a posição depressiva é a reparação, noção mencionada por Melanie Klein desde 1929, em “Situações de ansiedade infantil refletidas em uma obra de arte e no impulso criativo”. Melanie Klein havia descrito o mecanismo da reparação como o impulso a restaurar, por intermédio da criação artística, o objeto que fora ferido pela depreciação ou pela crítica destrutiva. O movimento de reparação que aparece na posição depressiva corresponde a uma reação contra o medo de ter destruído o objeto amado e ao desejo de repará-lo e reconstruí-lo em sua integridade por meio de um ato de amor:

Em alguns de meus trabalhos anteriores examinei em detalhes a noção de restauração e mostrei que ela é muito mais que uma formação reativa. O ego se sente impelido (por sua identificação com o objeto bom, posso acrescentar agora) a oferecer uma restituição por todos os ataques sádicos que lançou contra o objeto. Quando ocorre uma divisão clara entre o objeto bom e o mau, o sujeito tenta restaurar aquele, compensando através desta restauração todos os detalhes de seus ataques sádicos. (ibid., v. I, p. 307)

A capacidade de realizar reparações está na base da capacidade para amar, trabalhar, interessar-se por alguma coisa, investigar e aprender. As produções artísticas e científicas, e as pequenas obras do cotidiano podem ser consideradas como originadas do desejo de restaurar, fazer novamente funcionar e reviver os objetos feridos da fantasia infantil. Quando o sentimento de culpa impulsiona atos de reparação, Melanie Klein considera que esses sentimentos estão a serviço da construção e da restauração do mundo.

6 A CLÍNICA KLEINIANA: ESTILO, TÉCNICA E ÉTICA

Lembrarmos de Melanie Klein como a psicanalista que lançou as bases e desenvolveu a técnica da análise de crianças – mais ainda, de crianças muito pequenas – não é errado, mas não é suficiente. Por mais que essa inovação tenha sido de fato revolucionária, principalmente se comparada com as idéias então dominantes e contra as quais ela teve de se bater, o alcance de seu trabalho clínico é muito mais amplo e profundo. A partir de seus atendimentos de crianças e bebês, ela pôde estender o campo da psicanálise clínica para áreas até então inacessíveis ou muito problemáticas – como, por exemplo, os casos de pacientes psicóticos, autistas e *border-line*, foco dos trabalhos de muitos de seus seguidores e que, até então, estava interditado ou era desaconselhado pelo próprio Freud. Mas, além disso, o que talvez seja ainda mais importante, ela trouxe novas propostas clínicas, novas estratégias terapêuticas e um novo estilo de trabalho para o atendimento de adultos neuróticos. Ou seja, todo o campo da clínica psicanalítica foi transformado. Isso, aliás, foi um dos pontos sobre os quais se travaram os debates entre kleinianos e freudianos durante as Controvérsias da década de 1940 na Sociedade Britânica, o que deu ensejo a que, em 1943, Melanie Klein escrevesse um breve, conciso e preciso memorando em que explicita o que há de mais fundamental em sua

técnica.¹ Alguns aspectos dessas formas de lidar com o processo analítico vieram a ser parcialmente modificadas por seus seguidores, embora o estilo clínico kleiniano ainda seja neles muito evidente. Disso trataremos adiante.

O primeiro aspecto a destacar é que tanto Melanie Klein como seus seguidores (em especial Hanna Segal em diversos textos sobre a técnica kleiniana)² costumam enfatizar que sua técnica é, no essencial, a freudiana, e que seu mérito foi o de ter ampliado o alcance dessa técnica sem alterá-la no fundamental. É verdade, também, que a essa afirmação inicial de fidelidade se seguem diversas menções a ênfases em certos aspectos do trabalho clínico e outras peculiaridades que dariam efetivamente uma marca kleiniana à psicanálise posterior a Freud. Veremos adiante que a profissão de fé freudiana não é mero jogo de cena, mas que as “marcas kleinianas” são suficientemente fortes e substanciais para que possamos falar de fato em uma nova técnica psicanalítica, o que inclui um novo estilo clínico, novos procedimentos e mesmo novos objetivos, que se diferenciam daquilo que fora recomendado por Freud.

No que concerne à psicanálise de crianças, o grande *insight* de Klein foi perceber que as brincadeiras das crianças, seus desenhos, seus jogos, as histórias que inventam ou os comentários que fazem (ou calam) podem ser vistos e escutados exatamente como se escutam as associações livres dos pacientes adultos deitados no divã. Melanie Klein viu também que as interpretações, desde que formuladas de uma maneira compreensível e, de preferência, na linguagem e com os termos mesmos usados pelas crianças,³ produziam profundas alterações no psiquismo inconsciente, com

significativos reflexos na vida emocional, intelectual e de relações sociais dos pequenos pacientes.

Para desenvolver esse trabalho foi preciso, em primeiro lugar, contrapor-se à idéia dominante na década de 1920 entre os freudianos (em especial, essa era a posição de Anna Freud) de que o lidar com crianças deveria ter um sentido mais “pedagógico” e formativo, e menos analítico. Supunha-se, por exemplo, que as crianças não desenvolveriam transferências, e Melanie demonstrou cabalmente, desde a década de 1920, que os fenômenos transferenciais não só emergiam nas crianças, como eram intensos e de desenvolvimento rápido. Pensava-se, igualmente, que crianças muito pequenas fossem desprovidas de superego e ainda não tivessem acesso a um plano de moralidade capaz de produzir recalcamientos e repressões a serem tratados e desfeitos. As observações clínicas de Melanie Klein rapidamente contrariaram essas crenças. Havia também a preocupação de que as crianças e suas relações com pais e mães deveriam ser protegidas de uma intervenção do analista que pudesse macular sua inocência e sua confiança nos adultos. Melanie Klein, ao contrário, achava que o início da vida é sempre muito problemático, turbulento e capaz de gerar níveis de angústia – as angústias arcaicas de caráter psicótico, persecutórias e depressivas – superiores à capacidade de tolerância do bebê e da criança pequena, e que essas angústias tinham um impacto muito profundo e perturbador nas relações do bebê com sua mãe. Na verdade, uma certa visão ingênua que ainda permanecia no interior do movimento psicanalítico, acerca das crianças e dos bebês – apesar de Freud –, foi profunda e radicalmente destruída pelas hipóteses kleinianas, que afirmavam a existência de impulsos libidinosos e hostis (muito destrutivos) desde o início da vida de um ser humano. Em muitos casos, somente a intervenção da análise – mesmo que conduzida pela própria mãe ou pelo próprio pai analista – teria a possibilidade de levar o processo a bom termo, pois as práticas educacionais disponíveis pelas famílias, principalmente no contexto da nossa civilização ocidental e cristã, seriam insuficientes. Há, em particular, uma limitação séria para o manejo familiar espontâneo dessas angústias básicas: a aversão civilizada à verdade do sexo e da destrutividade. Melanie Klein – uma espécie de iluminista radical –

1. M. Klein. Memorandum on her technique by Melanie Klein. In: King, e Steiner (orgs.). *The Freud-Klein Controversies 1941-45*. London: Tavistock/Routledge, 1991.
2. Cf. H. Segal. Melanie Klein's technique. In: H. Segal. *The Work of Hanna Segal. A Kleinian Approach to Clinical Practice*. London: Jason Aronson, 1981.
3. Ela, por exemplo, fazia questão de conversar com os pais antes do início de uma análise infantil para conhecer os termos pelos quais as crianças se referiam a grandes fatos da existência e, em especial, aos órgãos genitais e às suas funções fisiológicas.

acreditava no valor curativo da verdade e da possibilidade de se fazer um contato natural profilático e terapêutico com a dimensão instintiva (pulsional) dos homens, independentemente de sua idade. Era preciso, sempre, optar pela franqueza ao falar com as crianças e, embora respeitando sua capacidade de compreensão e seu uso da linguagem, chamar as coisas por seus nomes. Mas, apesar de “iluminista”, seu projeto clínico com as crianças nunca será o de “civilizá-las”, mas o de permitir que, por meio do contato com sua realidade psíquica – seus impulsos, suas fantasias inconscientes, suas dores e sofrimentos –, elas possam renunciar a certas defesas radicais contra as angústias e encontrar melhores vias de integração e equilíbrio, melhores vias de aceitação e contato com a realidade externa e interna.

No entanto, não basta o amor pela verdade. É necessária uma “intuição” instruída teoricamente para que se possa entrar em contato com esse nível tão arcaico da vida psíquica. As angústias arcaicas e a culpa, seja nos pacientes infantis, seja nos psicóticos ou neuróticos adultos, estão – sempre estiveram – fora do campo da linguagem, embora já estejam organizadas como f[ph]antasias inconscientes. Elas se comunicam por vias muito primitivas e pré-verbais, como a da identificação projetiva, em que os afetos e representações inconscientes do paciente são colocados para fora de si e para dentro do analista. Este deve dispor de uma sensibilidade fina – intuitiva – a todas as manifestações de angústia e de culpa para ajudar seu paciente a formulá-las – o primeiro passo de uma elaboração. Pode-se dizer que a análise kleiniana é guiada ou mesmo atraída pelas ansiedades e culpas do paciente, e que o analista move-se orientado por uma espécie de sensor de angústias apto a captá-las em seus pontos de eclosão, mesmo quando ainda latentes. O analista não deve, nem pode, esperar que elas apareçam espontaneamente e de uma forma cabal, pois elas pertencem a uma camada pré-verbal (ou pré-narrativa, como afirma Kristeva), mas já significativa do psiquismo, pois toda pulsão tem um correlato no plano da f[ph]antasia inconsciente. Mas o fato das manifestações de angústia e culpa não emergirem de forma cabal não implica que não sejam urgentes, que não sinalizem uma urgência. Ao contrário, Melanie Klein supõe que os conteúdos mais primitivos comunicados – as ansiedades mais arcaicas projetadas sobre ou

dentro do analista – são de uma urgência imperiosa e exigem uma prontidão extraordinária. O analista deve ser capaz de ir ao encontro delas, de mobilizá-las, de recebê-las em sua mente e em seu corpo (função de continente do analista, conforme Bion) e, em seguida, de formulá-las, colocando-as em palavras e devolvendo-as, abrindo o espaço para as simbolizações. Algumas vezes, na verdade, as ansiedades não aparecem senão pelo avesso, por intermédio das defesas, principalmente em pacientes adultos e mais bem estruturados em suas neuroses. Nesses casos, será necessário nomear e interpretar as defesas para acessar e mobilizar as ansiedades soterradas e as fantasias inconscientes que as originam. De qualquer forma, quando elas começam a despontar, o analista deve estar pronto para ir ao encontro delas, oferecendo-lhes a palavra interpretativa. É um procedimento que Lacan identificou como a de colocação de um *greffe* – um enxerto – no psiquismo do paciente, operado pela palavra do analista.

Ora, isso só se consegue de uma forma terapêutica e minimamente veraz se a “intuição” – esse contato empático e imediato com o mundo dos afetos e das representações inconscientes – estiver orientada pela teoria; no caso, por uma teoria das formas primordiais da vida mental. Essa teoria, por um lado, é extremamente abstrata, universal e metapsicológica (pois não descreve uma experiência diretamente visível ou audível, tendo sempre um caráter muito especulativo), mas, por outro lado, deve estar formulada com o máximo de proximidade ao que pode ser concebido como sendo de fato essa experiência no que ela tem de mais concreto, primitivo e realista. É com base nessa modalidade híbrida de teorização – fenomenológica e metapsicológica a um só tempo – que a detecção e a escuta das ansiedades e suas interpretações podem se enlaçar com aquele mínimo de vida mental já disponível em forma linguística pela criança pequena. É o que Klein acentua em uma lauda escrita em 1927 e intitulada “A importância das palavras na análise precoce”.⁴ Mesmo nos atendimentos de adultos, aliás, essa

4. Esse pequeno texto está publicado no terceiro volume de suas *Obras completas*, embora seja muito anterior ao período coberto por esse volume.

será uma regra para a clínica kleiniana: manter-se fiel e o mais próxima possível à linguagem – gramática e semântica – dos pacientes e, ao mesmo tempo, o mais perto possível desse teorizar sobre o arcaico, procurando fazer a ponte entre eles. A proximidade com a linguagem do paciente leva a uma atenção ao significante, para usarmos de uma terminologia lacaniana. Muitas interpretações kleinianas implicam um jogo com significantes, conforme bem observava Kristeva na sua biografia de Melanie Klein já mencionada, ao focalizar o pequeno trabalho de 1927, em que Melanie Klein interpreta baseando-se em jogos de palavras de uma criança de cinco anos, e cuja última frase merece transcrição: “Sempre é um progresso quando a criança tem de reconhecer a realidade dos objetos (trata-se dos objetos internos e do seu mundo de f[ph]antasias inconscientes) através de suas próprias palavras”.

Por isso, embora a interpretação em Melanie Klein vise, desde o começo da análise, os estratos mais profundos da vida psíquica – o que era condenado pelos freudianos no período das Controvérsias –, a atenção à linguagem do paciente mantém sempre o analista naquele plano da superfície psíquica que Freud considerava necessário para o trabalho de análise. Nessa medida, o “enxerto” de que nos fala Lacan pode não ser uma mera e violenta prótese introduzida arbitrariamente no psiquismo do paciente, mas uma possibilidade – a única – de dar forma, nome e uma certa passagem para a simbolização ao irrepresentável pulsional, estruturado como f[ph]antasia inconsciente e que, em sua urgência, exige um trabalho de elaboração. Diga-se, também, que ao uso e mesmo a um certo abuso das “interpretações profundas precoces” e da linguagem concreta e crua nas comunicações do analista ao paciente veio a se opor, como contrapeso, a extrema atenção aos movimentos sutis que ocorrem nas relações entre ambos durante uma sessão. Esse monitoramento contínuo dos vínculos e climas afetivos trouxe ao estilo kleiniano de clinicar uma delicadeza que faltava às intervenções mais rudes da própria Melanie Klein, que muitas vezes pareciam precipitadas, violentas e arbitrárias.

De fato, um outro aspecto importante do estilo de Melanie Klein, seja com crianças, seja com adultos, é a suposição de que tudo o que realmente importa no processo analítico estará sendo

trazido para a análise e trabalhado na forma da transferência; ou seja, mais do que narrar, trata-se de reeditar experiências e padrões de relacionamento com objetos externos e internos. As angústias primitivas e as defesas contra elas são eliciadas na situação analítica diante desse personagem enigmático e propiciador de muitas projeções que é o analista para seu paciente. E isso desde o começo, desde uma primeira sessão, embora, naturalmente, as relações transferenciais também evoluam e devam ser, como dissemos acima, continuamente monitoradas. Todas as interpretações que atingem os estratos mais complexos e primordiais do psiquismo, por exemplo, ativam uma vasta gama de respostas transferenciais. Tudo o que o paciente diz, tudo o que relata, suas brincadeiras, seus desenhos, os sonhos que conta ao analista, seus comentários e associações, suas reações às interpretações oferecidas, tudo precisa ser visto e escutado como endereçado ao analista de uma forma em que este é percebido como tal ou qual figura significativa da experiência do paciente e, efetivamente, colocado nesse lugar. Em maior ou menor grau, o analista se deixa levar para esse papel e, em uma certa medida, o encarna, ocupando de fato o lugar em que o paciente o põe. Aliás, ocupando *os lugares*, pois na transferência o analista acaba ocupando diferentes lugares e assumindo diferentes feições. Mesmo que o paciente esteja se referindo a si mesmo, o analista saberá que, ao menos em parte, é dele que se está falando, é sempre a ele que se está dirigindo o paciente. Em contrapartida, o analista nunca saberá exatamente quem e como ele está sendo visado, nem em que contexto subjetivo suas ações e palavras são interpretadas pelo paciente.

De outro lado, alguns afetos despertados pela relação com o analista irão se expressar e se realizar apenas em outras relações, fora do consultório, diante de outros objetos e pessoas, o que dá ao fenômeno da transferência uma amplitude bem grande. Enfim, a situação analítica é dotada de uma extraordinária complexidade, em que diversos tempos e lugares se confundem, se sobrepõem ou, às vezes, se desdobram e multiplicam. Diz-se, e com razão, que na clínica kleiniana o trabalho analítico focaliza o *aqui e agora* da situação transferencial e das respostas contratransferenciais do analista. Isso é verdade, com a ressalva de que se reconheça que esse

aqui e agora não é nada simples, vale dizer, não é apenas “aqui” nem apenas “agora”. O importante é, para os kleinianos, o reconhecimento de que a análise se dá nessas condições e, fundamentalmente, *sobre* essas condições, cabendo ao analista interpretá-las, discriminando-se f[ph]antasia de realidade, passado de presente, inconsciente de consciente etc. O objeto da análise não é o passado tal como se passou, mas este presente complexo, multifacetado e sobredeterminado em que o *infantil* está atuante – tanto nas crianças como nos psicóticos, e mesmo nos adultos neuróticos – como um modo de funcionamento mental, como uma modalidade de ansiedades, de defesas e resistências e de formas de contato com os objetos internos e externos. A análise kleiniana impõe ao analista uma exigência de uma forte implicação afetiva nos processos de cura, o que escapa totalmente à idéia de um analista intelectual e detetivesco, em busca de interpretações inteligentes e engenhosas, tal como uma certa caricatura do freudismo nos sugeriria. Isso também significa um enorme incremento na responsabilidade do analista, embora ele deva se conformar a uma ascética renúncia a todos os recursos que extrapolem à escuta e à interpretação. Ou seja, ele está mais implicado e mais responsável, mas nem por isso pode recorrer às falas de encorajamento ou sugestão.

Para os kleinianos, a análise é, por assim dizer, um grande embaraço no qual se é preciso entrar para ser capaz de sair transformado pelo uso sistemático das associações livres ou seus equivalentes – como os jogos e os desenhos – e das interpretações propriamente analíticas. Esse embaraço é ainda mais difícil de enfrentar porque nele estarão muito presentes as chamadas transferências negativas. Muitas vezes, o que se observa são idealizações do analista e uma concordância rápida e precoce com suas interpretações; outras vezes, predominam a complacência e um certo clima de tolerância amistosa. Mas o analista formado na escola de Melanie Klein saberá identificar os elementos da voracidade, da inveja, do ciúme e do ódio tantas vezes camuflados pelos “bons sentimentos” e pelas “boas intenções”. Esses elementos destrutivos são os companheiros inseparáveis do processo analítico, e, se não forem enfrentados pela via das interpretações, atacarão tudo o que de bom e amoroso o analista e a análise podem oferecer,

gerando uma forte reação terapêutica negativa. Aliás, a detecção e a interpretação da transferência negativa – a partir de quando apareça, isto é, desde uma primeira sessão, se for o caso – sempre foram apontadas pela própria Melanie Klein como singularidades do seu estilo clínico, dada a suposição teórica de que a recusa ou o recalque da destrutividade – em estado puro ou mesclada com a libido – estão na origem mais primitiva do adoecimento neurótico e psicótico. Por todas essas razões, o livro de 1961 (*Narrativa da análise de uma criança*), em que Klein relata pormenorizadamente seu “corpo a corpo” com uma criança de 10 anos, ao longo de 93 sessões quase diárias, já foi comparado ao *Guerra e paz* de Tolstói. É um drama de proporções épicas. Esse é o caráter de uma cura analítica conduzida kleinianamente.

É claro que a “intuição”, mesmo a mais bem instruída, pode equivocar-se; mais ainda, as interpretações precoces das ansiedades podem ter um efeito invasivo quando o analista se sente tão implicado e tão requerido em regime de urgência: a chance do erro e da invasão aumenta quando ele, mediante suas interpretações, focaliza com tanto empenho as relações do paciente consigo e com o trabalho de análise. É verdade que, mesmo quando as interpretações mobilizam ou despertam mais angústias do que elas mesmas são capazes de nomear e simbolizar, em termos de um processo haverá algum ganho se, no momento seguinte, a escuta não se fixar no já sabido e puder ser deslocada pelas novas associações que emergem. O risco de uma certa intrusão, porém, continua grande, e, pior que isso, o risco de uma certa sugestão, o que torna a clínica kleiniana, por vezes, excessivamente autoritária. Em muitas oportunidades, ao ler certos relatos de casos clínicos conduzidos por analistas kleinianos, ficamos com a impressão desagradável de que as interpretações saem do bolso do colete teórico do terapeuta ou, o que é pior, de seus próprios complexos não resolvidos. É o que acontece quando o analista se sente tão seguro de sua teoria e tão confiante em suas “intuições” que é como se ele próprio tomasse a palavra do analisando e assumisse uma posição deveras arrogante. Nesses casos, a *greffage* – para usar o termo de Lacan – pode se tornar uma obstrução à análise, em vez de propiciar o movimento psíquico mais profundo.

É aqui que ganha maior relevo a análise do analista e sua maior ou menor capacidade de atravessar a posição depressiva e dar uma boa solução à situação edípica. Na posição depressiva bem elaborada, são possíveis duas condições básicas bastante relacionadas uma com a outra. A primeira é o indivíduo perceber os objetos na sua integralidade e, portanto, na sua complexidade e multideterminação. Nenhum paciente, por exemplo, pode ser reduzido a uma interpretação ou a um ângulo de visão consistente com um único conjunto de interpretações. O analista deve ser capaz de suportar visões complexas, e até contraditórias, sobre seus pacientes, sem recorrer às cisões e dissociações. Por outro lado, na posição depressiva bem elaborada, aceita-se que o outro esteja realmente separado, não sendo uma extensão do sujeito. Isso quer dizer também que o meu conhecimento do outro é sempre limitado e imperfeito, pelo simples fato dele ser outro e diferente. O analista kleiniano precisa muito da posição depressiva para não confundir o seu paciente com suas próprias idéias sobre ele, mesmo as mais conformes à teoria e mesmo as que lhe parecem “intuídas” com a maior certeza emocional.

Quanto à situação edípica – tomando-a no que ela tem de essencial, conforme vimos anteriormente –, implica ela a aceitação de que em toda relação saudável há uma dimensão de exclusão, uma aliança na qual o outro está envolvido e da qual eu fico de fora. Na posição esquizo-paranóide, por exemplo, a boa mãe é aquela que atende às necessidades e satisfaz os desejos do bebê, ao passo que a má é aquela que se oferece a outros, ou a si mesma, egoisticamente. Na posição depressiva, é a mesma pessoa que tanto se alia ao bebê quanto, por vezes, se junta a outros objetos ou se recolhe, deixando o filho excluído. É preciso suportar essa exclusão sem recorrer às defesas esquizóides ou às maníacas. No caso da relação analítica, por mais íntima que ela seja e por mais direta que possa ser, eventualmente, a comunicação afetiva entre paciente e analista, o trabalho terapêutico requer que o analista sustente a dimensão do limite e da exclusão, tanto para seu paciente como para si mesmo. Para dar fundamento teórico a essa postura, os kleinianos dispõem dos conceitos de posição depressiva e de uma concepção original acerca da resolução do complexo de Édipo; esse

fundamento teórico, em última análise, articula os dois processos no que seria uma solução fecunda. Ou seja, se o estilo clínico de Melanie Klein pode correr o risco da intrusividade, do autoritarismo e da infantilização dos pacientes, a própria teoria kleiniana oferece antídotos contra esses males, identificando claramente a estrutura e a dinâmica psíquicas que precisam ser mantidas na relação analítica e, portanto, a qualidade subjetiva do analista que se requer para o bom andamento do processo.⁵

Ao falarmos do que se exige do analista, em termos de estruturação subjetiva, já nos aproximamos do que seria o projeto terapêutico kleiniano. Em um texto de 1950, sobre o final de análise, Melanie Klein esboça de forma muito nítida sua concepção da cura. Vamos nos basear nesse trabalho, tomando, porém, a liberdade de lhe acrescentar outras informações, tanto provenientes de outros textos da autora – como, por exemplo, um escrito sobre a saúde mental, em que ela explicita muito bem o que seriam os maiores objetivos de uma análise bem-sucedida – quanto retiradas de trabalhos de alguns kleinianos mais recentes.⁶

O fim de uma análise, para Melanie Klein ou qualquer outro psicanalista, é algo intrínseco ao processo de cura. De uma certa forma, a análise é uma longa preparação para o seu próprio término, isto é, para uma separação. De outro lado, a experiência de término em uma análise não pode ser concebida como um episódio limitado na história do paciente, mas como uma oportunidade de se reviver e reelaborar separações antigas e uma matriz para o bom enfrentamento de outras separações. Na verdade, há um trecho do processo analítico que só pode ocorrer quando se anuncia ou en-

5. Essas idéias foram desenvolvidas por Robert Caper no texto “Uma mente para si”, que se baseia, em grande medida, nos trabalhos de Ronald Britton sobre a situação edípica.
6. M. Klein (1950). On the criteria for the termination of a psycho-analysis e (1960) On mental health. In: *The Writings of Melanie Klein*, v. III. London: The Free Press, 1984, p. 43-7 e 268-74. Os trabalhos de Segal, os de Britton e o de Caper, já citados, e o de Jane Temperley, “Is the Oedipus complex bad news for women?”, in: Raphael-Leff e Perelberg (orgs.). *Female experience*. London: Routledge, 1997.

trevê o término, e que só se desenvolve durante e depois do término, ao longo da vida, quando as dores de uma separação podem e devem ser novamente tratadas, em uma certa *solidão*. Embora Melanie Klein considere certas formas excessivas e acabruhantes de solidão como patológicas, e as analise em termos das dinâmicas das posições esquizo-paranóides e depressivas, há uma experiência de solidão inevitável e, de uma certa maneira, saudável.⁷ Não apenas é necessário saber conviver com essa solidão, como é preciso saber aproveitá-la para um certo trabalho psíquico que só nessas condições pode ocorrer – como é o caso, em última instância, do trabalho de luto.

O que torna difíceis a separação e a perda – de que o nascimento e o desmame são paradigmáticos, mas que ocorrem um sem-número de vezes ao longo de toda a vida e desde os primeiros dias – são tanto o desamparo e a dependência, quanto a evocação, pela perda, de reações de muita voracidade, de raiva, de ódio, de inveja – voltada para o que parecem ser as fontes inesgotáveis de alimento e prazer, tornadas agora inacessíveis –, de ciúme etc. Nessas horas, as angústias paranóides e depressivas e a culpa tendem a dominar a dinâmica psíquica. Os mecanismos de defesa primitivos e radicais – cisão, negação, idealização, projeção maciça, fragmentação etc. – são acionados de forma muito intensa, dificultando a estruturação e o desenvolvimento do psiquismo nas bases mais saudáveis em que o amor, a capacidade de fazer e manter ligações e de reparar os objetos e vínculos danificados possam prevalecer sobre as manifestações da pulsão de morte. Há uma boa probabilidade de que essas experiências arcaicas de ansiedade e culpa tornem-se repetitivas e criem um padrão de defesas automáticas que submetem o psiquismo do indivíduo a um aprisionamento neurótico ou psicótico. Às vezes, mesmo um indivíduo tomado como “normal” e bem-sucedido mantém-se livre do adoecimento com o recurso maciço a defesas maníacas que podem lhe garantir, inclusive, um grande reconhecimento social. Era o caso do personagem Charles Forster Kane, do grande filme de

Orson Welles – *Citizen Kane* –, tal como interpretado por Melanie Klein. Muito bem-sucedido nos negócios, era um fracasso retumbante na vida pessoal e amorosa.

Alguns pacientes podem chegar à análise ainda às voltas com os tormentos da posição esquizo-paranóide, e para eles o primeiro passo, difícil, será o da passagem para uma dominância da posição depressiva, em que já se obtém uma maior integração. Por outro lado, a dinâmica esquizo-paranóide nunca se encerra definitivamente, e isso quer dizer que essa passagem muitas vezes terá de ser retomada. No entanto, o alvo não é levar o paciente até a posição depressiva, até porque nela os tormentos não são menores e darão sempre ensejo à regressão aos níveis ainda mais precários de existência. Assim sendo, o alvo da cura analítica seria, em última instância, o atravessamento da posição depressiva e a solução do complexo edipiano, vale dizer, a ampliação da capacidade de experimentar relações complexas e ambivalentes com objetos integrais, admitindo a relativa autonomia desses objetos e suas ligações com os outros e com eles próprios. Em outras palavras, trata-se de uma superação dos padrões narcisistas de relacionamento, para a conquista da possibilidade de fazer contato com a alteridade dos objetos de amor e ódio, um forte aspecto ético do kleinismo muito bem analisado por Emilia Steuerman.⁸ Foi não ter podido percorrer essa trajetória o que levou o cidadão Kane a morrer na mais extrema solidão.

No plano intrapsíquico, a condição para que se assuma essa postura ética é a capacidade de suportar a frustração decorrente dos limites, das perdas e das separações sem recorrer aos mecanismos esquizo-paranóides e às defesas maníacas, com seus ingredientes de onipotência e desprezo. Isso, por sua vez, requer um ego suficientemente forte para poder lidar com a pulsionalidade, em especial com as pulsões destrutivas, sem precisar dos recursos mais radicais das defesas precoces. A força do ego, contudo, não deve ser

7. M. Klein. On the sense of loneliness (1963). Op. cit., 1984, p. 300-13.

8. E. Steuerman. *The bounds of reason. Habermas, Lyotard and Melanie Klein on rationality*. London: Routledge, 2000. A essas questões retornaremos no próximo capítulo.

concebida como disciplinar e adaptativa. Em termos kleinianos, um ego forte é também um ego profundo, e essa “profundidade” tem a ver com a capacidade do ego de lançar raízes no id, integrar a vida pulsional, dar liberdade de expressão aos afetos, e também incluir como suas as interdições sociais; ou seja, ele deve ser capaz de articular as urgências do id e as injunções do superego em uma dinâmica flexível e moderadora. Para que essa integração possa ocorrer, as valências extremas — as grandes idealizações e as grandes construções persecutórias — devem ter sido enfrentadas e dissolvidas, bem como devem ter sido assumidas e elaboradas as pulsões libidinais e destrutivas, assim como as fantasias inconscientes a elas correlatas, dando lugar a um contato mais completo e veraz com as realidades externas e internas.

Mas, para que o ego possa se fortalecer e enriquecer dessa forma, é preciso que ele tenha sido capaz de internalizar e proteger o chamado “bom objeto”. Na posição esquizo-paranóide, o objeto bom é constituído e protegido por meio das ex-cisões das partes más, o que é uma solução muito precária — embora, de início, necessária. É necessária porque, sem experiências de satisfação muito intensas e convincentes e de objetos muito bons internalizados, o ego não se fortaleceria e não se manteria disposto a viver. Mas é também uma solução precária, porque esses bons objetos (no caso, objetos parciais) seriam sempre alvo de dois ataques mortais. De um lado, os provenientes do retorno do mal — do ódio — que fora recusado e projetado para fora, retorno no qual os maus objetos (também objetos parciais), nos quais se depositou a destrutividade, se tornam grandes perseguidores. Esses grandes perseguidores internalizados podem mesmo se organizar como uma espécie de gangue, uma verdadeira máfia que ameaça todos os bons objetos internalizados e inviabiliza contatos satisfatórios e vitalizantes com o mundo.⁹ Para fazer frente a eles, os bons objetos precisam ser fortale-

9. Essa idéia de que os maus objetos internos podem formar alianças persecutórias de caráter mafioso foi sugerida por Herbert Rosenfeld e elaborada com muito engenho por John Steiner — os dois são dos mais originais seguidores de Melanie Klein.

cidos, e na posição esquizo-paranóide a única via para esse fortalecimento é a sua idealização. Só que isso ativa uma outra fonte de ataques: o ataque invejoso, que tanto mais se voltará contra os bons objetos quanto melhores eles parecerem e mais idealizados estiverem. Os ataques pela inveja são ainda mais insidiosos, pois contra eles não há muito o que fazer, senão a degradação do bom objeto idealizado — por meio das defesas maníacas, como a indiferença e a onipotência de uma auto-suficiência imaginária etc. —, o que deixa o ego ainda mais enfraquecido, porque fica desfalcado de seus bons objetos internos. É preciso, portanto, enfrentar a tarefa extremamente difícil de interpretar a inveja para livrar os bons objetos idealizados de seus ataques, o que implica também interpretar e dissolver as idealizações, até ali tão importantes para dar ao ego uma sensação — falsa, mas eficaz — de equilíbrio e segurança. Mas, além dessas dificuldades técnicas, emerge ainda uma questão conceitual: no que consiste exatamente o bom objeto a ser internalizado em um final de análise? Ele se confunde com o bom objeto que, nos primórdios da vida, dava os fundamentos ao ego?

Sabemos que, na posição esquizo-paranóide, as experiências contrastantes de satisfação e frustração dão lugar a dois objetos internos parciais, o objeto bom — que tende a ser idealizado e, conseqüentemente, invejado — e o objeto mau — em que a falta e a ausência do prazer são experimentadas na forma de um objeto perseguidor. Ora, na posição depressiva, essas duas metades tendem a se reunir, gerando, de início, o caos e o grande medo de que o bom seja estragado pela proximidade do mau. É então que se acionam as defesas maníacas, para negar o estrago ou minimizar a qualidade positiva do que foi danificado. Quando é possível conter o ímpeto dessas defesas, criam-se então as condições para uma autêntica e realista atividade reparatória, de onde emergem as grandes obras da sublimação, os bons frutos da criatividade, tal como veremos no capítulo seguinte. O bom objeto a ser internalizado não pode ser, portanto, confundido com o objeto bom idealizado (e invejado), suprema expressão do narcisismo. O bom objeto a ser internalizado, condição para um autêntico término de análise, tem de ser complexo e não simples e purificado. Ele não pode, por exemplo, ser alvo de idealizações extremas (uma estratégia purificadora), pois o que é idealizado não pode ser objeto

de reparação alguma: quando se rompe a perfeição, não há nada que se possa fazer a não ser negar a realidade — idealizar mais ainda — ou negar a dependência de forma maníaca — colocando-se imaginariamente a salvo de todo sofrimento. Uma reparação só faz sentido quando algo do bom pôde ser preservado ao lado de estragos e imperfeições. Qual a natureza, então, dessa complexidade do bom objeto a ser internalizado para assegurar um equilíbrio psíquico mais estável e fecundo do que aquele obtido na posição esquizo-paranóide e mesmo no início da posição depressiva?

Convém advertir que, muitas vezes, Melanie Klein e os kleinianos insistem na necessidade de introjeção do bom objeto sem fazer uma discriminação muito clara entre o bom objeto parcial e idealizado e esse outro bom objeto a ser introjetado quando se conduz adequadamente a passagem pela posição depressiva. Nessa medida, o que diremos agora faz justiça ao pensamento kleiniano, mas tentaremos uma discriminação mais fina do que aquela explicitada por Melanie Klein. Não estaremos sozinhos, contudo, porque diversos autores recentes, como Ronald Britton e Robert Caper, já citados, vão na mesma direção.

O bom objeto que fortalece e enriquece o ego, capacitando-o para reparar e criar, capacitando-o para suportar frustrações e conviver com as ambivalências é justamente o *vínculo parental*. É a esse bom objeto que se pode efetivamente ser grato, e a gratidão, como sabemos, é o principal antídoto contra a inveja. O objeto da gratidão e das eventuais reparações é um objeto duplo, mas não na forma das figuras combinadas de pai e mãe que, segundo Klein, povoam os infernos da posição esquizo-paranóide e os primórdios da posição depressiva. Essas figuras combinadas de pai e mãe são o ápice da idealização e, também, o ápice da persecutoriedade, pois, nessa superpotência fálica, em que o seio e o pênis se reúnem, estaria concentrado todo o valor, todo o poder de vida e de morte. Já o caráter duplo do bom objeto inclui tanto a separação entre suas partes como a existência de um vínculo — de uma aliança fecunda — do qual cada sujeito está excluído. Ou seja, a constituição de um psiquismo forte e rico implica a abertura de um espaço para as alteridades na vida intrapsíquica, uma situação em que cada um contém em si os outros que, de uma certa forma, o ultrapassam e excluem e o submetem.

“Honrarás pai e mãe”. Não se trata apenas de introjetar a Lei e a interdição, e sujeitar-se à função paterna. Trata-se de internalizar a ligação erótica entre os genitores como possibilidade de estruturação subjetiva e de controle das pulsões destrutivas pelas forças da vida e do amor. É a fonte da criatividade. Mas é também, claro está, uma fonte insuperável da experiência de solidão, pois é de exclusão que se trata. No entanto, não é uma solidão triunfante — como a de certos estados maníacos, mesmo quando associados a depressões — nem é uma solidão desesperada — como a dos estados esquizóides, em que o indivíduo se vê separado dos outros e de partes de si mesmo, projetadas nos outros e para sempre perdidas. A solidão imposta pela internalização do vínculo parental não implica a negação da dependência, bem ao contrário: é a aceitação de uma dependência fundamental dos objetos de cuja aliança se está sempre parcialmente excluído. No texto publicado postumamente, em 1963, Melanie Klein dizia que o estado de solidão interno é o resultado da ânsia (do desejo forte — *yearning*) por um estado de perfeição interna inalcançável. Há modos excessivos e patológicos de expressar essa ânsia e, portanto, de viver a solidão. Mas uma quota de solidão é inevitável, porque o forte desejo de perfeição de um estado interno de equilíbrio e paz não pode ser calado. Conviver com ele e moderá-lo pela simultânea aceitação da dependência dos objetos, das fontes possíveis de satisfação e também de suas impurezas e imperfeições é o que Melanie Klein considera como “saúde mental”.

Em acréscimo, essa solidão não exclui as alianças. A internalização de um bom objeto — que é em si mesmo uma composição, uma ligação, um vínculo fecundo — cria a possibilidade de também os bons objetos se associarem. Diante da gangue mafiosa dos maus objetos invejosos, não sobraria apenas, como antes, a defesa pela via da idealização do bom objeto cindido, mas se instalariam as possibilidades de novas alianças entre bons objetos menos fortes e idealizados, mas aptos aos enlaces em que as pulsões de vida podem exercer seu domínio. Como veremos no próximo capítulo, no plano social o kleinismo abre um espaço para a democracia e a fraternidade, formas não invasivas e não idealizadas de alianças viáveis e vitais.

E, no entanto, é preciso tomar cuidado para também não idealizar essa condição, a internalização de um bom objeto fecundo e composto de partes separadas mas interligadas, ou seja, o vínculo parental. Em um texto de 1958,¹⁰ Melanie Klein reconhece que haverá sempre forças da morte fora da grande aliança – sempre haverá, por exemplo, inveja, rivalidades e ciúmes, medo de retaliação; sempre existirá uma figuração do mal ameaçador muito mais sinistra do que as figuras que habitam o superego, mesmo o mais precoce e cruel. Ou seja, embora o superego e muitos dos impulsos libidinais e agressivos possam ser integrados e relativizados por um ego fortalecido, ainda assim haverá uma sobreabundância de angústias inomináveis que escapam à simbolização e ameaçam os bons objetos internalizados. Por isso, o risco da quebra e do naufrágio, o risco, em suma, da loucura não pode ser evitado. A saúde é, também, ser capaz de aceitar essa condição e conviver com esse perigo. Nessa medida, o trabalho elaborativo não pode cessar. As posições esquizo-paranóide e depressiva retornam e se alternam, e as passagens entre elas, e a partir delas, para um estado mais integrado – porém sempre imperfeito em sua integração – dão o caráter de *guerra e paz*, segundo Melanie Klein, que vai caracterizar tanto um processo analítico quanto, mais amplamente, a vida.

7º PENSAMENTO KLEINIANO SOBRE SOCIEDADE E CULTURA: VIDA INSTITUCIONAL, ÉTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA

Preliminares

As ligações profundas do pensamento kleiniano com a clínica psicanalítica – muito mais fortes, por exemplo, que no caso de Freud, cujos interesses universalistas na cultura e na civilização eram, por outro lado, tão evidentes –, bem como as próprias teses de Melanie Klein sobre o psiquismo no que ele tem de mais primitivo e selvagem, não favoreceram uma ampla “aplicação” de seu pensamento às questões gerais da cultura e da vida social. Como confessa um dos autores que procurou desenvolver um pensamento social kleiniano, C. Fred Alford, no seu livro *Melanie Klein & Critical Social Theory*,¹ “... suas categorias são sobre um mundo interno privado, muito distante do mundo público em que normalmente habitamos... Dificilmente posso imaginar um psicanalista cuja obra fosse menos relevante para a teoria social”. No entanto, já na década de 1950, com o grupo kleiniano bem fortalecido e institucionalizado dentro da Sociedade Britânica de

10. M. Klein. On the developments of mental functioning. Op. cit., 1984, p. 236-46.

1. C. F. Alford. *Melanie Klein & Critical Social Theory. An account of Politics, Art and Reason based on her Psychoanalytic Theory*. Yale: Yale University Press, 1989.

Psicanálise, surgiu uma importante antologia – *New Directions in Psychoanalysis* (1955) –, dividida em duas partes e dois volumes: o segundo volume, parte II, é dedicado a “aplicações” do kleinismo a áreas externas à clínica psicanalítica.²

O primeiro texto é da própria Melanie Klein, e versa sobre uma novela de Julien Green – “*Si J' étais vous*” (“*If I were you*”, na edição inglesa utilizada por ela). Na verdade, a dimensão estética do trabalho do romancista francês não é muito considerada, e Melanie Klein está mais interessada em mostrar ao leitor como funcionam os processos identificatórios, em especial a identificação projetiva. O trabalho de Green é mesmo apresentado como “Um romance que ilustra a identificação projetiva”. Aliás, também ao focalizar o filme de Orson Welles, *Citizen Kane* – que, em notas só recentemente publicadas,³ ela comentara logo após o seu lançamento, em 1941 –, Klein trata os personagens como ilustrações dos mecanismos psicológicos e psicopatológicos que havia concebido. No caso da análise do personagem central, Charles Foster Kane, o foco havia sido sobre os estados depressivos (resultados de uma separação abrupta dos pais e de um luto malfeito) e sobre as defesas maníacas que organizaram o modo de vida de Kane, impedindo que ele caísse no adoecimento melancólico. Tudo muito interessante, mas que deixa de “cabelos em pé” um crítico literário ou de cinema.

Também os trabalhos de Joan Rivière, nessa coletânea de 1955 – há um excelente sobre uma peça de Ibsen, *O construtor*, e outro sobre textos de poetas e prosadores ingleses –, são, principalmente, construções teóricas que usam o material literário como se fosse um material clínico. São textos muito bons, sem dúvida, expondo de forma brilhante o conceito de “mundo interno” tomando-se por base os exemplos da literatura, mas se trata, de fato, de “psicanálise aplicada”.

2. M. Klein, P. Heimann e R. Money-Kyrle (orgs.). *New Directions in Psycho-Analysis*. London: Tavistock Publications, 1955.
3. M. Klein, in: J. Phillips e L. Stonebridge (orgs.). *Reading Melanie Klein*. London: Routledge, 1998.

Os pioneiros e seus seguidores mais próximos: o pensamento kleiniano na análise institucional, na ética e na estética

A coisa muda de figura, em relação ao que foi exposto acima, com um texto de Adrian Stokes e outro de Hanna Segal, sobre estética,⁴ de Roger Money-Kyrle, sobre ética, e de Elliott Jacques, sobre a vida institucional, também integrantes da coletânea de 1955. Neles, efetivamente, vemos uma produção original inspirada rigorosamente no pensamento de Melanie Klein, e projetada sobre outras dimensões da existência humana individual e coletiva. Considerando-se que Melanie Klein comparece não só como autora, mas, junto a Paula Heimann e Money-Kyrle, como organizadora da antologia, pode-se ter certeza de que o que esses outros autores formulam nesses trabalhos deve ser tomado como uma genuína expressão do pensamento kleiniano em processo de expansão. Há, ainda, na antologia, uma importante produção de Wilfred Bion, sobre dinâmica de grupos, em que ele vai além do pensamento kleiniano: embora nele se ancorando, vai introduzindo, no entanto, elementos muito originais, característicos da teorização bioniana em curso. Deixaremos o comentário sobre esse trabalho de Bion para uma outra ocasião.

Começemos com a problemática institucional. O texto de Elliott Jacques acima mencionado tem o sugestivo título de “Os sistemas sociais como defesa contra a ansiedade persecutória e depressiva”, e retoma a disposição freudiana para pensar o social a partir da psicanálise, um aspecto que fora até então negligenciado pelos kleinianos.

A hipótese que subjaz a esse capítulo é a de que os processos e os mecanismos de enfrentamento das angústias primitivas incluem necessariamente as relações do indivíduo com outros indivíduos e,

4. Apesar do seu valor, não comentaremos neste contexto o capítulo de Stokes.

em especial, com as coletividades e instituições em que se vive, o que ajuda a corrigir a suposição de que a concepção kleiniana da constituição e do funcionamento do psiquismo seria tendencialmente solipsista e individualista. Os grupos, as organizações humanas não teriam, assim, apenas funções instrumentais, propiciando também para o indivíduo a solução de suas questões práticas de sobrevivência, canalizando e regulando a satisfação de suas necessidades e desejos. As instituições teriam, ainda, funções mais profundas na constituição e na manutenção da saúde mental, ajudando os indivíduos na batalha contra as ansiedades psicóticas, pois lhes ofereceriam oportunidades e canais sancionados para a solução de seus problemas afetivos. Nessa medida, a vida institucional não pode ser avaliada apenas em sua dimensão de eficácia instrumental e, eventualmente, “corrigida” segundo critérios racionais. Há uma dimensão afetiva implicada na vida das instituições que é responsável tanto por sua coesão como por estados de fragmentação, cisões, conflitos e desajustamentos. Um certo equilíbrio psíquico no plano individual pode depender, inclusive, de estados ligeira ou gravemente psicóticos nos grupos e nas instituições a que o indivíduo pertence. O grupo pode ser uma espécie de lata de lixo para onde vão os dejetos tóxicos dos psiquismos individuais, embora suas funções psicológicas não se reduzam a isso, naturalmente.

Os processos de introjeção e projeção são focalizados, no texto de E. Jacques, como os mais importantes mecanismos de ligação do mundo interno ao mundo social externo; na verdade, trata-se da ligação entre mundos internos e também entre o mundo interno de cada indivíduo e o conjunto de mundos internos do grupo de que faz parte, gerando, por exemplo, fenômenos novos, como *fantasias inconscientes sociais*, ou seja, fantasias inconscientes coletivas. Os conceitos kleinianos de identificação projetiva e introjetiva ocupam um lugar de destaque na explicação dos processos grupais e no uso que os indivíduos fazem das instituições para lidar com suas angústias persecutórias e suas culpas, as angústias depressivas.

Exemplos de uso das instituições para a defesa contra a ansiedade persecutória são, entre outros, a eleição de partes do

grupo para funcionarem como depositários do “mal”, eventualmente como “bodes expiatórios”. Eles absorvem os maus objetos neles projetados e aliviam a ansiedade do resto do grupo. Às vezes podem, além de absorver, transformar os conteúdos mais tóxicos, dando-lhes possibilidades de retorno e de serem reintrojados com menor potencial de ameaça e enriquecendo o psiquismo grupal. Outras vezes, os bodes expiatórios são efetivamente sacrificados, dando à comunidade uma sensação de segurança, ao menos provisória. Enfim, há muitas maneiras de um indivíduo ou conjunto de indivíduos usar uma instituição para se livrar dos maus objetos e da sensação de ameaça à sua integridade. Precisamos dos outros, mesmo que seja para falar mal deles ou como “sacos de pancada”, por assim dizer. Mas é claro que, quanto mais são sadios uma instituição e os indivíduos que a compõem, menos será pronunciado esse uso, ainda que algo disso sempre vá ocorrer em qualquer grupo humano.

No que concerne às ansiedades depressivas, que emergem sob a forma de culpa pelos estragos feitos aos bons objetos e por crimes cometidos contra eles na fantasia, E. Jacques chama nossa atenção para um critério na escolha dos que “devem” ser perseguidos, vale dizer, dos que “devem” figurar como bodes expiatórios. Em geral, são indivíduos ou minorias que de fato hostilizam de alguma forma os membros do grupo majoritário, quando mais não seja mantendo-se à margem (às vezes, com uma certa arrogância) e ostentando uma certa posição de superioridade (sabem ou podem mais, como se acreditava ocorrer em relação às “bruxas”). Assim, esses indivíduos ou minorias “justificam” a “caça às bruxas” e o fato de serem eleitos para representar o mal e a ameaça, criando-se uma espécie de conluio inconsciente entre perseguidos e perseguidores, o que resulta na diminuição da culpa dos perseguidores: ao atacar, não estariam fazendo nada além de defender seus valores, modo de vida, tradições e entes queridos, vale dizer, estariam protegendo seus bons objetos (por eles mesmos atacados na fantasia). Também para os membros do grupo minoritário, os ataques que sofrem justificariam a posição marginal que sustentam e o ódio que devotam aos demais. Nessa medida, perseguidos e perseguidores afinam-se, paradoxalmente, no uso da

violência cometida e sofrida como forma de abrandar suas culpas em relação aos seus bons objetos que – atacados no plano inconsciente de cada grupo – parecem ao final sair ilesos desse jogo de cartas marcadas.

Também a defesa maníaca – uma negação imaginária do estrago feito ao bom objeto ou do valor do que foi estragado ou morto – torna-se muito freqüente na vida social, e esse era, aliás, o caso do personagem do filme *Citizen Kane*, tal como analisado por Melanie Klein. Como certa vez observou D. Winnicott, o mundo moderno instituiu a defesa maníaca como modo de vida, vivendo-se tudo com voracidade, às pressas, sem tempo de sentir e de refletir, com a negação cotidiana dos perigos e das ameaças, principalmente das que nós próprios fabricamos, procurando-se exercer controle sobre tudo e sobre todos como forma de reparar antecipada e obsessivamente toda perda e todo dano, tornando tudo substituível e descartável para que uma eventual perda não seja muito dolorosa, e assim por diante. Alguns outros exemplos de defesa contra a culpa e contra as ansiedades depressivas são apontadas no texto de H. Jacques, mas cremos que a linha geral de seu pensamento já pôde ser transmitida.

Na seqüência a esse trabalho pioneiro de Elliott Jacques, Elizabeth Bott Spillius e Izabel Menzies Lyth, entre outros, desenvolveram estudos e idéias sobre a vida cultural, as dinâmicas institucionais e as formas ritualizadas de vida social, tomando o pensamento kleiniano como base teórica. As instituições, aí, são analisadas como condições para a administração, simbolização e resolução dos problemas afetivos relativos aos conflitos, ao ódio, à inveja e aos ciúmes.

Outro texto pioneiro da antologia de 1955 é o de Roger Money-Kyrle, “Psicanálise e ética”; ele é, sob todos os aspectos, excelente, fazendo a psicanálise projetar-se de forma ousada, mas consistente, para o campo dos problemas filosóficos. O que o texto traz de mais original é uma discriminação entre “dois tipos de consciência”, duas modalidades de consciência moral, algo que diz respeito a uma questão eminentemente clínica e, ao mesmo tempo, tem uma forte incidência no plano social. Trata-se das diferenças entre uma moralidade primitiva e uma moralidade madura e, também, da

passagem de uma à outra. A primeira se baseia no medo, seja no medo das autoridades que zelam pelas leis e punem sua transgressão, seja no medo ainda mais arcaico dos maus objetos introjetados e sobre os quais se haviam projetado anteriormente os impulsos agressivos do bebê. Na verdade, “culpa”, nessa condição moral primitiva, é um nome não muito apropriado para o medo, para a sensação de ameaça proveniente dos objetos maus, vale dizer, para a ameaça vinda de um superego arcaico, severo e cruel. Portanto, essa é a “culpa” associada às ansiedades persecutórias, quando a perseguição é fantasiada como retaliação dos objetos aos ataques sofridos, ou às transgressões cometidas real ou imaginariamente. E esses objetos vingativos, vale recordar, têm seu potencial de agressão criado e incrementado pelas projeções de que foram alvo durante a predominância da posição esquizo-paranoide.

A segunda moralidade, ao contrário, tem a ver com a posição depressiva, com a preocupação com o estado e a vitalidade dos bons objetos introjetados. Aqui, de fato, pode-se falar em consciência de culpa, pois o indivíduo sofre de uma angústia proveniente da sua sensação de que não pôde proteger ou de que ele próprio atacou e destruiu o que de melhor ele podia conter e tinha recebido. Na emergência da culpa propriamente dita, já há um forte componente de amor e de reconhecimento aos bons objetos, embora a ambivalência afetiva vá fazer com que mesmo esses bons objetos sejam periodicamente odiados e atacados.

O processo analítico tem como finalidade – entre outras, mas sendo essa bastante central – o abrandamento e mesmo a superação das ansiedades persecutórias, mesmo que se saiba que algum resíduo delas sempre permanecerá atuante e poderá ressurgir com muita força em momentos críticos. Esse é o objetivo que pode ser também formulado em termos de um abrandamento do superego. Porém, no caso da culpa depressiva, a verdadeira culpa, o objetivo da análise é outro. Em parte, essa culpa é aliviada quando a dimensão persecutória pôde ser enfrentada corretamente e reduzida; mas o mais importante é que se abram as vias efetivas da reparação. É claro que, quando essa culpa depressiva é desproporcional e intratável (inclusive porque continua sobrecarregada de uma persecutoriedade arcaica ainda não tratada), as reparações ou

ficam impossíveis ou se transformam em reparações maníacas, com suas conseqüências indesejáveis em termos de perda de contato emocional, ânsia de controle, caráter obsessivo etc. Mas não se trata apenas de eliminar a consciência de culpa, e sim de lhe dar as dimensões capazes de gerar reparações motivadas pela preocupação com o outro, movidas pelo amor. Cria-se, assim, a possibilidade de se conceber uma moralidade madura que não funcionaria como obediência à Lei, mas como preocupação, respeito pela alteridade e reparação amorosa. Alguns autores, mais tarde (como Emilia Steurman), farão uma nítida distinção entre a ética da obediência ou mesmo da “justiça” (fundada no medo das conseqüências negativas de uma transgressão às leis) e uma *ética do cuidado*, a ética fundada na posição depressiva. A análise, nessa medida, ganha um forte componente ético de novo tipo: se, de um lado, diminuem as ameaças fantasiosas de perseguição e de punição — em que os outros aparecem sempre como inimigos em potencial ou na realidade —, de outro, aumenta a capacidade de sentir uma culpa verdadeira, ou seja, a capacidade de se responsabilizar por seus bons objetos internos e externos. Isso significa tanto a passagem de uma predominância da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva quanto um bom atravessamento da posição depressiva, assunto a que retornaremos adiante. O resultado é um senso de segurança pessoal correlato ao senso de respeito, reconhecimento, preocupação e cuidados com os objetos, vale dizer, com os outros. Uma conseqüência indireta dessas mudanças é uma maior capacidade de comunhão universal — maior capacidade de reconhecimento do universalmente humano nos homens — e uma maior tolerância às diferenças: modos distintos e divergentes de funcionamento mental e social não precisam ser interpretados como ameaças e ataques. O texto de Money-Kyrle efetua, dessa maneira, uma bela articulação de temas da teoria e da clínica psicanalíticas aos da ética e da política, colocando o pensamento kleiniano como um ingrediente importante de uma nova visão *humanista*, liberal e, fundamentalmente, democrática. Segundo esse novo humanismo, o controle dos impulsos, principalmente dos impulsos destrutivos, caberia menos à razão — o que seria a solução freudiana diante da força de *Tanatos* — do que aos intentos reparadores e amorosos comanda-

dos pela responsabilidade e pelo amor (a ética do cuidado). No lugar da submissão ao poder das autoridades ou de uma obediência impessoal às leis e às regras, a consideração pessoal pelos outros.

Na seqüência ao texto de Money-Kyrle, encontramos em anos recentes trabalhos como os de Michael e Margaret Rustin — sendo o primeiro autor de livros como *A boa sociedade e o mundo interno* —,⁵ que fazem progredir o pensamento social e político kleiniano, dando-lhe uma coloração mais socialista (no caso, trata-se de uma perspectiva social-democrata), insistindo mais no seu potencial reformista, transformador e integrador de tensões e conflitos.

Michel Rustin, contrariando uma leitura que enfatizaria os aspectos endógenos e mesmo constitucionais (no sentido de biológicos) do psiquismo, acentua a dimensão “social” dos processos de desenvolvimento psíquico, segundo o ponto de vista de Melanie Klein. Tal como já vimos acima em Elliott Jacques, Rustin afirma que os processos mentais do indivíduo remetem-no na direção dos outros — através de projeções e introjeções —, e que o que mais importa são as relações entre os mundos internos de vários indivíduos. Não se trataria, portanto, de tornar Melanie Klein uma autora “ambientalista”, pois a ênfase não é nos objetos externos, reais, os do “ambiente”, mas sim nas inter-relações entre mundos internos, respeitando-se as dinâmicas desses mundos e seus objetos. A vida mental se desenvolve e se mantém por meio dessas trocas em que, por exemplo, identificações projetivas e introjetivas estão sempre ocorrendo entre muitos indivíduos.

Uma segunda dimensão social do kleinismo residiria, contudo, na sua ênfase na ética, tal como vimos acima no texto de Money-Kyrle. Há sempre uma questão moral e política a ser considerada, desde o nascimento do bebê até o final de uma análise, e pela vida afora. Trata-se da passagem da moralidade do medo para uma moralidade do amor e da preocupação, dos embates entre a inveja e a gratidão, da construção de uma autêntica responsabilidade e da capacidade de reparação.

5. M. Rustin. *The Good Society and the Inner World — Psychoanalysis, Politics and Culture*. London: Verso, 1991.

Há, certamente, um certo “progressismo evolucionista” no pensamento social kleiniano (seja democrata-liberal, seja democrata-socialista), e uma esperança teórica e clinicamente fundada em estados de maior integração do ego e de maior capacidade de convivência com a realidade física e social. A própria ética do cuidado, predominante no pensamento kleiniano, já foi associada (cf. Zaretsky)⁶ a certas tendências do pensamento social e político da Inglaterra na primeira metade do século XX. No entanto, este “progressismo”, mesmo nos autores acima considerados, nada tem de ingênuo, pois a ênfase na força dos impulsos, principalmente dos impulsos destrutivos, coloca um limite a qualquer integração estável e definitiva, seja intrapsíquica, seja intersubjetiva. O conflito entre pulsões de vida e de morte, entre amor e ódio, jamais será resolvido (tema a que retornaremos adiante).

Outros autores, contudo, conforme veremos mais à frente, irão ler Melanie Klein insistindo muito mais nesse potencial perturbador e irredutível, não integrável, da condição humana, no que ela tem de mais arcaico – na sua dimensão *infantil* –, para daí tirar conclusões políticas mais radicais e menos moderadas que as de Money-Kyrle e a dos Rustin, por exemplo. Trataremos dessas releituras em um próximo item.

O terceiro texto pioneiro a que precisamos fazer referência, o de Hanna Segal, embora republicado na antologia de 1955, era seu primeiro trabalho apresentado à Sociedade Britânica de Psicanálise e datava de 1947, intitulando-se “Uma concepção psicanalítica da estética”. De uma certa forma, até hoje ele é mais que um clássico, uma fonte permanente de sabedoria e sutileza, apesar de escrito há mais de meio século e quando a autora contava menos de 30 anos de idade. De todos os grandes trabalhos pioneiros, é, certamente, o único que ainda pode figurar, sem sinais de envelhecimento, ao lado de textos recentes de filósofos, críticos literários e psicanalistas que adotam o ponto de vista kleiniano para tratar dos mais

6. E. Zaretsky. Melanie Klein and the emergence of modern personal life. In: J. Phillips e L. Stonebridge (orgs.). *Reading Melanie Klein*. London: Routledge, 1998.

variados aspectos da cultura e do pensamento. O artigo de Hanna Segal, por exemplo, comparece na coletânea *Reading Melanie Klein*, organizada em 1998 por John Phillips e Lindsey Stonebridge para reunir o que de mais sofisticado vem sendo pensado sobre, ou a partir de, Melanie Klein.

Em primeiro lugar, não se trata, no texto de Segal, de aplicar o kleinismo a alguma ilustração literária e artística, embora a obra de Marcel Proust (*Em busca do tempo perdido*) aí compareça com um estatuto exemplar. Hanna Segal articula uma concepção psicanalítica – kleiniana – da criação artística e literária que não é uma psicanálise dos personagens ou apenas uma psicologia de tal ou qual artista. Sua questão é a de compreender, baseando-se na psicanálise, os processos implicados na criação, em geral, e na criação das obras de arte e dos grandes monumentos literários, em particular.

Os aspectos que para ela ressaltam como os mais relevantes são as experiências de perdas e danos, e de luto e de reparação do perdido ou danificado, o que inclui a aceitação das perdas e dos estragos e a renúncia às tentativas de negá-los, escapando-se, pela via das defesas primitivas, ao sofrimento psíquico daí derivado. Trata-se, em outras palavras, de um aprofundamento de nossa compreensão da posição depressiva: tanto são consideradas as fortes tendências regressivas que as ansiedades depressivas engendram – retornos à posição esquizo-paranóide e/ou mobilização de defesas maníacas, ambas as situações muito adversas à criação artística, embora nas psicologias individuais dos artistas possam estar muito próximas –, quanto são concebidas e conceituadas as perspectivas da verdadeira reparação pela via da produção estética, ou seja, pela via sublimatória. Com isso, podemos entender a enorme diferença entre uma reparação ainda comandada pelo sentimento de que as perdas e danos são insuportáveis – o que fixa o sujeito na defesa maníaca ou o leva ao desespero, à paralisia, às cisões, à fragmentação – e a reparação e “restauração” que têm como fundamento a aceitação das perdas e dos estragos sofridos pelos bons objetos. Diz Segal: “Esse desejo de restaurar e recriar é a base da sublimação e atividade criadora posteriores”. E, mais adiante: “Só quando a perda foi reconhecida e a mágoa sentida, a recriação pode ter lugar”. Não apenas a produção estética, mas todo trabalho produtivo e criativo encontraria aí sua fonte e sua possibilidade.

Nessa fonte, ao lado do desejo de restaurar o danificado e reabilitar o perdido, deve também residir a capacidade de suportar todo o horror da perda e dos danos, todo o sofrimento daí decorrente. Analisando, por exemplo, a estrutura e as funções psíquicas da tragédia grega, Hanna Segal assinala que “... dois fatores são essenciais para a excelência de uma tragédia: a total expressão do horror da fantasia depressiva e a obtenção de uma impressão de unidade global e harmonia. A forma externa da tragédia ‘clássica’ está em completo contraste com seu conteúdo”. O conteúdo é a expressão mais completa do horror, a expressão mais completa da fantasia depressiva, do sofrimento inaudito em função das perdas e dos estragos irremediáveis e das culpas que não podem ser expiadas. Já a forma, a impressão de unidade e harmonia, responde tanto pela aceitação serena e íntegra do horror, como pela capacidade preservada de restauração, reparação e sublimação. Circulando com desenvoltura da psicanálise às artes, à literatura e à filosofia, Hanna Segal elabora, enfim, uma concepção forte e consistente do fazer artístico e, indo além, uma imagem complexa do humano, tanto no que ele tem de mais doloroso e despedaçado, como no que conserva de capacidade de aceitação, restauração e integridade.

Desenvolvimentos recentes: as releituras de Melanie Klein

O impacto do kleinismo no campo do pensamento sobre cultura, artes, ética e vida social, de uma certa forma, bifurcou-se. Em parte, a ênfase na posição depressiva – objeto das teorizações na década de 1930 – esteve ligada a um certo “otimismo”, em que a capacidade de reparação e sublimação e a força do amor como princípio de ligação e integração psicossocial traziam as promessas de uma existência mais estável e bem sucedida para os indivíduos, sós ou em sociedade. Essa é a base dos projetos democráticos, liberais ou socialistas derivados do pensamento kleiniano e

fortemente associados à ética do cuidado, conforme nos esclarece o sociólogo Eli Zaretsky (1998, já citado). Na literatura recente, os trabalhos de Michael e Margaret Rustin, a que já aludimos, representam bem essa posição que dá continuidade a textos clássicos, como o de Money-Kyrle mencionado acima.

De outro lado, a consideração dos aspectos mais contundentes, agressivos e intensos da pulsionalidade, na obra inicial de Melanie Klein (década de 1920), bem como o retorno da sua atenção aos elementos psíquicos que aparecem como expressões diretas da pulsão de morte nos trabalhos sobre a posição esquizo-paranoide, na década de 1940, e sobre a inveja, na década de 1950, põem em cheque o otimismo e nos lançam no mundo mais sombrio dos sofrimentos radicais e das angústias primitivas, dos afetos indomáveis, dos estados psicóticos jamais completamente superados.

Vistos a partir dessa segunda vertente, em que a “negatividade” operando no psiquismo ocupa uma posição central, e em que o “infantil” se mostra com sua mais extrema potência perturbadora e desestabilizante, os estudos que sublinham as tendências integradoras, reparatórias e sublimatórias do ego são denunciados como uma certa pasteurização do kleinismo. Mais que isso, eles parecem vir a se inscrever em uma trajetória de transformação do pensamento psicanalítico em dispositivo cultural normativo e mesmo disciplinar, o que certamente não corresponde ao pensamento e ao estilo clínico kleinianos.

A ênfase na negatividade inscrita no pensamento de Melanie Klein (cf. Jacqueline Rose),⁷ ao contrário, procura resgatar do sistema kleiniano o seu potencial de crítica e de resistência. Ele pode se transformar, inclusive, em um coadjuvante do pensamento crítico contemporâneo, tal como representado, por exemplo, pelos pensadores neomarxistas da *Escola de Frankfurt* (cf. G. Fred Alford, 1989, já mencionado), trazendo a essa perspectiva filosófica e política uma alternativa não-ingênua e mais eficaz de reparação e

7. J. Rose. Negativity in the work of Melanie Klein. In: J. Phillips e L. Stonebridge (orgs.). *Reading Melanie Klein*. London: Routledge, 1998.

sublimação. Outros autores (por exemplo, Esther Sánchez-Pardo),⁸ também recorrem a Melanie Klein para pensar as questões da cultura contemporânea como uma cultura da pulsão de morte, das perdas irremediáveis e da inevitável melancolia, ou para repensar, a partir de Klein, as relações entre conhecimento, poder e autoridade em uma perspectiva pós-iluminista (John Phillips).⁹ Uma visão crítica do capitalismo como cultura da voracidade, da insatisfação, do desperdício e da culpa induzida, da inveja e do ciúme institucionalizados pode ser também encontrada na tentativa de Christina Whyte-Earnshaw¹⁰ de elaborar uma teoria social com base kleiniana. Há, ainda, um interesse em Melanie Klein proveniente de autores dedicados ao feminismo, ou, ao menos, ao “feminino” como elemento ou dimensão determinante do psiquismo em suas manifestações individuais ou coletivas. Christina Whyte-Earnshaw (1994) acentua a posição de Melanie Klein como mulher em sua época e em sua cultura como uma das condições para a criação de sua obra e para algumas das características de sua teorização. Finalmente, o grande trabalho de Julia Kristeva sobre a vida e obra de Melanie Klein (já citado) se insere nesse conjunto de estudos do “gênio feminino”, identificando-se sempre esse “feminino” com uma posição mais ou menos *outsider* e de difícil assimilação.

Mesmo uma autora mais comprometida com as promessas integradoras da posição depressiva, como Hanna Segal, dá uma contribuição significativa à nossa compreensão do mundo moderno e contemporâneo, apontando a forte presença dos mecanismos mais arcaicos e destrutivos da pulsão de morte no âmbito das políticas nacionais e internacionais. Seu texto “O silêncio é o verdadeiro

crime”,¹¹ escrito nos anos finais da Guerra Fria, não perdeu em nada a atualidade, mesmo que, hoje, os conflitos não sejam embates entre as grandes potências (EUA e URSS), mas entre uma potência mundial (EUA) e um seu inimigo também mundial, mas pulverizado nos grupos terroristas, em estado, por assim dizer, de fragmentação. Aliás, esse trabalho de Hanna Segal, com o passar do tempo e com as mudanças sócio-políticas em escala global, tornou-se ainda mais impressionante e esclarecedor acerca dos riscos de um mundo dominado pelas ansiedades persecutórias e envolvido na escalada de violência fantasiada e real que a posição esquizo-paranóide em âmbito universal deflagra. O caráter anônimo, fragmentado e aterrorizante do “inimigo” atual – o que inclui a prontidão para a autodestruição do terrorista – corresponde perfeitamente às piores fantasias paranóides e esquizóides, e parece produzido diretamente pelas ansiedades mais primitivas, de caráter psicótico.

De qualquer forma, a ênfase unilateral no “negativo” poderia também levar a um excessivo “pessimismo”, o que não é de forma alguma a posição de Hanna Segal. De todo modo, nas releituras “negativistas” de Melanie Klein, as forças de integração do ego amadurecido e fortalecido pela passagem pela posição depressiva parecem ser subestimadas ou vistas com muita suspeita, como se a evocação das forças de integração sempre envolvesse e mascarasse perspectivas conservadoras ou, no máximo, reformistas, incluindo-se, assim, nas tendências “melioristas” do pensamento social inglês;¹² perder-se-ia, em contrapartida, o potencial crítico e mesmo subversivo que caracteriza a psicanálise desde Freud. Esse potencial, aliás, fora incrementado de início pela contribuição kleiniana, pela sua visão ainda mais radical do “infantil” e por sua séria consideração da agressão, do ódio e da inveja; sem dúvida, não seria bom que esse gume fosse gasto.

8. E. Sánchez-Pardo. *Cultures of the Death Drive. Melanie Klein and Modernist Melancholia*. Durham and London: Duke University Press, 2003.

9. J. Phillips. The fissure of authority: violence and the acquisition of knowledge. In: J. Phillips e L. Stonebridge (orgs.). Op. cit.

10. C. E. Whyte-Earnshaw. Toward the articulation of a kleinian social theory. *Melanie Klein and Object Relations*, 12, 59-82, 1994.

11. H. Segal (1987). Silence is the real crime. In: *Psychoanalysis, Literature and War*. London: Routledge, 1997.

12. Denomina-se “meliorismo”, ou “melhorismo”, a doutrina evolucionista do filósofo inglês Spencer (1820-1903), segundo quem “o mundo, embora contenha o mal, tende à melhora por meio da intervenção humana consciente” (cf. *Dicionário Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002).

Palavras finais

O certo é que leituras ou releituras de Melanie Klein que enfatizem de forma unilateral o pólo da integração – tarefa do ego maduro e fortalecido que atravessou a posição depressiva – ou o pólo da negatividade – colocada na dimensão irredutível da vida pulsional, principalmente na intensidade dos afetos hostis, e daí deslocada para os maus objetos internos e para o superego – deixam sempre a desejar.

Nos desenvolvimentos mais recentes da teoria, decerto, a noção de um *equilíbrio* entre as posições esquizo-paranóide e depressiva (cf. Steiner, a partir da proposta de Bion)¹³ tira o máximo partido do conceito de “posição”, em antagonismo a “estágio” ou “fase”, sublinhando o fato de que há uma contínua oscilação e passagem de uma posição à outra. O mais arcaico e primitivo não é jamais superado definitivamente. Mas, no âmbito das teorias sociais de inspiração kleiniana, as preferências ficam mais marcadas, uns insistindo na integração e na sua dimensão ética de solidariedade; outros perseverando em uma outra ética, a das diferenças irredutíveis, a dos enclaves e resistências. Nos primeiros, parece haver mais esperança; nos segundos, mais realismo. É claro que os autores de ambos os times nunca deixam de considerar o outro pólo, mas sempre ficamos com a sensação de alguma parcialidade e, o que é pior, com a suspeita de que em suas opções estão operando fatores ideológicos. Alguns, por exemplo, apostam em alguma forma de democracia, outros tendem mais a um certo anarquismo. Qualquer redução unilateral, contudo, prejudica o *dispositivo de análise* kleiniano – dentro do campo estritamente terapêutico ou no terreno mais vasto de uma clínica extensa –, fazendo-o perder sua complexidade e sua eficácia.

13. J. Steiner. The equilibrium between the paranoid-schizoid and the depressive positions. In: R. Anderson (org.). *Clinical Lectures on Klein and Bion*. London: Routledge, 1992.

No fundo, essa bifurcação – entre leituras que situam Melanie Klein entre os reformistas (melioristas) e as releituras radicais que a recolocam entre os “subversivos”, oscilando entre a ênfase na capacidade de integração e a ênfase no caráter não-integrável dos elementos do psiquismo – talvez reproduza a duplicidade da figura e das funções da mãe em seu pleno e quase insuperável poder, tal como exercido no início da vida de um bebê: ela é um objeto primordial de amparo e continência, e também um objeto de intrusão e traumático; tanto é a base da estruturação egóica, na condição de objeto bom idealizado, como é fundamento do superego arcaico e cruel, na condição de objeto mau e persecutório. Essa ambivalência, inclusive, não depende apenas das variações efetivas nas formas e qualidades da maternagem, embora essas variações certamente existam e produzam efeitos. É no plano das fantasias inconscientes que, necessariamente, a mãe, na teoria kleiniana, concentra esse poder tremendo e essa duplicidade tão característica da posição esquizo-paranóide. O estilo clínico kleiniano, como vimos no capítulo anterior, vive às voltas com essa questão no que ela marca as relações entre o analista e seu paciente, de parte a parte.

Talvez, assim como na clínica, também no campo do pensamento social seja necessário desenvolver uma mais explícita articulação entre os conceitos de posição depressiva (Melanie Klein) e situação triangular edípica (Freud) para entretermos uma saída, pois é só aí que o poder incontestável da mãe nas fantasias arcaicas começa a ceder. Essa articulação, que ajuda a esclarecer tanto a posição depressiva como o Édipo, tem sido elaborada, conforme vimos no capítulo anterior, por autores como Ronald Britton e Robert Caper, e foi trazida para o campo da sociedade e da política por Emilia Steuerman, em um confronto esclarecedor entre Melanie Klein e dois pensadores do contemporâneo, Habermas e Lyotard.¹⁴

14. E. Steuerman. *The Bounds of Reason. Habermas, Lyotard and Melanie Klein on Rationality*. London: Routledge, 2000. Não trataremos, porém, desses autores no presente trabalho, recomendando a leitura do livro de Emilia Steuerman, felizmente traduzido para o português em 2003 (Rio de Janeiro: Imago).

O essencial nos desdobramentos teóricos da posição depressiva articulada a uma reconsideração da situação triangular edípica é a constatação de que os movimentos de redução das cisões (mãe boa *versus* mãe má) e integração do bom e do mau em uma só figura, bem como a construção de objetos integrais a partir dos objetos parciais – o que marca a passagem da posição esquizo-paranóide à depressiva – são correlatos à descoberta de que tais objetos são dotados de vida própria e capazes de expressar e perseguir suas necessidades e desejos com alguma autonomia. Rompe-se a unidade narcísica mãe-bebê, aceita-se a separação. Em acréscimo, as necessidades e os desejos do objeto íntegro – a mãe como objeto total – o colocam em contato e em aliança com outros objetos igualmente dotados de vida própria. Como paradigma dessas alianças, ressalta a ligação erótica entre pai e mãe, da qual o indivíduo provém, à qual deve sua existência, na qual se sustenta, mas da qual está excluído.

Como se disse no capítulo anterior, o bom objeto a ser introjetado pelo ego maduro é o próprio casal parental na sua fertilidade – composto de dois elementos diferenciados, mas interligados – e do qual o filho está excluído. Um processo inclusivo, como a introjeção, deve ser capaz, no transcurso da posição depressiva, de *incluir a exclusão*. E a exclusão, vale dizer, a aceitação da impossibilidade de um acesso direto e imediato ao bom objeto primordial, será desde então a condição de possibilidade da integração do sujeito com ele próprio e ao seu grupo familiar, bem como a condição de preservação dos vínculos com ambos os elementos do casal parental. Cria-se, assim, como núcleo da vida em sociedade uma situação ambivalente e conflituosa em que estão presentes relações, de amor, a dependência, a dívida, a gratidão, a solidariedade e... a exclusão. As forças da integração – as reparações amorosas – são fortalecidas pelo reconhecimento da dívida diante do casal parental (em termos mais amplos, diante de toda a sociedade) e pela gratidão. Em contrapartida, essas forças de integração terão sempre a dura tarefa de lidar com a exclusão, com a aceitação tanto da dependência como da diferença e da separação, bem como com os afetos negativos que as perdas e frustrações produzem, principalmente quando a dependência é experimentada e reconhecida em toda a sua profundidade: invejas e ciúmes

intensos. Não há como privilegiar o funcionamento de um pólo senão na sua relação dinâmica e contraditória com o outro. Não se trata mais, portanto, de apenas admitir uma perpétua oscilação entre posições, mas de compreender como os aspectos em conflito formam um campo de tensões característico das existências individuais e coletivas.

A “ética kleiniana”, desse ponto de vista, seria, basicamente, uma ética comprometida com a manutenção da tensão entre, de um lado, forças solidárias e coesivas, e, de outro, forças desintegradoras e destrutivas, sem a recusa destas e sem idealizações daquelas. Nada mais difícil, certamente, do que se saber dependente e parte de um todo de que se está parcialmente... excluído; nada mais difícil do que manter-se grato e solidário nessas circunstâncias, mas apenas nessas circunstâncias a gratidão e a solidariedade podem emergir com base na introjeção do vínculo parental que é, ao mesmo tempo, a pedra no sapato de todos os mortais.

Assim sendo, em vez de se fechar em um sistema e identificar-se com um regime (seja o da ética do cuidado, seja o da ética da diferença), uma “ética kleiniana” seria mais que tudo um instrumento político, um *dispositivo analítico* para intervenções agudas na vida das instituições e das sociedades, a serviço do *insight* e das transformações, mas sempre mediante um contato afetivo e lúcido com a complexidade contraditória da vida individual em seus contextos grupais, familiares e institucionais.

REFERÊNCIAS

Indicações bibliográficas complementares acessíveis em português

Obras de Melanie Klein

The Writings of Melanie Klein. New York: The Free Press, 1984. 4v.
Os quatro volumes foram publicados no Brasil pela editora Imago,
em boas traduções e sob a coordenação editorial de Elias Mallet
da Rocha Barros.

— *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).*

— *A psicanálise de crianças.*

— *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963).*

— *Narrativa da análise de uma criança.*

Clássicos do pensamento kleiniano

KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS & RIVIÈRE, J. *Developments in Psycho-Analysis*. London: The Hogarth Press, 1952. (Publicado no Brasil como *Os progressos da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

KLEIN, M.; HEIMANN, P. & MONEY-KYRLE, R. *New Directions in Psycho-Analysis, Part I and II*. London: Tavistock Publications, 1955.

(Publicado no Brasil como *Novas tendências na psicanálise* (parte I) e *Temas de psicanálise aplicada*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, 1969).

Desenvolvimentos kleinianos e pós-kleinianos

ANDERSON, R. (org.). *Clinical Lectures on Klein and Bion*. London: Routledge, 1992. (Publicado no Brasil como *Conferências clínicas sobre Klein e Bion*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e coordenação editorial de Elias Mallet da Rocha Barros. Rio de Janeiro: Imago, 2000.)

ROCHA BARROS, E. M. (org.). *Melanie Klein: evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.

SPILLIUS, E. B et alii. *Melanie Klein Today*, London: Routledge, 1988. 2v. (Publicado no Brasil como *Melanie Klein hoje*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e coordenação editorial de Elias Mallet da Rocha Barros. Rio de Janeiro: Imago, 1991. 2v.)

Texto clássico de introdução

SEGAL, H. *Introduction to the Work of Melanie Klein*. London: The Hogarth Press, 1973. (Publicada no Brasil como *Introdução à obra de Melanie Klein*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.)

Texto de introdução crítica

HERRMANN, F. e LIMA, A. A. O pensamento kleiniano: uma introdução crítica. In: ____ (orgs.). *Melanie Klein*. São Paulo: Ática, 1982.

<i>Título</i>	<i>Melanie Klein. Estilo e pensamento</i>
<i>Projeto Gráfico</i>	Diogo Angelozi Rossatto
<i>Diagramação</i>	Diogo Angelozi Rossatto
<i>Revisão</i>	Dany Al-Behy Kanaan
<i>Formato</i>	14 x 21 cm
<i>Tipologia</i>	Times New Roman 10,5/12,5
<i>Papel</i>	Cartão Supremo 250g (capa) Off set 75g (miolo)
<i>Número de páginas</i>	212

ELISA MARIA ULHOA CINTRA nasceu em São Paulo em 1953, é psicanalista, mestre e doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP com orientação de Renato Mezan; sua dissertação de mestrado (Raízes do pensamento kleiniano, 1992) foi sobre as origens do pensamento de Melanie Klein em seus mestres e contemporâneos; sobre esta autora (ou sobre seus discípulos, por exemplo, Bion) publicou alguns artigos em revistas especializadas; ministra uma disciplina no Curso de Formação de Psicólogos da PUC-SP dedicada à apresentação dos pensamentos de Melanie Klein e Donald Winnicott e leciona no Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica na PUC-SP.

LUÍS CLAUDIO FIGUEIREDO nasceu no Rio de Janeiro em 1945, é psicanalista, mestre, doutor e livre-docente pela USP; leciona no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP e no Instituto de Psicologia da USP; sobre o tema do presente livro, publicou "O término de análise em Melanie Klein" (Boletim Formação em Psicanálise – Sedes Sapientiae), bem como inúmeros artigos científicos e livros em que o pensamento kleiniano comparece como uma fonte de importantes subsídios; seu mais recente livro, pela editora Escuta, é *Psicanálise. Elementos para a clínica contemporânea* (2003).

Elisa Ulhoa Cintra e Luís Claudio Figueiredo nos apresentam uma Melanie Klein viva, leitora atenta, entusiástica e corajosa de Freud, possuidora de uma certa ingenuidade de aprendiz, que atuou em seu favor, que aos poucos vai construindo um estilo pessoal cheio de defeitos e de virtudes e uma retórica própria. Neste estudo, somos levados pouco a pouco a perceber como a leitura que Klein faz de Freud, associada à sua prodigiosa imaginação clínica e a uma certa retórica dissecada pelos autores, gestaram a principal interpretação pós-freudiana da psicanálise.

Elias Mallet da Rocha Barros

